RUBAMNE DAMAS

SANGUE & MAGIA

RUBANNE DAMAS

SANGUE & MAGIA

Copyright © 2021 Rubanne Damas
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Título
Sangue e Magia

Capa e Diagramação
Rubanne Damas

Revisão
Valeria Curvello

Imagem da capa
Freepik, background.
Pixabay.

D161
1. ed.

Damas, Rubanne, 1993
Sangue e Magia / Rubanne Damas – 1. ed. – Paraná, 2021

1. LGBT 2. Fantasia.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão por escrito do Autor.

Glossário

Arcanistas: Utilizam toda a energia canalizada em seus corpos sem preocupar-se com as consequências que seu poder devastador pode causar. Possuem poderes diferentes, os quais englobam forças da natureza para desintegrar, queimar ou congelar, manipulação do tempo e também ilusionismo.

Magos Elementais: Divididos em quatro, do mais alto ní vel ao mais baixo.

- ***Mago Verde*** – Grande conhecimento das florestas, podendo ter o dom da cura e são grandes médicos naturais. Manipuladores da terra.
- ***Mago Vermelho*** – Manipuladores do fogo.
- ***Mago Azul*** – Manipuladores da água são os mais pacientes.
- ***Mago Branco*** – Manipuladores do ar, perigosos, pois podem matar sem nem mesmo tocar.

Vampiros: Seres noturnos divididos em clãs de sangue.

Feéricos: Os Fae, elfos, muito ligados à terra e elementos naturais.

Shifters: Seres que podem mudar sua forma humana para meio animal ou completamente animal. Divididos em bandos e pela cadeia alimentar.

Bruxos: Precisam de artefatos para conseguirem criar magia.

Humanos: Todo aquele que não possui magia.

Demônios: Vivem no Mundo Inferior e são divididos em diabretes, demônios corpóreos (que tomam qualquer forma animal), demônios parasitas (usam o corpo de outrem para sobreviver) e os í ncubos (divididos entre lacaios e imperadores).

Feiticeiros: Classe mais baixa, pois são considerados magos da magia negra, trapaceiros e traiçoeiros que usam as trevas para criar magia.

Mestiços: não participam das classes, nem mesmo são considerados parte do mundo mágico.

1
CONTRATE O MESTIÇO

— Imperdoável!

O coro de vozes sussurradas aumentou para um burburinho, como abelhas raivosas ao redor da colmeia. As paredes altas deixavam o teto quase desaparecido no topo entre as sombras, abrigando todo tipo de criatura sombria, seus olhos vermelhos abrindo e fechando.

As janelas com vidros coloridos como das enormes catedrais lançavam pequenos focos de luz coloridos no chão cinzento. Mesmo que as nuvens grossas de chuva não deixaram sequer uma fina faixa de luz do sol do meio-dia trespassar. A longa mesa de madeira com castiçais estava coberta por uma fina toalha branca, papéis jogados sobre e misturados com talheres e pratos sujos. Um punho acertou sobre a mesa, chacoalhando os copos e deixando as criaturas do teto mais agitadas.

— Eu disse que deverí amos ter colocado magos...

— Havia sangue pelas paredes!

— E os feitiços de proteção?

— Por que há um mestiço nesta reunião?

As perguntas confusas silenciaram por um momento, todos os olhos se movendo até o último mago da assembleia e então para o homem esguio apoiado na parede mais afastada daquele circo. O Arcano soltou um som de asco em sua garganta.

— Apenas finjam que ele não está ali.

— Não há como. O fedor está impregnando a sala — a maga em sua túnica verde disse.

— Se pararem de falar quando não são requisitados, poderia conseguir explicar o motivo do mestiço estar nesta reunião. — A voz do mestre ecoou pelas paredes, o silêncio se tornando pesado. Pigarreou, bateu as lapelas largas de sua túnica dourada para trás e tornou a se sentar. — Qual o relatório formal?

O mago de grossos cabelos loiros no final da mesa se ergueu, sua túnica branca o indicando como Mago do Ar.

— O ataque ocorreu durante a noite. Os vizinhos não relataram barulho ou qualquer outra perturbação. A entrada principal tinha vestí gios de magia, o que nos leva a crer que o atacante pratica ou possui algum objeto que retêm a magia ao redor e a dobra ao seu favor. Encontramos a maga superior deitada de bruços no chão do quarto, seu coração retirado e marcas de rasgos em suas costas. Pensamos que poderia ter sido perseguida do andar de baixo até o quarto antes de ser assassinada. Este é todo o relatório que possuí mos, mestre Sinclair

Sinclair assentiu brevemente, uma mecha de seu cabelo loiro se soltando do laço em sua nuca. A gola de sua túnica na cor dourada com finas linhas prateadas o identificando como um Arcano, a posição mais alta no Ministério de Magia. Apenas isso servia para temê-lo, um dos mais poderosos magos existentes em um cargo tão alto. Entretanto, nem todos pareciam se importar. Inclusive o mestiço com olhar de tédio ainda apoiado na parede com casualidade.

Sinclair soltou sua respiração de forma lenta e gesticulou para o mago do ar se sentar. Apoiando as mãos sobre a mesa, se levantou e olhou para cada um presente ali. Seus olhos se estreitaram antes de começar a falar.

— O que aconteceu foi uma afronta ao Ministério. Ninguém deveria se atrever a atacar um mago, destruir suas proteções, retirar um órgão de seu corpo e sair ileso disso. — Sinclair se ergueu, seu queixo fino orgulhoso e seus ombros retos demonstrando poder. — Não irei perdoar aquele que causou isso. Cherrie era meu braço direito. A melhor maga em dominação do fogo. Por esse motivo chamei o melhor assassino para este caso. Se aproxime, mestiço.

Os olhos se voltaram para ele e um arrepio de mau presságio subiu por sua coluna. Pelos demônios na terra, seria

melhor extrair um espinho venenoso do que enfrentar todos aqueles idiotas pomposos. Mantendo seu rosto inexpressivo, se afastou da parede com passos lentos, suas mãos enfiadas nos bolsos de suas calças surradas.

Jogou um olhar tedioso na direção da maga que o insultara minutos atrás antes de voltar a olhar para Sinclair. O Arcano sabia muito bem esconder seu olhar de asco, mas seu nariz teimava em enrugar levemente. Isso fez Asael sorrir ao parar ao seu lado, ombro a ombro, o que arrancou algumas maldições baixas e olhares raivosos.

Ele era bom em inflamar esse tipo de reação nas pessoas.

— Asael Chevalier irá procurar o criminoso deste ato nefasto e trazer a cabeça para nós.

— Desculpe-me, mestre Sinclair, mas acha mesmo necessário que um assassino *mestiço* procure respostas ao invés de um de nós?

A pergunta quase educada velava um insulto maior que todas as classes de seres vivos no planeta sabiam de cor desde que nasciam. Um mago sempre será superior a qualquer outro ser vivo. Estando no topo, divididos entre suas cores e apenas um Arcano sendo o mestre de todos eles e das outras classes. Vampiros viriam em terceiro, seguidos pelos feéricos, shifters, bruxos e então os humanos. Abaixo deles estariam os demônios – em qualquer espécie – e os feiticeiros, o pior tipo de magia existente. E se for um mestiço, sequer havia uma classe existente. Ninguém se mistura com um mago e eles não se misturam com os outros.

Arrogantes pretensiosos, isso que eles são.

Segurando a vontade de lançar sua faca no pescoço do mago, Asael manteve seus ombros retos e olhos desprovidos de emoção. Indiferente. Sinclair franziu as sobrancelhas, sua mão pousando sobre o ombro de Asael e apertando brevemente.

— Este homem é o melhor naquilo que faz. E para encontrarmos a pessoa que fez isto com Cherrie vamos precisar do melhor. Nenhum de nossos rastreadores conseguiu algo até agora.

— Sim, mas...

— Estão me contestando? — Sinclair perguntou, sua voz um breve sussurro na sala.

As criaturas do teto se remexeram, suas garras deixando lascas de pedra caí remcomo pó sobre a mesa já imunda. Poderiam ser magos poderosos, mas não sabiam como manter limpo um lugar.

— Não, mestre — foi a resposta em uní ssono.

Sinclair assentiu e se virou para Asael com um sorriso tenso.

— Você possui liberdade para descobrir quem assassinou Cherrie, Chevalier, mas apenas uma semana para me trazer a cabeça dessa pessoa.

Asael estreitou os olhos. Uma semana ainda seria muito.

— Dobraria o valor do serviço se lhe entregasse em dois dias?

Os sussurros dos magos se misturaram aos gorjeios das criaturas enquanto Sinclair abria um sorriso penoso.

— Dobrarei, porém, acredito que levará mais do que isso.

Asael segurou o sorriso e aceitou a mão, a magia crepitando entre seus dedos por baixo de sua luva e selando o acordo. Com um leve puxão, Asael se viu muito próximo do mago enquanto este se curvava para murmurar em seu ouvido.

— Me traga a cabeça, mestiço, ou será a sua que irá enfeitar minha mesa. Não me faça arrepender.

Com ombros rí gidos, Asael soltou a mão do mago e se afastou. Deu um breve aceno aos outros e saiu da grande sala deixando as vozes alteradas dos magos atrás das grandes portas pesadas. Seus passos ecoavam pelo salão frio, suas botas rangendo contra o piso recém limpo enquanto as pontas de penas batiam dentro das tintas antes de caí remsobre longos pergaminhos.

Sentiu sua perna formigar e grunhiu ao enfiar a mão dentro do bolso e puxar um pergaminho enrolado por uma fita vermelha.

— Malditos magos e seus acordos — resmungou.

Enfiando o pergaminho em seu bolso novamente, saiu do Ministério com passos rápidos. Seus olhos observavam ao redor em busca de algum perigo ou ameaça, mas apenas o céu trovejou, deixando cair grossas gotas de chuva contra o chão. Chacoalhando os ombros para retirar a sensação mágica de proteção, inspirou fortemente o cheiro de terra molhada, estrume de cavalo e carne seca vindo do mercadinho do outro lado da praça.

Precisava preencher o pulmão com cheiro de qualquer coisa que não fosse pó de magia. Ergueu os olhos para fitar o céu escuro e suspirou. Não muito tempo atrás, cada ser vivo nesse planeta mesquinho não fazia ideia do que havia na escuridão. Não-humanos se escondendo nas sombras, fugindo, escondendo suas verdadeiras formas e poderes. Então os magos não conseguiram mais se conter. Como poderiam, certo? Tanta magia correndo por suas veias, seres tão poderosos se escondendo como ratos?

Vieram com uma apresentação terrí vel e um péssimo discurso, mas não precisava de muito quando a população parecia aterrorizada. Um povo com medo é mais fácil de dobrar. Se instalaram e criaram seu Ministério da Magia, dominando cada parte do planeta e dividindo tudo por classes. E, claro, os magos sendo o topo da cadeia alimentar.

Asael balançou a cabeça e correu para se abrigar, suas roupas molhadas pela chuva que desabava. Discretamente, retirou suas luvas e soprou seus dedos, fogo os aquecendo para então bater sobre seus ombros e braços. A água chiou e a fumaça subiu, suas roupas ficando secas mais uma vez. À svezes ele gostava de ser um mestiço, de sua infância ter sido regada de ensinos sobre sua famí lia materna e paterna. Sua mãe cultivando flores em seu pequeno jardim e seu pai mostrando suas poções e todos os tipos de feitiços que ele poderia criar na ponta de seus dedos.

Até os doze anos ele aprendeu muita coisa. Então seus pais o enviaram sem explicação alguma para a casa de seu avô paterno, um bruxo rabugento e intimidador. Dois dias depois seu avô apenas disse que seus pais se foram, sua casa desapareceu e só as cinzas foram deixadas para trás. Ninguém sabia dizer o que aconteceu. Aquilo havia sido terrí velpara Asael, uma dor que até hoje pulsava em seu peito sempre que lembrava do cheiro de ambrósia da mãe e do sorriso maroto do pai.

Enrolou o dedo no cordão em seu pescoço e o puxou, o amuleto que sua mãe lhe dera brilhando suavemente antes de desaparecer atrás de suas roupas mais uma vez. Uma das únicas coisas que sobraram de sua famí lia: o amuleto e seu treinamento.

Empurrando as memórias ruins para longe, calçou as luvas novamente e caminhou pelas ruas movimentadas do que sobrara da

enorme cidade antes dos magos surgirem tomando tudo e deixando um rastro de destruição por onde passaram. Sinclair diz que os magos vieram para ajudar a humanidade, mas há aqueles como Asael que pensam que os magos apenas são carentes de atenção e terrivelmente egocêntricos. Principalmente manipuladores, já que limitaram o acesso à energia e internet para aqueles que possuem dinheiro para pagar pelo serviço. Uma população pobre e sem informação é ótima para ser manipulada a favor daqueles que estão no poder.

Uma ajuda aqui, uma doação ali e os magos se tornam os heróis dos pobres e necessitados. Como se a pobreza não fosse exatamente por causa deles e sua pirâmide idiota. Chegando em seu pequeno apartamento, empurrou a porta após deslizar os dedos pela barreira de proteção que o reconheceu e permitiu sua passagem. Seu apartamento era pequeno com apenas um quarto com suí te, um banheiro social, uma sala e a cozinha, mas era confortável. Prático. Ainda mais quando quase nem ficava por ali.

Bateu a mão no interruptor, grato pela luz ser um pequeno luxo no seu bairro. À svezes caí a,não era tão estável, mas acendia suas lâmpadas e ligava seu micro-ondas. Isso era o bastante. Tirou as botas e as luvas, balançou os cabelos para retirar os restos de chuva que sua magia não secou e caiu sentado sobre seu sofá confortável, fazendo Akuma – seu gato preto temperamental e exigente – soltar um miado irritado.

— Também me sinto feliz em vê-lo, Akuma. Como foi seu dia?

Os olhos ambarinos, como os de Asael, o fitaram com tédio antes de bocejar e se levantar, apenas para girar e lhe dar as costas ao deitar mais uma vez.

— Me sinto muito amado agora. Obrigado.

Ignorando o gato, puxou do bolso o pergaminho que aparecera misteriosamente assim que pisou fora do Ministério. Rasgou a fita e desenrolou o papel, franzindo as sobrancelhas ao ver os termos do acordo gravados com tinta escura. Suas palavras e sua assinatura no final do papel enviando um arrepio por sua coluna.

Passou os olhos pelo relatório da morte de Cherrie DeLavon't, se irritando ao ver como esses estúpidos magos conseguiram deixar tantas coisas importantes sem preencher. Resmungando, olhou para os registros de Cherrie e achou seu endereço, sabendo que ele mesmo deveria ir até lá e verificar.

Jogou o pergaminho sobre a mesinha e se levantou, indo até a cozinha para preparar algo para comer e então dormir um pouco. A noite sempre era melhor para se procurar por pistas. Enquanto os outros dormiam, Asael deixava algum sangue escorrer. Colocou o macarrão no micro-ondas e apertou o botão ao mesmo tempo em que Akuma erguia sua cabeça curiosa.

Asael sorriu e puxou o saco fora do armário, abrindo e despejando no pote vazio de seu gato interesseiro. O miado seguiu após as patinhas correrem até a bancada e o ronronar foi alto ao começar a comer. O micro-ondas apitou e Asael colocou seu prato sobre a mesa, comendo em silêncio enquanto observava a janela escura pela chuva. O que ele encontraria na casa de Cherrie DeLavon't que nenhum dos magos encontrou?

A janela dos fundos da casa se abriu sem emitir som algum. A noite escura ocultava o corpo esguio vestido em roupas pretas, a capa se arrastando no chão quando as botas pisaram em silêncio sobre o tapete felpudo. Seu dedo enluvado estalou, uma pequena bola de luz azul surgindo sobre a palma e iluminando ao seu redor. A sala parecia uma pequena bagunça, como se alguém tivesse revirado em busca de algo e depois tentado arrumar.

Passou por cima de um vaso quebrado, seus olhos buscando e sem perder um lugar sequer. Marcas de garras nas paredes deixaram sulcos fundos, mas curtos. Garras de lobisomem eram mais largas e tendiam a ser mais profundas no ataque. Assim como de qualquer outro shifter grande. Faes não usavam as mãos, mas facas e outros objetos cortantes. Passou a ponta do dedo enluvado pela borda e cheirou, seu nariz franzido ao sentir o cheiro de enxofre e algo podre se deteriorando. Apenas um ser existente tinha esse cheiro.

Demônio parasita.

Subiu as escadas, seus pés triturando vidro quebrado antes de virar e entrar no único quarto com a porta aberta. A janela estava escancarada e o chão molhado pela chuva. Talvez a esqueceram assim ou alguém entrou para roubar. Olhou ao redor e viu a marca da poça de sangue mal lavada no chão perto da cama. Arranhões no chão que poderiam ser as unhas da ví tima e outras que seriam do demônio.

Se agachou, puxando a máscara preta – que cobria desde seu nariz até o pescoço – longe do rosto, e inspirou profundamente ao apagar sua luz. Seu poder girando e se libertando, deixando seu corpo mais leve. O mundo se tornou levemente cinzento e as linhas de energia se tornam mais ví vidas. Suas narinas alargaram, pegando cada cheiro que ficou impregnado no ar. O perfume de Cherrie, o mais predominante e que deixou uma trilha de poder roxo. Então o enxofre misturado a algo podre. Seu rastro era uma mistura de preto e verde cí trico,lama se pegando nas bordas como algo rançoso.

Tudo se misturava ao cheiro de terra – que poderia ser de um mago verde – água, sal, magia recente e floral. Alguém também havia comido pasta de amendoim recentemente. Olhou para o sinal desaparecendo pelo corredor novamente quando percebeu o pequeno tufo de pelos debaixo da porta. Se levantou sem pressa e se inclinou para olhar mais de perto os fios claros e sorriu ao ter certeza do que havia entrado ali naquela casa e matado Cherrie.

Bufando, puxou seu poder novamente e o mundo mergulhou no pálido cinza da noite mais uma vez. Havia um lugar para ir que poderia encontrar uma boa pista de qual demônio poderia ter se misturado com uma maga e matado. Por que seu poder nunca se enganava. O cheiro de enxofre não havia estado ali uma vez, o que tornava o demônio um frequentador breve, mas regular, na casa de Cherrie DeLavon't.

Apoiou os pés na beirada da janela aberta e se lançou para fora, pousando sem dificuldade sobre suas pernas. Puxando o capuz mais fundo em sua cabeça e arrumando a máscara sobre a boca, enfiou as mãos dentro de seus bolsos e curvou os ombros,

caminhando para fora da residência como se nunca houvesse estado ali.

Sua garganta coçou com sede, o que o fez sorrir. Talvez pudesse pedir uma bebida no bar decadente *T he Hell's Door*[1] e ainda ter alguma informação sobre um demônio parasita.

2
DEMÔNIO PARASITA

O bafo quente do bar o envolveu assim que empurrou a porta. A pouca iluminação, demonstrando que a energia elétrica não chegava até ali, mal encostava às paredes opostas e deixando parte do bar no breu e escondendo possí veis ladrões ou seres noturnos. Vampiros adoram esses becos escuros para agarrar um desavisado. Estremeceu, lembrando da última vez que foi pego de surpresa, seus dedos tocando seu pescoço ainda com a marca das presas que rasgaram sua pele.

Soltando seu poder, seus olhos vagaram pelos rastros e pegando um fino caminho preto e verde cí trico quase desaparecido no ar. Seu demônio não havia passado por aqui há um bom tempo. Caminhando em silêncio, sentou no banquinho do bar e apoiou as pontas dos dedos enluvados sobre o balcão gordurento, puxando seu poder de volta. A garçonete vestida com pouca roupa apoiou o cotovelo à sua frente e sorriu, a fileira de dentes pontiagudos e amarelados.

Uma shifter serpente.

— O que vai querer esta noite, coisa doce?

Asael se inclinou e puxou a máscara para baixo, revelando seu sorriso predatório. Os olhos esverdeados dela se arregalaram antes de estreitarem.

— Chevalier.

— Como está, Rosalia?

— Melhor antes de ver você. — Puxou o pano de sua cintura e passou a limpar um copo engordurado. — Se está aqui, alguma encrenca aconteceu.

— Possivelmente. — Asael cobriu sua boca mais uma vez e cruzou os braços. — Há quanto tempo você não vê uma hiena correndo por aqui?

Rosalia pareceu pensar, seu dedo batendo em seu queixo quadrado. Uma serpente venenosa pelo formato de sua mandí bula e olhos levemente separados.

— Talvez duas semanas? Um pouco mais. As hienas realmente não gostam muito daqui.

Asael assentiu vagamente.

— Uma hiena criou problemas? — Rosalia perguntou, tornando a limpar o copo.

— Nah. Na verdade, estou procurando um demônio parasita.

Rosalia bufou, um sorriso de desprezo curvou sua boca para baixo.

— Pequenos encrenqueiros. Beaumont está procurando por um também. Roubou sua padaria semana passada e deixou um rastro de destruição pelo caminho até a casa do Lafaiette. O pobre coitado estava inconsciente por um dia inteiro.

Asael assentiu, sabendo muito bem como funcionava esse tipo de demônio. Os parasitas se infiltravam pela boca, tomando o corpo da pessoa e o usando como um fantoche. Roubavam, matavam, serviam-se de sangue e destruição como sanguessugas estúpidos até estarem tão cheios que deixavam o corpo em qualquer lugar, rastejando para fora como um verme. Então eles se escondiam por semanas, digerindo tudo o que consumiram, para então saí rem mais uma vez e encontrarem uma nova ví tima.

Entretanto, o demônio que Asael buscava era um tipo diferente. Um do tipo inteligente, e odiava esses tipos.

— Sinto por Beaumont. Agora, o que procuro é um pouco mais...

— Idiota?

— Ia dizer esperto — disse, sorrindo mesmo que Rosalia não pudesse ver.

— Esses vermes nunca são espertos.

— Que tipo de vermes estamos falando?

Asael lutou contra a vontade de grunhir e amaldiçoar. Olhou com o canto do olho para encontrar ninguém menos que Reid. O

estúpido caçador de recompensas Reid. Com seu cabelo castanho escuro grosso, olhos caramelos doces e uma avermelhada cicatriz passando sobre seu nariz que deveria ser horrendo, mas lhe dava um certo charme. Reid, aquele que, em uma noite estranha e muito carente, Asael deixou ter sua bunda em um beco sujo em busca de um prazer que sequer chegou a alcançar. E agora Reid sorria como um tolo toda vez que via Asael, pensando que eles tinham um ví nculo.

Um ví nculo tão palpável quanto um fantasma.

Ou seja: nada. *Niente*. *Rien*. *Nichts*. Reid só precisava entender isso.

— Boa noite, Reid. Conseguiu aquele vampiro? — Rosalia ronronou, deixando um copo com cerveja sobre o balcão.

— É claro, docinho. — Piscou, tomando um gole longo da cerveja antes de se virar para Asael. — Ei, ganhei bastante com meu último trabalho. Que tal nós dois...

— Eu preciso ir. — Asael levantou como se espinhos brotassem de seu banco e disse a Rosalia de forma rí gida. — Se ouvir algo sobre isso, por favor me avise.

— Vai ser difí cil, mas eu faço.

— Obrigado.

Sem esperar, saiu de dentro do bar com passos rápidos enquanto sua mente martelava sobre o quão burro havia sido por deixar Reid se aproximar. Isso que acontecia quando ficava tempo demais sem transar. Mas com seu trabalho, isso era algo difí cil de ter com frequência. Ou mesmo conseguir um parceiro que o entendia. E por que estava pensando nisso exatamente agora?

Com passos duros, percorreu a rua movimentada e olhou para trás para ter certeza de que Reid não o havia seguido. Tome ele como exemplo de pessoa que não pega uma pista sobre rejeição clara. Suspirando, virou a esquina e atravessou a rua para entrar no bar de Travis, o famoso Lobo Mau. Riu baixinho ao empurrar a porta. As pessoas tendiam a ter nomes estranhos para seus estabelecimentos. Principalmente quando o dono era muito diferente do nome de seu bar.

Asael pegou a forma alta e larga de Travis logo atrás do balcão, seu rosto sisudo e a barba cheia o deixando parecendo

muito perigoso. Sua cabeça se ergueu, suas narinas se alargando antes de virar para sua direção e abrir um largo sorriso e olhos brilhantes. Viu? Um pequeno cachorrinho fofo. Se seu rabo estivesse à mostra, estaria abanando.

— Meu homem!

— Como está, T? — Asael questionou ao se sentar no banco alto e recebeu seu copo de chá prontamente, agradecendo.

— Muito bem. Meu bar está progredindo, minha matilha é unida e Shirlei está esperando bebês!

As sobrancelhas de Asael se arquearam com surpresa bem-vinda e puxou a máscara para baixo do queixo e empurrou o capuz longe.

— Jura? Para quando?

— Começo de Junho — disse orgulhoso.

Era realmente para se estar. Bebês eram esperados com muita alegria nas matilhas e Asael adorava Travis como um grande irmão, então...

— Fico muito feliz com a notí cia, T. Mande lembranças para Shirlei, por favor. Vou mandar entregar algum presente em breve.

— Não se preocupe com isso — disse balançando a mão antes de pegar uma toalha e jogá-la sobre o ombro. — O que está procurando hoje?

A felicidade se apagou em um estalar, seus ombros se curvando soturnamente ao se lembrar de seu real motivo de estar andando pelas ruas a essa hora da noite.

— Um caso novo. Possivelmente um demônio parasita.

— Porra — Travis xingou e cruzou os braços sobre o peito largo coberto pela camiseta preta. — O que você tem até agora?

— Não muito. — Ergueu um ombro com um sorriso de escárnio. — Um rastro de cheiro e a certeza de que este é astuto o suficiente para fazer o que fez.

Travis assentiu devagar e Asael se debruçou sobre o balcão quando Gemma surgiu com um sorriso largo e deixando um olá rápido. O bar estava movimentado esta noite, mesmo sendo meio de semana. Isso era um bom sinal, talvez. As pessoas haviam parado de sair de casa depois que o sol se punha por medo do que poderiam encontrar na próxima esquina. Com o passar dos anos,

elas se acostumaram, sabendo que o perigo sempre esteve lá e eles nunca souberam. Agora poderiam se defender melhor.

Coçando a têmpora, viu um grupo de homens sentarem não muito longe em uma mesa, seus rostos peludos e cheio de rosnados e grunhidos irritados. Pelos olhos e trejeitos, Asael chutou que poderiam ser shifters ursos. Eles tendiam a ser mais rabugentos nesta época do ano com o inverno se aproximando.

Risadas altas irromperam da entrada e uma mulher curvilí neae lábios cheios entrou liderando quatro homens. As listras marrons quase apagadas em seus pescoços era um indicativo gritante para hienas. Asael gemeu, seu polegar se afundando entre os olhos e apertando a dor surgindo ali. Odiava hienas. Quando estão sozinhas costumam ser quietas com um riso perdido aqui ou ali, mas em bando…

— Idiotas encrenqueiros.

Asael ergueu os olhos para encontrar Travis resmungando para seu barman, Solano, ambos olhando para o grupo sentado na mesa ao lado dos ursos. Apoiando o cotovelo sobre o balcão e tomando um gole de seu chá, Asael olhou de esguelha para o grupo ainda rindo.

— Eles vêm sempre?

— Uma vez na semana, às vezes demoram até duas para aparecer, mas sempre acabam arrumando confusão.

— Está faltando um hoje — Solano disse, seu cenho franzido ao olhar para o grupo.

— Eles andam em seis? — Asael questionou.

— Um magricelo desgrenhado. O mais quieto, mas bate forte. — Travis riu, Solano o acompanhando.

As risadas aumentaram quando Gemma pegou seus pedidos e desviou de uma mão boba em sua bunda. Travis rosnou por isso, fazendo as hienas se remexerem em suas cadeiras, lançando olhares zombadores e procurando confusão.

— Me deixe saber se precisar de alguma coisa, As. Tanto aqui no bar como em alguma ajuda por fora.

Ele assentiu, tocado por Travis querer ajudar, mas sabendo que nunca poderia pedir. Colocar um Alfa no meio de uma busca

envolvendo o Ministério? Inferno, não. Ainda mais agora que Shirlei estava tendo bebês.

Curvado sobre sua bebida, apurou seus ouvidos para a conversa na mesa das hienas, curioso para saber onde estava o sexto integrante do bando. Os ursos grunhiam, comendo sua comida com barulhos altos, um grupo de motoqueiros assistia ao jogo na TV acima do balcão junto com outros desajustados. As hienas riam de forma estridente.

Apenas para ter certeza, soltou seu poder e olhou para a mesa das hienas, grunhindo ao ver o rastro de energia verde cí trico. Nada pegajoso ou preto. Cerrou os olhos, puxando seu poder novamente e sentindo os ombros tensos pelo esforço contí nuoe em tão pouco tempo. Rolou-os e girou a cabeça para tentar quebrar um pouco da tensão quando a mulher bateu a mão com força contra a mesa e rosnou com irritação.

— Eu disse a ele que deverí amos nos encontrar às onze, mas o bastardo sequer apareceu!

— Um cretino. Simplesmente desaparecer assim, sem nenhuma explicação. — O outro fungou, bebendo o resto de sua cerveja.

— Diego não sumiu — a hiena de pele escura falou de forma arrastada e deu uma longa risada com olhos arregalados. Tí picode hienas nervosas. — Alguém o levou.

— Pff, besteira. Booker disse que o viu perambulando pela Rua Gates semana passada. — A hiena de piercings cruzou os braços, irritação cruzando seu rosto pálido. — Um desgarrado, Sarm.

— Ainda acho que ele está encrencado. A Rua Gates é cheia daqueles bichos rastejadores — o punk de cabelo rosa grunhiu. — E se alguém pegar ele? Você, como lí der, não deveria buscar seu traseiro magro?

Sarm grunhiu, sua mão se levantando rápido demais e agarrando as bochechas do punk. Suas unhas pintadas de preto se afundaram na pele deixando fios de sangue escorrerem dos cortes.

— Não me diga o que fazer, Luck. E se Diego está andando pela Rua Gates, ele sabe o que está fazendo. — Sarm fez um som

de desgosto ao soltá-lo. — E se morrer, podemos chutar seu cadáver pela St. Bridges até o canal!

As hienas riram, o som estridente quase estourando os tí mpanosde Asael. Com um sopro baixo, levantou-se de seu banco e deixou o dinheiro abaixo do copo de chá pela metade. Acenou para Travis antes de sair pela porta, saturado pelos poucos minutos ouvindo o grupo conversando.

Com aquela informação rondando sua cabeça, Asael desceu a quadra e subiu no bondinho passando. Mais um pouco e conseguiria pegar o assassino de Cherrie ainda naquela noite. Se desse sorte, a hiena poderia estar vagando por ali. Puxou seu capuz sobre os cabelos prateados e arrumou a máscara sobre seu nariz e boca. Agachado na traseira do bondinho, observou as poucas luzes dos postes ainda funcionando nas ruas principais e os lampiões queimando a gás nas travessas mais pobres.

A distinção de classes era quase palpável e isso deixava Asael com um nó no estômago. A queda dos governantes, as leis feitas pelos humanos e tudo o que conheciam caí ramcomo dominó quando os primeiros magos decidiram tomar o poder. Com suas luzes brilhantes e seu palavreado pomposo, compraram os mais ricos e enganaram dissimuladamente os mais pobres.

Asael era pequeno naquela época, mas conseguia se lembrar de muita coisa. Principalmente de como eles moravam em uma casa grande e de tijolos à mostra na frente, com um jardim bem cuidado em uma vila próspera para caí rem em uma cabana suja que tinha goteiras em todos os lugares quando chovia.

Os magos sendo a classe mais alta, tiraram todos os benefí ciosque um bruxo poderia ter trabalhando com humanos. Um salário alto e boa reputação caiu pela lama para serem a mais baixa ralé, apenas acima de humanos, demônios e feiticeiros das trevas. Sua mãe, sendo uma feérica, ainda estava em uma posição boa na visão do Ministério, ainda acima dos shifters e com um pouco de manipulação da floresta com ela. Entretanto, sua junção com o pai de Asael foi um rompimento doloroso.

Sua famí liaa deserdou, cortou ví nculose a transformou em uma pária. Então Asael nasceu, um mestiço. Um ser que nem mesmo possui uma classe. Nem feérico, nem bruxo. Não há lugar

para ele no mundo, então teve de se encaixar. Esconder um pouco suas feições etéreas, suas orelhas um pouco pontiagudas, a magia que seu pai nunca soube explicar de onde veio já que não precisava de artefatos para criá-la.

Se misturar aos assassinos era a melhor opção na época. Com seu porte magro, era ágil e silencioso. Quando atingiu a puberdade, sua altura não passou de um metro e setenta e cinco centí metros, o que não era ruim já que ainda poderia se esgueirar com facilidade e enganar seus oponentes com sua falsa fragilidade. Asael Chevalier se tornou conhecido, temido. Criou sua própria reputação e muitas vezes ninguém se lembrava de que ele era um mero mestiço.

Nunca ninguém soube de seus vastos poderes, até onde poderiam chegar, o que era capaz de fazer realmente. Muitas vezes, quando mais novo e inocente, Asael imaginou que seu sangue era tão poderoso quanto o de um Arcano e apenas pensar nisso fez com que sua barriga doesse de tanto rir. Se ele apenas soubesse na época...

Empurrando os pensamentos para o fundo de sua mente, saltou do bondinho ao passar pela esquina da Rua Edvirges com a Gates. Empurrou as mãos enluvadas dentro dos bolsos de sua calça e afundou a cabeça entre os ombros, o capuz cobrindo muito de seu rosto e cabelos.

Inspirando lentamente, deixou seu poder sair mais uma vez. Sua cabeça latejava pelo esforço, mas não havia tempo para descansar. Quanto mais rápido acabasse esse caso, mais rápido receberia seu dinheiro e poderia riscar o Ministério da sua lista de tarefas. Olhou pela rua estreita, as várias linhas coloridas de energia se misturando ao preto dos demônios parasitas.

A Rua Gates era conhecida por ser o poço mais fundo, onde os demônios se devoravam e procriavam. Um esconderijo perfeito para assassinos, ladrões e vampiros sem alma. Caminhando em silêncio, Asael observou cada canto em busca da trilha da hiena. Abriu suas narinas, farejando algo até que seu estômago embrulhou ao reconhecer o cheiro de enxofre e coisa podre.

Entrou pelo beco, seguindo o vestí gio pegajoso, tão preto e rançoso que mal se conseguia ver o verde cí trico. Se Asael

demorasse, a hiena seria devorada viva por dentro, se tornando um corpo oco e se decompondo. Um fantoche morto-vivo. Viu o sinal subindo um pouco mais a rua e desaparecendo em um bloco de apartamentos decadente. Deu a volta ao redor, percebendo que o rastro não havia saído dali, o que significava que a hiena ainda estava do lado de dentro.

Decidiu esperar. Demônios não dormiam, se mantinham em constante movimento. Logo, sua hiena estaria fora. Apoiou o ombro no muro lascado e empoeirado, pacientemente, e observou inquieto a rua pouco movimentada e cinzenta. O vento frio de outono balançava seus cabelos prateados por baixo do capuz, lançando os fios da sua longa franja por sua bochecha coberta e arrepiando sua nuca. Logo seria Halloween, crianças correndo pelas ruas com suas fantasias e pedindo doces.

A infância era doce. E ingênua. Asael remexeu, seus músculos se sentiam ríjidos pelo tempo gelado. Os cílios claros cerraram brevemente, a íris ambarina brilhando ao observar o homem magro descendo as escadas quase correndo e atravessando a rua com seu casaco marrom longo puído de gola erguida e o chapéu afundado sobre seu rosto moreno.

Uma risada ecoou pela rua, fazendo Asael sorrir atrás de sua máscara. A fina chuva começou, molhando seu casaco enquanto olhava o homem desaparecer em uma pequena viela do outro lado com o vestígio de energia verde cítrico e preto rançoso em seu encalço. Empurrando-se para longe, atravessou a passos largos e decididos até onde o outro desaparecera e se escondeu nas sombras ao vê-lo bater a palma contra os tijolos. O corpo chacoalhou a chuva fora de suas roupas antes que o muro se abrisse e uma porta oculta se revelasse.

Segundos antes da porta se fechar, seguiu-o para dentro com passos leves sem ser percebido. Como uma sombra, encolheu-se contra a parede com cheiro de mofo e desceu as escadas em silêncio enquanto o homem sequer percebia que estava sendo seguido. Os dois brincos pretos de argola no alto de sua orelha de pelos claros brilharam contra a chama de uma única lamparina quase apagada ao virar a esquina.

Os olhos de Asael filtraram a escuridão, brilhando levemente como os de um gato. Viu o homem soltar seu chapéu sobre uma cadeira e acender uma vela pequena com seus dedos longos cheios de cicatrizes que pareciam inchados e descoordenados. Tufos de pelos claros saí am de suas mangas e as listras em seu pescoço o denunciavam como um shifter hiena. Observou-o retirar o casaco longo e sacudir-se mais uma vez, fazendo seu nariz se enrugar levemente com o cheiro. A risada da hiena se tornou alta, o corpo magro tremendo involuntariamente.

Puxou seu poder de volta, não sendo necessário mais farejar o rastro. O culpado estava bem à sua frente. Asael viu diversos sinais escritos com sangue pelas paredes, frascos de coisas estranhas que sequer sabia nomear. Um cí rculo de runas no chão queimado mostrava que ali era um lugar constante de invocação. Porém, como um simples demônio parasita conseguia invocar qualquer coisa?

Seus olhos correram para o outro lado onde o shifter hiena estava e congelou. Como não havia percebido antes? Com os pulsos algemados em uma grossa corrente presa à parede, estava um homem de cabelos pretos, os fios escorrendo sobre sua testa e entre os olhos, cobrindo as orelhas e tocando levemente a nuca. Lábios cheios, um nariz reto e olhos tão azuis e frios quanto lascas de gelo. Seu corpo perfeito e muito nu se estendia parcialmente no chão, as costas apoiadas na parede e runas de sangue por todo seu peito esculpido.

Um prisioneiro.

Como se o sentisse, os olhos frios se viraram diretamente para os de Asael, seu lábio se erguendo no canto em um meio sorriso curioso.

— Próximo... Quem é o próximo? — o silvo demoní aco se misturou à risada da hiena, enviando calafrios pela espinha de Asael e tirando sua atenção do homem.

À s vezes, ele odiava esse trabalho.

— Caos... Sombras e escuridão, claro... Mais poder... — Os olhos do demônio pareciam loucos, virando na órbita rapidamente. — Preciso de alí vio.

O demônio puxou o cinto, desabotoando suas calças e se aproximando do homem no chão. Com horror, Asael percebeu o que o demônio estava prestes a fazer.

— Abra para mim.

Os lábios do homem franziram com irritação, seus olhos ficando ainda mais frios. Seus dedos cerraram em punhos quando o demônio o puxou pelos pés, forçando suas pernas abertas. Seu pênis continuava murcho, seu rosto era uma máscara de pedra irritada e transbordando fúria. O parasita silvou misturada à risada da hiena.

— O mestre deu você para mim, í ncubo. Abra!

— Vou devorar sua cabeça quando sair daqui, verme desprezí vel — o í ncubo rosnou.

As sobrancelhas de Asael arquearam. *Um í ncubo* Sempre foi certo que quando um í ncubo invocado era mantido pelo elo do ví nculo, estaria sempre disposto a dar e receber prazer. Entretanto, por tudo que é mais sagrado, Asael estava vendo no rosto do pobre coitado que ele não queria aquilo. E sendo ou não um demônio do prazer, qualquer coisa feita sem consentimento ainda era considerado estupro.

Mesmo que odiasse aquela raça, sua consciência não o permitiria dormir se apenas fechasse os olhos e virasse as costas. Os dedos de Asael se fecharam em um punho apertado enquanto decidia. Se saí sseda linha, haveria testemunhas. Por fim, retirou as luvas com cuidado e as guardou no bolso, puxou a lâmina fina de sua manga e estalou os dedos, fazendo os castiçais acenderem todos de uma vez e a luz clareou toda a sala pútrida. O demônio guinchou, sua mão cobrindo seus olhos pelo clarão súbito.

Parasitas odiavam a luz. Que lástima.

— O que...

Asael cravou a lâmina fina no ombro do shifter hiena, empurrando-o longe do í ncuboe usou seu braço para segurar Diego pelo pescoço. Os olhos dele se abriram, preto e castanho e branco lutando pelo domí nio. Sua boca se abriu em agonia, seu corpo se debatendo contra o agarre e a lâmina torcida em seu ombro esquerdo. Demônios também odiavam lâminas banhadas em sal.

Que infelicidade a de Asael estar encharcada dela.

— Devo supor que você é Diego, do clã de Sarm?

A voz de veludo poderia hipnotizar até o mais forte dos homens. Ser feérico era uma bênção às vezes. Usar sua beleza e voz para conseguir o que queria ao invés de sair retalhando corpos pelo caminho em busca de respostas. Só depois de respondidas suas perguntas levaria a cabeça do demônio com ele, deixando a pobre hiena para recolher seus cacos e a pouca alma que sobrara.

Engolindo em seco, Diego assentiu, seus olhos ficando castanhos antes de se tornarem pretos novamente.

— Qual sua participação no assassinato de Cherrie DeLavon't?

— Vá... Se ferrar...

— Diga.

O poder formigou ao longo do corpo de Asael, seus braços tremendo com o esforço. A compulsão fez o homem ganir baixinho.

— A maga era apenas mais uma. Ví tima. Descartável. Tão fácil... Mestre não vai ficar feliz com isso. Mestre vai se vingar.

— Quem é seu mestre?

O shifter hiena fez uma careta, seu rosto se torcendo entre demônio e humano. Droga, Asael iria perdê-lo.

— Você sabe a punição para conspiração e assassinato de um integrante do Ministério Mágico, Diego?

Os olhos se tornaram humanos mais uma vez, o corpo da hiena tremendo e suando. Seus dentes batiam quando assentiu, lágrimas caindo por suas bochechas e pousando sobre a manga do casaco de Asael.

— Por favor...

Os olhos viraram e ficaram pretos. Dentes pontiagudos cresceram e pequenos chifres saí ram em sua testa. A lí ngua bifurcada do demônio deslizou entre os lábios, sibilando como a de uma cobra. Asael segurou a bile ao sentir o cheiro rançoso de pele suja e suor pegajoso. O í nc ubo no chão grunhiu, suas pernas se encolhendo para longe.

— Tarde demais... Mestre... Próximo?

— Quem é seu mestre, parasita?

— Mestre, poder... Onde está? Conjure, conjure...

Os dentes afiados se afundaram na mão da hiena, sangue viscoso escorrendo pelo pulso antes de ser atirado pela sala e dentro do cí rculo de runas.

— *Placant, et daemonium ab sanguinis domini*[2].

Os olhos de Asael arregalaram e puxou a lâmina do ombro da hiena, arrancando um grito sibilado do demônio. A risada da hiena soou louca aos seus ouvidos.

— Você não vai fazer isso — grunhiu. — Um parasita não pode fazer isso!

— Tarde... Mestre muito perto...

— Inferno, quem é seu mestre? Diga antes que te mate!

— *Sanguis, organa et magicae*[3]. — O demônio apertou a palma ilesa contra a cabeça de Asael e riu, a outra mão ainda sangrando balançando e jogando mais gotas de sangue fresco no cí rculo brilhando cada vez mais forte. —*Surgere, ut audiat me*[4].

Porra!

Soltando um grunhido ao mesmo tempo em que o cí rculo pulsava com luz e fogo do inferno, Asael invocou seu poder e agarrou a hiena pelo pescoço. Com um único puxão, o demônio se desalojou do corpo da hiena, a lâmina de Asael passando pelo pescoço com facilidade e separando a cabeça dos membros inferiores.

Diego caiu sobre sua barriga, inerte, enquanto o corpo do demônio queimava ao lado. A cabeça se mantinha intacta, seus olhos negros estavam esbugalhados, a boca aberta em um grito mudo. A terra tremeu, partindo-se, lembrando Asael que algo muito pior estava se levantando pelo portal aberto pelo demônio. Deixando cair a cabeça do parasita e a lâmina perto de seus pés, afastou os joelhos e bateu as mãos juntas. Suor escorria por seu couro cabeludo até a testa e olhos, cansaço e dor oprimindo seus pulmões.

Aguente f irme

Inalando devagar, seus olhos se fecharam e visualizou seu núcleo sem dificuldade. Agarrou o pequeno fio tremulante e prateado e puxou. A dor foi instantânea. Seus olhos se abriram ao mesmo tempo que o demônio invocado se levantava, seu corpo grande tentando caber no pequeno espaço da sala. Vapor saiu de

suas narinas, olhos tão amarelos quanto o sol que destoava da cor vermelha de sua pele. Quatro longos chifres retorcidos saí am de sua testa e iam para as costas, cascos grossos e uma couraça firme sobre os ombros e peito.

Oh, porra. I sso ia ser dif í cil

3
NUNCA FUI TÃO HUMILHADO

O demônio parecia um enorme touro furioso. Asael fincou os pés contra o chão quando o poder subiu por seus braços e crepitava na ponta de seus dedos, arrepiando os pelos de seus braços.

O demônio bufou, sua pata arrastando no chão e levando poeira através do fogo do inferno tremulando ao redor do cí rculo. Asael tremia enquanto olhava para o demônio e as runas brilhavam com intensidade. Com o demônio parasita morto, por que esse demônio não havia sido sugado para o inferno mais uma vez? Sem seu invocador e um propósito, o demônio voltaria de onde veio e o cí rculo seria lacrado.

Entretanto, não foi isso o que aconteceu. Os brilhantes olhos se ergueram para Asael, as narinas se alargando ao inspirar e soltar um grito furioso. Os cascos bateram contra o chão ao dar um passo para frente, passando pelo limite do cí rculoe fazendo o coração de Asael errar uma batida. Com um gesto das mãos com os dedos entrelaçados e palmas viradas para fora, um escudo prateado o cercou ao mesmo tempo em que o demônio touro se lançava contra ele. Os joelhos de Asael dobraram com o esforço, os chifres da besta acertavam vez após outra.

Pense, Asael, pense!

Um movimento no canto do olho o lembrou do í ncuboainda preso e seus dentes cerraram quando seu escudo trincou com mais um golpe. O touro parecia muito interessado em Asael, deixando o í ncubo de lado como se não existisse.

Demônio sortudo.

Utilizando a umidade do ar, Asael puxou a magia e a lançou como farpas de gelo afiadas sobre o demônio. As lascas se prenderam no couro, arrancando sangue e apenas deixando-o mais irritado. Suas narinas incharam e vapor saiu delas.

— É um demônio, *miccã*[15]. Só irá parar se acertar o coração ou arrancar a cabeça!

— Gostaria de vir até aqui e tomar o meu lugar? — Asael rosnou, lançando mais lascas de gelo sobre o touro e deixando-o parecido com um porco espinho irritado.

O corpo do í ncuboinchou, chifres crescendo em sua cabeça e seu cabelo ficando mais longo. A pele bronzeada ficou cinzenta, dentes pontiagudos se mostraram quando os lábios separaram em um rosnado. Os olhos, antes azuis, ficaram vermelhos como sangue mergulhados em órbitas negras como a noite. Os pulsos se apertaram mais e mais contra as algemas até tornarem a diminuir para um humano comum e soltar um rugido irritado. Ao mesmo tempo, as duas patas dianteiras da besta batiam contra o escudo de Asael e a dor reverberava por seus braços.

— Malditas algemas encantadas. Cuidado com a cabeça!

Um grande bloco de cimento se desprendeu do teto e Asael rolou para o lado quando desabou sobre o chão, quase pegando uma das pernas da hiena. Asael xingou baixinho, seus braços tremendo com o esforço de manter o escudo e sua cabeça longe dos malditos chifres.

— Você é um í ncubo! Seduza o touro para que eu possa…

— *Não vou* seduzir um demônio touro! Não sou *insano*!

Apoiando a mão no chão, ergueu as raí zes e a terra, formando laços duros ao redor das patas do touro. Aquilo não o prendeu por mais que alguns segundos antes de ser destruí do e virar pó embaixo das patas pesadas.

— O ví nculocom seu demônio se foi — rosnou entre dentes, seu joelho pressionando contra o chão com força e enviando um pico agudo de dor por seus músculos. — Se não vai me ajudar, então se solte e volte para o inferno, bastardo folgado.

— Primeiro: aquele maldito parasita não era *meu*. Segundo: as runas marcadas nas algemas são as mesmas marcadas na

bunda desse touro louco. Ou seja, *alguém vivo* não me permite ser solto e nem o touro voltar para o inferno junto comigo, *miccã*.

Mestre.

As palavras do demônio parasita soaram altas e claras acima do barulho ensurdecedor do touro. Ali estava sua resposta. Nem mesmo perfurando seu coração ou arrancando-lhe a cabeça, o demônio não morreria. Havia apenas uma forma e Asael não se sentiu ansioso por isso. Usando a mão livre, pegou a lâmina caí da no chão e o poder prateado pulsou pelo cabo até a ponta fina, estendendo-se como uma espada. Rasgando com os dentes uma parte de seu pulso, sangue escorreu pelo cabo e se misturou com a espada, criando uma aura vermelha.

Apertando o joelho no chão e firmando o braço segurando a espada, sua mão se fechou, fazendo com que o escudo desaparecesse e seu corpo ficasse vulnerável. Cerrando os dentes, Asael se preparou. Aquilo ia doer *pra* caralho. A espada atravessou por baixo da cabeça do touro e se alojando dentro do coração apodrecido, os chifres pegando ambos os ombros de Asael e o batendo contra a parede.

— *Ego illud mea*[6] — disse em um suspiro, a dor irradiando por todo seu corpo.

O demônio touro parou. O tempo ficou suspenso. Cada parte do corpo de Asael latejava, pulsando, até que o touro recuou e o tempo voltou a girar. Asael gemeu quando a ponta do chifre se retirou de sua carne, a ferida sangrando e seu casaco arruinado. Apoiando as costas contra a parede, observou sua espada afundada no peito maciço até o cabo.

— Isso foi... — o í ncubodisse, olhos arregalados. — Você é um Arcano?

Asael balançou a cabeça em negativa, esgotado. Gesticulou na direção do í ncubos e sussurrou a palavra “*aperire*[7]” e as algemas clicaram abertas. Tocando o focinho negro do demônio, fechou os olhos e visualizou seus dedos enrolados no fio prateado em seu núcleo. Aquilo ia doer por uma semana, mas não havia como deixar um demônio como esse solto pelas ruas e muito menos vinculado ao seu sangue.

— *Adolebitque*[8]!

Asael viu nos olhos do demônio a dor e então o fogo do inferno o rodeou, queimando, levando embora o que nunca deveria ter saído de seu lugar. Cinzas caíram aos seus pés, sua lâmina caída na terra carbonizada onde o touro estava segundos atrás.

Sua visão nadou por um segundo antes de as mãos firmes o segurarem no lugar.

— Devagar, *dætae*[9].

— Não encoste em mim, bastardo — disse, sua mão empurrando a do íncubopara longe. — Volte para o buraco de onde saiu.

— Por que? Aqui parece muito melhor do que onde estava.

A voz grossa desceu pela espinha de Asael como uma carícia quente e fez seu controle vacilar. Frio se instalou em seus membros trêmulos, sua concentração abalou e seu foco estava indo e voltando como se estivesse submerso em lodo. A runa que Asael mesmo fez em sua pele coçou quando a sedução do íncubo o alcançou com dedos gentis. O cheiro de excitação e prazer queimou suas narinas e o ponto logo abaixo de seu coração coçou, queimando em reconhecimento.

— Nem mesmo tente, íncubo.

O sorriso do demônio se alargou, seu corpo próximo demais de Asael e parecendo tentador mesmo estando sujo e um pouco desgrenhado. Quando que sua caçada a uma hiena maluca com um demônio parasita se transformara em uma luta contra um demônio touro e agora sendo seduzido por um íncubo?

— Prefiro que me chamem de Raskhan. Ou *"por favor, sim, mais fundo"*me soa bem também.

Os dentes de Asael cerraram com força. Mesmo sua marca incapacitando o poder sedutor do íncubo,sua voz parecia melódica em seus ouvidos. Sua respiração gaguejou e Asael não conseguiu entender o motivo disso, já que sua magia era impenetrável.

Percebendo que Asael se mantinha inalterado, o íncubo inclinou a cabeça para o lado e observou-o melhor.

— Você não está sendo seduzido. Por quê?

— Porque sou especial — grunhiu, sua cabeça tentando funcionar através da dor.

— Isso é... desconcertante.

Asael piscou, a voz grave vibrando através de seu corpo de uma forma estranha. Talvez seja porque estava cansado demais. Sim, essa era uma boa resposta.

— Saia do meu caminho. Tenho uma cabeça para entregar — disse, a mão balançando para enxotar o í ncubo da sua frente.

As sobrancelhas pretas se franziram ao observar o estranho humano dando a volta em seu corpo e puxando o garoto magricelo do chão e jogar sobre o ombro. Asael grunhiu, seus joelhos vacilando por um momento e Raskhan o segurou mais uma vez para não cair.

— Precisa de ajuda para caminhar?

— Posso andar sozinho — resmungou.

— Não é o que parece — Raskhan respondeu, porém suas mãos soltaram Asael que vacilou novamente, ainda mais com o peso extra sobre o ombro. — Veja lá. Dê-me o garoto. Consigo carregar ambos, seja lá onde fique seu destino.

— Precisei da sua ajuda mais cedo com o maldito touro. — Asael cerrou os olhos, sua mão segurando com firmeza o tornozelo de Diego. — E você se *recusou*.

Os olhos frios de Raskhan se arregalaram.

— O quê? Realmente acha que deveria ter seduzido um demônio animal?

— Você é um í ncubo. É isso que sua raça faz.

— É isso que está sendo ensinado hoje em dia? — Raskhan estalou a lí nguacom desprezo. — Humanos, sempre sendo idiotas desprezí veis.

Asael engasgou, seu dedo cutucando o peito de Raskhan com fúria e percebendo o quão duro era. Imaginou como seria deitar naquele ponto e ouvir seu coração bater. E apenas isso serviu para deixá-lo ainda mais irritado.

— Você não precisava se deitar com o demônio. Apenas lançar seu maldito feitiço sedutor para que ele me esquecesse por um momento e então poderia tomar um fôlego e decepar sua cabeça!

— As algemas não permitiam! E também tenho meus princí pios!

— Onde está seu maldito princí pioquando enfia seu pau em qualquer buraco que encontra?

Os olhos azuis de Raskhan se tornaram vermelhos, seus dentes ficando pontiagudos como os de um tubarão e fez Asael repensar se discutir com um í ncubo era realmente pertinente.

— Está falando de mim como se me conhecesse, *miccã*. Não sou qualquer í ncubo, não me coloque na mesma caixa.

Asael balançou a cabeça, o que não foi sua melhor escolha já que tudo girou repentinamente. Seu braço vacilou e o corpo de Diego caiu de seu ombro e tombou no chão com um baque surdo. Raskhan o segurou, impedindo que seguisse o mesmo caminho do shifter hiena. As mãos grandes do í ncubo o puxaram para perto e sua cabeça pousou no ombro largo.

Cheirava a poeira, cravo e almí scar

Sua testa se apertou contra a pele quente, seu corpo desabando devagar e sucumbindo à dor. Algo terrí vel para acontecer já que o único perto de seu corpo seria um demônio do prazer irritado.

— Deixe-me ajudá-lo.

O resmungo de Asael soou baixo, fazendo Raskhan soltar um suspiro.

— Não quero que me carregue... sem estar vestindo nada.

O meio sorriso curvou os lábios de Raskhan, uma de suas mãos soltando o braço de Asael para se apertar contra a base de sua espinha. Calafrios percorreram a pele de ambos, o que fez Raskhan franzir as sobrancelhas.

— Posso colocar algumas roupas, *dætae*, mesmo que prefira sempre fazer o contrário.

Asael bufou, seus olhos pesando cada vez mais.

— Idiota arrogante. — Contra toda a sua prudência, ergueu a mão, a ponta de seu dedo pressionando entre as sobrancelhas de Raskhan. — Não esqueça a cabeça... Preciso... da cabeça.

Seu poder pulsou na mente de Raskhan pouco antes de seu corpo desmaiar de exaustão.

Durante toda sua longa vida, nada havia sido mais estranho do que aquela noite. Dias se passaram com ele preso àquelas algemas, seu corpo sendo usado de maneira vil e repugnante. Apenas se lembrar disso fazia seu estômago se revirar. Aquelas algemas o impedindo de fugir, de se transformar e fazer aquele pequeno demônio parasita rastejar por perdão. Pelas marcas nos pulsos, Raskhan sabia que não era do seu território e não tinha poder algum sobre ele. Teria uma longa conversa com Nmrah sobre seus demônios estarem rastejando na superfí cie a mando de outrem.

Olhou seus pulsos, as marcas já desaparecidas. Porém, ainda podia sentir o poder vil rastejando em sua pele. Cerrou os olhos, lembrando-se de como pareceu tão simples para o mestiço quebrar o selo daquelas algemas. Como um elfo com metade sangue bruxo poderia quebrar um selo tão poderoso com apenas um menear das mãos? Não era apenas os Arcanos que conseguiam isso? Os bruxos eram conhecidos por poderes menores, feitiços de amor e toda essa porcaria barata. Os mestiços eram ainda mais fracos.

Seu corpo se afundou, seus pensamentos o tornando ainda mais sombrio. Sentado na pequena poltrona que mal comportava seu tamanho, observou o estranho mestiço dormindo sobre a cama de lençóis escuros. O cabelo prateado espalhado pelo travesseiro, a feição delicada e tão impetuosa. Dormindo, Raskhan nem mesmo poderia dizer que o homem rosnava como um cão moribundo. Na porta, como um guardião soturno, estava o animal que o tinha farejado até ficar satisfeito e agora o olhava com curiosidade mórbida. Seus olhos amarelos o observavam de seu posto, sem nem mesmo piscar.

Raskhan usualmente era odiado por qualquer animal vivo. Entretanto, este parecia levemente desinteressado por sua presença. Deitando a bochecha sobre o punho fechado, seus olhos se demoraram pelo corpo do mestiço que despira assim que chegaram ao seu destino. Pernas curtas e magras, porém torneadas. Por toda parte superior havia runas negras pintadas em sua pele, mas apenas uma despertou seu interesse. Aquela

pequena marca abaixo de seu coração, uma que ele conhecia muito bem para determinar sua raça.

Uma runa de imunidade?

Talvez seja por isso que não tenha conseguido usar sua sedução sobre ele. Curioso. O que teria acontecido para o mestiço gravar sua pele com uma runa assim? Cicatrizes pequenas marcavam a pele pálida e macia, algumas antigas e outras mais novas. A marca feita pelo touro em seu ombro naquela noite parecia estar cicatrizando bem. E haviam aqueles olhos. Dourados, como ouro lí quido derretendo.

Havia sido terrí velse transportar daquela sala imunda para o bairro limpo e silencioso que ele indicava. Estava cansado e aquelas algemas pareciam se alimentar de seu poder. Se sentia imundo por baixo de suas roupas, as marcas de sangue seco em sua pele coçando, mas iria cuidar de si mesmo quando tivesse certeza de que o mestiço estivesse em segurança em sua própria casa.

Entrar no apartamento foi fácil, mas Raskhan sentiu a barreira coçar sobre sua pele como um aviso de que aquela seria apenas a única vez que pisava dentro sem maiores consequências. Também sabia que assim que pisasse fora daquele apartamento pequeno, sua mente seria apagada e nunca se lembraria de onde estivera.

Raskhan não queria sair dali tão cedo. Não sem ter certeza de que o estranho mestiço estava bem. Haviam perguntas a serem respondidas. Poderiam dizer que estava apenas querendo ser prestativo, mesmo que soubesse que não era exatamente por isso que se mantinha na mesma posição desde que chegara ali. Iria esperar o mestiço acordar e só então voltaria para sua vida e tomar as rédeas novamente.

Era exatamente isso que faria.

Custou muito a Asael abrir seus olhos. Pesados, como se areia estivesse sobre eles, o sol os feriu assim que conseguiu abrir uma pequena fenda e a luz inundou sua visão. Desnorteado, sentou-se sobre a cama e olhou ao redor, vendo que estava em

casa. Passou a mão pelo peito e percebeu que estava vestindo apenas sua cueca e seu amuleto. Encontrou suas roupas dobradas sobre a poltrona e a cabeça do demônio jazia de forma bastante perturbadora sobre sua cômoda.

Fazendo uma careta, Asael jogou as pernas para fora do colchão e estremeceu ao sentir tudo doer. Seu ombro ardia, a cicatriz se fechava devagar. Foi então que ouviu. O som de algo fritando e barulho de panelas. Levantou cauteloso, vestiu uma camiseta e caminhou como um velho reumático até a porta do quarto. Não precisava caminhar muito para enxergar sua cozinha, seu apartamento pequeno o deixava ver quase todos os cômodos de quase todos os ângulos.

Pessoas desconfiadas fazem isso, dizem por aí .

Franzindo as sobrancelhas para o homem magro deitado em seu tapete da frente, mãos amarradas nas costas e um pano enrolado em sua boca, percebeu que se tratava de Diego.

Mas que porra…?

Apoiou a mão na porta, sua visão girando por um momento antes de focar em sua pequena cozinha. Esfregou os olhos e olhou novamente. Ainda não conseguia acreditar. O homem alto mexendo com uma frigideira, só poderia ser o íncubo da noite passada. Mesmo que agora seus cabelos pretos estejam muito mais curtos, as pontas mal chegam em suas orelhas. A camisa branca dobrada em seus cotovelos e a calça social se agarrando em suas pernas grossas.

Bonito.

Como se não bastasse o íncubo estar muito confortável na casa de Asael, em seus ombros jazia o pequeno gato traiçoeiro. Akuma parecia muito tranquilo deitado sobre os ombros largos do íncubo, seu rostinho peludo em puro contentamento. Talvez Asael tenha acordado em um mundo paralelo.

Parecendo sentir sua presença confusa, o íncubo ergueu a cabeça e lançou um sorriso ofuscante para Asael.

Sim, um mundo paralelo. Cheio de ervas alucinógenas.

— Você acordou. Como se sente?

Confuso. Dolorido. Cansado. Um pouco excitado?

— Bem. O que está fazendo na minha cozinha?

— Estava com fome. — Encolheu um ombro, sua mão balançando a frigideira e lançando a panqueca no ar como se fizesse aquilo todos os dias. E com um gato sobre os ombros. — Pensei que se fizesse algo para comer, seu estômago o levantaria da cama.

Como que apenas esperando essa pequena deixa, seu estômago resmungou alto e com fúria, o que fez o íncubo sorrir

— Vê? Nunca falha.

Asael grunhiu, se arrastando até a cozinha e se sentando no banquinho com cuidado. Deixando os braços esparramados sobre o balcão, apoiou a cabeça sobre o esquerdo e olhou para o demônio fazendo seu café da manhã. Ou seria tarde?

— Que horas são?

— Quase cinco da tarde. Você realmente dormiu como uma pedra.

Cinco. Ainda havia algum tempo antes de deixar a cabeça do demônio parasita rolar pelo chão imundo do Ministério e receber sua recompensa em dobro. Gostaria de ver o rosto de Sinclair. Seria chocado? Ou satisfeito?

E sobre tudo o que o íncubo viu, não havia preocupação. Assim que o demônio pisasse fora de seu apartamento, tudo seria esquecido. Seu poder nublaria as lembranças de tudo até a chegada no apartamento. O que o levava a seguinte pergunta:

— Por que não foi embora?

O prato de panquecas foi deixado ao lado de seus braços, assim como o xarope, e o íncubo cruzou os braços ao olhá-lo. Akuma sobre seus ombros parecia muito interessado nas panquecas.

— Achei sua biblioteca interessante.

As sobrancelhas de Asael se ergueram.

— Minha biblioteca?

— Para um apartamento pequeno, você possui muitos livros. Acabei pegando um e não vi o tempo passar. Então senti fome.

— Você costuma fazer muito disso? — perguntou, se endireitando e suas costas doeram pelo movimento.

— Disso...?

— Despir as pessoas enquanto estão desmaiadas, ler seus livros em suas casas, usar tudo como se fosse seu? — Asael riu baixinho e balançou a cabeça. — Por que estou perguntando? Você é um í ncubo. Usar as pessoas sem pedir é o que vocês fazem.

A postura do demônio endureceu, seu rosto tomando uma máscara fria e seus olhos azuis tendo vislumbres de vermelho sangue. Akuma saltou dos ombros do í ncuboe se refugiou no sofá, seus olhos amarelos olhando desconfiados na direção de Asael. Como se o mestiço fosse o problema e não o demônio irritado na cozinha.

— Não toco ninguém sem permissão, *miccã* — falou duramente, as pontas de seus dentes afiados aparecendo.

— Mas você seduz as pessoas, você tentou fazer isso mais cedo comigo. Isso não é praticamente a mesma coisa? Forçar alguém a querer sexo?

Raskhan abriu a boca e tornou a fechá-la. Seus olhos cerraram, seus ombros tensos.

— Isso é tão… — Seus olhos voltaram ao azul, mas seu rosto continuou frio. — Nem mesmo possuo palavras. Maldição, o que os pais andam ensinando para seus filhos ultimamente?

Asael se remexeu em seu banco e pegou o garfo que o í ncubolhe dera, cutucando as panquecas que pareciam deliciosas e abaixou seus olhos ao franzir as sobrancelhas.

— Não sei. Os meus morreram quando era muito novo para fazer perguntas.

Braços bronzeados surgiram em sua visão baixa ao se cruzarem sobre o balcão e isso fez Asael levantar os olhos para encontrar o rosto do í ncubo não muito longe do seu.

— O que aconteceu, *dætae*?

Porra, essa voz.

Asael sabia muito bem o que significava a palavra *miccã* no dialeto demoní aco já que ouviu muito sobre isso em todos os lugares que ia, mas essa... *dætae*. Asael não fazia a menor ideia do que significava e ainda não sabia se realmente queria descobrir.

— Não me chame assim.

— Assim como? *Dætae*?

Por todos os deuses sagrados. Não saberia descrever a sensação de ouvir cada palavra passando por entre aqueles lábios nem se sua vida dependesse disso. Seria a indução? Impossí vel. A marca em sua pele era poderosa o suficiente para impedir qualquer sedução vinda de um í ncubo.

Pigarreando, Asael encheu sua boca com as panquecas e se demorou a mastigar, tentando escapar daquela pergunta. Entretanto, o í ncubo parecia paciente, seus olhos acompanhando a boca de Asael a cada mordida, nublando, pupilas dilatadas. Engolindo com força, desviou os olhos para o shifter hiena ainda desmaiado na porta de entrada.

— Você deveria ir embora, í ncubo.

— Raskhan.

Asael o olhou, uma sobrancelha arqueada em forma de pergunta silenciosa. Os lábios cheios do í ncubo se ergueram em um meio sorriso que fez o estômago de Asael se agitar.

— Tenho um nome e é Raskhan. Agora, me conta sobre seus pais?

— Por que quer tanto saber? — perguntou irritado.

— Porque me interessa.

O suspiro de Asael o deixou antes que pudesse segurá-lo.

— Ninguém sabe o que realmente aconteceu. Meus pais me enviaram para meu avô uma noite e dias depois fui avisado que minha casa havia sido incendiada. Nada sobrou. Cresci num casebre longe de tudo e de todos. Quando finalmente cheguei perto de uma cidade decente, me senti muito velho para escolas. Então segui em frente, aprendi tudo o que sei nas ruas. Me tornei um assassino. O resto é apenas história e não estou a fim de contá-la.

Raskhan assentiu brevemente.

— Isso explica a ignorância sobre minha raça.

— Sei tudo o que preciso saber sobre vocês, demônios. E a falta de escrúpulos ao se envolver com qualquer coisa que forneça um buraco e tomar todo o poder que precisam em benefí cio próprio.

A boca de Raskhan se abriu com assombro, suas bochechas ficando levemente vermelhas. Seria irritação ou vergonha? Asael apostaria no último.

— Nunca fui tão insultado em toda minha maldita vida — rosnou, puxando o paletó da cadeira e passando os braços pelas mangas.

Então, em um momento o demônio estava ali e no outro havia apenas fumaça verde e o leve cheiro de cravo e almí scar Pronto, havia conseguido fazer o í ncubodesaparecer de sua casa e agora nem mesmo se lembraria de como toda aquela noite terminou, sendo apenas uma lembrança confusa e borrada em sua cabeça.

Surpreendentemente, Asael se viu chateado sem entender porque a ideia do í ncubo o esquecendo parecia tão ruim. Olhou para as panquecas agora frias sobre o prato, o xarope escorrendo até a borda, e soltou um suspiro cansado ao mesmo tempo que Akuma miava de seu posto no braço do sofá.

— O que foi? Ele precisava ir, ok?

Akuma grunhiu e miou baixo seu descontentamento. Enfiando mais uma garfada de panquecas na boca, apontou o garfo na direção do felino e resmungou ao redor da comida.

— Não fique me julgando ou não vai ter comida para você, espertinho.

Com um piscar lento de olhos, Akuma se virou e saltou pela pequena janela que dava acesso à escada de incêndio e agarrou um pequeno passarinho desavisado. Asael piscou, percebendo que fora desprezado sem um pingo de remorso.

O shifter hiena resmungou do chão e Asael bateu sua testa no balcão com os olhos fechados. Não era tempo de ficar remoendo suas atitudes nas últimas vinte e quatro horas. Havia um contrato a ser cumprido e moedas a receber. Empurrando o prato quase cheio de panquecas e ignorando seu estômago revolto e as dores musculares, Asael voltou para o quarto e começou a se preparar para o encontro com Sinclair.

Porra, ia ser um maravilhoso encontro de merda.

4
ENCONTROS INDESEJADOS

Andar pelas ruas da cidade já não era algo fácil de se fazer. Tente desviar de todos os transeuntes no final de um dia agitado, carregando uma sacola com a cabeça de um demônio e um shifter hiena amarrado andando atrás de você. Asael rangia os dentes, irritado pelas dores, cansaço e ainda por um í ncuboestar rondando sua cabeça mais do que deveria.

— Por que está me levando amarrado? Já disse que não fiz nada, cara! Alguém me ajude! Esse maluco está me sequestrando!

A risada da hiena soou um pouco maluca e isso fez com que Asael ficasse ainda mais irritado e as pessoas ao redor o ignorassem ainda mais. Puxando o capuz mais fundo em sua cabeça e tendo a certeza de que a máscara cobria bem seu nariz e boca, virou a esquina e caminhou mais rápido na direção do enorme prédio do Ministério. Vendo para onde estavam indo, Diego tentou cravar os pés no chão.

— Oh, não, não, não, não! Os magos não! Cara, qual seu problema comigo? Só fiquei muito chapado esses dias e se te roubei, prometo que vou devolver!

— Cale a boca!

Esse era um dos maiores problemas quando algum demônio parasita se instalava no corpo de alguém. Suas memórias se tornaram embaçadas, uma bagunça confusa de presente e passado, nunca sabendo onde realmente esteve e se tudo foi apenas um sonho. E Diego estava mais que confuso quando acordou no chão do apartamento de Asael.

Puxando a corda com mais força, Asael subiu a grande escadaria e tentou não grunhir com a dor em seus joelhos. Merda, ele não era tão velho, mas também não muito mais novo. Os trinta estavam chegando com muita rapidez e Asael não se sentia ansioso por isso. O salão de teto alto era um burburinho nervoso, todos os tipos de raças se misturando e aguardando serem atendidos. As diversas mesas principais, ocupadas.

Por que ainda aceitava se envolver nos problemas de Sinclair e seus magos?

Engolindo o suspiro, adentrou o salão e ignorou o agitar nervoso da escuridão no teto, as garras arranhando o reboco, lí nguas sibilando e dentes pontiagudos batendo. Asael nunca iria entender o porquê demônios sombrios viviam no teto do Ministério e muito menos porquê os magos permitiam.

— Eu quero ser atendido, porra!

Asael desviou os olhos para o longo balcão e viu um homem de ombros largos e cabelos escuros muito bagunçados parecendo mais do que irritado. Tanto que as pessoas ao redor se afastaram um passo, medo em seus olhos.

Ao contrário de todos, Asael se aproximou puxando um Diego muito contrariado a reboque.

— Ei, T. O que está fazendo aqui?

Travis rosnou, seus olhos cerrados na direção de uma entediada recepcionista pálida. Seus olhos leitosos, que em outra vida poderiam ter sido castanhos, piscaram com preguiça e isso apenas deixou Travis ainda mais irritado.

O Ministério havia sido muito engenhoso em colocar fantasmas na recepção. Eram uma mão de obra sem remuneração, levando o trabalho por longas e longas horas sem precisarem ser pagos ou terem uma pausa. Poderiam ser ameaçados e não iam se importar. Afinal, o que você poderia fazer? Matá-los? Eles já *estão* mortos.

Asael voltou a olhar para Travis, os enormes punhos se apoiando sobre a mesa e a fazendo ranger.

— Tive problemas no bar e ninguém quis me receber para resolver o assunto. Por que vocês se colocam como principal atendimento quando nenhum idiota pomposo está disponí vel?

— Senhor, a polí cia local humana...

— A *polí cia local humana* me enviou para cá porque eles não lidam com burocracia mágica do caralho! — Travis exclamou e bateu o punho com força sobre o balcão de atendimento.

Asael engoliu em seco ao ver as veias saltando no pescoço largo e os olhos castanhos ficando amarelos, os olhos de um Alfa irritado.

— Hm, T, talvez nós possamos...

O rosnado baixado fez a espinha de Asael se arrepiar. Precisava acalmar o homem ou seria um enorme caos. Um lobisomem irritado rosnando e mordendo todos no salão do Ministério daria mais de dez anos de prisão. Os caninos afiados alongaram no focinho comprido, as orelhas ficaram felpudas e pontiagudas, as garras saindo e arranhando a mesa quando Travis iniciou sua meia forma.

— Senhor Coleman, seu problema irá ser resolvido assim que...

— Um mago mova sua bunda gorda da cadeira e vá até meu bar para rastrear o maldito cretino que levou toda minha mercadoria!

Oh, isso era mal.

Ninguém mexia com um lobisomem, muito menos com um lobisomem prestes a ser pai. Essa raça preza demais pela comida de sua prole e matilha. Balançando a cabeça, Asael tocou com um dedo o antebraço de Travis, a sacola batendo na coxa do lobisomem. Um pouco de magia poderia acalmar os ânimos.

— Posso resolver seu problema, T, mas preciso que fique calmo.

Os olhos amarelos cerraram brevemente e então Travis inspirou profundamente e sua meia forma se foi. Quando Asael percebeu que estava sob controle, se virou para a atendente.

— Desculpe meu amigo aqui. Aliás, sou Asael Chevalier e preciso encontrar com Sinclair o mais rápido possí vel.

— Mestre Sinclair não está disponí vel.

— Tenho uma bolsa com a cabeça de um demônio aqui, senhorita — Asael disse gravemente ao colocar a dita sacola sobre o balcão, sua mão puxando a máscara abaixo do queixo e seus

olhos ficando sérios. — Seja o que for que Sinclair esteja fazendo, é melhor parar e me atender.

A fantasma arqueou levemente as sobrancelhas indicando surpresa e assentiu uma vez antes de desaparecer, o que fez algumas pessoas na fila resmungarem por estar sendo passado na frente. Asael segurou o suspiro, dor subindo por suas pernas e indo para as costas. Ainda era cedo para sair de casa, mas seu prazo para se apresentar ao Arcano estava no limite. Sentiu a corda puxar e se virou para ver Travis analisando Diego de cima a baixo. Uma poça de urina se formou abaixo da hiena e fez Asael enrugar o nariz com nojo.

À s vezes, seu trabalho era péssimo.

Seus olhos rodaram pelo enorme salão, mais pessoas chegando e procurando pela fila mais curta. O Ministério nunca fechava, funcionando 24 horas por dia, o que tornava esse lugar um pequeno inferno com todos os seres mágicos irritados tentando resolver seus problemas. Afinal, depois que os magos tomaram o poder, a polí cia humana lavou as mãos de qualquer problema mágico e sobrenatural. Assim, quando sua loja era roubada por algum shifter, ou um bruxo perdia o controle e transformava seu salão em um pântano gosmento, a polí ciahumana olhava e dava de ombros.

— *Procure o Ministério. Eles podem resolver isso para você.*

Tão inúteis.

— Você é do clã da Sarm. — Travis olhou para Asael e apontou a hiena com o polegar. — Este é o demônio parasita que estava procurando, As?

— O próprio — disse, seus olhos fitando um Diego quieto e aterrorizado. — Não se lembra de muito, porém. Ei, T, sobre seu bar. Posso dar uma olhada esta noite e seguir o rastro. Até de manhã posso ter quem fez isso para você.

Travis o olhou por longos segundos e então balançou a cabeça.

— Não, As, obrigado. Você parece uma merda. Chegou a descansar? Comeu alguma coisa?

Involuntariamente, Asael fez uma careta quando seu estômago resmungou. Travis bufou e cruzou os largos braços sobre

o peito.

— Vá cuidar de você primeiro, As. Algum mago desse lugar deve estar disponí vel para ir até meu bar e resolver meu problema.

Asael abriu a boca para retrucar quando ouviu uma risadinha feminina vindo de uma das mesas do outro lado do salão. Seu corpo virou lentamente naquela direção, pegando a maga de bochechas vermelhas sorrindo tí midapara o homem de pé na sua frente. Seus olhos pegaram a forma alta vestindo um terno escuro ajustado ao seu corpo que fez a pele de Asael formigar apenas com a visão de suas costas. A cabeça inclinada na direção da recepcionista deixava os cabelos loiros presos em um alto rabo de cavalo caí rem como uma cortina sedosa sobre seu ombro.

O rosto virou parcialmente, o sorriso largo nos lábios finos e olhos vermelhos como sangue quente. Asael engasgou, seu coração batendo violentamente em seu peito e fraquejando seus joelhos.

Medo.

Medo cru e raivoso, correndo por suas veias mais rápidos que cavalos agitados o enchendo de terror e o deixando cego para tudo ao seu redor. Só conseguia vê-lo e mais nada. O rosto pálido e tão angelical se virou, suas narinas alargando e parecendo sentir o cheiro enjoativo que era seu pavor e olhando diretamente para ele.

Seu estômago se apertou, sua marca ardendo sobre suas costelas e fazendo sua respiração gaguejar. Asael tropeçou para trás, seu quadril batendo na quina do balcão e fazendo Travis segurá-lo pelo cotovelo. A risada nervosa da hiena tirou Asael de seu estupor e balançou a cabeça ao virar as costas para o homem do outro lado.

— As, está tudo bem? De repente você parecia doente — Travis perguntou, seus olhos rondando o salão em busca do que havia feito Asael parecer tão aterrorizado.

Asael, o mestiço que nunca parecia assustado por nada.

Engolindo em seco, assentiu nervosamente e olhou para a fantasma surgindo diante seus olhos mais uma vez.

— O Arcano? — Asael perguntou sufocado e pigarreou.

— Mestre Sinclair disse que poderá atendê-lo. E, senhor Coleman, o mago Joseph irá acompanhá-lo até seu bar para

resolver seu problema.

— Porra, já era hora — Travis resmungou. Ainda segurando Asael pelo cotovelo, ele se abaixou até seus olhos se encontrarem. — Se você tiver problemas me ligue, As. Sério. Qualquer coisa.

— Obrigado, T. — Asael engoliu, um sorriso amarelo despontando. — Mas está tudo ok.

Ele assentiu, nada convencido. Asael inspirou, firmando seus joelhos trêmulos e assentiu para a fantasma que o atendeu antes de puxar a sacola de cima do balcão mais uma vez e cobrir sua boca com a máscara. Enrolando o pulso na corda e puxando Diego com ele, saiu sem ousar olhar ao redor e se despedir de Travis.

Odiava quando isso acontecia, quando se sentia tão vulnerável. Esfregando sua têmpora com um dedo, subiu os degraus para o corredor dos fundos do Ministério e tentando ignorar as risadas nervosas da hiena seguindo em seus calcanhares. Olhou para a porta dos elevadores e pensou se realmente queria ficar preso dentro de uma caixa por longos cinco andares até a sala de Sinclair.

— As escadas são sempre a melhor opção.

— Puta que pariu! — Asael exclamou, seus olhos se arregalando ao olhar para os lábios cheios sorrindo e aqueles olhos azuis tão frios.

Raskhan se endireitou, a mão bronzeada e de unhas bem cuidadas passando pela frente de seu terno azul escuro de três peças impecáveis. As sobrancelhas escuras franziram, uma mecha de seu cabelo preto caindo sobre o olho esquerdo e fazendo os dedos de Asael coçarem para tocá-lo.

— Assustei você?

Resmungando, Asael empurrou seu capuz para trás e tirou sua máscara mais uma vez.

— O que você quer?

— Você parecia bastante desconfortável para subir no elevador. Apenas lhe dei uma opção. — Aqueles olhos tão claros fitaram Asael com curiosidade desconcertante. — Você comeu as panquecas? Parece um pouco pálido.

— Eu... — Asael cerrou os olhos e subiu nas pontas dos pés para conseguir pelo menos chegar ao ní veldo nariz do demônio. —

Por que está falando comigo?

— Inacreditavelmente, pareço estar preocupado com sua saúde depois de ter sido salvo daquele parasita. — Raskhan sorriu de uma forma que fez o corpo de Asael se agitar. — Ou apenas esteja em débito. Ainda estou tentando entender esse sentimento estranho.

Asael podia sentir sua cabeça querendo estourar.

— Você deveria ter me esquecido!

— Deveria, não é mesmo? Quando usei meu portal, ao invés de aparecer em minha própria casa, estava em uma sala fedendo a demônios e magia arcana. — Raskhan passou o longo dedo sobre o queixo barbeado e sorriu para Asael. — E seu rosto sisudo era tudo o que poderia ver. Talvez não estivesse tão forte quando colocou o feitiço em mim. Ou será porque fiquei mais do que deveria em sua casa? Ainda é um pouco confuso, mas...

Asael gemeu, seu punho enrolado na corda batendo contra sua testa. O *“plim”* do elevador soou e Asael se viu sendo empurrado para dentro da caixa de metal pelas mãos de Raskhan. Seus olhos se arregalaram quando as portas se fecharam com os três do lado de dentro e a hiena soltou outra de suas risadas nervosas.

— O que... Você...

— Qual andar?

— Eu ia pela escada!

— Ia. Agora, qual andar?

Aquele dia não poderia ficar pior.

— Último andar — rosnou.

Raskhan assentiu, seu sorriso parecia divertido e perverso ao mesmo tempo. Dando um passo para mais longe, Asael se apertou contra a parede espelhada e fixou os olhos nas portas, contando baixinho os segundos para sair daquela maldita caixa e para muito longe do í ncubo inoportuno.

Menos de duas horas atrás, Raskhan havia saí doda casa de Asael muito irritado. Insultado, suas garras queriam sair e dilacerar

qualquer coisa que surgisse à sua frente. Nunca havia se incomodado com o que as pessoas pensavam dele ou o que fazia com seu tempo vago. Agora, quando aquele pequeno atrevido disse o quão sórdido poderia ser, sem escrúpulos ou pensar além de seu próprio pau, Raskhan sentiu-se dilacerado.

Queria ir para o Mundo Inferior e então poderia cortar alguns demônios lacaios em pedaços minúsculos e se divertir vendo-os se refazer lentamente. Porém, ao invés disso, Raskhan se viu no mesmo lugar que esteve na noite anterior, junto com o fedor do demônio parasita e a essência do *miccã* abusado. Sua cabeça doeu, como se garras invisí veis tentassem retirar algo de sua mente, fracassando no final e desistindo. Um feitiço de esquecimento. Se Raskhan se sentia intrigado antes, agora estava ainda mais estimulado.

Asael Chevalier.

Seus olhos se demoraram no corpo baixo e retesado e segurou a vontade de sorrir. Poderia ser considerado assustador ter ficado esperando nas sombras a chegada de seu pequeno mestiço irritadiço ao Ministério? Por algum estranho motivo, Raskhan sabia que Asael estaria ali naquele mesmo dia, jogando a cabeça do demônio aos pés de algum mago. Entretanto, não sabia que havia sido o próprio Sinclair a pedir por esse serviço. Era uma boa desculpa, já que havia uma entrega atrasada de um artefato para o mestre.

Também não esperava sentir o cheiro de medo rodando o corpo inteiro de Asael. Apenas se lembrar disso fez Raskhan engolir um rosnado irritado e contrair seus dedos para manter as garras para dentro. Ainda não conseguia entender o motivo de se sentir tão protetor.

O elevador parou, o som anunciando a chegada ao andar desejado ecoando no silêncio constrangedor e então as portas se abriram ao mesmo tempo em que a hiena soltava uma gargalhada alta e histérica.

— Por que não o dopou?

Asael o olhou com irritação e deu um passo para fora do elevador.

— Não gosto de carregar peso morto. Muito trabalho.

— Entendo. Talvez por ser prejudicado verticalmente se torne uma dificuldade — Raskhan disse, sua mão gesticulando sobre a cabeça mais baixa, quase dois palmos da dele.

Os passos de Asael vacilaram e então seu corpo parou bruscamente, fazendo com que o shifter hiena batesse contra suas costas e soltou outra risada nervosa. Quando Asael se virou, Raskhan colocou um sorriso inocente no rosto.

— Prejudicado... — Asael engasgou, seus olhos arregalados com horror. — Fique sabendo que minha altura é muito aceitável para um homem!

— Claro. Ainda mais se você vive no reino dos duendes.

Raskhan estava abusando, ele sabia, mas era inevitável. Irritar Asael era tão divertido e ver aquelas pequenas orelhas levemente pontudas ficando vermelhas era ainda mais adorável. O mestiço rosnou, o som indo direto para a virilha de Raskhan e o fazendo franzir as sobrancelhas com estranheza.

É certo que um íncubo quando sente o cheiro de desejo, seus instintos imediatamente acordam e todo seu corpo se prepara para receber prazer e acumular energia. Porém, Raskhan nunca se sentiu tão acordado como agora. Pronto para rasgar as roupas fora e bater aquele pequeno irritado contra uma parede e fodê-lo por longas e ininterruptas horas.

E havia sido apenas um *rosnado*.

Sangue amaldiçoado, apenas imaginar a cena deixou toda sua pele arrepiada e sensível.

— Sequer sei o motivo de ainda estar falando com você — Asael disse, jogando as mãos para cima com irritação.

Seus olhos pegaram as luvas pretas e imaginou como seria tirar dedo por dedo, vendo o couro deslizar pela pele de sua palma para então cobrir com sua língua. Haviam coisas mais eróticas, mas apenas pensar nisso... Nos dedos nus de Asael... Inferno, Raskhan se sentia sem fôlego. Que droga de ano eles estavam? Era Medieval?

Sem uma segunda palavra, Asael se virou e puxou consigo o pobre coitado rindo de nervoso e de olhos arregalados. Uma corda invisível ao redor do pescoço de Raskhan o puxou, fazendo suas pernas o moverem logo atrás do mestiço irritado.

— Por que você está me seguindo? — perguntou sobre o ombro.

— Não estou seguindo quando este é o meu caminho — disse de volta, abrindo um sorriso convencido.

Seus olhos cerraram quando avistou a enorme porta dupla do escritório do Arcano mestre. O shifter hiena soltou um grito engasgado e cravou os pés no chão, fazendo Asael tropeçar e quase cair.

— Merda. Vamos logo e pare com isso, Diego!

— N-não vou entrar ali! Eu n-não f-fiz nada!

Raskhan observou a luta de Asael com a hiena teimosa e soltou um suspiro cansado. Raskhan odiava os dramas. Ele era um í ncubo prático. Unindo dois dedos, tocou a nuca de Diego e seu poder pulsou na mente do shifter e o adormeceu rapidamente. Agarrando-o pela gola para que não caí sse,Raskhan olhou para um Asael boquiaberto.

— O que você fez?

— O induzi ao sono. — Encolheu um ombro. — Leve a cabeça e eu levo esse pequeno pedaço de nada para seu compromisso importante.

— Não pedi sua ajuda!

— Realmente não. — Raskhan cerrou os olhos, intrigado, e então os arregalou. — Estou fazendo isso porque quero e sem esperar nada em troca! Maldição, acho que estou doente.

Levou a mão livre ao estômago enquanto Asael balançava a cabeça com horror descrente.

— *I nacreditável* Eu não o invoquei e quebrei seu elo com o parasita! Você nem mesmo é meu familiar! Por que continua rondando ao redor ao invés de voltar para o inferno que é onde pertence?

— Você realmente não entende nada sobre a hierarquia dos í ncubos, não é? — Raskhan sorriu.

Quando Asael abriu a boca para retrucar, as enormes portas se abriram e Sinclair surgiu em toda sua glória arrogante que um Arcano mestre possui. E Raskhan estava muito empolgado para ver o bonito rosto de Asael se torcer em surpresa quando descobrir o que Raskhan de verdade era.

5
NÃO CONTE A NINGUÉM

Asael rangeu os dentes, odiando que o í ncubo tivesse a última palavra. *"Você realmente não entende nada sobre a hierarquia dos í ncubos."* O que havia para entender? Eles eram demônios invocados e utilizados apenas para o prazer, sobreviviam disso. Não há hierarquia sobre isso. Ou haveria?

Odiava se sentir estúpido e odiava ainda mais quando alguém caçoava dele por isso. E ele sabia que Raskhan estava rindo dele, mas não entendia o motivo disso. *Ainda*. Lançando um olhar de esguelha para Raskhan, percebeu que o sorriso continuava naquela boca sedutora e seus olhos azuis cintilavam vermelho nas bordas.

— Chevalier? Realmente não imaginei que voltaria tão rápido.

— Sempre honro minha palavra — Asael resmungou, desviando os olhos do í ncubo.

Tentou ignorar o arrepio que subiu por sua espinha com a risada baixa do demônio. Sinclair olhou de um para o outro, então se fixando no demônio segurando a hiena pelo colarinho.

— Espero que sua visita se dê por conta do artefato que pedi na semana passada, Raskhan.

— Seu pedido se perdeu, mestre Sinclair. Sinto muito pela demora.

Asael arqueou as sobrancelhas. Era tão claro a mentira que chegava a ser um insulto. Entretanto, Sinclair decidiu ignorar e gesticulou para as portas abertas.

— Minha sala, por favor. Chevalier, poderia aguardar um momento?

Antes que Asael pudesse protestar, Raskhan deu um passo à frente e balançou o shifter hiena desacordado.

— Nós chegamos ao mesmo tempo, nada mais justo do que sermos atendidos juntos, não é? Dois coelhos, um cajado. Quão ágil se torna sua noite?

Sinclair olhou para Asael e então para a hiena, a clara pergunta em seus olhos faiscando misturada a raiva. Trabalhando o maxilar em uma mordida dura, Sinclair assentiu rigidamente.

— Tudo bem. Andem logo, vocês dois.

Asael, sem perder o passo, caminhou nos calcanhares de Sinclair para dentro de sua sala e as portas se fecharam assim que todos estavam do outro lado. Sem cerimônias, Asael desovou a cabeça do demônio sobre a mesa metodicamente organizada de Sinclair, sujando um pouco com sangue as bordas de alguns papéis. O mestre soltou um som de nojo ao levantar os olhos da cabeça para onde Asael se encontrava.

— Isso seria...?

— Nosso contrato. — Tirou o papel de dentro do bolso e o bateu sobre a mesa logo ao lado da cabeça fedorenta. — Seu assassino. Aquele ali foi seu hospedeiro e talvez queira interrogá-lo, mesmo que sua memória seja mais vazia que um deserto.

Raskhan deu um passo à frente e soltou a hiena sobre a cadeira de forma desajeitada. Asael não perdeu como o í ncubo sequer pareceu suar ao carregar Diego como um saco de ossos. Sua mente o levou direto para a sala fétida onde o encontrou, completamente nu, com todos aqueles músculos à vista. Não perdeu os cumes elevados, a força encoberta pela pele cor de caramelo que parecia ter um toque de seda quente e macia.

Caminho errado de pensamentos.

Com um único toque do dedo de Raskhan na fronte, Diego abriu os olhos e ofegou.

— Tem certeza de que foi ele? — Sinclair perguntou.

— Absoluta. Nunca me engano. — Asael balançou a cabeça e cruzou os braços. — Talvez ainda haja alguma memória no

demônio que valha a pena resgatar. Antes de ter que matá-lo, resmungou muito sobre um mestre e que haveria um próximo.

Sinclair amaldiçoou baixinho, seus olhos indo para a cabeça do demônio. Diego resmungou de seu lugar e então se inclinou sobre a mesa, lágrimas escorrendo por seu rosto.

— P-por favor! Juro que não fiz nada! Esse maluco me pegou no lugar da pessoa errada!

Os olhos de Sinclair cerraram e a hiena fechou a boca, seus lábios franzindo e se encolhendo sobre a cadeira.

— Chevalier, me dê um relatório completo explicando a cabeça do demônio e porque há um shifter hiena na minha sala.

Inspirando profundamente, soltou as palavras junto com a respiração. Contou como o encontrara, sobre as balbuciações estranhas do parasita, sobre a luta com o demônio touro e que não havia outra escolha a não ser cortar a cabeça fora para se salvar. Em momento algum citou a presença de Raskhan. Ou como ainda estava se sentindo cansado pela batalha e como queria apenas se enroscar em seus lençóis e dormir por, talvez, cinco dias seguidos.

Com um aceno afiado de cabeça, o mestre se virou para a hiena chorando em silêncio em sua cadeira.

— Do que se lembra pela última vez antes de acordar?

Diego pareceu pensar e então engoliu em seco.

— Estava comprando algumas pí lulascom um fornecedor na Rua Gates. Minha lí der pediu por elas e estava recebendo com algum atraso.

— Quem é a lí der do seu clã?

— Ah... Sarm? — Diego disse mais como uma pergunta do que uma resposta.

Sinclair fechou os olhos por um breve momento e então apertou os dedos na ponta do nariz como que para ter paciência.

— Sarm. Um clã minúsculo. Por que ela não reportou seu desaparecimento?

Diego se contorceu na cadeira.

— Não desapareci por tanto tempo.

— Duas semanas pode ser considerado algum tempo. Nizra! — Sinclair exclamou e um mago de manto branco apareceu na porta, seus olhos cinzentos sérios. — Leve este rapaz para a sala

onze. Peça a Mizzamir para vasculhar sua mente em busca de algo realmente útil.

— O quê? Não! Eu contei tudo o que sei! Espere! E-eu...

Sua voz parou, seus olhos arregalados e sua mão indo para sua garganta. O mago do ar mantinha a mão fechada, cortando a respiração de Diego e o impedindo de falar. Com o menear dos dedos, o corpo se levantou e flutuou pela porta. Antes que ela se fechasse, Asael pôde ouvir o som engasgado de Diego puxando sua respiração com força para seus pulmões.

Asael se virou com o cenho franzido.

— Você disse duas semanas. Não te dei essa informação.

Ignorando Asael, Sinclair se virou para Raskhan muito quieto em seu lugar atrás da cadeira onde Diego estava.

— Onde está o artefato?

— Fiquei curioso com esse pedido, sabe? É algo extremamente perigoso, até mesmo para um Arcano.

— Isso realmente não é da sua conta. Aliás, ainda estou esperando seu relatório mensal, Raskhan. Que está atrasado.

Relatório? Era de conhecimento de todos que os líderes de cada clã de sua classe deveriam fazer relatórios sobre seus membros. Cada líder shifter deveria fazer um e enviar para o Arcano responsável para controle de tudo o que acontecia. Assim como os vampiros, bruxos, os feéricos, até mesmo os humanos. Os únicos que Asael não sabia, eram os demônios. Não havia líderes entre eles. Eram desgarrados e desorganizados.

O íncubo sorriu placidamente, seus olhos desviando para Asael e parecendo *ler* o que estava pensando.

— Tenho um motivo pelo atraso.

— Você sempre tem e não me interessa. O artefato, Raskhan.

Se Sinclair soubesse onde Raskhan estava, sabe-se lá há quanto tempo, não estaria tão desinteressado. O íncubo puxou seu terno aberto e uma mão desapareceu dentro de seu bolso interno e tirou um quadrado largo enrolado em um pano marrom. Definitivamente não havia como aquilo caber dentro de um bolso tão pequeno. Asael apertou os olhos, seus dedos coçando para se estender e tocar o bolso de Raskhan para saber de onde ele havia

tirado aquilo. Ele estendeu o quadrado para Sinclair, puxando de volta no último segundo antes que os dedos do mestre envolvessem o conteúdo.

— É meu dever dizer que isto não pode ser aberto. Se o fizer, mestre Sinclair, não haverá volta.

— Seu único dever é cuidar dos artefatos e me enviar os relatórios mensais do seu clã. Ser um dos reis do Mundo Inferior não te dá direitos superiores a mim e não te devo explicações. Agora *me dê*.

As palavras de Sinclair rodopiavam na mente de Asael, deixando-o confuso e atordoado. *Rei*? *Um dos*?

O quadrado passou das mãos do í ncubopara o mestre, que colocou com cuidado sobre a mesa. Os olhos arregalados do demônio parasita fitavam o nada de uma forma medonha quando Sinclair desenrolou o quadrado de seu pano e revelou uma simples caixa de madeira com fechaduras de ouro sujo.

A caixa das visões.

Asael deu um passo involuntário para trás ao mesmo tempo em que Sinclair falava:

— Chevalier, se isso que me disse é realmente verdade...

— Ah, sim, é uma verdade. Eu estava lá, posso confirmar.

As mãos do mestre pararam próximas da caixa, seus olhos erguendo para fitar Raskhan.

— Você o quê?

— Estava lá. Vi tudo. A hiena realmente estava possuí da.Na verdade, posso atestar muito mais coisas que o parasita falou todo o tempo que estive presente na sala com ele.

Os olhos de Sinclair cerraram e se virou para Asael com fúria em seu rosto bonito.

— E em seu relatório anterior não havia nada sobre isso por qual motivo, Chevalier?

A voz baixa soava ameaçadora. Asael apenas encolheu os ombros, seu rosto com uma máscara de indiferença.

— Não achei importante.

— Não achou... — Sinclair fechou as mãos em punhos e as apoiou sobre a mesa logo ao lado da caixa. — O que você fazia com esse demônio parasita, Raskhan?

— Inacreditavelmente, fui invocado. Alguém forte o suficiente conseguiu me invocar e me fazer de brinquedo para ele — Raskhan disse gesticulando para a cabeça do demônio na mesa. — Fiquei com ele por quatro dias. Ouvi coisas bastante interessantes, sabe? Coração, fígado, rins. Magos poderosos sendo abatidos a mando de alguém usando marionetes.

— Você ouviu um nome?

Raskhan balançou a cabeça e cruzou os braços.

— Apenas a palavra *mestre*. Asael não foi em busca do assassino do primeiro mago, não é mesmo? Ele foi o último recurso para seus magos que não conseguiam um rastro. Quantos dos seus já foram perdidos, mestre Sinclair? Cinco, seis?

— Oito — Sinclair mordeu as palavras. Seus olhos baixaram para a caixa, as veias pulsando em seu pescoço. — Oito magos nas últimas duas semanas.

— Espere um momento. — Asael esfregou sua testa, sua mente funcionando e juntando as peças apesar de estar muito cansado e confuso. — Quer dizer que há alguém matando magos e levando pedaços deles? Órgãos? Não é um evento isolado?

— Alguém, não. Um demônio parasita que você me fez o favor de desovar sobre minha mesa. Morto.

— Devido às circunstâncias que nos encontrávamos, não havia como deixar o parasita vivo, mestre Sinclair — Raskhan disse, sua calma sendo enervante.

— Pelo menos sua mente se mantém intacta durante quarenta e oito horas após a morte. — Balançou a cabeça e suspirou. Sinclair puxou uma gaveta aberta e tirou de lá um saco pesado e o jogou na direção de um Asael atordoado. — Seu pagamento, o dobro como combinado. O Ministério agradece por seus serviços.

Aquilo havia sido uma dispensa sem cerimônias. Pesando o saco com uma mão, seus olhos perscrutaram o rosto sisudo do mestre Arcano.

— Há alguém fazendo um culto sombrio de ressurreição, não é?

O ar pareceu ser sugado da sala. De repente, cada ponto escuro pareceu ainda mais sombrio, os pequenos demônios

rastejadores clicando seus dentes e unhas no teto alto. Sinclair olhou ao redor e passou pela mesa para se aproximar de Asael, fazendo Raskhan dar um passo para o lado e deixar seu corpo como se protegesse o mestiço.

— Onde você ouviu sobre isso? — Sinclair perguntou em um sussurro.

— É uma dedução. Apenas órgãos retirados de magos poderosos podem ser usados para tal feitiço.

A mão fria e úmida de Sinclair envolveu o pescoço de Asael em um aperto firme, o que forçou seus olhos na direção do rosto do mestre. Seu coração disparou ao perceber que poderia ser morto a qualquer momento. Raskhan se aproximou e sua mão envolveu o pulso de Sinclair, seus dentes se tornando longos e afiados com um silvo de ameaça.

— Solte-o, Sinclair.

O mestre ignora seus dedos apertando ainda mais o pescoço de Asael.

— Isso não sai daqui, me ouviram? Apenas meus magos da assembleia sabem sobre isso e agora vocês dois. Se isso começar a circular pela cidade, vou ter todos presos em uma sala e tendo suas mentes reviradas como um cômodo. Entenderam?

Com um aceno rápido e curto, Asael engoliu devagar quando a mão do mestre o soltou. Porém, os dedos longos de Raskhan continuavam segurando o pulso do mestre Arcano, seus lábios enrolados ao redor das longas presas e dentes pontiagudos.

— Tire as mãos, Raskhan.

— Nunca mais ouse tocar nele. Me ouviu?

— Sua posição não te dá o direito...

— Nunca. Mais. Me ouviu, Dastan?

Os olhos de Asael arregalaram suavemente ao ouvir o íncubo chamando o mestre Arcano pelo primeiro nome. Ameaçando-o pelo nome de Asael, para nunca mais tocá-lo.

Por todos os deuses amaldiçoados, quem era Raskhan?

— Se Chevalier se manter na linha, tem minha palavra que minhas mãos não irão tocá-lo. Satisfeito?

Raskhan assentiu e o soltou. Asael tentou não se sentir insultado ao ver Sinclair limpar a palma em seu manto para então

abaná-la em uma dispensa ainda mais clara. Sequer parecia abalado.

— Espero seus relatórios, Raskhan. E, Asael, se o Ministério precisar de seus serviços novamente, entraremos em contato.

As portas duplas se abriram com um rangido e com outro meneio de mão sentiu seu corpo sendo varrido para fora por mãos invisí veis até seus pés tocarem o chão do lado de fora da sala. Raskhan ofegou ao seu lado e espanou seu terno como se a poeira houvesse se agarrado a ele enquanto Asael apenas continuou olhando para as portas.

— Acho que Sinclair não poderia ter sido mais claro.

Asael se virou para o í ncubo, olhos brilhantes e faces coradas.

— Rei? *Rei*?! Por todas as maldições existentes nessa terra, como assim você é um *rei*?!

Raskhan não conseguiu evitar o sorriso, o que fez as estúpidas borboletas voarem na barriga de Asael mais uma vez. Por que vê-lo sorrir sempre parecia arrepiar sua pele de uma forma boa?

— Imaginei que ver seu rosto surpreso seria fascinante. Como consegue ficar ainda mais bonito mesmo estando tão irritado?

Reprimindo a vontade de envolver os dedos ao redor do pescoço largo do í ncubo e enforcá-lo, Asael se virou e caminhou pelo corredor em direção às escadas. Por nada nesse mundo entraria na maldita caixa elétrica com o í ncubonovamente. Enfiou o saco pesado de dinheiro dentro do bolso interno de seu casaco, franzindo o nariz por não ser maleável e quente como o anterior, destruí do pelo demônio touro.

Descendo as escadas, nem mesmo precisou olhar sobre o ombro para ver que Raskhan o seguia. Desviou de algumas pessoas que subiam, suas conversas baixinhas parando para olhar para ele e franzir o rosto em uma careta. Seres mágicos odiavam mestiços.

Ignorando, como sempre fazia, desceu o último lance de escadas e passou pelo salão de recepção cheio sem olhar para os lados. Não se atreveria a encontrar aqueles olhos mais uma vez. Quando saiu para as ruas movimentadas, puxou ar para seus

pulmões e agradeceu em silêncio o cheiro de poeira, óleo e diesel, assim como esterco dos cavalos. Aquilo era melhor do que o cheiro opressor de magia dentro do Ministério.

— Sabe que não pode escapar de mim tão fácil, certo?

Seus ombros retesaram ao se virar e encontrar o sorriso fácil de Raskhan.

— O que você quer de mim?

Aqueles olhos claros como o vidro o fitaram, a cabeça se inclinando suavemente ao dar um passo para mais perto. Asael teve de inclinar a cabeça para trás para conseguir olhá-lo direto nos olhos.

— Ainda não sei. Entretanto, não consigo apenas ir. — Raskhan expirou, o sopro quente de seu hálito batendo nas bochechas de Asael e fazendo seu interior tremer. — Posso acompanhá-lo até sua casa?

— Não.

Sua voz quebrou um pouco, o que não o deixou parecer tão convicto. Sua mão se levantou até a marca, seus dedos tocando sobre sua blusa e os olhos de Raskhan desceram até lá. Um sorriso de lado se ergueu, fazendo Asael engolir em seco.

— Não estou usando sedução em você, *dætae*. Muito menos induzindo seus sentimentos. É apenas um pedido.

Asael pensou, seus olhos indo para os lados e então de volta para o í ncubo.

— Se você for, não vai subir comigo até meu apartamento.

Asael se arrependeu assim que disse aquilo.

— Como quiser. — Assentiu, seu sorriso crescendo.

Esfregando a mão em sua têmpora, indicou com o queixo para a esquerda.

— Acompanhe meu passo. Não irei mais devagar por você.

— As pernas curtas são suas, não minhas.

Raskhan riu ao desviar de um soco e Asael reprimiu um sorriso. Mesmo o í ncubo sendo irritante, não era de todo ruim e ainda o fazia sorrir. Nunca diria isso em voz alta, porém.

6
HÁ ALGO NAS SOMBRAS

A noite se aprofundava, as estrelas se escondendo entre as nuvens. A pouca luz das ruas lançava sombras no rosto bonito e sereno de Raskhan, fazendo Asael se perguntar se todos os demônios eram assim. Sua interação com a espécie havia sido escassa e nada bonita. A última vez ainda corria por sua pele como espinhos venenosos, coçando e machucando a carne.

Estremeceu, tentando esquecer daquele maldito dia. Atravessaram a rua e Asael puxou sua máscara para cima para se proteger do vento gelado e seu capuz sobre a cabeça. O bondinho gemeu suas rodas pelos trilhos finos, seu sino soando para anunciar sua passagem. Olhando de esguelha, viu Raskhan andando com as mãos nos bolsos de sua calça social apertada e parecendo muito alheio ao frio ao seu redor.

Seus olhos desviaram quando Raskhan se virou para olhá-lo.

— Mesmo que Sinclair tenha dito para não falarmos sobre aquilo...

— É inevitável. — Raskhan se inclinou levemente na direção de Asael. — Como sabia sobre o culto?

— Meu avô me contou quando fiquei com ele. — Asael encolheu os ombros e afundou o rosto um pouco mais para dentro do capuz. — É uma lenda contada na famí lia de bruxos e ele se sentiu na obrigação de passar para mim mesmo que eu não fosse... puro.

Asael não conseguiu esconder a careta de desgosto. Ainda se lembrava das palavras do avô com clareza: *“Você não é um bruxo legí timo, mas uma mancha na árvore genealógica dos*

Chevalier. I ndependentedo seu sangue ser uma aberração, parte dele ainda é da nossa f amí liæ apenas por isso vou te contar sobre a lenda".

Seu avô o fazia sentir como se fosse errado, como se ser apenas ele fosse algo grotesco e inaceitável na história da famí lia de uma linhagem tão pura. Como se Asael tivesse escolhido nascer um mestiço.

— Seu avô parece ser uma pessoa bastante ignorante.

— Ele é. — Asael enfiou as mãos debaixo das axilas para esquentá-las, seu corpo se enrolando cada vez mais em si mesmo.

Depois que saiu da casa do avô, Asael nunca mais o vira ou mesmo teve contato. Sequer sabia se ainda estava vivo, mesmo que os bruxos conseguissem ter uma vida bastante longa na terra por conta de seus poderes.

— Apesar de tudo, ele me ensinou muitas coisas, assim como a lenda do Feiticeiro Necromante e o Culto Sombrio da Ressurreição. Meu avô me contou como uma história de terror noturna onde o feiticeiro teria órgãos roubados de grande poder para reviver sua falecida esposa. Tudo deu errado, a magia negra exigiu mais do que o pretendido e o feiticeiro acabou se desintegrando. Não dormi por algumas noites depois disso.

Raskhan assentiu levemente e disse soturno:

— É realmente uma história de terror, porém, não é uma lenda.

Os passos de Asael hesitaram por um momento.

— O que?

— Não é uma lenda. Realmente aconteceu.

— Bem, deve ter sido algo parecido. As lendas surgem de contos reais, distorcidos com o passar do tempo para assustar crianças levadas — Asael disse levantando um ombro, mas não tão convicto em suas palavras.

Não quando Raskhan parecia ainda mais soturno e perturbado.

— O conto distorce, isso é uma verdade, principalmente quando o final não é exatamente esse que você conta.

— Você fala como se estivesse lá. — Asael riu e então franziu as sobrancelhas quando Raskhan não o acompanhou.

Asael o olhou e viu naqueles olhos frios uma sombra os escurecer. Havia assombro e isso fez Asael se lembrar que Raskhan deveria ser antigo. Quantos anos ele deveria ter? Mais de mil? Isso fez Asael estremecer. Ele sempre gostou de homens mais velhos, mas...

Gostar de Raskhan? Não. Definitivamente *não*.

Decidido a mudar de assunto, cutucou o braço de Raskhan para obter sua atenção.

— Então... Rei?

Os lábios carnudos subiram em um sorriso que não era de todo alegre. Havia um pouco de depreciativo no gesto.

— É um dos termos usados, mesmo que ache um exagero.

— É sério isso?

Um ombro largo se encolheu, o rosto do í ncuboficando sério ao puxar uma folha da árvore mais próxima e a girar entre os dedos.

— A vida de um demônio criado não é muito fácil. Nós nascemos da forma que as pessoas geralmente chamam de “chocadeira”. — Raskhan riu baixinho, seus olhos observando a folha entre seus dedos. — Nascemos dos pensamentos de nossas mães. Somos gerados fora delas, em pequenas bolsas finas e muito sensí veis. Quando um demônio nasce e é fraco, é devorado vivo.

A folha girando entre os dedos de Raskhan brilhou e foi engolida pelo fogo. Asael observou-a com fascí nio surpreso, as palavras de Raskhan soando como algo que nunca pensou em ouvir e afundando em seu interior.

— Pensei que vocês se reproduziam como coelhos e povoavam o inferno sem pensar nas consequências da superlotação.

Aquilo tirou uma pequena risada divertida de Raskhan.

— Não está tão errado. Os parasitas procriam, se dividindo como as células e se espalhando como um câncer.

— Ou erva daninha.

Raskhan assentiu.

— É uma boa forma de descrevê-los.

O som de uma buzina soou, misturado ao relincho de um cavalo. Alguém xingou não muito longe ao mesmo tempo em que Asael saltava para o bondinho e Raskhan o seguia com facilidade.

Ambos se acomodaram no fundo, Asael sentado e Raskhan em pé apoiado na beirada.

— Certo. E como funciona essa *hierarquia* que você tanto fala? Onde entra essa parte de Rei?

— No Mundo Inferior nós somos classificados da mesma forma que os magos fizeram quando decidiram se revelar. — Raskhan ergueu a mão e pontuou com os dedos. — Há os diabretes, pequenos seres infelizes que podem fazer da sua vida um grande inferno. Os demônios corpóreos são aqueles que podem ser invocados com qualquer forma que o invocador desejar. Nosso amigo touro é um grande exemplo.

A lembrança fez Asael estremecer, seus músculos ainda doloridos pela luta e a ferida no ombro ainda ardendo. Puxou a máscara para baixo e inclinou a cabeça contra o fundo do bondinho para conseguir observar melhor o íncubo, seu capuz caindo para suas costas.

— Então os parasitas, você os conhece. Mesquinhos, marionetes e nada inteligentes. Subimos para os íncubos. Nós somos divididos em duas classes: os*ladrag* e os *drunm*.

— Não entendo todas as palavras demoníacas, Raskhan. Traduza — Asael disse, gesticulando.

— *Ladrag* seriam os lacaios e *drunm* o que poderia chamar como Imperadores.

— E você chama a palavra Rei de exagero — resmungou.

O sorriso do íncubo se tornou debochado. Seus braços cruzaram e os olhos de Asael se viram presos na forma como o terno abraçava os músculos e sua boca se encheu de água. Piscando e desviando os olhos para o rosto do íncubo, viu aqueles olhos frios brilharem em vermelho brevemente.

Um braço se descruzou e a mão de dedos longos subiram para passar pelo cabelo preto, empurrando as mechas para trás e aquilo não fez muito para empurrar Asael para longe. Ao contrário, ele queria seus dedos ali, no lugar da mão de Raskhan. Comprimindo os lábios, cruzou as mãos com força, o couro de suas luvas gemendo no aperto, e as enfiou entre os joelhos, seus olhos fitando o teto do bondinho com interesse.

— Então você é um Imperador?

Raskhan grunhiu e o som pareceu se conectar direto com o pau de Asael.

— Me sinto lisonjeado por pensar imediatamente que sou um Imperador.

— Você não me parece ter a cara de um lacaio — Asael falou e torceu o rosto em uma careta, o que fez Raskhan rir baixinho.

— Não? Bem, *ladrags* são í ncubos que são invocados por qualquer pessoa, ou muitas vezes os possuem em seus sonhos quando estão muito excitados. Absorvem prazer de tudo e de qualquer coisa, incontroláveis e volúveis. Por isso são chamados de lacaios. Não se importam com quem deitam, apenas recolher o prazer no final e se alimentar.

— Sanguessugas — Asael resmungou.

— Praticamente. Porém, os Imperadores são diferentes. Ser da famí liade um Imperador se torna difí cilde ser invocado, mas não impossí vel. O invocador precisa ser muito forte para conseguir. Nós somos divididos em sete para conseguir abranger maior território do Mundo Inferior para que tudo não se transforme em um grande caos. Quando um filhote chega a uma idade madura, nós somos jogados dentro de uma arena e obrigados a lutar até a morte com o Imperador vigente.

— Isso é tão...

— Arcaico?

Asael assentiu. Raskhan meneou a mão com descaso.

— É tradição. O mais forte sempre precisa estar no topo.

— E você é o que entre os sete? Do meio? O sexto?

Os lábios de Raskhan se franziram por um breve momento antes de resmungar:

— O primeiro.

Os olhos de Asael arregalaram e uma risada incrédula saiu dele.

— Pensei ter ouvido você falar primeiro. Não foi isso, certo?

Raskhan suspirou, seus ombros caí dos.

— Quem me dera a realidade ser outra, mas... não. Sou o primeiro *Drunm*, soberano de todo o Mundo Inferior.

Asael engasgou, sua mão subindo para sua garganta. Seu rosto deveria estar transparecendo toda sua incredulidade, já que o í ncubo torceu o próprio rosto.

— Primeiro... — Asael passou a mão pela bochecha, seu pequeno mundo abalado por um breve momento. — Por isso Sinclair... Você... Maldição. Eu realmente não sabia nada sobre demônios.

Isso tirou uma risada de Raskhan, o que fez Asael perceber como gostava do som. Apertando o polegar entre os olhos, fez outra pergunta.

— Você já foi intimado a lutar depois que se tornou um dos sete? Quero dizer, você é o primeiro. Deve ter alguma briga por isso.

— Quatro vezes — Raskhan disse com uma voz grave, seus olhos parecendo sombrios de repente antes de voltar a olhar para Asael e um sorriso fácil surgir. — Continuo de pé. Ainda sou o mais forte.

Asael não conseguiu evitar de deslizar os olhos pela forma alta de Raskhan. Cada parte do í ncubodescrevia força e agilidade, levando a mente de Asael a mergulhar em um terreno perigoso onde o í ncubonão vestia nada além de lençóis pálidos contra sua pele de caramelo e um sorriso tentador.

Sua respiração engatou e engoliu em seco ao ver as narinas de Raskhan se expandindo como que para capturar melhor os cheiros. Viu seus punhos se apertarem, seu maxilar ranger e suas í ris se tornarem vermelhas. Aquilo era um claro sinal de que o demônio estava ficando fora de controle. Asael deveria estar com medo e pronto para correr, entretanto, sua pele se arrepiava com a sugestão de que poderia ser atacado.

Dentes pontiagudos raspando sua pele, dedos longos massageando sua carne, lí nguas se enroscando e suspiros perdidos. Asael balançou sua cabeça com força e lutou contra a vontade de tocar sua marca. Não havia como um í ncubopassar por sua magia. Ou talvez... Talvez um Imperador conseguiria?

— Sangue amaldiçoado... — Raskhan murmurou e se virou, seus ombros tensos ao se pendurar para o lado de fora do

bondinho. Seu rosto inclinou, como que para receber um pouco de ar que parecia ter sido tirado de seus pulmões.

Asael se sentia assim também. Apertado, sufocado. O cheiro de Raskhan o rondava e ele só queria escalar o íncubo e sentar seus quadris sobre o do outro. Sem pensar duas vezes, saltou para fora do bondinho ainda andando e quase tropeçou em seus pés. Apertando o calcanhar de sua palma contra a testa, forçou toda aquela excitação para longe.

— Asael...

Ele ergueu um dedo, calando o demônio. Encostou um ombro contra a parede e inspirou, tentando encontrar a língua.

— Eu tenho uma marca. Não há como...

— Não. — A voz de Raskhan soou baixa, mas Asael viu quão verdadeiro era. — Nunca faria isso, Asael. Explicando a você de onde venho, pensei que poderia entender... *Perceber* que não sou assim. Não como os outros.

Seus olhos levantaram e fitaram o rosto do íncubo parcialmente iluminado pela lamparina precária. Não havia mentiras naqueles olhos tão claros. As sombras poderiam fazer com que parecesse ainda mais bonito e também um pouco sombrio. Asael fechou os dedos para segurar a vontade de tocar.

— Desculpe. Minhas interações com sua espécie não foram muito satisfatórias. — Sua careta fez Raskhan cerrar os olhos e franzir as sobrancelhas. — Acabo colocando todos no mesmo cesto.

— Percebi — Raskhan disse secamente. — Como já disse em sua casa, tenho *princípios* Nunca seduzo ninguém que não queira, que não tenha demonstrado claro interesse. Forçar uma pessoa... Isso é estupro, *dætae*.

— Você continua me chamando assim — murmurou. — Do que se trata, afinal?

Raskhan abriu a boca e tornou a fechá-la. Sua cabeça se inclinou suavemente para o lado, seus olhos pegando além, indo até o final da rua e observando. Os ombros de Asael retesaram.

— Ainda está ali?

— Sim. — Raskhan então olhou para Asael, uma sobrancelha arqueada. — Você sabia?

— Não sou apenas um mestiço qualquer — zombou, puxando sua máscara para cima mais uma vez. — Por isso subi no bondinho. Pensei que poderia despistar dando algumas voltas, mas parece que falhei.

— Oh, então por isso você estava indo para o outro lado? — Raskhan soltou uma risada. — Pensei que estava apenas arrancando informações enquanto tentava me enganar.

— Se quisesse enganar você, teria desaparecido ainda nas escadas.

O sorriso de Raskhan se tornou arrogante, suas mãos se plantando em seus quadris enquanto seu corpo se inclinava suavemente na direção de Asael.

— Veja se essa não é uma declaração importante.

— Não faça isso maior do que é — Asael falou, empurrando o rosto de Raskhan para longe.

Aprumando os ombros, enfiou as mãos nos bolsos de suas calças escuras e gastas e se virou para continuar caminhando. Podia sentir a presença do farejador em seus calcanhares e não conseguia saber se era a mando de Sinclair ou algum outro inimigo. Não que Asael quisesse fazer de Sinclair seu inimigo, mas coisas ruins aconteciam.

Principalmente com ele.

— Você pretende correr em cí rculos até quando?

— Até ele me perder de vista ou se cansar.

Raskhan soltou um bufo descrente.

— Aquilo é um farejador *mágico*. Não se cansa.

— Há sempre uma primeira vez para tudo.

— Ou eu poderia simplesmente quebrá-lo em dois. — Raskhan apontou, seu polegar sobre o ombro.

Asael balançou a cabeça, seus olhos cerrando e olhando furtivamente sobre o ombro para o pequeno ladrão a menos de duzentos passos deles.

— Há algo... Eu não sei dizer o que é. Não é apenas mágico. *É anormal*. Talvez quebrá-lo não seria possí vel.

Seus olhos pegaram a rua pouco movimentada do bairro em que descera e percebeu o quão idiota poderia ter sido. Se o farejador em seus calcanhares fosse mais do que apenas um

seguidor, Asael teria que fazer seus músculos doloridos funcionarem.

O que não parecia agradável a ele.

Puxando seu capuz sobre os cabelos, começou a pensar em rotas de fuga. Seus poderes não poderiam ser revelados. Já havia feito muito na noite anterior para se livrar do touro e não queria demonstrar demais, mesmo que não houvesse muitas pessoas na rua. Talvez jogar alguma distração para que pudesse correr... Seus olhos caí ramde volta para o í ncubo,sua mente dizendo claramente que isso já havia se tornado um hábito, quando este o olhou de volta com sobrancelhas arqueadas.

— Vi você fazendo aquela folha pegar fogo. O que mais pode fazer?

— Tenho muitos segredos na manga — disse, seu sorriso parecendo conspirador.

Asael lutou contra a vontade de rolar os olhos.

— Precisamos de uma distração para conseguirmos fugir.

— Ou, talvez, só precisemos misturar nossos cheiros e então abro um portal para seu apartamento.

Os olhos de Asael cerraram. A imagem ví vida de Asael se esfregando no í ncubo para misturar seus cheiros fez arrepios subirem por sua pele e arrancou um grunhido de Raskhan.

— Não exatamente assim — disse entredentes e coçou sua têmpora. Talvez seus pensamentos estivessem escritos por todo seu rosto. Asael não perdeu como o vermelho brilhava em seus olhos mais uma vez. — É um truque do ar, onde misturo seu cheiro com o meu e aos arredores enquanto nos deixo invisí veis. Então podemos desaparecer...

— Não pode apenas fazer isso sem precisar misturar nada?

O olhar que Raskhan deu, Asael não saberia descrever. Poderia ser pena misturado com impaciência ou apenas ceticismo. Tédio também.

— Se fosse apenas eu seria mais fácil, *dætae*, mas seremos dois. Há um pouco mais de concentração acontecendo.

— Oh, claro. Desculpe.

O braço de Raskhan se estendeu e passou sobre os ombros de Asael, apenas para o mestiço se ver ouriçado e pulando para

longe como um gato escaldado.

— Pelo inferno... O que está fazendo, Asael?

— Não pensei... O que você disse... Não achei que haveria toques — resmungou, puxando seu casaco na sua frente e franzindo seu rosto em uma carranca.

Balançando a cabeça, Raskhan tornou a passar o braço pelos ombros de Asael e o puxou com força ao seu lado, prendendo-o. O cheiro de almí scar e cravo inundou as narinas de Asael, deixando-o tonto brevemente. Seus pés tentavam acompanhar os passos largos do í ncubo sem tropeçar enquanto uma pequena névoa cinza os rodeava.

— O que...

— É uma ilusão. Fique quieto.

O cheiro de ferro se intensificou, assim como das árvores, a grama, os perfumes aleatórios e do vento carregando todo tipo de aroma dos restaurantes, bares, esgotos e becos sujos. Asael comprimiu os lábios, sua garganta se fechando com aquele assalto em seus sentidos todos de uma só vez. Seu capuz caiu com a pressa e Asael puxou sua máscara para baixo para conseguir respirar melhor.

A mão de Raskhan deslizou por seu braço e ombro e então se alojou em sua nuca, o peso confortável e quente deixando-o mais calmo conforme avançavam mais e mais rápido pelas ruas. As pessoas passavam por eles como se não os vissem, mal desviando de seus corpos. Nem mesmo as luzes das lamparinas formavam suas sombras no chão e paredes. Com um impulso surpresa, Asael se viu sendo empurrado por um beco e o corpo do í ncuboo envolvia por completo.

Seus olhos se arregalaram, seu coração batendo em seu peito em antecipação. E quando olhou para o rosto de Raskhan, ele sabia que algo iria acontecer que poderia mudar muita coisa.

Desde que saí ra do Ministério, Raskhan sentiu aquela presença incômoda farejando suas costas e deixando os pelos de sua nuca arrepiados. Não imaginava que Asael poderia tê-lo sentido

também. Seus olhos pegaram a forma sombria, com o focinho alongado e de dentes afiados aparecendo pela borda do lábio pegajoso. Olhos vermelhos foscos e pelos marrons como lama oleosa.

Era anormal, como Asael dissera.

Raskhan inspirou, o cheiro podre de magia negra deixando um rastro ruim por seus pulmões. A conversa com Asael havia sido bem-vinda, afastando sua mente daquela pequena praga rondando. O cheiro de luxúria e desejo vindo do pequeno *miccã* foi tentador, algo que Raskhan nunca sentiu em toda sua longa vida. Seu demônio queria sair e brincar, usar aquele corpo pequeno e maleável ao seu bel prazer e descobrir cada ponto erótico naquela pele pálida.

Entretanto, não era um momento para isso. Sua parte racional empurrou seu demônio, forçando sua mente a se focar no farejador imundo os seguindo. Só havia uma forma de escapar daquilo e só então poderia pensar com calma sobre colocar Asael sobre suas costas em uma cama macia. E ele sabia que era Asael o alvo. Quando cobriu seu cheiro com o do mestiço, os olhos do farejador brilharam com vitória, fazendo Raskhan tremer com fúria.

Aproveitando a pequena brecha de distração, o farejador olhando ao redor e parecendo muito confuso para onde seguir, Raskhan empurrou Asael para o primeiro beco que encontrou e o cercou com seu cheiro para ter certeza de que havia despistado a criatura. Entretanto, percebeu tarde demais a posição em que haviam ficado.

Seu nariz se alargou, capturando o cheiro suave de sândalo e natureza que apenas Asael parecia ter. Quente, convidativo, refrescante e provocativo. Seu corpo estremeceu quando as mãos de Asael pousaram sobre sua barriga, mesmo sobre a camisa e o colete e o couro de suas luvas ele conseguia sentir quão quentes eram. Sentiu seus chifres despontarem, seus dentes alongando, suas asas implorando para sair assim como seu rabo. Seu demônio estava descontrolado.

Meu.

Seus braços o cercaram, seus rostos quase colados. O sopro quente de sua respiração bateu contra a bochecha de Asael e

por um breve momento se esqueceram que estavam sendo seguidos. Raskhan olhou para aqueles olhos dourados e se perdeu, sua respiração ficando pesada. A boca de Asael se entreabriu e Raskhan se viu perguntando como seria o gosto daqueles lábios. Se seriam macios e devastariam sua boca sem piedade, o levando para o abismo?

Raskhan queria descobrir.

Seu corpo doí a por isso.

Seu demônio *implorava*.

Apenas um sussurrar... Seus lábios se encontraram e todo o corpo de Raskhan se arrepiou. O toque suave o enviou a uma espiral, onde apenas aquilo não era suficiente, mas, ao mesmo tempo, era surpreendente. Asael suspirou, de surpresa ou prazer, Raskhan não poderia dizer naquele momento. Não quando tentava entender o próprio corpo reagindo ao beijo que poderia ser visto como inocente.

Os dedos de Asael flexionaram, puxando um punhado do colete e sua camisa e sua boca se abriu. A lí ngua de Raskhan mergulhou e seus joelhos se tornaram fracos ao sentir o interior quente de sua boca e ser recebido tão prontamente. Seu pau empurrou em suas calças, suas mãos subiram pela espinha de Asael para sua nuca, emaranhando nos cabelos finos e prateados. Ele puxou, o que fez um gemido subir pela garganta e então Raskhan o engoliu ao aprofundar ainda mais o beijo.

Um ganido ecoou pela rua e a mente de Raskhan rastejou para fora daquela pequena bolha prazerosa. Sua boca se afastou, seus olhos bebendo do rosto de bochechas coradas e lábios inchados e molhados para desviar e fitar a rua. O farejador passou do outro lado da calçada, seus olhos fumegando e procurando pelo seu alvo. Engolindo em seco, Raskhan puxou o corpo de Asael contra o seu e fechou os olhos ao dar um passo para frente.

Sentiu o ar frio o envolver e então o nada. Apenas um segundo se passou, mas para ele foram como séculos. Quando abriu os olhos mais uma vez, estavam do lado de fora das portas do apartamento de Asael. E agora ele teria que sofrer as consequências daquele beijo que virou seu mundo de ponta-cabeça.

7
PROVOQUE-ME

Asael sentiu sua cabeça girar por um momento e então todos os sons da rua se foram, preenchidos pelo silêncio do corredor do seu prédio. Estava se sentindo um pouco confuso e *muito* excitado. Nunca, em toda sua vida, um beijo foi tão erótico como aquele. Maldição, seu corpo se arrepiava apenas em lembrar daquela lí ngua contra a sua, daqueles lábios contra os seus.

Espalmando as mãos contra o peito de Raskhan, o empurrou para trás e deu um passo para mais longe, suas costas batendo contra sua porta. Sentiu a barreira de proteção e se sentiu mais calmo, sabendo que estaria protegido assim que empurrasse a porta e deixasse o í ncubo no corredor. Ele nunca seria capaz de entrar sem a permissão de Asael.

Aqueles olhos vermelhos o fitaram e Asael perdeu o fôlego. O rosto de Raskhan nublou, se tornando mais pálido e seus cabelos ficando mais claros. Não eram lábios carnudos, mas finos e rosados. Sua pele não era mais caramelo, mas pálida e parecia fria. Seu coração disparou de modo ruim, sua boca secou e suas palmas suaram.

Não o deixe se aproximar. Não deixe que toque você. Não...

No fundo, sabia que era apenas o pânico se instalando em suas veias e distorcendo a realidade. Porém, não deu ouvidos ao seu discernimento. O terror estava enraizado. Gravado em sua pele. Seus olhos se arregalaram, sua mão voando para a maçaneta quando a voz grossa pareceu penetrar um pouco em seus ouvidos.

— Asael? O que houve, Asael?

Ele piscou, o rosto embaçado na sua frente e percebeu, com horror, que estava chorando.

— Eu... Eu...

— *Dæetae*, me perdoe. Prometo nunca mais tocar em você. Apenas... Me desculpe, *dæetae*.

Raskhan.

Era Raskhan que estava ali, não... Não o *outro*.

Asael assentiu, sua cabeça pesada de repente, e então a balançou uma, duas vezes. Pressionou o polegar em sua têmpora, seu estômago se revoltando.

— Não foi você... Não... Não se desculpe. — Asael sentia sua voz estranha. Piscou, tentando firmar a visão. — Me dê um minuto, sim?

— O tempo que você precisar.

Viu aquela mão de longos dedos, a mesma que o segurou com tanto cuidado minutos atrás, se levantar para tocá-lo e então recuar. Não deveria, mas aquilo doeu. Comprimindo os lábios, Asael empurrou a porta e gesticulou para dentro do apartamento.

— Eu vou... sentar. Você pode... beber algo, ou... Eu não sei, talvez ler alguma coisa.

Lembrou que havia dito que quando chegassem em seu prédio, o íncubo não iria entrar em seu apartamento. Agora ele estava ali, chamando-o para entrar e beber alguma coisa. Asael riu sob sua respiração. Puxando a máscara longe de seu pescoço e retirando as luvas com cuidado, Asael olhou para sua sala pequena e viu Akuma sentado em seu lugar habitual. Seus olhos brilharam na direção da porta, o ignorando completamente.

— É incrível como meu gato parece gostar de você — Asael resmungou.

O silêncio o respondeu e por um breve momento o pânico varreu seu corpo, o deixando com sangue frio correndo nas veias com a percepção de que Raskhan havia ido embora. Se virou, sua visão nadando com a velocidade, e piscou na direção da porta. Soltou um suspiro de alívio e pousou a mão sobre a barriga, seus dedos segurando as luvas com força.

Raskhan ainda estava ali. Parado na porta de braços estendidos ao lado do corpo e o rosto destituí do de qualquer emoção. Entretanto, Asael conseguiu ver naqueles olhos azuis tão claros um sentimento que não conseguia descrever.

— Hm... Você não vai entrar?

— Barreira mágica — Raskhan disse, uma mão se levantando e acenou ao redor da porta.

— Oh. Claro, desculpe. Eu... Ah... — Asael lambeu os lábios e respirou com força. — Um segundo.

Fechando os olhos, Asael puxou a magia e recitou em silêncio as palavras que permitiam a entrada do í ncuboem sua casa e o deixando com a passagem livre a partir daquele momento. Seria uma loucura? Provavelmente. Asael mal conhecia aquele demônio. Mal haviam se passado 24 horas desde que se encontraram pela primeira vez naquela sala imunda.

E então ele foi beijado como se fosse a primeira vez.

Empurrando aquele pensamento para o canto de sua mente, abriu os olhos e acenou para Raskhan.

— Você pode passar agora.

Raskhan olhou ao redor, seus dedos tocando a barreira invisí vel e sua boca se torcendo ao sentir o formigamento em sua pele. Seu grande corpo passou, sua cabeça quase encostando no beiral de cima. Por que ele tinha de ser tão alto daquele jeito? Era um requisito para ser í ncubo? Se bem que... nem todos os outros pareciam tão grandes assim. Talvez porque Raskhan fosse um Imperador?

Cansado, Asael soltou um gemido e caiu sobre o sofá. Sua cabeça doí a demais com todas as informações daquela noite correndo por sua mente. Era muito para processar. Jogou um braço sobre os olhos, seus músculos cansados se afundando no estofado macio e gasto. Sentiu a presença de Raskhan sobre ele muito antes de sua voz arrepiar cada pelo de seu corpo.

— Você parece cansado. Comeu alguma coisa além das panquecas?

— Qual sua fixação sobre minhas refeições? — E, como protesto, seu estômago roncou alto e suas bochechas coraram

furiosamente. Empurrando o braço para um de seus olhos fitar o demônio carrancudo. — Isso não quer dizer que não comi.

— Mas está com fome.

— Posso estar — resmungou.

Raskhan assentiu e caminhou para sua pequena cozinha, deixando seu paletó sobre uma das cadeiras no caminho. Asael sentou-se sobre o sofá e viu a bela curva da bunda do í ncubovirada para ele quando se inclinou para vasculhar seu armário de baixo.

— O que está fazendo?

— Vi um pouco de macarrão e alguns legumes em sua geladeira. — Raskhan se endireitou e colocou as panelas sobre o pequeno fogão, arregaçou as mangas de sua camisa até os cotovelos e Asael salivou um pouco ao ver aqueles antebraços morenos e fortes. Uma pequena marca parecida com uma runa se via no pulso direito. — Não é grande coisa, mas deve servir. Aliás, sua despensa é uma vergonha.

Os olhos claros de Raskhan o fitaram com repreensão, mas Asael estava muito ocupado observando de longe como o demônio parecia em casa ao se movimentar pela cozinha. Viu pegar os legumes e deixá-los sobre o balcão e como as mãos do í ncubo eram eficientes ao picar um por um. Asael era muito bom com uma adaga para cravar na carne de algum inimigo, mas nunca seria capaz de picar uma batata com tanta eficiência assim.

Akuma miou, seu corpo peludo passando entre as canelas de Raskhan, implorando por um pouco de atenção. Asael não tinha percebido que o demônio usava sapatos. Tão acostumado com suas botas, Asael sempre pensava que todos usavam também. Não sapatos pretos lustrosos e sem um pingo de lama neles. Ou calças de alfaiataria, tão caras e que pareciam cair muito bem em Raskhan. Asael sempre teve uma queda por homens usando roupas sociais.

— Pare, *dætae*.

O murmúrio rouco fez Asael erguer os olhos das pernas de Raskhan direto para seu rosto concentrado. Suas narinas estavam alargadas, seus dedos apertados ao redor da faca. Um í ncubo poderia ler a mente de outra pessoa? Não. Um í ncubopodia *sentir* a

excitação de alguém. E Asael estava ficando muito excitado vendo o demônio cozinhar.

Levantando-se com um impulso, empurrou os cabelos longe do rosto e apontou para o quarto.

— Ah... Eu vou... Hm, banho. Enquanto você...

— Apenas vá, *dætae*.

A voz de Raskhan saiu baixa e um pouco torturada, o que fez com que Asael fosse ainda mais rápido para longe. Batendo a porta, apoiou as costas contra a madeira e cobriu o rosto com as mãos. Que dia mais estranho estava sendo aquele.

Tirou suas roupas, jogando-as no cesto de modo desleixado e entrou em seu banheiro frio. Parou na frente de seu espelho e fez uma careta ao ver as olheiras escuras e a barba rala. Resmungando, puxou sua lâmina de barbear e a espuma, raspando os fios e deixando seu queixo liso mais uma vez. Precisava cortar os cabelos também, mas isso teria que ficar para outra hora.

Ligou o chuveiro e colocou a mão debaixo da água até senti-la esquentar e deixou com que batesse em suas costas para relaxar os músculos. Um gemido acabou subindo por sua garganta e então se lembrou de como as mãos de Raskhan se enroscaram em seu cabelo e sua lí nguao saqueou. Suas mãos se fecharam em punhos apertados quando seu corpo se arrepiou e suas bolas apertaram.

Precisava encontrar alguém para transar e tirar toda essa tensão acumulada correndo por seu corpo. Era apenas por isso que não conseguia tirar o í ncubo da cabeça. Ou deixar de imaginar como seria aquelas mãos de dedos longos correndo por sua pele. Outro gemido escapou e sua mão acabou envolvendo a base do seu pau e apertando. Ele não iria se masturbar pensando no í ncubo em sua cozinha, ia?

Seu corpo se curvou com necessidade, sua mão puxando até a ponta por vontade própria e arrancando um grito baixo de sua garganta. Sua testa se apoiou na parede fria e úmida, seus olhos fechados apertados enquanto cada parte de seu corpo tremia. Seu sangue corria cada vez mais rápido, seu coração retumbando em sua garganta. Era apenas para ser um banho, relaxar os músculos e lavar a poeira da rua e por passar por um portal forçado.

Sua mente voltou mais uma vez para o beijo. Seu pau estremeceu e Asael se viu dando golpes lentos para amenizar a dor. Seus dentes se afundando no lábio inferior com força quando imaginou a porta de seu banheiro se abrindo e Raskhan entrando. Suas roupas caindo e então sua mão empurrando a porta de vidro aberta. Aquele corpo forte e nu o envolvendo no banheiro, sua boca o tomando em um beijo mais uma vez e sua mão empurrando a de Asael para tomar seu lugar. Asael ofegou, o fogo lambendo sua espinha quando o orgasmo subiu sem aviso algum.

Sua mão cobriu a boca para conter o grito de êxtase surpreso, seu gozo pintando os azulejos claros e se misturando com a água. Seus joelhos dobraram, suas unhas arranhando a parede em busca de apoio antes de cair no chão. Trêmulo, Asael piscou para desembaçar a visão e empurrou os cabelos molhados para longe dos olhos.

O que havia acabado de acontecer?

Levantando-se com cuidado e ainda sentindo as pernas um pouco moles, terminou de se lavar e enxaguar a parede. Quando desligou a água, seu corpo parecia limpo e fresco, mesmo que sua cabeça ainda estivesse uma insana bagunça. A ferida em seu ombro latejava um pouco, a carne ainda se fechando e parecendo um pouco sensí vel.Seus dedos se enroscaram no amuleto em seu pescoço e se fecharam ao redor, seus olhos fechando ao se concentrar e sentir sua essência. Ainda era a mesma. Franziu o cenho ao perceber um pequeno fio violeta se entrelaçando ao prata.

Isso era novo, e um pouco preocupante.

Soltando o amuleto e abrindo os olhos novamente, pensou que poderia ir até Annasias, um bruxo velho e amigo, para perguntar sobre isso. Colocando uma camiseta um pouco amarrotada, mas limpa, e uma calça de moletom, Asael se sentia um pouco mais estável para enfrentar o í ncubo em sua cozinha. Assim que saiu do quarto e pisou na sala, viu Raskhan encurvado sobre a pia, seus ombros parecendo tremer um pouco.

— Raskhan? Tudo bem?

Seu rosto virou parcialmente e Asael teve um vislumbre de vermelho nos olhos. Entretanto, o surpreendente não era isso. Seus cabelos estavam mais longos e chifres saí amdo meio dos fios perto

da têmpora e se enrolavam para trás em uma curva suave com as pontas para cima. Asael ofegou ao ver um rabo chicotear perto do balcão e percebeu que vinha de Raskhan.

Raskhan tem um rabo!

Um rabo!

— Você...

— Apenas um minuto — Raskhan disse entre dentes cerrados. — Perdi um pouco do controle. Eu...

Asael viu seus olhos vermelhos se fecharem, seu grande corpo tremendo suavemente. Só então percebeu como ele parecia bem maior do que antes e sua camisa estava a ponto de estourar. Com um suspiro, Raskhan apertou as mãos em punhos sobre a beirada da pia e seu corpo pareceu desinflar. Os chifres se foram, assim como o rabo.

Inferno, Asael se sentia tonto.

Raskhan pigarreou, sua mão puxando a gola de sua camisa aberta e puxando seu colete para baixo. Seus olhos, agora azuis novamente, estavam fixos nas panelas borbulhando no fogão.

— Sinto muito que tenha visto isso.

— Você tem um *rabo*?

Aqueles olhos frios se viraram surpresos para Asael.

— Hm, todos os í ncubos possuem um.

Asael teve de se sentar por um momento. Tateando, puxou a cadeira mais próxima e desabou sobre ela. Não era apenas um mito? Desenhos antigos da imaginação humana antes do real surgir e acabar com todas as suposições?

— Todos... Inferno, como nunca *vi* isso?

— Porque escondemos. Apenas quando... perdemos o controle — Raskhan disse em voz baixa e pigarreou, virando-se para as panelas mais uma vez e verificando a sopa. — Muito raramente. Agora me diga, o que pretende fazer sobre o farejador?

Nada sutil em mudar de assunto. Asael esfregou a têmpora e estremeceu com a gota de água que escorreu do cabelo por dentro da gola de sua camiseta e desceu por sua espinha. Quando perdem o controle... Por que Raskhan havia perdido o controle? Asael estava apenas no banho por...

Banho.

Seus olhos se arregalaram, suas bochechas corando furiosamente ao se lembrar o que exatamente estava fazendo naquele banheiro. Será que... Será que Raskhan tinha sentido? Os í ncubosse alimentavam do prazer humano. E se o demônio em sua cozinha parecia tão perturbado quando Asael entrou... Por todos os malditos santos!

Sem conseguir olhar para Raskhan, Asael se virou na cadeira lhe dando as costas e olhando para um Akuma muito curioso no braço do sofá. Mudar de assunto, isso parecia muito apropriado.

— O farejador? Não pensei muito sobre ele. — Fechou os olhos, seus lábios se apertando. — Imagino que seja apenas Sinclair se precavendo sobre o que sabemos.

— Acha mesmo que seja o Arcano?

— Quem mais poderia ser? — Asael franziu as sobrancelhas, seus ombros se curvando. O cheiro da comida fez seu estômago roncar. — Sou apenas um mestiço assassino.

— Que matou o parasita de algum mestre poderoso que está recolhendo magos para ter seus órgãos retirados para um ritual sombrio. — Raskhan apontou.

— Não sou poderoso para fazer esse idiota ter interesse por mim. — Asael se virou, seus braços se apoiando na bancada e observando Raskhan provar da sopa antes de tampar a panela novamente. — Matei um parasita, e daí ?Qualquer um poderia fazê-lo.

— Você tomou o controle do demônio, Asael — Raskhan disse soturno, seus braços se cruzando sobre o peito. Seu rosto estava sério quando o olhou. — Isso não é para qualquer um.

— E estou quebrado desde então. — Abanou a mão com descaso, mesmo que os pelos de sua nuca se levantassem em receio. — Um bruxo treinado poderia fazer.

— De verdade? O segredo dos bruxos e sua magia sempre foi um mistério. Sabemos que vocês usam certos artefatos, mas não sabemos quais. O amuleto é o seu?

A mão de Asael se moveu automaticamente até seu pescoço, apertando o amuleto debaixo da camiseta. Por esse motivo, Asael havia colocado um feitiço de esquecimento na cabeça

de Raskhan. Alguém saber do que ele realmente era capaz, não era bom. Seus dons, o poder que sempre tocava no fundo de sua alma, ninguém poderia saber.

E se o mestre do parasita tivesse percebido?

Um prato fumegante foi colocado debaixo de seu nariz e uma colher limpa balançou na frente de seu rosto. Raskhan o olhava de perto, seu rosto com um sorriso pequeno e olhos calorosos.

— Não se preocupe comigo, *dætae*, seu segredo está seguro. Agora coma. Poderia ouvir seu estômago roncando de longe.

Asael tomou a colher de sua mão, resmungando algo sobre um demônio abelhudo mandão, e mergulhou na sopa com um cheiro incrí vel. Assoprou e assim que tomou uma porção do caldo, seu gemido não poderia ter sido segurado. O sorriso de Raskhan aumentou e assentiu, parecendo satisfeito.

— Isso está incrí vel! Tem certeza de que fez isso? Não comprou de algum restaurante enquanto estava no banho?

Ele lhe jogou um olhar por sobre o ombro que parecia cético, ou mesmo exasperado, e apoiou o próprio prato sobre a bancada de frente para Asael.

— Sim, eu mesmo fiz.

— Então um Imperador pode fazer uma sopa? — Asael provocou, suas sobrancelhas balançando e rindo quando viu Raskhan se remexer em seu banco.

— Gosto de cozinhar — resmungou. — Agora cale-se e coma.

Aquilo apenas fez Asael rir mais alto, arrancando um sorriso do rosto sisudo do í ncubo. Eles comeram em um silêncio confortável, o barulho de colheres contra o prato sendo o único som no apartamento pequeno. Asael estava raspando o fundo de seu segundo prato de sopa, percebendo o quanto estava faminto, quando se lembrou de algo de sua conversa anterior.

— Você disse algo sobre apenas alguém muito poderoso poder invocar um Imperador. Como, então, aquele demônio conseguiu fazer isso?

Raskhan parou de lavar a louça, seu cenho franzindo enquanto pensava.

— Além de ter uma grande manipulação de magia, a pessoa precisaria ter meu nome para isso. Pensei, no começo, que havia sido uma aposta entre meus irmãos idiotas. Entretanto, com o passar dos dias, percebi que havia sido um terrí vel azar. Aquelas malditas algemas de retenção fediam magia negra.

— Irmãos?

Raskhan suspirou, seu quadril se apoiando na pia enquanto enxugava suas mãos. Asael percebeu que poderia ver isso todo dia, o dia inteiro, e não iria se cansar.

— Uma súcubo precisa ter vários filhos para garantir que pelo menos um deles irá se tornar o próximo Imperador. Minha progenitora teve em torno de oito antes de mim e mais seis depois que nasci.

— Puta que pariu, quinze filhos? Isso em quanto tempo?

— Cerca de cem anos, acredito — Raskhan falou, seu cenho franzido. — Apenas dois de nós conseguiu se tornar Imperador e ainda continua no trono.

— Isso faz com que haja algum ciúme, ein?

O sorriso de escárnio de Raskhan respondeu à pergunta de Asael.

— Algumas alfinetadas são ouvidas quando nos encontramos. — Jogando o pano de lado, Raskhan cruzou os braços e fitou o teto. — Um dos motivos de quase não ter ido ao Mundo Inferior com frequência nos últimos anos. E meu irmão mais novo, que está como quinto Imperador, é realmente irritante. Talvez seja ele que possa ter deixado meu nome de fácil acesso.

— E quem precisa de inimigo com irmãos assim? — Asael apontou ao se levantar e colocar o prato na pia. Sua boca se abriu em um bocejo, quase quebrando sua mandí bula.

— Você deveria dormir um pouco, *dætae*.

— Não estou tão cansado assim — disse, seu corpo vacilando.

Mãos quentes seguraram seus ombros quando seu rosto bateu contra um peito sólido. Dedos gentis acariciaram seus cabelos e Asael poderia ter ronronado um pouco com isso.

— Tem certeza? — Sua risada grossa vibrou contra a bochecha de Asael.

— Você colocou alguma coisa naquela sopa. — Sua voz saiu um pouco arrastada, seus olhos pesados.

— Nada além de legumes e macarrão. É apenas seu corpo pedindo descanso, *dætae*.

Os dedos de Asael se arrastaram pelo colete de Raskhan, segurando-o em um aperto firme quando suas pernas se dobraram. Sentiu ser levantado, seu rosto se aninhando no pescoço forte.

— Poderia dizer para dormir aqui, mas tenho só uma cama. Não sei se cabe você.

Raskhan riu sob a respiração. Asael poderia sentir vergonha do que falara na manhã seguinte. Estar entorpecido pelo sono sempre deixava a lí ngua das pessoas um pouco solta.

— Acho que darí amos um jeito de caber, *dætae*.

Ele sorriu, sua mente distorcendo as palavras.

— Sim, nós darí amos.

Sentiu os lençóis de sua cama e seu corpo se afundando no colchão. Seus dedos, porém, se mantiveram presos ao colete de Raskhan, puxando o corpo do í ncubo com ele. Seus olhos entrecerrados pegaram o rosto de Raskhan e suspirou.

— Por que você precisa ser tão bonito?

Seus olhos se fecharam sem esperar uma resposta e seu corpo se deu por vencido ao se afundar na escuridão dos sonhos.

Raskhan o observou dormir por longos minutos até os dedos de Asael relaxarem o aperto em seu colete e se soltarem suavemente. Empurrando os cabelos prateados para longe do rosto, traçou com cuidado a ponta sutil da orelha do mestiço. Metade elfo, metade bruxo. Nem um, nem outro. E tão poderoso.

Se levantando devagar, puxou as cobertas sobre o corpo de Asael e viu Akuma subindo na cama para se aconchegar nos pés de seu dono. Sua mente dizia que deveria sair agora, mas seu corpo se recusava a se mexer. Seus punhos se fecharam apertados ao inspirar e o cheiro de Asael estava por toda parte. Por todo ele. Impregnado.

— O que está fazendo comigo, *pretiosum*[101]?

Sua pele formigou próximo ao pulso e se moveu até encontrar o espelho no banheiro. Não foi sua melhor decisão. O banheiro cheirava a água, Asael e sexo. Seus dentes se alongaram, seus olhos piscando vermelhos para o espelho enquanto sua pele se arrepiava. Suas garras picaram a pele de sua palma enquanto seu pau pulsava com necessidade urgente em suas calças.

Seu pulso ardeu novamente, tirando-o de sua tortura. Rangendo os dentes, passou a palma pelo espelho e revelou Drasbian do outro lado.

— Meu Senhor. — Sua cabeça caiu em uma rápida reverência.

— O que está acontecendo?

Não queria soar tão mordaz, mas sentia seus nervos no limite. A dose de prazer que fluiu de Asael até Raskhan na cozinha deixou-o descontrolado e irritadiço. Drasbian fingiu não perceber.

— Cayesri solicita sua presença.

— O que ela quer?

— Parece haver certo problema no sexto distrito. Provavelmente um duelo, meu Senhor.

Sangue amaldiçoado. Quando havia um possí vel duelo na arena, todos os Imperadores vigentes devem comparecer. Levantando o lábio em um meio sorriso de escárnio, respondeu Drasbian:

— Estarei lá. Não se preocupe.

— Sim, meu Senhor.

Com outro toque de sua mão, o espelho tornou a refletir seu rosto, cortando a conexão com seu servo. Era isso que Raskhan precisava. Um pouco de sangue para fazer seu controle voltar aos eixos. Voltando para o quarto, deu uma olhada sobre o corpo de Asael antes de desaparecer do quarto e surgir na beirada da arena. Seu último pensamento antes, entretanto, foi de que a única coisa que poderia acalmá-lo estava debaixo daquelas cobertas, muito longe do caos do Mundo Inferior.

8
SENTIU SAUDADES?

Uma semana. Fazia *uma semana* que Asael havia adormecido tranquilo em sua cama com um íncubo pairando sobre ele e não se sentiu ameaçado ou em perigo. Seu sono foi longo e ininterrupto, acordando apenas na manhã seguinte com Akuma batendo em seu rosto em busca de um pouco de comida. Então Asael se lembrou da noite anterior e enterrou o rosto em suas mãos, as bochechas ardendo. Poderia morrer com vergonha ao se lembrar das coisas que falara antes de ser derrotado pelo sono.

Porém, não havia encontrado Raskhan pelo apartamento. Nem mesmo um único sinal do demônio. Será que seu feitiço havia sido tardio e agora Raskhan não se lembrava dele? Asael perambulou pela casa, inquieto. Quando se passaram dois dias e ele ainda estava preso dentro das mesmas quatro paredes, percebeu que não tinha sentido ficar sentado esperando. Asael havia sido apenas uma distração para o íncubo e agora o demônio havia partido para longe sem olhar para trás.

Asael se chutou mentalmente por ser um idiota. E também por ter se sentido atraído por um íncubo, de todos os seres vivos nesta terra enorme. O dia se transformou em noite e Asael decidiu que sua atração era um equívoco e que o íncubo em sua cabeça era apenas a falta de sexo. E, então, ele havia procurado alívio. Entretanto, parecia que ter seu pau chupado por alguém aleatório não agradava tanto como antes faria. Então Asael trabalhou. Pegou um caso atrás de outro, afundando até os joelhos em sangue.

Uma semana se passou e Asael se sentiu um lixo. O que tornava seu humor soturno e muito propenso a cortes afiados em desavisados. Sorte que Travis o conhecia muito bem e por isso se mantinha distante o máximo possí vel. Asael era como uma presença sombria no canto do balcão, latindo para qualquer um que se aproximasse e mordendo se conseguisse. Gemma sequer se aproximou para dar seu habitual olá.

— T, meu copo está vazio! — exclamou, batendo o fundo do vidro contra o balcão para chamar a atenção do outro.

Solano o olhou de onde estava, seus olhos arregalados por ver, pela primeira vez, o mestiço perdendo o controle. Sempre bebendo seu chá e sorrindo para o Alfa, essa noite era bastante incomum. Os olhos ambarinos pareciam um pouco vidrados e fundos, os cabelos desgrenhados de tanto passar os dedos por eles. Havia sangue seco em uma das pontas e parecia espirrado na máscara em seu pescoço.

— O que está olhando? — grunhiu e Solano engoliu em seco.

Asael nunca faria mal aos seus amigos, mas ninguém sabia o quanto poderia fazer mal a si mesmo naquele estado.

— Nada. Com licença. — Solano jogou o pano sobre o ombro e desapareceu de fininho atrás de Travis.

— T, continuo seco! Onde está a minha bebida?!

O lobisomem o olhou, sua preocupação vazando ao se aproximar e tirar o copo vazio de Asael e colocá-lo o mais longe possí vel.

— As, está assustando meus funcionários. Está tudo bem com você?

— Uma maravilha. — Asael arreganhou os dentes e pareceu uma careta insana. — Agora me dê aquele maldito copo, T.

— Já foram seis, As. Pelo amor das terras sagradas, o que aconteceu com você nos últimos dias?

Resmungando, Asael enfiou os dedos enluvados pelos cabelos mais uma vez e pressionou contra o crânio latejando. Seu último trabalho havia sido um inferno. Um estuprador maldito, deixando um rastro de crianças inocentes pelo caminho. Gemendo, Asael bateu a testa contra o balcão e amaldiçoou por deixar se levar

pela raiva. Suas botas ainda estavam pegajosas pelo sangue, respingos manchando sua roupa e sua alma.

Era isso ou sentar em casa batendo os dedos juntos e pensando onde Raskhan havia se enfiado. Quando foi que sua vida se tornou tão solitária a ponto de sentir falta de um í ncuboarrogante que lhe faz sopas quando sente fome e o coloca para dormir?

— Só pedi uma bebida, T. Não sua preocupação — resmungou.

Um rosnado baixo soou, arrepiando os pelos de Asael em aviso. Dedos agarraram seus cabelos e puxaram sua cabeça para cima, olhos raivosos o fitando muito perto.

— Sou seu amigo, assim a preocupação sempre vai estar presente. Você gostando ou não. — Travis o soltou e apoiou as mãos sobre o balcão. — Agora, ou você diz logo o que está acontecendo ou vou chutar sua bunda fora do meu bar e vê-lo quicar até a esquina.

Asael engoliu em seco, sabendo que Travis faria realmente aquilo. Principalmente por ser o seu amigo. Abrindo a boca para jorrar seus problemas como um idiota, foi interrompido quando garras arranharam contra a janela e um bico furioso passou a martelar contra o vidro. A porta se abriu e o falcão aproveitou a brecha para entrar voando. Seu grito fez a maior parte dos shifters se encolherem e cobrirem os ouvidos enquanto Travis xingava pela ave estar causando balbúrdia.

As longas garras bateram sobre o balcão deixando riscos sobre a madeira manchada. Seus olhos amarelos fitaram Asael com julgamento, suas asas se abrindo e fechando. Um pergaminho estava amarrado em sua pata direita e Asael não sabia se era seguro esticar a mão e puxar. O falcão gritou mais uma vez, sua pata se erguendo em um claro sinal de que Asael deveria ser rápido.

Desamarrando a fita dourada, a ave bateu as asas e alçou voo para fora assim que o pergaminho caiu na mão de Asael.

— Malditos mensageiros voadores! — Travis rugiu ao bater a porta e olhar para a bagunça deixada para trás.

O selo segurando o pergaminho fechado e enrolado fez o estômago de Asael se revirar. O emblema do Arcano, um falcão

com uma rosa no bico, só poderia significar uma coisa e estava se sentindo um pouco bêbado para enfrentar as palavras de Sinclair. Coçando a têmpora, apoiou o pergaminho sobre o balcão e Travis soltou um bufo.

— O Arcano? O que você está aprontando, As?

— Gostaria de saber — resmungou.

— Você não vai abrir?

Sem dar uma resposta, Asael amassou o pergaminho em uma bola e o atirou dentro do lixo. Em um piscar de olhos, o pergaminho estava sobre o balcão novamente, intacto. Travis praguejou, dando um passo para trás e apontando.

— Tire essa porcaria do meu bar!

Asael suspirou, balançando o pergaminho no ar.

— Isso não é uma bomba. Só uma maldita mensagem mágica.

— Foda-se, é a mesma coisa.

Segurando um suspiro, Asael se levantou e deixou algumas moedas no balcão para pagar suas bebidas. Ergueu a mão quando viu que Travis ia protestar, já que o homem nunca o deixava pagar nada que consumia ali.

— Aceite ou juro que abro o selo desta carta na sua frente.

— Você não é um bom amigo agora, As. Não mesmo. — Travis recolheu as moedas e estalou os dedos. — Antes que me esqueça, As, perguntaram de você essa semana por aqui.

— Mesmo? Como ele era? Alto, cabelos negros, pele de caramelo doce, olhos azuis? Convencido, arrogante e charmoso demais?

Um sorriso cresceu em Travis, seus braços se cruzando sobre o peito.

— Não. Baixo, uma cicatriz no nariz. Disse que seu nome era Reid. Mas agora quero saber quem é este alto e moreno que perguntaria de você. Ele é o motivo de estar bebendo e sendo tão sombrio?

Estremecendo ao pensar em Reid perguntando dele por aí , abanou a mão com descaso fingido e engoliu a decepção. Claro que não era Raskhan. Por que um Imperador í ncubo estaria no bar de Travis perguntando por um mestiço sem graça?

— Pare com isso, As.

Ergueu os olhos para Travis e fez uma careta.

— Pare com o que?

— Aquela sua cara de piedade quando está pensando mal de si mesmo. O que esse cara fez? Posso bater na porta dele e ensinar alguma lição por deixar você para baixo.

Isso fez Asael sorrir depois de dias andando cabisbaixo. Ainda mais imaginando Travis batendo na porta de Raskhan com seu taco de estimação, lá no Mundo Inferior, e tentando socar algum bom senso na cabeça do demônio. Balançando a cabeça, Asael dispensou Travis com um sorriso.

— Não se preocupe comigo. Mande lembranças a Shirlei. Quero aqueles pães doces na próxima vez que passar por aqui.

— Não pense que essa conversa acabou, As!

A porta fechou quando Asael passou, deixando a voz de Travis abafada, mas sua ameaça ainda era sentida. O vento gelado o envolveu e subiu sua máscara para proteger o rosto, a massa de pessoas não evitando o frio de atingi-lo. Aquela parte da cidade era movimentada mesmo após o final do expediente. Todo tipo de ser vivo rondava, procurando seu próprio tipo de diversão. As antigas fachadas que brilhariam com luzes claras agora eram feitas para não pegarem fogo com as lamparinas a óleo tão perto. Apenas bairros mais nobres com seus restaurantes chiques possuí am iluminação elétrica.

Olhos vermelhos brilhavam na escuridão de alguns becos, chiados ecoando e se misturando a risadas, gemidos, gritos e conversas. Asael odiava o movimento. Odiava multidões. Puxando seu capuz mais fundo sobre seus cabelos, caminhou para longe e pulou no primeiro bondinho que passava. Sentando-se no fundo, puxou o pergaminho e rompeu o selo. Com um suspiro suave, o pergaminho se abriu e o cheiro de pó mágico fez o nariz de Asael coçar.

“Caro Chevalier,

Venho por meio desta, pedir para que compareça em minha sala no Ministério dentro dos próximos trinta minutos. É com extrema urgência que peço sua presença.

Cordialmente, Mestre Arcano Sinclair.”

Argh, que pomposo prepotente.

E, claro, um pedido do Arcano nunca era realmente um pedido. Era uma ordem velada de requerimento para tornar tudo um pouco mais agradável. E se Asael não comparecesse ao Ministério no horário estipulado, poderia não ter mais sua cabeça colada ao corpo na manhã seguinte.

Quem disse que magos não poderiam ser ditadores?

Saltando do bondinho no final de uma subida um pouco íngreme, andou o resto do caminho apenas para satisfazer seu estado de espírito sombrio. Imaginar Sinclair prestes a explodir por seu atraso deixava Asael muito mais contente. Andar na corda bamba, como diziam, e rir na cara do perigo. Era isso que seis doses poderiam fazer com uma pessoa não tão acostumada a beber.

E se sentindo solitário.

Subindo os degraus daquele enorme prédio que era o Ministério, olhou para as longas filas e sorriu, parando logo atrás daquela que parecia mais longa. Afinal, já estava no Ministério. Sua demora não era culpa dele, mas do sistema lento instaurado pelos magos. Faltando apenas três para Asael ser atendido, as sombras no teto alto se remexeram, as garras arranhando a pedra lascada e sibilando. Seu capuz caiu ao inclinar a cabeça para olhar.

Pedriscos e poeira caíram, manchando o terno do homem logo à frente e o fazendo limpar com tapas bruscos e irritados.

— Prédio velho dos infernos — resmungou.

Asael tornou a olhar para cima quando uma longa cauda escamosa surgiu antes de desaparecer na nuvem escura. Dentes pontiagudos bateram em um ritmo constante, arrepiando a espinha de Asael, seguido por um gorjeio e unhas arranhando.

— Sempre me pergunto porque os magos nunca retiram essas pragas do teto.

O homem à sua frente o olhou com estranheza.

— O que disse?

— As pragas sombrias — disse apontando para cima. — Os magos poderiam retirá-las e...

— Você é louco? — o homem perguntou antes de levantar os olhos para o teto e então para Asael mais uma vez. — Não há

nada lá além de poeira e teias de aranha. O prédio está apenas caindo aos pedaços.

As sobrancelhas de Asael se franziram.

— Você não os vê?

— Não sou louco como você — riu, tornando a se virar para frente.

Os olhos de Asael cerraram e suas narinas dilataram. O mundo se tornou cinzento quando soltou seu poder e todos os tipos de rastros inundaram sua visão e atacaram seus sentidos. O homem à sua frente era um shifter. Gato. Provavelmente um guepardo pelas bordas estremecidas.

Será que os shifters não podiam ver a sombra no teto?

Puxando seu poder novamente, Asael ficou pensativo o resto do tempo até que o fantasma na sua frente o olhou entediado e perguntou com voz arrastada:

— Em que posso ajudá-lo nesta noite, senhor?

— Sinclair. Fui convocado — disse, jogando o pergaminho à sua frente.

O fantasma o olhou e assentiu, apontando para o corredor.

— Se o mestre Arcano o espera, apenas suba para o quinto andar. Próximo.

Soltou um suspiro e desviou das pessoas ao redor para chegar até a entrada que levaria às escadas. Subiu devagar os cinco andares, lembrando-se da última vez que esteve aqui e foi obrigado a andar naquela caixa da morte com uma hiena apavorada e um í ncubo arrogante.

Inferno, precisava parar de pensar nele.

No final do corredor viu as enormes portas da sala que pertencia ao Arcano e estavam entreabertas. Sem guardas, apenas uma fina linha quase invisí vel que Asael sabia ser de um encantamento para manter pessoas fora. Pessoas sem convite. Assim como aquele que envolvia seu próprio apartamento e que o colocou abaixo apenas para Raskhan.

Entortando o rosto em uma careta, bateu os nós dos dedos na porta e a empurrou para revelar o aposento iluminado apenas por uma lâmpada sobre a mesa. Sinclair levantou os olhos do enorme livro e suas sobrancelhas claras franziram quando se

levantou. Asael sempre achou o mestre Arcano com um certo charme com seus cabelos loiros escuros amarrados com uma fita na base da nuca, que hoje estavam soltos e escorriam acima de seus ombros em ondas suaves. Seus olhos verdes desbotados sempre brilhavam, sejam com ira, esperteza ou escárnio.

Sinclair era um quebra-cabeça enigmático e tão acessí vel quanto uma porta trancada e a chave perdida. Ao mesmo tempo em que Asael o respeitava pela astúcia e força, desprezava pela posição que tinha e pelo poder que o deixava se sentindo superior a qualquer um. Exatamente naquele momento, enquanto Sinclair o olhava com certo horror por suas roupas sujas ao se aproximar, Asael queria prender o homem contra o teto e deixá-lo lá, rogando por alguma ajuda.

— Está atrasado.

— Seu sistema de atendimento é uma porcaria. — Puxou a máscara para baixo e enfiou as mãos nos bolsos ao olhar de cima. — Se me chamou com tanta pressa, espero que o trabalho desta vez pague tão bem quanto o anterior.

Não conseguindo ser olhado de cima, Sinclair se levantou e deu a volta na mesa.

— Temos outro mago desaparecido, mas este é da cidade vizinha. Um regente de Trevalior.

Asael franziu o cenho. Trevalior não era uma cidade muito grande, por isso era apenas um adendo, como um braço fino esticado se alimentando da enorme cidade que Sinclair governava. Um mago poderoso era designado para ser regente em cidades assim e reportava tudo para o Arcano responsável.

— Trevalior é longe. Não saio da cidade para trabalhos.

— Você não precisa ir até lá. Hellion estava aqui a trabalho. Foi encontrado no hotel após não responder ao servo.

— O que foi levado?

Sinclair apertou a boca, seu polegar balançando o anel dourado em seu anelar com o sí mbolo do Arcano.

— O coração.

Aquilo não fazia sentido algum. O coração de Cherrie já havia sido levado. Ou o feiticeiro envolvido não estava fazendo um

culto sombrio ou o coração anterior não havia dado certo. Asael não sabia realmente como tudo aquilo funcionava.

— Houve mais algum entre Cherrie e agora este?

— Não. — Sinclair balançou a cabeça e pegou um pequeno pedaço de papel sobre a mesa. — Preciso que dê uma olhada no hotel e procure por algo que nenhum dos meus magos rastreadores conseguiram ver. Sua visão é mais aguçada.

Asael segurou a vontade de revirar os olhos.

— Ele ficou no Blasfemol? Jura?

Aquele era o pior tipo de nome para um hotel de luxo, mas seu interior não era uma piada. Os melhores quartos da cidade estavam ali, e suas vagas eram disputadas, ficando cheio todo o ano. Não era à toa que o prédio brilhasse como um farol. Dinheiro entrava como um rio naquele lugar. E sua segurança deveria ser surpreendente.

O que não foi, já que um mago regente foi morto em um dos quartos.

— Sim. E abaixo está o endereço de um antiquário. O melhor daqui. Não consigo falar com o cretino do dono, então preciso que passe lá e pegue para mim uma encomenda. Entregue esta moeda e saberão que veio de mim.

— Sou o garoto de recados do Ministério agora? — Asael comentou com acidez.

Sinclair jogou um olhar e rangeu os dentes.

— A encomenda é um livro raro que não existe em biblioteca alguma. Vai nos ajudar a acabar logo com esse verme que está matando meus magos e transformando tudo em um grande caos incômodo. Você tem sete dias, como da última vez.

Guardando o papel no bolso, Asael esticou a mão e Sinclair a olhou com uma sobrancelha arqueada e nojo visí vel. Sangue desbotado aparecia no couro da luva negra.

— Estava trabalhando antes do seu falcão irromper como um louco para deixar seu recado — disse, balançando a mão.

— Não imaginei que seu trabalho envolvia a feder como um bêbado.

— Apenas sele o acordo, inferno — resmungou.

A mão de Sinclair o envolveu e aquele sopro de magia surgiu, arrepiando a pele de Asael ao crepitar ao seu redor. Puxando a mão de volta, Asael acenou e se virou para sair o mais rápido que conseguisse, não sem antes ouvir a voz de Sinclair rastejar em seus ouvidos.

— Na próxima vez, Chevalier, esteja apresentável.

Em seus sonhos, patife.

Saindo do Ministério com passos apressados, olhou para o papel em sua mão e apertou a boca enquanto se decidia. Passar no antiquário primeiro e ser um garoto de recados ou ir até o hotel e ter mais um pouco de cheiro de sangue em seu pulmão?

O antiquário ficava mais perto, decidindo ir por lá e então correr até o hotel. Talvez pudesse dar uma lida naquele livro tão raro que Sinclair queria. Não havia dito nada sobre ser proibido dar uma espiada. Subindo na traseira de uma carroça que passava, Asael puxou o acordo de seu bolso e o olhou, procurando as informações necessárias sobre a morte do mago de Trevalior. Um mago do ar, no cargo de regente há dez anos. Poderoso, mas não era um Arcano. Será que Sinclair estava preocupado com a própria segurança? Não. O Arcano era arrogante demais para ter medo.

Passaram pela ponte sobre o canal, o cheiro de coisa podre fazendo os cavalos relincharem. Chegando na travessa da rua de St. Bridges com a Avenida Athena onde o antiquário se encontrava, saltou da carroça e espanou o pouco do feno que caiu sobre seus ombros. Fungou, sentindo cheiro de cavalos agarrado a sua roupa junto com sangue seco. Atravessando a rua, ergueu os olhos para encontrar a fachada simples e o nome em letra cursiva bem elaborada. *Artif icium*

Estava olhando pela vitrine limpa quando ouviu seu nome ser gritado do outro lado.

— Asael?

Seus ombros se encolheram levemente ao se lembrar que não havia puxado o capuz sobre os cabelos e muito menos sua máscara. Estava tão desatento e ainda um pouco alto que se esquecera de se camuflar. Olhando sobre o ombro, amaldiçoou um pouco mais ao ver que era Reid atravessando e vindo para ele.

— Finalmente encontrei você!

— Reid — disse secamente.

— Você fugiu de mim aquele dia no bar.

— Sim, fugi.

Talvez não fosse aquela resposta direta que Reid esperava. Abrindo um sorriso um pouco vacilante, Reid deu um passo para mais perto.

— Pensei que, talvez, se você não estiver ocupado...

— Estou. No momento, estou trabalhando. Então, se me der licença.

Asael acenou e deslizou para o lado, empurrando a porta do antiquário. O cheiro de coisa velha, pó e passado o envolveu, parecendo bem-vindo. Algo que Asael sempre gostou foi se ver imerso entre livros, bugigangas e coisas que poderiam contar o passado do mundo apenas com seus trincados e desenhos.

Quais mãos passaram por aquele vaso? Quem se olhou naquele espelho largo com ornamentos de ouro? Quem penteou os cabelos com aquela escova? Reis? Rebeldes? Pessoas comuns? Asael gostava de imaginar como era a vida antes da magia. Antes dos magos surgirem e cobrirem tudo com pó mágico e uma pirâmide idiota. Onde as pessoas pareciam mais felizes e prósperas. Ou talvez seja apenas o sonho infantil de um mestiço perdido.

— Você deveria parar de me deixar falando sozinho.

Maldito seja!

— E você deveria entender um fora, Reid — resmungou.

— Tivemos um momento bom, Asael. Pensei que se me desse uma chance, se fossemos jantar, poderia... Eu não sei. Gostar de mim e talvez...

Oh, maldição dos inf ernos, não

Esfregando a têmpora, Asael estava pensando em uma forma de dizer que não poderia gostar de Reid, nem mesmo depois de várias chances, sem terminar de massacrar o coração do pobre homem. Duas pessoas idênticas surgiram ao lado com largos sorrisos, interrompendo a conversa.

— Bem-vindos ao *Artif icium*! Somos Bel e Gra e estamos aqui para servi-los. Em que podemos ajudá-los? — disseram em uní ssono.

Asael olhou para a dupla sorridente com seus coletes idênticos e camisas bem abotoadas, seus cabelos castanhos ondulados caindo entre os olhos escuros. Andróginos. Seres sem um sexo definido, com suas caracterí sticas femininas e masculinas se misturando e tornando-os belos e quase irreais. Haviam pessoas que procuravam bruxos para conseguirem ter um glamour e se parecer com os andróginos.

Asael se sentia atraí do na maioria das vezes, mas tinha a estranha sensação de que não podia tocar. Como se fossem seres imaculados. Enrolando as mãos atrás das costas, olhou diretamente para ambos.

— Mestre Sinclair me enviou para buscar uma encomenda em seu nome.

Bel e Gra se entreolharam e então estenderam as mãos.

— Podemos ver sua identificação?

Assentindo, Asael puxou seu ID do bolso, assim como a moeda de bronze com desenhos de louro de um lado e uma meia face do outro. Os gêmeos se olharam novamente e recolheram a moeda com as pontas dos dedos. Eles funcionavam como um só, em tão plena sintonia que não parecia estranho, apenas comum.

Apenas uma espécie tinha gêmeos andróginos, e era especí fico dos *f elí deos*, mais da famí lia *f elinae* no grupo dos pintados. As chitas que costumavam ficar prenhas de gêmeos. Durante toda a gravidez, os bebês dessa espécie repartiam a mente e isso durava por toda a sua vida após o parto, unidos. Os mesmo gostos, os mesmo gestos. Cada pensamento dividido e nunca precisavam abrir a boca para expressar o que estavam pensando.

— Estaremos buscando sua encomenda, senhor Chevalier. Aguarde apenas um instante. — Se viraram para Reid então. — Estão juntos?

— Absolutamente não! — Asael respondeu antes que Reid pudesse abrir sua boca.

As bochechas do caçador de recompensas coraram com vergonha, seus punhos se apertando ao lado do corpo. Sem esperar outra dispensa, se afastaram para os fundos e Reid se virou para Asael com nova determinação nos olhos.

— Por que você está tão determinado a me afastar?

— Primeiro de tudo, nunca deverí amoster nos aproximado e quero manter isso assim. Segundo, não tenho tempo para seus dramas amorosos, Reid. Terceiro: não estou procurando por ninguém agora. Estou muito bem sozinho, não preciso de ninguém.

— Espero que essa afirmação não me inclua.

A voz sedosa desceu pela espinha de Asael como um toque de veludo quente. Sua respiração gaguejou e seus olhos viraram para encontrar o homem dono daquele timbre único. Raskhan o olhava com um sorriso pequeno, seus olhos frios brilhando com humor.

— Não estamos conversando com você, senhor. — Reid agarrou o braço de Asael e o puxou para o lado. — Dramas? Passamos *semanas* flertando. Você me deixou ter um gosto e então decidiu que não queria mais?

As bochechas de Asael inflamaram, não sabendo se era raiva por Reid falar isso tão alto ou vergonha por Raskhan estar ouvindo. Empurrando seu braço longe, abanou a mão com raiva entre eles.

— Já havia decidido que não teria nada, Reid. Foi um erro e não vou cometer outra vez. *Esqueça isso*, pelo fogo do inferno!

— Mas...

— Acredito que Asael foi bastante claro sobre sua decisão. — A voz de Raskhan soou fria, assim como seus olhos. Olhando para Reid como se fosse sujeira em seu sapato novo. — Sugiro que saia com o resto de dignidade que lhe sobra. — Então aqueles olhos frios mudaram, o vermelho queimando nas í ris e sua mão envolvendo a de Asael e puxando para cima. — Isso é sangue?

Seus olhos arregalaram ao puxar a mão e escondê-la atrás do corpo.

— Não é meu. Estava em um trabalho antes de vir para cá. Foi uma semana infernal.

— Isso envolvia bebida e cavalos? — Raskhan perguntou, o que fez Asael torcer o rosto em uma careta.

Só então se deu conta de como poderia estar parecendo surrado. Seu casaco puí do manchado com sangue, suas calças batidas com poeira do beco sujo e suas botas sem ver um pouco de água e sabão há algum tempo. No espelho que passou, minutos

atrás, viu que seus cabelos pareciam terrí veis. Enquanto Raskhan parecia recém-saí do do banho. Seus cabelos pretos brilhavam, a gravata vermelha deixando sua pele mais escura e se destacando na camisa e colete pretos. As mangas estavam puxadas em seus cotovelos e as mãos enfiadas no bolso de sua calça social escura.

Tão lambí vel...

— Disse que foi uma semana infernal — resmungou. — Você desapareceu e eu precisava fazer algo além de esperar sentado por notí cias suas.

Um sorriso malicioso cruzou a feição de Raskhan, fazendo a barriga de Asael gelar com antecipação.

— Sentiu minha falta, *dætae*?

— Não foi isso o que quis dizer. Não torne isso tão importante — respondeu com uma carranca.

— Você ao menos comeu?

— Qual a sua fixação nas minhas refeições?

— Vocês se conhecem?

Ambos se viraram para Reid, que Asael havia se esquecido completamente. Asael abriu a boca para negar quando Raskhan abriu um sorriso frio que arrepiou a coluna de Asael.

— Meu nome é Raskhan, Primeiro Imperador do Mundo Inferior.

Reid arregalou os olhos e deu um leve passo para trás.

— Você é Raskhan, o infame?

— Entre outros nomes.

Cruzando os braços, Asael olhou de Reid para Raskhan com uma carranca.

— Por que ele conhece seu nome? Por que você não se apresentou para mim assim?

— Talvez porque ele não seja ignorante sobre os í ncubos e porque eu estava nu e amarrado quando nos conhecemos? — perguntou, sua cabeça se inclinando levemente.

— Você teve outras oportunidades! — Rangeu os dentes. — E *não sou* ignorante!

— Lembro de ter te explicado sobre mim dias atrás, já que parecia não saber nada sobre nossa hierarquia.

— E então desapareceu. — Asael fez um sinal no ar como se fosse poeira. — Custava deixar um bilhete?

— Prometi que não tocaria em você novamente e disse a mim mesmo para manter distância. — Raskhan franziu as sobrancelhas. — Se o destino colocasse você novamente em meu caminho, seria um sinal. — Seus lábios fartos se abriram em um sorriso ao se inclinar da direção de Asael. — E veja quem apareceu na minha porta.

Isso fez Asael bufar e então Reid engasgou, chamando sua atenção.

— Agora entendo. — Balançou a cabeça, tristeza em seus olhos castanhos. — Entendo perfeitamente.

Reid se virou e saiu do antiquário sem olhar para trás e deixando Asael confuso. Esfregando a têmpora com o indicador, se virou de volta para Raskhan ainda sorrindo para ele.

— O que?

— Também senti sua falta, *dætae*.

— Idiota.

Gemendo, Asael acertou o cotovelo nas costelas de Raskhan ao passar por ele para evitar que o í ncubovisse o sorriso de satisfação lutando em seu rosto, e correu para os fundos do antiquário.

9

UM POUCO DE SANGUE EM SEUS SAPATOS

Ele não está comendo direito.

Foi o primeiro pensamento de Raskhan assim que olhou abertamente para Asael. Olhos fundos e maçãs do rosto marcadas. Junte isso a todo o sangue seco em suas roupas e cabelos e Raskhan sabia que Asael estava trabalhando há horas e não havia sequer parado para comer. Como um homem para de pé sem um sustento em sua barriga?

Não conseguia se desprender da raiva que o envolvera minutos atrás, daquele humano puxando Asael com ele, falando sobre ter um gosto. Raskhan viu vermelho naquele momento. Foi difícil segurar as garras e os dentes quando a imagem de Asael deitado sobre lençóis tinha aquele homem sobre ele e não Raskhan.

Ninguém toca no que é meu.

Aquele pequeno pensamento irracional foi o suficiente para o controle de Raskhan voltar ao normal. Foi o que o manteve calmo, mas ainda muito próximo da borda. Sabia que estava interessado no mestiço, os dias que passou longe foi como arrancar sua pele, pequenos pedaços por vez, até provar cada pedaço daquela pele por dias, mas sempre que sua cabeça tinha uma lembrança do rosto de Asael, seu interior cantava com a palavra *"meu".* E isso era o suficiente para mantê-lo longe.

Isso e a promessa de não tocá-lo sem que Asael pedisse.

Sangue amaldiçoado, era a promessa mais difícil que já fez em toda sua miserável vida.

Acompanhou com os olhos o mestiço se aproximando do balcão e apoiando os braços sobre, seus olhos presos e concentrados no enorme relógio com dois fuso-horários. Seu dedo balançou naquela direção.

— De onde são os outros ponteiros?

— O de cima é daqui. O de baixo é o que marca no Mundo Inferior.

As sobrancelhas claras de Asael franziram.

— Mas há mais números que os outros.

— Porque o Mundo Inferior não funciona como a superfície. Nosso tempo é mais lento, nossos dias mais longos e mais pesados. É como andar em areia movediça, engolindo pouco a pouco.

E Raskhan odiava cada minuto perdido naquele poço. Assistir a luta de Cayesri havia exaurido toda a sua paciência. Horas olhando como os golpes não eram pensados e completamente desleixados, Cayesri deixando sua guarda aberta e mesmo assim o outro í ncubo não conseguia derrubá-la. Ofegantes, suados e com sangue escorrendo pelo corpo, Raskhan observou quando Cayesri trespassou a lâmina no pescoço do próprio irmão. A multidão de demônios rugiu com a vitória enquanto Raskhan continuou olhando para a arena com tédio.

Os outros Imperadores se levantaram para cumprimentar a súcubo vencedora e tentando não demonstrar o quão irritados eles estavam por uma mulher ocupar o trono. Raskhan não se importava. Contanto que ela desse conta do seu próprio distrito, não haveria problemas com ele. Quando finalmente conseguiu subir para a superfí cie,rosnou ao perceber que já haviam se passado quase três dias.

Percebeu Asael o olhando com a cabeça levemente inclinada.

— Por quê?

Raskhan piscou lentamente, sua cabeça perdida.

— O que?

— Por que as horas funcionam diferente? É realmente dentro da terra? Vocês não giram da mesma forma?

Aquilo fez Raskhan sorrir. Mesmo que odiasse o Mundo Inferior, deixar Asael aprender sobre onde crescera e ainda governava era muito prazeroso. Gostava dos olhos curiosos sobre ele, absorvendo cada palavra que saí a de sua boca.

Piscando, se endireitou e olhou para o relógio.

— O Mundo Inferior não fica debaixo da terra. Ele é como uma dimensão diferente. É como entrar por um portal e cair em um mundo paralelo.

Um que ele odiava, mas estava preso nele. Para sair dali apenas sendo morto. Um mundo em apenas vermelho, preto e cinza. Quente, abafado, rugidos surgindo e ecoando pelas paredes e montanhas rochosas. Sem o sol e apenas três luas solitárias girando sobre suas cabeças.

— Como é lá?

Raskhan o olhou pensativo.

— Gostaria de conhecer?

— Por que essa pergunta me soa como se o diabo estivesse me chamando para conhecer o inferno?

O coração de Raskhan bateu em sua garganta ao ver as í ris de Asael se alargando ao olhar para ele, medindo-o dos pés à cabeça.

— Você aceitaria o convite se fosse dele?

— Não. — Asael riu, deixando as linhas do rosto mais leves e seus olhos mais brincalhões. Engoliu em seco quando Asael se inclinou na sua direção e seu rosto parecia pura malí cia. — Mas sendo você, posso pensar na resposta.

— Você está flertando comigo? — Raskhan perguntou e Asael se endireitou.

— Isso se parece com flertar? — Balançou os cí lios e Raskhan quase riu. *Aquilo* não parecia flerte, mas antes com certeza era. — O que você está fazendo perdido por aqui, aliás?

Raskhan abriu a boca apenas para tornar a fechá-la novamente quando viu Bel e Gra retornando com um pacote retangular. Raskhan conhecia aquele pacote, assim como todos os outros que já saí ram de sua loja. Nada passava despercebido de seus olhos em seu antiquário.

O pacote foi depositado com cuidado sobre o balcão enquanto Bel e Gra sorriram para Asael.

— Conforme solicitado, senhor Chevalier — disseram em uní ssono.

Asael assentiu e Raskhan apontou para o livro embrulhado quando viu os dedos pálidos do mestiço rastrearem o laço.

— Está trabalhando para Sinclair novamente?

— Não. É apenas um favor anexado ao novo contrato que pode ajudar com o caso. Sinclair disse que o cretino do dono não o estava atendendo — Asael resmungou.

— Sinclair me chamou de cretino?

— Ele chamou o *dono* do antiquário de cretino.

— Exatamente.

As sobrancelhas de Asael franziram e olhou para Raskhan.

— Não me diga que você... — Suspirou quando Raskhan sorriu arrogante. — Imperador e agora dono de um antiquário. Que tipo de í ncubo é você?

— De um tipo especial. — Balançou as sobrancelhas em provocação. — Disse que era diferente.

Asael apenas fungou e se virou para os gêmeos.

— Muito obrigado pelo atendimento. Vou reportar ao mestre Sinclair quão eficientes foram.

— Bel e Gra agradecem a visita e desejamos que tenham uma boa noite.

Inclinaram levemente a cabeça em agradecimento e desapareceram pelas prateleiras do antiquário. Raskhan o olhava com atenção quando virou e cerrou os olhos.

— O que foi?

— Nada. Apenas... Achei muito atencioso da sua parte. Bel e Gra realmente apreciaram.

Asael encolheu um ombro.

— Sei muito bem quando uma pessoa se sente mal por ser tratada por aquilo que não é. Ou julgada. — Seus dentes mordiscaram o lábio inferior, os olhos perdidos onde os gêmeos haviam desaparecido.

— Isso é se importar — Raskhan disse suavemente.

Isso fez com que aqueles olhos ambarinos o fitassem, primeiro com suspeita e, então, suavizando. Um sorriso moldou aqueles lábios que Raskhan queria tanto beijar.

— Pode-se dizer que sim. — O sorriso desapareceu cedo demais quando envolveu os dedos no embrulho de Sinclair. — Preciso ir. Foi bom revê-lo. Eu...

— Qual o contrato com Sinclair desta vez?

Os lábios de Asael achataram, seus olhos indo em todas as direções menos para Raskhan.

— Problemas do Ministério.

— Outro assassinato?

Asael o olhou, o dourado parecia mais claro debaixo de suas luzes elétricas. O sinal estava bem ali: não me pergunte, não posso dizer. Mas Raskhan nunca se importou com as regras do Ministério.

— Esse mestre parece gostar bastante de picotar suas ví timase está fazendo isso rápido. — Raskhan se endireitou, suas mãos alisando sua gravata e puxando suas mangas para abotoá-las nos pulsos. — Se eu fosse um mago, estaria preocupado em minha casa.

Asael o olhou de lado, desconfiado.

— Você mora no Mundo Inferior. Por que se preocupar com isso? — Asael disse, seus olhos cerrados e apertando o embrulho contra o peito.

— Não moro no Mundo Inferior, apenas *meu trono* fica lá. Também possuo um quarto para ficar confortável na minha estadia, mas *não moro* no palácio. Minha casa fica aqui, nesse mundo. Não tenho muitos vizinhos de apartamento, mas os que residem lá cuidam da própria vida ao invés da minha.

O suspiro baixo de Asael soprou e Raskhan sabia que havia ganhado.

— Não se pode contar com testemunhas em um hotel. Mesmo sendo o melhor hotel da cidade — murmurou.

O sorriso cresceu no rosto de Raskhan.

— Bel, Gra? — chamou, desenrolando as mangas de sua camisa e as abotoando.

Os gêmeos surgiram do final de uma prateleira.

— Sim, meu senhor?

— Se precisarem de mim, toquem a marca. Estou saindo.

— Como desejar, meu senhor.

Asael ergueu uma mão, pousando a palma contra o peito de Raskhan para detê-lo.

— Espere um segundo. Aonde você vai?

— Conhecer Blasfemol. Dizem que possuem acomodações maravilhosas.

— Mas... eu não disse nada sobre ser no Blasfemol!

— *Dætae*, o melhor hotel da cidade *é* o Blasfemol. Referência, cinco estrelas, *blá*, *blá*, *blá*. — Raskhan puxou seu terno das mãos de Bel e Gra e enfiou os braços pelo tecido macio. — Era isso ou o largo campo aberto do parque à frente que as pessoas usam como acampamento. E sabemos que nosso amável assassino não retira órgãos de suas ví timas em pleno céu descoberto, não é?

— Detesto sua inteligência.

— Mas eu adoro a sua. — Puxou a porta e fez uma meia mesura com a mão apontada para a calçada. — Você primeiro.

Asael resmungou algo sobre í ncubos serem intrometidos, mas Raskhan não se importou ao sair para a calçada um pouco movimentada. Colocando as mãos na cintura, olhou ao longo da rua para encontrar algum veí culo amarelo com a placa acesa. Asael tornou a resmungar e então enfiou dois dedos na boca, soprando e produzindo um assobio fino que retiniu nos ouvidos de Raskhan.

— Pelo inferno! O que é isso? Apito para cães?

— Se você latiu é porque funcionou. — Asael sorriu.

Raskhan abriu a boca para retrucar quando um táxi brilhante parou ao lado deles. Asael abriu a porta e fez uma meia mesura, imitando Raskhan segundos atrás.

— Você primeiro.

Arrumando a gravata no pescoço, Raskhan entrou no táxi apenas para ter a porta batendo em suas costas e Asael se debruçando na porta da frente.

— Vá o mais longe que conseguir. Agora!

A boca de Raskhan se abriu com a afronta e o táxi arrancou. Olhando pela janela viu Asael acenar com um largo sorriso. Cerrando os olhos, Raskhan sorriu sombriamente. Não era tão fácil assim se livrar dele. Deixando uma nota sobre o banco, seu corpo

se tornou apenas névoa e então desapareceu, deixando o condutor confuso.

Em um piscar, Raskhan estava logo atrás de Asael ainda acenando e soltando um suspiro. Ao se virar, deu de topo no peito de Raskhan e gritou.

— Maldito seja!

— Estou me sentindo terrivelmente insultado e magoado, *dætae*.

Esfregando a têmpora, Asael o olhou de lado. Raskhan ainda podia ouvir seu coração batendo acelerado.

— O que? Ninguém nunca o despachou como um embrulho, senhor Imperador?

— Minha progenitora fez isso quando viu minhas marcas ao nascer. Quase fui morto. — Raskhan franziu o cenho, não sabendo porque estava falando aquilo naquele momento. Balançando a cabeça, cruzou os braços à frente do peito. — Isso não vem ao caso. Você não pode me colocar em um táxi e dizer para ele me levar para longe para se livrar de mim.

— Não custava nada tentar — resmungou. Seus olhos apertaram ao olhá-lo. — Espere. Sua mãe fez *o quê?*

— Ela não é minha mãe. Marym é minha progenitora e me jogou no fosso para morrer. Inacreditavelmente, sobrevivi. Três dias entre as rochas depois, um homem ouviu meu choro e me içou para fora. Viu o selo real em minha testa e levou de volta para o palácio.

— Eu... Maldição, não quis... Isso...

— Não se preocupe com isso. Eu era um bebê e não sabia me defender. Agora sou um homem muito adulto e você não vai se livrar de mim, não depois de aparecer na minha porta pela segunda vez.

— Não pode dizer isso quando a primeira vez que nos encontramos você estava nu e amarrado em uma sala pútrida — Asael apontou.

— Geralmente estou nu nos primeiros encontros. — Raskhan sorriu, entretanto, Asael não expressou nada.

Parecia perdido em sua própria cabeça enquanto olhava para seu rosto de modo concentrado. Sua mão se levantou e Raskhan prendeu a respiração quando os dedos enluvados de

Asael o tocaram e desejou que estivessem sem a luva para sentir sua pele. A mão se curvou, embalando sua bochecha com tanto cuidado que Raskhan se sentiu como algo precioso. Seu coração martelava em sua garganta quando polegar acariciou o alto de sua maçã logo abaixo do olho e então se afastou tão lentamente como havia se aproximado.

Raskhan desejou que o toque voltasse.

— Sinto muito por isso. Se pudesse, voltaria no tempo e a impediria de fazer isso com você, mas não posso. — Asael balançou a cabeça e apertou o livro contra o corpo com força. — Sobre o táxi, não entro neles. Prefiro o bondinho ou mesmo minhas pernas. Desculpe por isso, Khan. Prometo não fazer novamente.

Khan.

Asael o havia chamado de Khan.

Engolindo em seco, seu corpo inteiro parecia vibrar, algo que não sabia nomear. Seus dedos se abriam e fechavam, sua pele de demônio querendo explodir e suas asas querendo envolvê-los em um casulo protetor. Fechou os olhos quando sentiu que o vermelho tomava conta e inspirou para ter um pouco de controle novamente. O que havia com aquele mestiço que parecia ter domí niosobre seu equilí brio e deixava em uma repleta bagunça?

Quando abriu os olhos novamente, Asael ainda o olhava com expectativa. Levou tudo de Raskhan para não envolver seu rosto com as mãos e puxá-lo para um beijo. Promessa era algo que levava muito a sério. Entretanto, um í ncubo é sempre um í ncubo. Seu instinto é dar e receber prazer, usufruir disso para alimentar sua própria alma e ter longevidade.

Fechando a mão em um punho apertado, assentiu bruscamente e acenou para o bondinho vindo do outro lado da rua.

— Aquele vai de encontro a outro em cerca de quatro a cinco minutos. — Sua voz rouca arranhou a garganta. — Então podemos pegá-lo para a Rua DeSabine. Saltamos em frente ao Blasfemol.

Asael assentiu, seus olhos pareciam um pouco decepcionados. Eles atravessaram e saltaram para dentro do bondinho sem trocar uma palavra entre eles. Raskhan ainda se sentia revelado, sua carne exposta sob os dedos de Asael que o tocava com delicadeza e algo mais que o deixou sensí vel. Aturdido.

Nunca sentiu isso antes. Durante anos foi tratado com brutalidade pela famí lia,desconfiança, ciúmes, atacado em qualquer oportunidade na ânsia de levar seu trono. Raskhan sempre andou com um pé atrás com qualquer pessoa, uma armadura erguida ao seu redor para se proteger. Então Asael o descascou sem dificuldade, seus dedos penetraram na armadura e tocaram sua pele. Terror o tomou quando percebeu que poderia chegar ao coração, envolvê-lo entre os dedos e, logo, esmagá-lo.

Quando desceram na travessa para pegar o próximo indo para outra direção, Raskhan olhou para a longa fileira de carrocinhas atulhadas de comida. O cheiro de fumaça, carne e temperos flutuando até eles em um convite saboroso.

— Aguarde um minuto — murmurou.

Asael arqueou as sobrancelhas, a mão esticando para mostrar o bondinho vindo.

— Mas...

— Um segundo!

Desembolsou três moedas de ouro e as jogou para a carrocinha mais próxima, os clientes resmungando quando o í ncubo passou na frente sem cerimônias. O homem enfiou as moedas no bolso e entregou a Raskhan um enorme sanduí che contendo todo tipo de coisa no meio. Asael saltava de um pé para o outro, o bondinho quase no ponto quando Raskhan voltou e colocou o sanduí che nas mãos do mestiço.

— O que...

— Coma.

— Mas eu não...

— Coma.

O bondinho diminuiu a velocidade apenas para os passageiros saltarem e Asael quase tropeçou nas escadas para tentar não derrubar o sanduíche. Eles se sentaram no fundo, Asael devorando o lanche enquanto Raskhan o observava com um prazer contente e em silêncio. Quando Asael terminou de comer, eles estavam apenas a uma quadra de distância do hotel.

Seguiu Asael para fora quando o bondinho passou na frente do Blasfemol, diminuindo sua velocidade para os passageiros descerem e novos subirem. A Rua DeSabine costumava ser muito

movimentada e Raskhan se viu envolvendo a nuca de Asael para não o perder na multidão. Fácil, tão certo quanto o amanhecer, o movimento sequer os pegou de surpresa. Seguiram pela calçada apinhada, desviando de homens de terno apressados, mulheres em seus telefones e pedintes sentados contra a parede e suas mãos erguidas, implorando.

Raskhan jogou uma moeda para um homem iguana desdentado antes de entrarem pelo saguão e só então soltou a nuca de Asael, que o olhou brevemente antes de seguir. Teto alto, repleto de imagens celestiais de homens e mulheres seminus pintados por algum artista famoso. O chão brilhava em um mármore negro polido, pilastras jônicas pintadas de dourado feriam os olhos daqueles que realmente conheciam um pouco de gosto arquitetônico. Raskhan, por exemplo, perguntou se algum unicórnio vomitou sobre a entrada do hotel cinco estrelas quando Asael parou na frente de um mago de manto azul logo ao lado do balcão de atendimento.

— Estou aqui para ver o quarto onde Hellion foi morto.

O mago o olhou sisudo, seus braços cruzados diziam claramente que Asael não era bem-vindo.

— Não há nenhum Hellion morto aqui. Vá buscar outra coisa para fazer, *mestiço*.

Aquela palavra soou como um insulto e Raskhan deu um passo à frente, pronto para fazer aquele mago engolir sua lí ngua. Entretanto, Asael ergueu o braço e sorriu. Raskhan conhecia os sorrisos de Asael, e aquele não era um alegre. Parecia um predador prestes a atacar.

— Mestre Sinclair me enviou para limpar a bagunça que vocês, magos idiotas, não conseguem fazer. Agora me indique o quarto e me dê a chave.

— Você é um mestiço assassino. Não há como o mestre Sinclair ter enviado você aqui. Ainda junto com... *isso*.

Agora o insulto era para ele.

Suspirando, Asael enfiou a mão no bolso de seu casaco e puxou um pergaminho enrolado. O selo do Arcano era claro, assim como a marca do Ministério na ponta da fita. O mago empalideceu e deu um passo para o lado.

— Quarto 507. Está aberto.

— *Agora* estamos conversando — Raskhan disse com um sorriso largo.

— Não deixe ninguém subir. Vou tentar encontrar quem fez isso e não quero interrupções, ouviu?

— Claro. — O mago assentiu, mas Raskhan viu a rigidez em seu pescoço.

O homem não estava gostando de receber ordens de Asael. Mas Raskhan estava adorando. Ver Asael sendo mandão fazia um arrepio descer por sua espinha. Acenando, se virou para acompanhar Asael que já se dirigia para as escadas.

— Você está sorrindo estranho. Pare com isso.

— Não consigo. Não enquanto você age assim, tão seguro e dono do lugar.

— Se continuar sorrindo como um lunático, vou amarrar você em uma cadeira enquanto trabalho em paz. — Asael anunciou, seus olhos observando os degraus acima.

— Isso é uma promessa? — Raskhan sorriu ainda mais, seus olhos presos na bunda de Asael três degraus acima.

Seu grunhido ecoou pelas escadas assim como a risada presunçosa de Raskhan. Quando chegaram ao quinto andar, o corredor parecia vazio e escuro, a fita da polí cialocal pendurada na porta entreaberta do quarto com o número 507 e uma fina camada de energia mágica protegendo o lugar. Asael apoiou uma mão na cintura, a outra ainda segurando o livro embrulhado.

— Me dê isto para que possa trabalhar melhor.

Olhou para a mão de Raskhan estendida e então para o livro.

— Não o perca, ou Sinclair vai ter minha cabeça.

Raskhan bufou ao pegar o embrulho e puxou seu terno, enfiando dentro de um dos bolsos internos. Asael esticou a cabeça e cerrou os olhos.

— Eu juro... Como você consegue fazer isso? Não há como...

— Só porque sou um í ncubo,não significa que não posso ter um pouco de magia — disse, suas sobrancelhas arqueadas ao bater suavemente no bolso do terno. — Agora, como entramos?

Asael bufou e puxou suas luvas fora. Raskhan sabia que não era hora, mas achou aquele movimento tão *sexy* que poderia ter salivado um pouco. As mãos pálidas dedilhavam sob a superfí cie mágica que ondulou, sequer resistindo ao toque de Asael. Com um suspiro, a magia caiu e Asael abriu um sorriso brilhante para Raskhan que poderia muito bem ter sido como um soco.

— Viu?

— Exibido — disse, apoiando o ombro contra a parede.

— Você parece gostar quando me exibo. — Asael franziu as sobrancelhas e olhou para a porta. — Ouviu isso?

Raskhan apurou os ouvidos e então balançou a cabeça.

— Não ouço nada.

— Parecia como um raspar no chão...

Asael empurrou a porta, que rangeu levemente. O quarto estava escuro, as janelas abertas e a cortina branca puxada com um rasgo caí a levemente sobre o chão escuro. Não havia vento passando por ela, o que tornava tudo ainda mais estranho. Raskhan cheirou ao redor e engasgou com o odor pútrido e rançoso. Uma luz azul bruxuleante surgiu e viu que ela balançava sobre os dedos de Asael antes de se levantar até o teto e iluminar o quarto.

Asael olhava ao redor com as mãos na cintura e só então Raskhan percebeu que os olhos ambarinos estavam de um branco leitoso, a pupila negra se expandindo. Asael esticou as mãos e dedilhou o ar enquanto Raskhan tentava não respirar. Um grunhido baixo veio da garganta de Asael, seu lábio se torcendo para baixo. Suas botas rangeram suavemente ao passar pelo piso escuro e o som abafou ao passar pelo tapete antes ensopado de sangue, agora seco. Suas narinas se alargaram e seus olhos seguiram para a janela. Em um piscar, os olhos ambarinos estavam de volta quando Asael se virou para Raskhan com o rosto soturno.

— Outro parasita, mas desta vez usando, provavelmente, um lobo.

— O cheiro podre denuncia uma parte do causador dessa bagunça — Raskhan disse, seu nariz enrugando.

— E também há outra... *coisa*. Verde musgo e preto. Nunca vi algo assim. O rastro está muito forte ainda. Ou o parasita é mais estável, ou ele voltou.

— O que poderia fazê-lo voltar para esse quarto quando o cadáver já foi levado?

— Talvez tenha esquecido algo? — Asael franziu as sobrancelhas e levou a mão até a boca, seus dentes se afundando na junta do indicador enquanto pensava. — Talvez pensou que o corpo ainda estava aqui? Tentou apagar seu rastro? E esse outro rastro? O que é?

Raskhan observou Asael andar de um lado a outro, seus dedos tocando de leve as coisas bagunçadas do quarto. Havia sangue espirrado pelas paredes e marcas profundas de garras em alguns móveis. Um vaso estava quebrado ao lado da cama, um sapato perdido perto da cômoda.

Havia acontecido uma luta naquele lugar.

Asael se agachou sobre o tapete cheio de sangue seco que poderia ter sido bonito antes de um corpo cair aberto sobre ele. As botas de Asael começavam a ter novas manchas e Raskhan duvidava que saí ssem quando lavadas.

— Você está cheio de sangue. Isso não contamina a cena?

— Não. Minha visão capta distintamente cada gotí cula, separando-os pelo DNA. Então, não há problema com o sangue em minhas botas. A não ser que você esteja incomodado — Asael disse, olhando por sobre o ombro com uma sobrancelha levantada.

Não é com isso que me incomodo. Você está cansado.

Sei que não comeu como deveria.

Porque estou preocupado.

Porque me importo.

Entretanto, Raskhan não disse nada além de:

— Um pouco incomodado, sim.

— Bem, então lide com isso.

Raskhan sorriu, seus olhos dançando com malí cia.

— Isso é um convite para dar banho em você?

Asael arquejou, suas bochechas corando. Porém, não passou despercebido a Raskhan o cheiro de desejo vindo do mestiço.

— Quis dizer para lidar com seu incômodo, não para... — Balançou a cabeça e gesticulou ao redor. — Podemos continuar investigando, por favor?

O barulho de algo arranhando chamou sua atenção. Asael se levantou devagar, seus olhos presos na janela aberta e ainda sem movimento algum de vento. Era o quinto andar, não tinha como a cortina não balançar com alguma brisa e Raskhan não via uma barreira mágica do lado de fora. Um rosnado gutural fez seus ombros ficarem tensos e em dois passos se prostrou na frente de Asael.

Uma criatura larga surgiu no parapeito, dentes afiados brilhando contra a luz azul que se apagou assim que iluminaram os olhos fundos dentro de um crânio fino e alongado. Cristas finas se levantaram em seu pescoço e costas quando soltou um barulho parecido com um rosnado e um chiado. Um longo rabo balançou e garras longas riscaram o parapeito de gesso.

— Que porra é essa? — Asael perguntou, suas mãos segurando os braços de Raskhan.

— Um *Viashephisva*.

— Nem mesmo é pronunciável! — Asael exclamou baixinho quando a criatura saltou para dentro do quarto.

Não era muito grande para Raskhan, mal batendo em seu peito, porém, para Asael poderia ser considerado enorme. As narinas cortadas fungaram, puxando o cheiro de ambos quando uma língua bifurcada surgiu e lambeu a longa boca de uma ponta a outra.

— Deveria estar extinto — Raskhan grunhiu.

Seus dedos abriam e fechavam ao lado do corpo, suas garras surgindo e seu corpo ficando pronto para uma briga.

— Visivelmente não está!

A criatura tornou a rosnar e a porta bateu, trancando-os dentro do quarto. Asael engasgou e sacudiu brevemente os braços de Raskhan.

— Maldição, isso é tão enorme quanto um touro demônio.

— Proteja-se!

O *Viashephisva* saltou, sua enorme boca aberta e garras estendidas. Asael se agachou, as pontas dos dedos unidas e as palmas afastadas enquanto sussurrava. Raskhan grunhiu, suas mãos segurando a boca da criatura muito perto de seu rosto quando

as garras se afundavam em ambos os ombros. O cheiro podre fez seu estômago se revirar.

Raskhan torceu a cabeça da criatura, suas garras se afundando entre os dentes viscosos e grunhindo com a dor em sua carne machucada. Sentiu as mãos de Asael na parte de trás de suas coxas e o pulso de energia subiu por seus braços, enviando a criatura longe. *Viashephisva* bateu contra a parede e fez um buraco com o impacto enquanto Raskhan olhava para as próprias mãos.

— O que fez comigo?

— Condutor de energia. — Asael puxou a adaga de seu braço e essa se alongou com energia, brilhando e deixando os olhos ambarinos de Asael ferozes. — Como se mata essa coisa?

Viashephisva se contorceu e saltou para o chão, parecendo irritado.

— Decapitação funciona. Tente distraí-lo na frente e eu o pego por trás.

Asael assentiu e eles se dividiram, dando a volta no quarto. A criatura olhou para Asael, interessado na espada brilhante. Sua lí nguaserpenteou para fora com um chiado, quase igual ao de uma cobra. Raskhan agachou do outro lado, esperando. Viu os joelhos da criatura dobrarem para o salto e Asael se preparando para o impacto.

Os segundos seguintes ocorreram em perfeita câmera lenta. O *Viashephisva* saltou, suas garras estendidas na direção de Asael ao mesmo tempo em que Raskhan pulava sobre ele. Asael brandiu a espada em um corte horizontal, a lâmina cortando fundo o peito da criatura quando Raskhan o puxou pelo rabo. As garras cortaram as costelas de Asael, puxando a pele e rasgando seu casaco e camiseta.

As garras do í ncubo se afundavam no pescoço, cortando carne, cartilagem e veias. Sangue verde espirrou e os ossos se partindo ecoaram quando o pé de Raskhan se afundou na coluna do *Viashephisva* e o dobrou para trás. O grito fino da criatura se cortou ao meio quando Raskhan puxou a cabeça decepada e a soltou rolando pelo chão, assim como o corpo amolecido.

Limpando as mãos no terno, olhou para Asael caí do de costas e a adaga ainda em sua mão, mas sem brilho. Sua magia

havia recuado.

— Porra!

— Você está bem? — Raskhan correu até ele, sua boca se torcendo em um rosnado silencioso ao ver os cortes e o sangue manchando a roupa. Sangue *de Asael*, não de outro.

— Ngh... — Asael acenou com a mão, metade do seu rosto com uma mancha verde que era o sangue da criatura.

Raskhan estendeu a mão e Asael a segurou, usando-o como apoio para se levantar. De pé, seu corpo oscilou brevemente e sua cabeça caiu, seus olhos fitando o chão. Raskhan envolveu a cintura fina com o braço.

— Seus sapatos estão cheios de sangue.

Raskhan olhou para baixo e grunhiu:

— Eu gostava desse par de sapatos.

Isso tirou uma risada de Asael. Raskhan cutucou a criatura com o pé ao perguntar:

— O que fazemos com o *Viashephisva*?

— Levamos ao mestre Sinclair. Talvez ele saiba de onde essa *coisa* veio. E também levar a conta de roupas novas. Já é o segundo casaco que perco por culpa de um trabalho para o Arcano.

Raskhan olhou para Asael e assentiu. Havia muito o que discutir com o Arcano. Principalmente sobre o *Viashephisva* morto aos seus pés e seus sapatos cheios de sangue. Talvez ele levasse a conta de seus sapatos italianos para Dastan pagar, apenas por desaforo.

10
LONGA, LONGA NOITE

Asael estava cansado. Cada parte do seu corpo doía. Seu estômago se revirou, mostrando que o sanduíche que Raskhan havia dado para ele horas atrás não havia sido suficiente. Há quanto tempo que não tinha uma refeição decente? Sentado em sua mesa, saboreando a comida e então deitado em sua cama para um sono tranquilo de oito horas?

Esfregando o rosto, olhou novamente para a criatura caída no chão enquanto Raskhan a cutucava. Se sentindo grudento, caminhou para o banheiro e fez uma careta pra o espelho ao ver seu rosto muito pálido e manchado de verde do sangue do *Vasheshiviva*. Se era realmente assim que se pronunciava. Talvez começasse a chamá-lo de leão demoníaco para economizar seus neurônios ao tentar se lembrar do nome correto.

Céus amaldiçoados...

Lavando a sujeira do rosto e das mãos, enxugou-se na toalha limpa e soltou um suspiro ao calçar novamente suas luvas antes de sair do banheiro intocado. Raskhan parecia analisar sobre a própria palma quando Asael se aproximou e olhou de cima.

— O que você está fazendo?

— Isso não parece com um pequeno dispositivo? — perguntou, erguendo um objeto quadrado e chato entre o indicador e polegar.

Asael o pegou com cuidado e analisou. Franzindo o cenho, estalou os dedos e a chama azul iluminou parte do seu rosto e o objeto. Raskhan grunhiu ao se levantar, seu rosto parecia inumano na luz azulada.

— Parece como um rastreador. Barato e de baixo alcance.

— Se é de baixo alcance, talvez o dono não esteja longe? — Raskhan tentou.

— Talvez — Asael murmurou ao apagar a luz e puxou um pequeno saquinho *ziplock* do bolso que deixou cair o rastreador dentro. — Ou ele já deve ter caí do fora assim que soltou seu pequeno animal na varanda.

— Não acho que se arriscaria a ficar tão perto assim. Talvez tenha deixado para trás como um guarda?

Asael olhou para a criatura morta, sua mente voando por todas as possibilidades.

— Ele sabia que eu estaria vindo? — Arriscou.

— Ou estaria esperando pelo próprio Arcano?

Aquilo era uma possibilidade maior. Hellion era regente de Trevalior, uma cidade importante e que se reportava diretamente ao Arcano. Sua morte resultaria no próprio mestre vindo investigar. Ou era assim que o feiticeiro pensava acontecer. Se o feiticeiro estava juntando órgãos de magos poderosos, o Arcano seria sua última esperança, ou a chave de seu problema. Seja lá o que for que o homem estivesse ressuscitando.

Era uma extensa dor de cabeça e Asael se sentia moí do depois de uma semana tão longa. Não conseguia pensar. Precisava de um banho longo e quente e então de sua cama. Olhou para a criatura novamente, seus longos membros dobrados embaixo de seu corpo, a cabeça decepada virada para ele, aqueles olhos perturbadores abertos e sem a luz da vida. Estremeceu, cruzando os braços e dando um passo para longe.

— Isso fede. O que acha de deixar sobre a mesa de Sinclair com um laço vermelho? — Raskhan disse, seu sorriso parecendo um pouco maní aco.

O senso de humor do í ncuboera um pouco perturbador, mas pagaria para ver o rosto de Sinclair ao entrar e encontrar essa coisa se decompondo no escritório.

— E como vamos levá-lo? Seria interessante entrarmos no bondinho com você carregando nos ombros o corpo enquanto levo a cabeça nas mãos.

Talvez o cansaço esteja deixando sua cabeça um pouco quebrada como a de Raskhan, já que riu da própria piada. O í ncubo sorriu, o que o fez perceber que havia dado uma ideia terrí vele que Raskhan estava considerando.

— Estou brincando, Khan.

— Você é ótimo em cortar o humor de uma pessoa — resmungou. — Estava pensando em usar o portal. Porém, não sei se consigo carregar nós dois e mais a criatura.

— Posso ir de bondinho enquanto você o leva...

Raskhan balançou a cabeça seriamente.

— Não há possibilidade nesse mundo de deixar você sozinho para trás. Ou carrego você comigo, ou não saí mos daqui.

A forma com que ele o olhou, a determinação queimando naqueles olhos azuis, imobilizou Asael no lugar e fez seu coração martelar em sua garganta. Não de medo, mas de um sentimento que ainda não estava sabendo dizer o que era. Balançando a cabeça fracamente, tocou seu amuleto por cima da camiseta estragada e sentiu o pulso de poder ao longo de seu braço. Aquilo, sim, era familiar. A lembrança da sua famí lia, o amor deles por Asael e a saudade que ficou quando se perderam. Os sentimentos e as sensações que saberia descrever de olhos fechados.

O que Raskhan emanava, o que fazia Asael ansiar e se contorcer, nunca havia sentido. A coceira abaixo da pele. A dor de querer tocá-lo. Não era apenas prazer, ou desejo. Era algo tão primitivo, tão urgente... Nem mesmo com uma criatura morta aos seus pés, que deveria estar extinta, fazia com que Asael perdesse a vontade de escalar Raskhan e beijá-lo.

Engolindo com dificuldade, apertou o amuleto com mais força e tentou conter a avalanche de sensações pulsando em suas veias, correndo rápido em seu sangue. As sobrancelhas de Raskhan franziram levemente, seus olhos com uma pergunta silenciosa que Asael não queria responder. Acenou para o corpo do leão demoní acocom urgência em mudar de assunto.

— Não há como deixá-lo aqui. E não podemos esquecer que queremos respostas de Sinclair.

— Aquele verme — Raskhan grunhiu. Estralando os dedos à frente do corpo e então apoiando as mãos na cintura, assentiu

bruscamente. — Posso conseguir nos levar. Só não vai ser tão rápido.

O poder pulsou novamente em seu amuleto e Asael apertou os lábios quando a ideia surgiu em sua mente. Raskhan o olhou e cerrou os olhos.

— O quê?

— Que o quê? — Asael disse, suas sobrancelhas arqueando.

— Você fez aquela cara de “pensei em algo, mas não sei se vai dar certo” — disse, seu dedo rodando na frente do rosto de Asael.

— Não tenho uma cara para isso.

— Sim, você tem.

— Não, eu não tenho.

— Apenas diga o que pensou, *dætae*, então seguimos daí .

Maldito seja. Odiava quando sua voz grossa parecia veludo ao falar aquele apelido. O que significava, afinal? Precisava encontrar alguém que falasse a lí ngua demoní aca para descobrir. Empurrando as perguntas para o lado, cruzou os braços e soltou um suspiro.

— Talvez... Lembra, mais cedo, quando o usei como um condutor de magia?

— Claro. Ainda sinto formigando — falou, seus dedos abrindo e fechando.

— E se... Vamos dizer que posso transferir um pouco de poder para você, aumentar sua força para o portal, e fazer com que nós dois e mais isso aí no chão consiga passar sem muitos problemas ou vai deixar você cansado?

Raskhan piscou, parecendo assimilar o que Asael havia dito.

— Transferir seu poder?

— Seria apenas um pouco. Para que consiga se concentrar em um portal maior e nos levar para o Ministério.

— Não é apenas os magos que podem fazer isso?

— Digamos que sim. — Ponderou.

— E você é metade bruxo, Asael.

— Não se esqueça do elfo. — Sorriu, seu dedo batendo na ponta da orelha fina.

Entretanto, o íncubo não estava sorrindo. Seus braços poderosos cruzaram, seu rosto sério.

— Estou perdendo uma parte importante aqui.

— E não vou explicar para você. — Asael o imitou, levantando na ponta dos pés para conseguir parecer um pouco mais alto. — Então? É isso ou enfiarmos o corpo em um saco e carregar pelas ruas até deixar cair na porta de Sinclair.

Raskhan rosnou.

— Tudo bem. Mas você não está escapando de uma explicação, Asael.

— Nem sob tortura — resmungou sob a respiração.

Um sorriso lento cresceu no rosto de Raskhan, indicando que o íncubohavia ouvido muito bem. Avançando sobre Asael, seus braços o envolveram, seu rosto caindo perto de seu pescoço e parecendo inspirar seu cheiro.

— Seria meu prazer torturá-lo, *dætae*. Arrancar de você todo tipo de som, deixar seu corpo suado e trêmulo enquanto me responde ofegante. — Se afastou, o vermelho engolindo o azul e fazendo a pele de Asael arrepiar. — Mas isso vai ter de esperar. Agora, me mostre seu poder, *miccã*.

Certo, poder.

Piscando, Asael tentou lembrar que precisava respirar para fazer seu cérebro funcionar direito. Arrancou as luvas novamente, os olhos atentos de Raskhan pegando cada pequeno detalhe.

Nunca deixe ninguém saber, Asael, ou isso será o fimda sua vida.

As palavras agourentas de seu avô ecoaram em sua cabeça, estremecendo sua espinha e molhando suas axilas com suor. Lambendo os lábios, concentrou-se nas pontas de seus dedos e puxou lá do fundo, daquela piscina plácida do seu interior, a pequena corda prateada. Esticou, o fio de luz inchando suas veias e fazendo seus olhos ambarinos brilharem brancos.

Sua voz não era a mesma quando sua boca abriu e proferiu:

— Prepare-se.

O rosto de Raskhan nublou com concentração. Em um movimento fluido, puxou o corpo do leão demoníacosobre o ombro e agarrou a cabeça em uma mão. Asael estendeu os dedos e

Raskhan os pegou, entrelaçando-os. A outra mão de Asael pousou sobre o peito do í ncubo,o coração batendo calmo contra sua palma. O poder pulsou prateado com um leve toque violeta e tirou a respiração de Raskhan.

Não os deixe saber, Asael.

Tarde demais, vovô.

Seus olhos piscaram. Calor lambeu sua pele e tirou seu fôlego. Em um segundo seus olhos viam o quarto bagunçado do hotel Blasfemol e, no outro, estava olhando diretamente para as portas do mestre Sinclair. Sua cabeça rodou, seu estômago torceu e seu corpo curvou em busca de ar. Raskhan grunhiu ao lado e a criatura tombou aos seus pés quando as mãos do í ncubo seguraram Asael no lugar.

— Respire. Lembre-se de respirar, *dætae*.

— Inferno. — Ofegou. — Como consegue fazer isso sempre?

— Você se acostuma.

Nunca se acostumaria. Seus joelhos tremiam e sua cabeça rodava como um pião desgovernado. Asael sentiu a magia ao redor do escritório vibrar, anunciando a chegada deles e as portas duplas se abriram, revelando um sisudo e perturbado Sinclair. Se Asael não estivesse tão zonzo e prestes a vomitar, poderia ter prestado atenção no cabelo loiro solto e bagunçado caindo liso sobre os ombros do mestre. Um vinco vermelho marcava a bochecha com a sombra de uma barba crescendo.

Quem diria que o Arcano era humano?

— O que no inferno...? — Puxou a gola de sua túnica para ajeitá-la e os fuzilou com o olhar. — Vocês dois juntos novamente?

— É o laço do destino — Raskhan comentou ao pegar a criatura do chão, assim como a cabeça decepada, e empurrou o Arcano com o ombro para liberar a passagem. — Desculpe interromper seu sono, Dastan.

— Juro pela linhagem da minha famí lia, Raskhan — resmungou enquanto massageava os olhos com as pontas dos dedos. — Ainda vou matá-lo.

— Entre na fila. — Sorriu, virando e depositando o leão demoní aco sobre a mesa limpa. Se virou para Asael com olhos

preocupados. — Precisa de ajuda?

— Ainda tenho minha dignidade — respondeu se endireitando e praguejando quando tudo rodou.

— O que aconteceu com vocês? Parecem ter rolado sobre algo morto.

— Algo parecido — Asael respondeu.

Caminhou devagar para dentro da sala e as portas se fecharam em suas costas. O pulso de magia ondulou e acariciou a pele de Asael, arrepiando seus pelos. Deixou um olhar desejoso para a cadeira confortável ao lado, mas desistiu quando viu Sinclair dar a volta na mesa e apontar para a criatura morta.

— E o que é essa *coisa* na minha mesa?

Calçando as luvas de forma lenta, Asael se aproximou e olhou com uma careta para a cabeça da criatura o olhando firmemente. Mesmo já tendo visto de tudo, ia ter pesadelos com aquele olhar.

— Um *Viashephisva*. Exclusivo. — Raskhan abanou a mão sobre o corpo fedorento e sentou na ponta da mesa.

— Eles não se parecem assim no meu livro. — Sinclair pegou uma caneta e cutucou a criatura, seu nariz enrugado com nojo.

— Há *um livro* onde cita essa coisa?

— *Viashephisvas* são criaturas milenares. Ninguém sabe de onde elas surgiram ou mesmo para onde foram. Apenas uma única página é dedicada a eles no meu Grimorium e mal há informações. — Sinclair suspirou, sua mão passando pelos cabelos.

— Não há informações porque os Imperadores aniquilaram toda a espécie viva no planeta na era medieval — Raskhan rosnou, seu rosto sombrio. — Foram anos perseguindo e procurando as colônias. Não dormi durante semanas para ter certeza de que não sobraria um único respirando.

Pelos céus... Era medieval!

— Isso... Eles não *existem* mais!

— Me parece que esse sobre a sua mesa é bastante real, mestre.

O Arcano jogou um rápido olhar para o comentário sarcástico de Asael e então cruzou os braços.

— Por que vocês me trouxeram um cadáver extinto?

— Porque pareceu divertido e não tí nhamosmais nada para fazer — Raskhan comentou, seu rosto uma máscara fria.

A magia crepitou ao redor de Sinclair e Asael suspirou.

— Todos estamos cansados, então vamos acabar logo com isso. — Desabou sobre a cadeira dura de convidados e jogou o saco *ziplock* na direção do Arcano, que o pegou no ar. — Quem quer que seja, estava monitorando esse camarada. O deixou no hotel com um único propósito e Raskhan e eu achamos que estava esperando você ao invés de nós.

— Eu?

— Não se faça de idiota — Raskhan resmungou. — O feiticeiro está colhendo órgãos, Dastan. Você é o Arcano, um dos magos mais poderosos do paí s. Junte as peças.

Sinclair afundou em sua cadeira e esfregou o rosto.

— Havia algo no quarto? Conseguiu alguma pista?

— Um parasita novamente. Provavelmente hospedado em um corpo shifter lobo. A diferença desta vez era que o rastro estava mais forte. O cheiro parecia impregnado no quarto.

— Ou o feiticeiro que comanda o parasita é forte, ou ele voltou para o quarto em busca de algo. — Raskhan completou.

— Você, como Imperador, não deveria ter controle dos seus demônios? — Sinclair perguntou, seus olhos cerrados.

O sorriso do í ncubo parecia frio, carregado de raiva.

— Os parasitas são livres para criarem seus contatos. Eles não me devem explicações a não ser que lhes pergunte ou isso afete o Mundo Inferior. Não tente me ensinar a reinar, Arcano, e eu não vou ensiná-lo a comandar seus magos.

— Como posso saber se não é você enviando seus pequenos demônios fétidos em comum acordo com um feiticeiro? Íncubos adoram ver o caos se espalhando. É um pequeno tipo de prazer, não é?

Asael engoliu em seco, seus nervos desgastados se esticando. O poder rodava pela sala, a magia de Sinclair batendo em ondas contra a fúria de Raskhan. Por um lado, o que o mestre havia dito fazia um pouco de sentido. Porém, Asael conhecia

Raskhan. Ou pelo menos achava que sim. Ele não seria capaz de algo assim, seria?

A fúria de Raskhan caiu, a magia de Sinclair girando sozinha na sala. Os olhos frios do í ncubocaí ramsobre Asael ainda sentado e ele viu a apreensão marcada em seu rosto bonito.

— Eu nunca faria isso, Asael. Sou o primeiro Imperador por um motivo, ando pelo mundo há muito e já vi de tudo. Vivi muitas guerras. A última coisa que poderia querer seria outro massacre vindo de um feiticeiro com um culto sombrio.

E Asael acreditou naquelas palavras. Assentiu uma vez enquanto Sinclair bufava de seu lugar balançando a cabeça em desacordo. Sem problemas, o Arcano não precisava acreditar em Raskhan. Asael o fazia e isso estava bem para ele.

— Isso tudo é besteira. Não recebo um relatório seu há dois meses!

— Vou passar um pente fino se isso deixa você de consciência mais limpa, Dastan — Raskhan rosnou. — Vou fazê-lo engolir os dados e rir ao vê-lo engasgar.

— Tudo bem, a competição de mijo pode acabar agora — Asael disse com um suspiro.

Inferno, o que não daria por uma cama agora?

Sinclair abanou a mão com descaso. Com apenas a luz do duplo abajur sobre a mesa, era visí vel as bolsas abaixo dos olhos. O Arcano não estava dormindo bem. Asael olhou ao redor e franziu as sobrancelhas ao ver o grande relógio do outro lado. Se passava de uma da manhã.

Quando foi que minutos se transformaram em horas?

— Você dorme no Ministério?

— Não. Permaneci aqui porque o mandei em busca de informações sobre a morte de Hellion. Conhecendo você, Chevalier, imaginei que bateria na minha porta ainda hoje ou no máximo amanhã, assim, decidi ficar. Só não imaginei que traria companhias — disse, apontando o *Viashephisva* e então Raskhan. Seus olhos foram para a porta segundos antes de alguém bater. — Entre, Diane.

A porta se abriu e uma maga entrou. A mesma maga que havia insultado Asael semanas atrás quando pegou o caso de

Cherrie. Seus olhos escuros pegaram os dele, um brilho irritado surgindo pouco antes de conseguir cobri-lo com indiferença. Diane fez uma rápida reverência e olhou para Sinclair, parecendo completamente alheia ao enorme animal morto sobre a mesa.

— Desculpe o horário, mestre, mas o senhor disse para trazer o relatório assim que ficasse pronto.

— Não se preocupe. Deixe-o sobre as pastas, por favor.

Asael viu Diane esticar o braço, a borda de seu braço passando sobre o leão demoní aco e quase o tocando. Ela se afastou com outra reverência e deixou um olhar de aversão para Asael antes de se virar e sair pela porta sem mais uma palavra.

— O que...

A mão de Sinclair se ergueu, calando Asael. Seus olhos continuavam na porta e então seus ombros caí ram, permitindo a Asael sua fala mais uma vez.

— Maldição, o que aconteceu aqui? — Asael perguntou.

— Cobri ambas criaturas com o véu para que Diane não se assustasse. — Sinclair gesticulou para a mesa e então para Raskhan.

— Obrigado pela gentileza, mestre Sinclair — o í ncubo comentou secamente.

— Não me agradeça. Meus magos verem que me relaciono comercialmente com um í ncubo mancharia minha reputação. Gosto de manter minha imagem intacta.

Raskhan abriu um sorriso e Asael viu a longa fileira de dentes pontiagudos que costumava esconder muito habilmente atrás de dentes humanos. As pontas brilharam e os olhos de Raskhan se tornaram vermelhos.

— Se não houvesse tratado...

— Sou um Arcano — disse simplesmente.

— Grande porcaria — rosnou. A ponta de seu dedo com a garra preta curva apontou o corpo do leão demoní aco. — Matei cada criatura dessa, me certifiquei de queimá-las dentro do inferno onde apenas *eu* tenho permissão de pisar. Se isso saiu das minhas terras sem que soubesse e foi reanimado, Dastan... Você sabe como me sinto quando alguém toca no que é meu sem permissão.

Um calafrio desceu a espinha de Asael. Sinclair olhou de sua cadeira sem parecer abalado.

— Não foi reanimado. Uma carcaça reanimada teria marcas. E se isso foi morto na era medieval, Raskhan, só haveria seus ossos agora. Esse *Viashephisva* é real. Saiu de algum lugar, alguma colônia submersa que vocês, Imperadores, não acharam.

— E se for um portal? — Asael perguntou.

Sinclair assentiu lentamente.

— Provável também.

Asael assentiu e se levantou. Suas mãos apertaram contra sua cintura, seus olhos cerrados e seu rosto sério.

— Não posso continuar trabalhando para o Ministério. Isso está saindo fora de controle, mestre Sinclair, e você sabe disso. Há um feiticeiro roubando órgãos para criar um culto sombrio! O que vocês estão fazendo além de recolher seus mortos e acobertar o problema?

— Não sabemos se é realmente por isso que estão sendo roubados.

— Não? Então ele está fazendo o quê? Colhendo ingredientes frescos para fazer uma sopa? — Raskhan perguntou.

A menção de sopa fez o estômago de Asael resmungar para então embrulhar ao pensar em tripas e corações mergulhados em um caldo vermelho fervendo.

— Seu péssimo humor sempre fora de hora, Raskhan.

Asael acenou, chamando a atenção para ele novamente.

— A questão aqui, Sinclair, é que só vou trabalhar para você novamente se colocar todas as cartas na mesa. Sem mais vendas e mãos amarradas. Quero saber o que estou enfrentando, quero saber tudo o que sua investigação já tem. Não vou mais ser o seu cão de abate. É aceitar ou largar.

Os minutos seguintes pareceram eternos. Quando Sinclair falou, sua voz era baixa e soturna.

— Você sabe que não se pode negar um pedido do Arcano, não sabe?

— Não é uma lei. Não negar seu pedido é ser cortês e prezar pela vida. — Asael sorriu de lado, desprovido de humor. — Não me importo mais com a primeira. Já a segunda...

— Tem minha palavra e sangue de que a vida de Asael Chevalier é de minha total responsabilidade. Se o Arcano vê ofensa em suas palavras é a mim que deve se reportar — Raskhan disse em uma única batida.

— Você realmente está se responsabilizando pela vida de um mestiço?

Sabia que aquele era o termo para se referir a ele, mas nunca deixava de parecer um insulto. E Raskhan, um Imperador, se responsabilizar por ele parecia ser terrível na cabeça de Sinclair. Pego de surpresa, Asael apenas olhou para o íncubo se erguendo em toda sua altura de mais de um metro e noventa de músculos e beleza.

— Ele é mais do que um mestiço. E, sim, estou me responsabilizando. Quer contestar, *mestre* Sinclair?

Maldição, quando Raskhan falava daquela forma, não era respeito algum que soava. Sinclair bufou, negando uma vez e se levantando.

— Não. Vocês são adultos, façam o que acham que devem. Sobre o trabalho, Chevalier, você é muito valioso para o Ministério. Aceito suas condições. — Seu pulso torceu suavemente e uma pasta grossa e preta saiu de sua estante até sua mão. — Aqui está tudo o que precisa saber. Cada feiticeiro que o Ministério sabe que existe e onde estão localizados desde a última vez que foram reconhecidos. Assim como pistas, provas, relações.

Asael pegou a pasta, bufando ao ver o quão pesada era, e assentiu.

— Vou usar o que sei para encontrar possíveis portais, resquícios de magia negra. Se há um *Viashephisva*, deve haver outros — Asael disse.

— Irei procurar quem fabricou esse dispositivo e se tem como ligar à pessoa que usou pela última vez. Assim que obtiver respostas entrarei em contato.

— Se precisar, Reid Archeron é ótimo em buscas e possui contatos no mercado negro de tecnologia. Não que você soube por mim. — Asael sorriu de um jeito que mais parecia uma ameaça.

— Claro. Vou levar isso em consideração.

— Aqui está a conta dos gastos que tivemos essa noite, Dastan. — Raskhan se curvou e rabiscou em uma folha antes de puxar a mão de Sinclair e colocar sobre sua palma. — Espero ser ressarcido até o final do dia de amanhã.

— O que é isso?

— Meus sapatos italianos foram arruinados pelo *Viashephisva*. Assim como as roupas de Asael. Que me lembre, seus contratos estipulam valores para caso haja danos pessoais e matérias. — O sorriso de Raskhan poderia ser descrito como o de um tubarão. — Tivemos avarias no vestuário. Espero o dinheiro, Sinclair. Boa noite.

Havia uma cláusula para isso? Asael deveria realmente ler seus contratos por inteiro ao invés de ver só as partes que importava.

— Espere! Onde está minha encomenda?

— Oh... Era um livro, não era? — Raskhan franziu as sobrancelhas e apalpou os bolsos. — Acho que o perdi no caminho.

— Você... *perdeu*?

— Não, está em algum lugar do meu bolso. Era importante? Prometo que, ao encontrá-lo, vou pedir para entregar em suas mãos. Bel e Gra iriam adorar vir até aqui.

— Você... — Sinclair rangeu os dentes. — E o *Viashephisva*?

— Queime. Você tem uma ótima lareira e está frio essa noite. — Raskhan acenou. — Não esqueça de usar incenso depois. A carne costuma feder.

— Raskhan!

O íncubo pegou Asael pelos ombros e o empurrou para fora antes que a raiva do mestre Arcano caísse sobre suas cabeças. Desceram as escadas correndo e saíram do Ministério como se suas bundas pegassem fogo. Asael passou a mão pela testa, o couro da luva pegando as gotas de suor.

— Você, realmente, disse para Sinclair queimar aquela coisa na lareira?

— Ele tem uma enorme naquela sala. Vai economizar lenha.

A risada saiu de Asael antes que pudesse segurá-la. Maldição, estava cansado. Empurrando os cabelos longe do rosto olhou para Raskhan enfiando as mãos no bolso e sorrindo

suavemente. Ainda tinha um pouco de sangue verde em suas têmporas e pescoço, mas isso não o deixou menos bonito. Olhou para si mesmo e praguejou. Sua camiseta tinha rasgos nas laterais e seu casaco parecia retalhado. Suas luvas ainda tinham sangue seco nelas.

Um mendigo era menos maltratado.

— Você quer usar o bondinho ou...

— Bondinho. Por favor, vamos seguir com algo normal para finalizar a noite. — Asael suspirou, seus pés parecendo como chumbos ao atravessar a rua e a pasta pesando em seu braço. — Perdeu o livro de verdade?

— Claro que não. Sei muito bem onde guardo minhas coisas. — Bateu a mão sobre o bolso e saltou para dentro do bondinho, puxando Asael junto.

Sentando com a pasta sobre as coxas, sua cabeça pesou e encostou a testa na lateral da janela, observando as ruas passarem. As pessoas caminhavam tranquilas, sequer imaginando o que estava acontecendo e o quão perigoso seria nas próximas semanas. Ou seriam dias? Quanto o feiticeiro já conseguiu? Estava perto de conseguir o que queria?

Tantas perguntas...

— Então... Sempre me perguntei como isso tudo de magia funciona.

Asael sorriu. Raskhan não era nada sutil.

— Se perguntou, hein?

— Claro. Nós, os demônios, nascemos de um pensamento, de um desejo da súcubo durante o perí odofértil nas luas alinhadas. Passamos pelo véu da magia, somos banhados nele e então nascemos. É simples. Mas, e os magos? Como a magia deles veio?

Simples. Como que nascer de um pensamento era *simples*?

Olhando de lado para Raskhan, Asael considerou suas próximas palavras.

— Não se sabe exatamente como surgiram os magos. Alguém sabe como qualquer coisa foi criado no universo? — Asael olhou Raskhan negar suavemente. — Talvez com a explosão do *Big Bang*, ou a poeira da galáxia, ninguém realmente sabe. Esteve sempre lá. Os mundos se dividiram, portas foram criadas ou

seladas. Povos divididos. Criaturas migraram para a Terra, ou vice e versa. A única coisa que se sabe com o passar dos anos, e muito estudo, é que a magia passa de pai para filho. Genética, pura e simples.

— Isso determina o poder da criança? Um Arcano cria outro Arcano?

— Não. O DNA pode possuir vestí gios da famí lia, assim nada é conclusivo. Um pai pode ter o poder da terra, a mãe do ar e a criança nasce sendo apenas um mago do fogo porque sua avó era. É uma mistura. Assim como um Arcano pode ter o maior poder e gerar uma criança que manipula a água apenas. Um pai forte não necessariamente gera uma criança forte. — Asael franziu os lábios e sussurrou. — Pode nascer fraca ou com os poderes do universo.

— Isso é...

— Estranho para você? — Asael sorriu. — Foi estranho para mim saber que súcubos atiram bebês demônios para a morte porque imaginam serem fracos.

— Não imaginam — murmurou. — A criança nasce com as marcas do véu. Se forem poucas, significa que não passou direito e é defeituosa.

— Como assim?

Raskhan suspirou, seu corpo desabando no banco ao lado de Asael.

— Um demônio possui marcas originais de nascimento de acordo com a linhagem. A súcubo possui runas nos ombros, o í ncubonasce com as runas no rosto. Se uma criança nasce com as runas falhadas, ela é uma criança falha. Entende? A magia não foi suficiente e essa criança vai morrer antes de chegar à idade adulta. Seja por problemas de saúde ou por ser fraca demais para lutar. Nós, demônios, vivemos por nossa própria conta. Por que prolongar a vida de uma criança se ela vai morrer?

— Todos iremos morrer em algum momento. Por que não deixar que a própria criança trace seu futuro ao invés de podá-lo assim que nasce?

Os olhos azuis de Raskhan se fixaram em Asael com atenção, perscrutando seu rosto com calma e precisão. Tão firme que Asael sentiu que estava sendo tocado.

— Nós achamos que isso é ser misericordioso. Você não sabe como é crescer sendo um íncubo em uma família de Imperadores.

— Não sei, realmente. Minha família me alimentou com amor, cresci com cuidado e fui protegido parte da minha infância. Não sei o que você passou para chegar até aqui, Raskhan, mas isso não significa que preciso concordar. Se pudesse mudar, mudaria, mas então você não seria o Raskhan que conheço. Mudar ou não mudar, eis a questão.

O íncubo riu baixinho, fazendo com que uma sensação estranha preenchesse o peito de Asael. Satisfação por fazê-lo rir? Olhou para a rua mais uma vez e viu que estavam a poucas quadras de seu prédio. Deixou a moeda cair na catraca e saltou um pouco sem jeito com a pasta na curva do braço pesando, Raskhan vindo em seguida. Suas mãos bateram no terno limpo e Asael deixou sua boca cair ao ver a sutil mudança.

— Você... Quando?

— O que?

— Suas roupas! — Balançou a mão na direção do corpo de Raskhan com descrença. — Não era... Não estava... Como?!

O íncubo sorriu, mantendo aquela sensação aquecida no peito de Asael. Isso era novo e aterrorizante. Não sabia se iria se acostumar com isso. Ele queria se acostumar? Isso significaria aceitar a presença de Raskhan por um tempo longo além de alguns dias. Asael queria mais que alguns dias? Inferno, talvez semanas não fossem o suficiente.

— A roupa é mera formalidade, *dætae*. Nós nascemos nus, vivemos nus toda nossa vida. As roupas são usadas apenas no seu mundo, que é bastante pudico, aliás. Então, trocá-las é apenas questão de um estalar.

— Como?!

— Magia. Você mesmo disse que não há como explicar. — Deu de ombros. — Aliás, como se diferencia um bruxo de um mago? Os bruxos não têm seu poder passado pela genética?

— Não vou responder essa pergunta. — Bufou, virando e se afastando pela calçada.

Raskhan o alcançou facilmente, claro. Com aquelas longas pernas, poderia dar a volta no quarteirão três vezes enquanto Asael avançava a primeira volta.

Esse pensamento o fez torcer o rosto em uma careta.

— Por que? — Raskhan perguntou.

— Por quê, o quê?

— Por que não vai me responder? Prefere a tortura?

Um calafrio desceu por sua espinha, como se os dedos de Raskhan lambessem sua pele em uma carí cia. Sua marca não protestou, sinal de que o í ncubo não estava usando poder nele. Então, o que? Asael virou a esquina, seu prédio de seis andares se erguendo no meio da rua solitária de lojas de comércio.

— Por que exigiu um pagamento de Sinclair se você pode estalar os dedos e ter roupas novas? — resmungou.

Raskhan riu baixinho.

— É um prazer ver Sinclair se contorcer de raiva.

— Você possui gostos estranhos, Imperador.

Asael subiu as escadas para seu andar, sua mão apalpando os bolsos em busca de sua chave e praguejando ao sentir o bolso furado. Olhando ao redor, tentando se lembrar de alguma chave reserva escondida, quando a tranca soou com um clique e a porta se abriu. Ergueu os olhos para ver Raskhan sorrindo, sua mão empurrando a porta aberta.

— Você primeiro.

Asael grunhiu, passando pela porta com o sussurro de sua magia ao mesmo tempo em que Akuma miava de cima do balcão. Acendeu a luz da sala e deixou a pasta pesada sobre sua mesinha, junto com suas luvas antes de ir para a cozinha e acender a luz. Viu que a tigela vazia estava ao lado de seu gato e seus olhos amarelos prometiam uma morte lenta se não fosse preenchida com ração. Logo, o miado mudou e um longo ronronar alto se ouviu quando Akuma vislumbrou Raskhan fechando a porta e parecendo muito confortável.

— Agora você é doce.

— Seu gato possui bom gosto.

O corpo de Raskhan pairou sobre o dele, o sorriso sensual moldando aqueles lábios cheios. Pareciam tão beijáveis... As

narinas do íncubo abriram, seus olhos brilhando e o vermelho criando raias no meio do azul claro. Era tão bonito...

Asael soltou um suspiro, suas mãos envolvendo o rosto do íncubo e o puxando para si. Raskhan não teve tempo para se preparar além de um suspiro de choque quando os lábios tocaram os seus com força. Sua boca se abriu, deixando a língua de Asael se entrelaçar na sua e isso tirou gemidos de ambos.

Mãos se tornaram nervosas, tateando por baixo de camisas, dedilhando a pele e sentindo a textura. Tropeçaram para fora da cozinha, Asael se segurando nos ombros de Raskhan e tentando não cair em seus próprios pés e fazer papel de tolo. Suas costas se chocaram com a parede e mãos o ergueram por baixo das axilas, suas pernas se enroscando no quadril estreito.

As bocas se separaram em busca de ar e a cabeça de Asael inclinou para trás, expondo sua garganta para a exploração ávida de Raskhan.

— Sinto seu cheiro, sinto tão forte... Está impregnado em meu pulmão. — As mãos de Raskhan encontraram seu peito, os polegares brincando com os mamilos. O cheiro de cravo e almíscar deixava a cabeça de Asael zonza. — E apenas aumenta. À svezes me pergunto quem realmente está sendo torturado aqui.

— Khan... *Por favor*...

O rosnado reverberou por sua garganta, o nariz de Raskhan deslizando pela pele sensível. Sua exclamação saiu baixa ao sentir o pau duro esfregando em sua bunda e seus olhos se fecharam. Estremeceu quando as mãos de Raskhan o puxaram um pouco para baixo, encaixando-se tão perfeitamente que arrancou um soluço de necessidade de Asael.

Inferno, não conseguia respirar.

Seus dedos se enroscaram nos cabelos pretos, puxando-os e empurrando. Querendo um pouco mais da tortura e ao mesmo tempo tentando afastá-lo quando sentiu os lábios contra sua pele, sugando antes de deixa-lo e a cabeça se afastar.

Asael abriu os olhos e toda a luxúria evaporou, pavor correndo por suas veias como um cavalo desenfreado. Seu coração acelerou de forma errada, sua pele se sentiu fria e suas palmas suaram. Viu os olhos, tão vermelhos olhando para ele, cercados por

cí lios claros e cheios de uma loucura insana. Mas não era o Raskhan. As garras cavando sua pele, fios pálidos formando uma cortina em seu rosto e o cobrindo do mundo.

Sua garganta fechou.

— Por favor... Não...

Os olhos vermelhos se arregalaram e o corpo alto se afastou bruscamente. Os joelhos de Asael cederam e mãos firmes o seguraram no lugar antes de se afastar novamente. Seus olhos embaçaram pelas lágrimas, mas não o impediu de ver o rosto de Raskhan.

A dor.

Então a fúria.

Asael se sentiu sujo, envergonhado. Abraçando a si mesmo, sentou sobre seu chão e empurrou as costas contra a parede. As lágrimas não paravam. A dor não o deixava. Seu amuleto pulsou, tentando conter o poder, mas não era o suficiente. A magia expandiu, criando um casulo ao seu redor.

— Desculpe. Desculpe, Khan, desculpe... — repetiu baixinho, seus olhos se perdendo.

— Eu juro, Asael. Juro pelo meu sangue que quem fez isso com você, vai pagar.

O poder se enrolou, as tramas se fechando e o protegendo. Asael soluçou, suas pálpebras caindo e a consciência o deixando.

Havia sido uma longa, longa noite, afinal.

11

MONSTROS SÃO REAIS

O apartamento estava em silêncio. Raskhan deixou apenas a luz da cozinha acesa, a sala iluminada apenas pela parca luz vindo do cí rculo ao redor de Asael. Akuma saltara sobre o sofá e olhava para seu dono com uma calma felina e levemente desinteressada.

— O que está acontecendo com seu dono? — murmurou.

Akuma o olhou, miou baixo e se deitou. Seus olhos voltaram para o cí rculo, o prata pulsando em um meio globo e o corpo de Asael encolhido em forma fetal no chão. As lágrimas haviam cristalizado, flutuando ao redor como gotas de chuva brilhantes. De longe, Asael parecia envolto em uma nebulosa prateada. Raskhan se agachou, sua cabeça inclinando ao olhar para o rosto torturado de Asael, seu pequeno *miccã*, e toda a dor e medo parecia gravada em sua face.

Os cí lios tremularam, mas os olhos não abriram. Inquieto, levantou-se e passou a andar de um lado ao outro da sala. Sentindo-se preso, tirou o terno e o colete, desabotoou os primeiros botões da camisa e tirou a gravata. Passou as mãos pelo cabelo, a raiva o percorrendo. Podia sentir o cheiro do desejo de Asael desde a sala de Sinclair. As pequenas rajadas da fragrância, as pupilas dilatando brevemente, e então em sua casa. O cheiro tão forte que deixou Raskhan tonto. Prometeu não encostar em Asael a não ser que o próprio tomasse iniciativa.

E, sangue amaldiçoado, Asael o fez.

Tomou sua boca como um homem sedento e quase fez seus joelhos dobrarem com a onda de desejo que bateu sobre ele com força. Assim, tudo foi substituí do pelo cheiro acre do medo. Tão cru

e pegajoso que se grudou em sua pele. Os olhos aterrorizados de Asael... Sangue amaldiçoado, Raskhan queria rasgar quem deixou aqueles olhos ambarinos tão aterrorizados. Porque havia sido alguém. No começo, Raskhan sabia que o mestiço tinha medo dele, a marca gravada em sua pele era uma dica enorme. Sua ignorância sobre sua raça, o desdenho. Raskhan pensou que tudo isso era apenas um preconceito.

O cheiro de medo o envolveu naquele dia no Ministério. E Raskhan não estava por perto. O cheiro o seguiu para fora, deixando os caçadores no salão se perguntando quem seria a caça medrosa que os deixou salivando. Olhou para a porta, se lembrando do dia que o beijou no beco, incapaz de se refrear e tão, *tão* sedento pelo gosto de Asael... Assim, o medo estava lá novamente, o fazendo chorar.

Raskhan já vira aquele medo no olhar. O cheiro também era o mesmo. Ví timas, geralmente elas cheiravam assim antes de morrer. Ou quando se encontravam em uma situação que não conseguiam sair e acabavam ficando assombradas pelo resto da vida. Alguém havia assustado Asael e gravado em sua memória o terror, um que Raskhan parecia representar em algum momento.

O cí rculo pulsou novamente, as tramas parecendo se desenrolar devagar. No meio de todo aquele prata, pequenas gavinhas violetas se estendiam, se enrolando nos fios e se esticando para Raskhan. Estendendo a mão, os fios se enrolaram suavemente em seus dedos e os deixou formigando suavemente. As gavinhas se recolheram para dentro do prata novamente, descendo até Asael e se enrolando ao redor de seu corpo. Um suspiro baixo saiu de seu peito magro e a calma pareceu tirar a tensão de seus ombros.

Akuma se espreguiçou, saltando do sofá para o chão e então para cima do balcão. Sua pata bateu na tigela vazia ao mesmo tempo em que prata e violeta cercavam o corpo de Asael em linhas finas e apertadas. O cí rculo estremeceu, mas não se abriu. Akuma miou mais alto e Raskhan bufou.

— Sim, sim. Sua comida, majestade. — Puxou o saco do armário e despejou a ração na tigela. — Talvez deva fazer alguma comida para seu dono. Ele deve estar com fome. O que acha?

O ronrono de Akuma foi sua única resposta. Raskhan decidiu que era melhor ocupar sua cabeça. Arregaçou as mangas e tirou os sapatos, deixando seus pés tocarem o chão e sentir o apartamento. Os poderes de um íncubo eram extensos, mas se fosse um mero *ladrag* sua magia era pequena. Pequenos truques para surpreender. Agora, um Imperador possuía a grande magia. Seus poderes aumentavam quando assumia o trono ao receber toda a energia vital de seu antecessor.

Quanto mais um íncubo Imperador vivia, mais poder ele teria. E Raskhan estava vivo há muito tempo. Ele viu cidades inteiras virarem pó e outras se reerguer das cinzas. Viu civilizações se extinguirem. O tempo pesava em seus ombros e o mundo parecia cinza e vermelho. Asael deu um toque de prata em seus dias e sua boca se curvou em um sorriso inevitável ao se lembrar do mestiço.

Um gemido fraco soou do chão e Raskhan se virou imediatamente, seus pés se movendo na direção do som. O círculo se fora, deixando o corpo pequeno de Asael no chão, as gavinhas prateadas e violetas desaparecendo da pele pálida aos poucos. Se agachando ao lado do mestiço, seus dedos passaram pelos fios úmidos do cabelo e o viu estremecer levemente. Talvez, aquela noite havia cobrado mais do que Raskhan poderia imaginar.

Passando os braços por baixo do corpo, levantou Asael sem parecer que pesava mais do que uma pena. O mestiço resmungou, seus olhos tremulando e os dedos se aferrando à sua camisa.

— Dói...

— Eu sei, sinto muito. Vamos tirar a roupa e a sujeira e então comer algo, tudo bem?

Outro resmungo e Raskhan caminhou para dentro do quarto de Asael e então o banheiro. Sentando-o sobre a tampa da patente, Raskhan abaixou sobre um joelho e começou a puxar o casaco e camisa rasgados e os jogou em um montinho imundo no canto. Asael cruzou os braços sobre o peito, sua pele se arrepiando e o corpo balançando suavemente para frente e para trás ao ficar de pé. Os cortes em suas costelas atraíram a atenção de Raskhan, seu dedo tocando suavemente a borda vermelha.

— Dói?

Asael assentiu fracamente.

— Precisa de ajuda para cuidar disto?

Sua cabeça balançou em negativa. A runa contra a sedução do íncubo permanecia intacta, mesmo o rasgo atravessando no meio. Havia apenas se afundado para dentro da pele, como que pressionada na carne. Runas eram coisas poderosas e nem todos conseguiam criar uma tão eficiente quanto as que Asael criava.

E havia muitas pelo corpo pálido, pintando a pele de preto. Sabia que Asael estava parcialmente consciente, já que não estava protestando quando Raskhan tirou suas botas surradas. Fez uma careta para os sapatos, pensando se o seu pequeno *pretiosum* ficaria irritado caso queimasse aquele par e lhe desse botas novas.

Sorriu, sabendo que Asael o socaria nas bolas por isso.

Seus olhos se ergueram ao puxar as calças manchadas pelas pernas curtas e se viu olhando direto para a virilha de Asael. Engolindo em seco, debateu internamente se tirava aquela pequena peça cinza ou deixava onde estava. Seu instinto debateu contra a razão.

Apenas deslize a peça fora...

Não seja um animal irracional, mantenha a cueca onde está.

Cerrando os dentes com força, ergueu-se e virou Asael pelos ombros para dentro do chuveiro. Abriu a água e colocou a mão para testá-la, sentindo quente o suficiente, empurrou Asael para debaixo dela. O gemido de apreciação correu para suas bolas e arrepiou sua espinha. Não ajudou ver a água correndo por toda aquela pele pálida coberta com runas. Ou quando Asael inclinou a cabeça para trás e Raskhan sentiu sua boca aguar ao ver a garganta exposta.

Aquilo era sofrimento puro e cruel.

Tortura. Doce, doce tortura.

— Você precisa de ajuda?

Aqueles olhos ambarinos se abriram, parecendo um pouco mais lúcidos que antes. Um suspiro baixo seguiu antes de sua cabeça balançar suavemente e Raskhan assentiu rigidamente antes de fechar a porta e sair do banheiro. Voltou para a cozinha, encontrando Akuma ainda sobre o balcão e seus olhos pareciam esferas julgadoras.

— Não me olhe assim.

O miado longo e baixo seguiu antes de Akuma saltar sobre seus ombros e sentar confortavelmente como um papagaio do mar.

— Seu dono não precisa de ajuda. Se ficasse lá, quem precisaria de ajuda seria eu.

Akuma espirrou, seus bigodes enrugando.

— Pare de me repreender ou vou molhar seu rabo na água quente.

Aquilo parece cessar os resmungos do gato temperamental. Quando Raskhan está terminando de colocar o molho sobre o macarrão, ouve os sons de passos se arrastando pelo apartamento e Asael surge com sua pele rosada pela água e os cabelos puxados para trás longe de seu rosto.

Os olhos de Raskhan se tornam obscuros ao perceber o sulco profundo abaixo dos olhos de Asael, nas bochechas encavadas, na aparência de quase morte. As calças de moletom e a camiseta preta pareciam gigantes sobre seu torso magro. Raskhan o observou se sentar, seu corpo desabando e seus olhos ambarinos o fitando em derrota.

Inferno maldito, como odiava vê-lo assim.

— Me desculpe por mais cedo — sua voz soou baixa e quebradiça.

Raskhan balançou a cabeça e deixou o prato na frente de Asael. Akuma saltou de seus ombros, caindo com graça no chão e correndo para o sofá.

— Não se preocupe com isso. Agora, coma.

Asael pegou o garfo com cuidado, seus olhos fitando o macarrão e parecendo não enxergar realmente. Raskhan puxou a cadeira e sentou de frente para Asael, seus braços se debruçando sobre a mesa e olhando firmemente.

— Vamos falar sobre o que aconteceu?

Os olhos de Asael se levantam do garfo e miram Raskhan com reserva, a linha dos ombros um pouco tensas.

— Sobre o que há para falar?

— Asael..

O tom fez com que encolhesse os ombros e tornasse a abaixar os olhos para o macarrão. Raskhan esperou paciente, algo que estava muito acostumado, seus dedos cruzados sobre a mesa e

pernas espaçadas. Os joelhos de Asael bateram suavemente no interior de suas coxas enquanto o mestiço parecia brincar com o macarrão no prato.

Akuma os olhava com tédio do sofá, seu rabo balançando e batendo. Parecia que não gostava da situação tanto quanto seu dono e o í ncubo.

— Estava esgotado — murmurou. — Meu corpo criou um escudo para que pudesse me proteger enquanto me fortalecia.

— Isso eu entendi. Estou falando um pouco antes, quando o toquei e você tremeu como uma folha seca no vento. Senti o gosto de medo na lí ngua, Asael.

Seus olhos se ergueram para olhar diretamente para o rosto de Raskhan e cerraram levemente.

— Por que está bravo?

— Não estou bravo. Estou tentando entender o que aconteceu. — Seus punhos cerraram sobre a mesa, seus dentes apertando. — Quem fez isso com você?

Asael soltou um suspiro e se recostou.

— Foi há muito tempo. Você não precisa se preocupar.

Raskhan soltou uma risada seca e imitou a posição de Asael. Olhando de longe poderiam dizer que estavam tendo uma conversa casual, mas os ombros tensos e o maxilar rí gidode Raskhan ao se olhar de perto demonstrava o quão próximo de gritar ele estava.

— Não cabe a você dizer se devo me preocupar ou não, *dætae*. Fiz uma promessa, se lembra?

Um pouco de cor floreou nas bochechas de Asael.

— Não pedi para se responsabilizar pela minha vida, í ncubo.

— Não, você não pediu. — Raskhan o olhou, aquelas í ris azuis ardendo. — Fiz porque quis. Agora, quem fez isso com você?

Asael soltou um grunhido, seus olhos voltando para o prato. Raskhan não permitiria isso. Enrolando os pés nas pernas da cadeira, puxou Asael até o peito estar pressionado contra a mesa e suas coxas apertadas entre a do í ncubo.Suas sobrancelhas claras arquearam e Raskhan sorriu, um flash de dentes pontiagudos surgindo antes dos humanos voltarem.

— Fiz uma pergunta, *dætae*. Responda.

— Não tenho medo de você. Imperador ou não, o apartamento é meu e a minha vida me pertence. — Seus olhos cerraram, o dourado brilhando em ameaça.

Raskhan sentiu o ar ao redor mudar. Era opressor, como mãos empurrando seu corpo para baixo e comprimindo seu pulmão. Seus dentes bateram com um rosnado.

— Pare com isso.

— Você não pode entrar na minha casa e exigir explicações — disse monótono.

— Eu posso e *vou*. Agora, pare com *isso*.

O ar ficou ainda mais denso. Era como tentar respirar em lodo. Raskhan grunhiu, sentindo seu corpo se afundar na cadeira com a opressão. Seus olhos brilharam e suas garras saí ram, deixando sulcos na madeira.

— Me esmague, *dætae*, se é isso que realmente quer. Mas não vai mudar o fato de que me importo — grunhiu, seu peito inchando em busca de ar. — Se acostume com isso.

Algo estalou. Akuma soltou um longo miado em ameaça e Asael suspirou com cansaço e puxou seu poder de volta. Raskhan inspirou como um homem em busca de ar ao sair de uma piscina, submerso após muito tempo. Seu pulmão doí a, seus membros latejavam pelo esforço e sua cabeça parecia prestes a explodir.

Então, era assim que alguém se sentia após ser atacado por um mago do ar?

Seus olhos cerraram ao olhar para Asael enfiando a comida em sua boca e mastigando devagar. Sentando-se reto mais uma vez, Raskhan empurrou os cabelos para trás em uma tentativa de parecer composto. Cortaria sua bola esquerda se Asael provasse que realmente era mestiço de bruxo. Não havia artefatos existentes no mundo que poderiam ajudar a mover o ar. Não dessa forma.

Raskhan não disse uma única palavra até ter certeza de que Asael estava se alimentando corretamente. Quando empurrou o prato e expirou lentamente, levantou-se e colocou dentro da pia, virando e cruzando os braços sobre o peito.

— Então?

— Inferno, é como um cão com um osso.

— Comece a falar ou meus dentes vão roer sua canela, *dætae*. — Sorriu.

— O que há para saber? — Asael esfregou a têmpora. — Isso foi há tantos anos...

— Ainda o atormenta e me faz querer rasgar alguém em pedaços. — Raskhan balançou a cabeça e se empurrou para longe da pia. Puxou a cadeira de Asael para trás e se ajoelhou entre as pernas do mestiço, suas palmas descansando sobre as coxas. — Sua dor me machuca. Não sei explicar como ou porquê, mas o faz. Então me conte para que, na próxima vez, não seja um gatilho para você.

Asael franziu os lábios, seus olhos caindo para as mãos de Raskhan em suas coxas. Ele esperou, seus olhos presos no rosto belo e de traços perfeitos, nos cí liosprateados e longos, na linha do nariz reto e levemente arrebitado na ponta. O rosto de um elfo, beijado pela beleza primorosa da natureza eterna. Fios prateados deslizaram, caindo suavemente contra a bochecha pálida.

— Estava na rua há algum tempo — murmurou. — Tinha começado a aprender algumas coisas e pegado alguns contratos. Estava um pouco bêbado porque havia matado quatro pessoas no dia anterior e sentia o fedor de sangue em minha pele. Era iniciante nessa vida de assassino.

Seus ombros encolheram e aquilo doeu em Raskhan. Se ele pudesse voltar no tempo... Bem, mas como Asael havia dito a ele uma vez, se voltasse, então seu pequeno *miccã* não seria como é hoje.

Sua cabeça se inclinou ao olhar o teto, os fios prateados brilhando sobre os ombros.

— Tudo é um pouco vago, mas o desespero não. — Seus olhos se voltam para Raskhan, opacos. Mergulhado na lembrança. — Dormia em uma caixa naquele dia. Estava guardando dinheiro porque tinha visto um apartamento bom e queria comprar. — Sorriu, gesticulando vagamente ao redor. — Precisava de mais um ou dois trabalhos e poderia dar a entrada. Então, a caixa era o que me restava naquela noite.

— Dormir na rua é perigoso e só os mais corajosos sobrevivem.

— Ou tolos. — Asael assente uma vez, sua mão passando de leve sobre uma cicatriz no pescoço. Raskhan já tinha percebido aquela ali. Marcas de dentes de vampiro. — Naquela noite fui um tolo. Você não dorme na rua sobre uma caixa estando bêbado. Ainda mais sendo um beco escuro com demônios rondando em busca de uma oportunidade.

— A culpa não é sua, *dætae*.

— É o que costumo dizer a mim todo dia quando acordo, mas ainda não acredito. — Suas sobrancelhas franziram, seus dedos deslizando sobre os de Raskhan em sua coxa. — Tanto faz. Era a segunda garrafa. Não estava frio, era noite de meio de primavera. Abafado, úmido. Não o vi chegando. — Seus olhos perdem o foco, mirando acima da cabeça de Raskhan algum ponto perdido daquela noite. — Lembro da sua voz, como parecia tão necessitado. Senti o poder me envolvendo, a sedução deslizando pela pele como algo pegajoso e vicioso. *"T ão bonito. Com essas manchas vermelhas de sangue na pele parecendo o pecado pintado em uma tela"*.

Raskhan estremeceu. Já Asael parecia muito perdido para perceber.

— Senti suas mãos puxando minhas roupas, minhas pernas sendo abertas, seus dedos me violando. Estava sendo impelido a fazer algo que não queria. Meu poder queimou, me avisando que algo estava errado. Abri meus olhos e meu coração parou ao ver olhos tão vermelhos me fitando de volta. Seus cabelos dourados formavam uma cortina ao nosso redor, me abrigando do mundo. — Asael fechou os olhos, seu corpo tremendo levemente. — Tentei empurrá-lo, o que só o deixou parecendo mais excitado. Quanto mais eu parecia lutar, mais ele ria. Minha mão tateou ao redor e encontrei a garrafa. Quebrei em sua cabeça e usei os cacos para me cortar na coxa, a dor me fazendo sair da sedução mais rápido. O í ncubo chiou e suas garras me cortaram.

Raskhan seguiu com os olhos onde Asael sinalizava com o dedo. Mesmo de olhos fechados, sabia onde cada marca estava. Linhas finas em seus antebraços que poderiam ter passado despercebidas brilhavam na pouca luz da cozinha. O cretino filho da puta havia marcado Asael, fí sica e mentalmente. Raskhan pegou

sua mão e deslizou pelo antebraço, seu polegar roçando a pele com delicadeza. Sua boca deixou beijos suaves sobre as marcas, desejando que cada uma delas desaparecesse e fossem substituí das pelo carinho.

Os dedos de Asael se enfiaram no cabelo preto do í ncubo, um suspiro raso o deixando.

— Nada saiu como ele planejou, suponho. Seu encanto quebrou e tentei fugir. Ele era tão, mas *tão* forte... — Os dedos de Asael flexionaram, puxando o cabelo de Raskhan no ato. — Ainda lembro dos seus grunhidos e rosnados, suas garras tentando me pegar. Eu corri, despojado de minhas roupas, corri mais rápido que minhas pernas conseguiam, mas ainda podia ouvi-lo atrás de mim.

O que era um leve tremor passou a ser violento, tanto que faziam os dentes de Asael baterem. Raskhan o ergueu da cadeira e o segurou no colo, apertado. Sentando sobre o sofá, aninhou o corpo do mestiço entre os braços, suas mãos acariciando suas costas com movimentos gentis. Com um estalo dos dedos de Raskhan, fogo crepitava na pequena lareira, aquecendo a sala subitamente fria.

Asael se enrolou em seu colo, seus dedos apertando a camisa de Raskhan com força. Pressionando um beijo na têmpora de Asael, o segurou perto até sentir que seu corpo não tremia mais.

— Você é bom com fogo — murmurou.

Raskhan sorriu.

— Moro no inferno. Se não sou bom com fogo, com o que mais seria?

Isso tira uma risada fraca de Asael. Já era um progresso. Os dedos pálidos brincaram com os botões abertos da camisa quando sua cabeça se inclinou e seus olhos fitaram Raskhan com atenção.

— Travis me encontrou no caminho. Eu estava deitado ao lado das latas de lixo de seu bar e não havia percebido. Shirley estava com ele naquela noite, o que ele diz ter sido minha sorte ou teria chutado minha bunda muito nua pela rua. — Asael riu, Raskhan o acompanhando com um sorriso. — Me recolheram, me deram banho e comida e um lugar para dormir naquela noite. Sou grato a eles mais do que poderia. Eu era um desgarrado e sua matilha me acolheu.

E Raskhan se sentia grato por isso também. Teria de encontrar esse tal de Travis e agradecer pessoalmente por salvar Asael. Passou o polegar pela maçã do rosto e então pelos lábios finos e rosados. Rugas marcavam os cantos por sempre estarem apertados ou enrugados com irritação.

— Me desculpe por ser um gatilho, *dætae*.

— Khan...

Pressionando o polegar em sua boca, Raskhan balançou a cabeça.

— Eu sou, e nós dois sabemos disso. Me desculpe. Prometo ser mais cuidadoso a partir de agora. E, se você realmente quiser, vou manter distância de você. Vou...

Suas palavras se dispersaram quando as mãos de Asael seguraram seu rosto e o puxou para sua boca, beijando-o de forma lenta e descuidada. Suas mãos o apertaram, sua boca com gosto de molho e céu, jogando seus sentidos e intenções pela janela. Ao se afastar, seus olhos brilharam e um sorriso fraco brincou em sua boca.

— Não vou permitir isso. Não sou porcelana, não vou quebrar. Mas nós podemos arranjar um jeito de não ter minha cabeça pirando na hora errada.

— Podemos colocar uma palavra de alerta — murmurou, sua atenção ainda presa nos lábios rosados de Asael. — Algo como “jasmim”.

— “Jasmim”? — Asael torceu o rosto em uma careta.

— Sim. Você cheira a jasmim e sândalo. — Raskhan fechou os olhos, inspirando o cheiro de banho recente e totalmente Asael. — Sim, exatamente assim.

— Não, assim você acaba com todo o tesão do momento. Que tal... — Asael franziu o cenho então gritou: — Akuma!

— Seu gato? — Raskhan perguntou confuso.

— Não. Sim. Não assim. Akuma, saia já daí , seu pequeno meliante! E o proibi de subir aí !

Asael gesticulou furiosamente para seu gato preto, deitado muito confortável sobre sua estante de livros e uma pata muito perto de derrubar um vaso branco de tampa roxa.

— Acho que ele não está se importando com suas regras.

— Porra, esse felino temperamental. — Cerrou os olhos, seu dedo apontando para Akuma que empurrou mais um pouco o vaso para a borda. — Não se atreva!

— Oh, ele se atreve.

— Akuma! Se empurrar mais um milí metro, vou deixá-lo trancado no banheiro por três dias!

Isso pareceu surtir algum efeito. O gato se ergue, sua boca se abrindo em um bocejo antes de dar as costas e saltar para o chão e desaparecer no quarto. Raskhan sorriu, olhando para um Asael emburrado.

— Devo saber o porquê do medo do banheiro?

— Tive um imprevisto com um contrato uma vez e fiquei longe por quase dois dias. Tinha prendido Akuma no banheiro sem perceber e, quando voltei, quase perdi minha jugular. Dormi com um olho aberto durante uma semana.

A risada de Raskhan soou pelo apartamento. Passou a mão pelos cabelos de Asael, sentindo-se confortável como nunca antes. A raiva ainda estava ali, fervendo abaixo de sua pele, pronta para estourar sobre o filho do inferno que marcou Asael.

Suas sobrancelhas franziram, sua mão segurando a nuca do mestiço com firmeza.

— Prometa-me que se encontrar o í ncuboque fez isso você, vai me dizer imediatamente.

— Khan...

— Prometa-me, Asael.

Seu rosto bonito se torceu, mas acabou assentindo.

— Certo. Tudo bem.

— Ótimo.

Poderia ter sido há muito tempo, como Asael dizia, mas ainda o atormentava no tempo presente. Os monstros eram reais e rondavam pelas ruas à espreita de uma oportunidade. Raskhan não era muito diferente daqueles monstros. O que os tornava distintos era sua inteligência. E Raskhan sempre soube que um monstro inteligente era muito pior que um comum.

Os inteligentes gostam de vingança.

E Raskhan estava sedento por uma.

12
PROCURANDO RESPOSTAS

O vento uivava lá fora enquanto o apartamento permanecia quente pelo fogo na lareira. Asael se sentia aquecido e confortável, mesmo que o sofá parecesse muito pequeno para comportar duas pessoas. Ainda mais Raskhan sendo tão enorme. Porém, eles se viraram bem. A coberta os enrolava, suas pernas entrelaçadas e a bochecha de Raskhan apoiada em seu peito. Seus cabelos faziam cócegas em seu nariz enquanto seu dedo deslizava pela coluna do í ncubo em uma carí cia leve sobre a camisa. Ainda estavam de roupas, mas a forma com que haviam se deitado era tão í ntima quanto se estivessem nus.

Se sentia mais leve após contar tudo sobre seu trauma. Geralmente diziam que deixar sair era a melhor forma de lidar com o problema. Não que Asael tenha se curado apenas por falar, mas já se sentia melhor. Não sabia como seria se eles tentassem novamente e mentiria ao dizer que não estava curioso.

O sol surgiu entre os prédios, a manhã prometia o aumento de nuvens, o outono desaparecendo e dando lugar ao inverno. Nas próximas semanas poderiam ter neve e Asael não se sentia muito ansioso por isso. Um pássaro passou voando perto da janela, Akuma o seguiu com olhos ansiosos. Sua mente viajou para o caso, seu humor ficando soturno de repente. Suas costelas ardiam pelas garras do demônio leão, se curando lentamente. Por sorte, não havia veneno nelas.

O que será que fez o parasita voltar?

O que Asael estava perdendo no meio de toda essa bagunça?

— Posso ouvir seus pensamentos, *dætae*. — A voz rouca de Raskhan enviou um arrepio prazeroso por sua espinha, se alojando em suas bolas e esfriando seu ventre.

— Achei que estivesse dormindo.

— Estou acostumado a ter sono leve. — Sua cabeça se levantou, seu sorriso solto e o sono ainda permeando seus olhos. Malditos santos, o íncubo era ainda mais bonito quando acordava. — *Aytes sözue*, *dætae.*

— Acredito que isso signifique bom dia? — perguntou com um sorriso e Raskhan assentiu. — O final ainda me falha. O que significa mesmo?

— Que curioso. O que ganho em troca se disser o que significa?

— Estamos barganhando agora? — Asael arqueou uma sobrancelha.

— Eu *sempre* barganho, *dætae*. — Raskhan arrastou as mãos pelas costelas de Asael que estremeceu com o toque, mas não de forma boa. As sobrancelhas do íncubo franziram. — Desculpe. Ainda estão doloridas?

— Um pouco.

Suas próximas palavras foram interrompidas por um ronco que deixou suas bochechas vermelhas. Raskhan abriu um sorriso largo e se levantou nas mãos, seu corpo volumoso pairando sobre o de Asael.

— Parece que alguém está faminto — disse ao se empurrar de pé e puxar Asael junto.

— Não desconverse, Khan. O que significa *dætae*?

— Você gosta de ovos e bacon? Café com ou sem açúcar? — perguntou já indo para a cozinha e abrindo os armários e geladeira.

— Khan...

— Sua despensa é uma vergonha. Já disse isso a você?

— Raskhan, você está me matando aqui — resmungou. — O que significa *dætae*?

O íncubo soltou sua respiração e se virou para Asael. Suas mãos se apoiaram sobre o balcão e um sorriso malicioso cresceu.

— Vou dizer, mas com uma condição.

Os olhos de Asael cerraram.

— Agora já não sei se quero saber. — Tamborilou os dedos sobre o balcão e se inclinou levemente, sua curiosidade levando o melhor sobre sua razão. — Qual condição?

— Vou dizer o que significa se me disser o que exatamente você é.

Isso era um acordo perigoso. Será que era tão importante assim saber o que Raskhan tanto o chamava? Por que nunca se interessou em aprender o dialeto demoníaco de qualquer forma? Não estaria passando por esse problema agora.

— Não sei do que você está falando — disse sem expressão. — Sou um mestiço. O que mais poderia ser?

— Nós dois sabemos que você mente muito mal.

O íncubo deu as costas e passou a se movimentar na cozinha, grunhindo ao não encontrar o que queria e resmungando sobre as coisas vencidas na geladeira. Virou-se, estalando os dedos e sua camisa preta amassada se foi, substituída por uma azul gelo, uma gravata cinza listrada combinando e colete azul marinho.

Foi tão súbito que Asael quase caiu da cadeira.

— Enquanto você pensa em minha condição, vou até um mercado próximo para comprar comida e encher sua geladeira pelas próximas duas semanas, já que você não parece muito preocupado com isso.

O pensamento de Raskhan andando no meio de prateleiras e escolhendo produtos como uma pessoa comum era cômico e muito, muito estranho.

— Como você consegue fazer isso?

— O quê? — perguntou ao puxar um casaco cinza chumbo novo do encosto do sofá.

— Se parecer como que saído de uma loja. — Gesticulou para o corpo de Raskhan e franziu as sobrancelhas. — Sei que é magia, mas... Isso vai muito além de apenas manipular coisas. Você *cria roupas* do nada.

— Eu não *crio* roupas. Isso é uma ilusão.

Asael caminhou até onde ele estava e tocou a borda do casaco.

— Parece muito real para mim.

— Aí é que está, *dætae*. — E lá estava aquela palavra novamente. — A ilusão é uma magia muito boa e palpável. Um dos poderes que nascem com o íncubo é a manipulação da ilusão. Criamos o que quiser e nos desfazemos em seguida como se nunca houvesse existido. Assim como posso ter a forma que você quiser. Isso que está vendo agora é o que criei para me parecer humano, mas posso moldar minha aparência com o que a sua mente deseja. — Suas sobrancelhas escuras franziram. — É estranho que não sinta desejo de mudar. Isso significa que essa forma é como você gosta?

Asael arqueou as sobrancelhas e cruzou os braços.

— Talvez. — O olhou de cima a baixo, se demorando em algumas partes antes de voltar para o rosto de Raskhan. — E qual sua forma verdadeira?

Rashkan abriu a boca para então fechá-la. Suas sobrancelhas franziram em confusão.

— Isso é algo que ninguém nunca me perguntou.

— Estou perguntando agora — disse suavemente.

Aqueles lábios fartos franziram, os olhos desviando para a janela.

— A minha forma... Não sei se quero que você veja tal coisa.

— Por quê? — questionou com sobrancelhas franzidas.

— Não é bonito — Raskhan disse com um suspiro, seus ombros caídos. — Não é humano, nem mesmo perto de ser. Eu... tenho receio de...

As palavras sumiram devagar, os olhos de Raskhan ainda perdidos muito longe de Asael. Mas não precisava ser dito em frases o que Raskhan sentia. Dava para ver em seu rosto a insegurança. Medo.

Deu um passo para mais perto do íncubo, que recuou e balançou a cabeça uma vez antes de acenar para a porta.

— Vou buscar mantimentos. Volto logo.

— Khan...

Ele desapareceu antes que terminasse de chamá-lo. O íncubo sempre tão seguro, com sorrisos maliciosos e de pose despreocupada demonstrou que toda superfície lisa possui agitação na parte de baixo. Akuma miou de cima do sofá, seus grandes olhos

fitando a porta com atenção. Asael bufou, acariciando a cabeça do gato com o indicador.

— Não se preocupe, ele vai voltar. Não pareça tão ansioso.

Deixando o gato temperamental de lado, caminhou até a mesinha e pegou o arquivo que Sinclair havia dado na noite anterior e o colocou sobre o balcão. Puxando um banquinho, sentou e abriu a pasta, pensando que poderiam ter se passado anos ao invés de horas. Tocando levemente suas costelas ainda doloridas, lembrou que o ataque do demônio de nome impronunciável era uma incógnita.

Afundando os dedos em seus cabelos, começou a analisar cada folha dentro daquela pasta, cada linha escrita e borrada. Analisou as provas, as fotos dos corpos, seus pertences. A única coisa em comum entre eles era sua magia. Forte, distinta. Cada um teve um órgão diferente roubado. Apenas os últimos três tiveram o coração, a peça mais valiosa.

O que um feiticeiro queria com três corações? Um corpo normal não precisaria disso. Porém, o que ele entendia de cultos sombrios? Empurrando a pasta para longe, cobriu os olhos com as mãos e os esfregou até as estrelas brilharem por trás das pálpebras. Sua bexiga estava estourando. Recolheu os papéis e os colocou com cuidado sobre sua mesinha na sala. Caminhou para o banheiro e resolveu seu problema, aproveitando para limpar o rosto e escovar os dentes. Sua feição no espelho parecia fantasmagórica, o que o levou a fazer uma careta.

Voltou para a cozinha, seu estômago colava em suas costas e decidiu fazer um café. Sabia que se tomasse o veneno preto era certo que teria dores estomacais o dia todo, mas precisava fazer seus neurônios funcionarem. E nada como um pouco de café forte para acordá-los.

Ouviu a porta se abrir, Akuma imediatamente miando como nunca havia ouvido antes, e falou sem olhar para trás.

— Por que um feiticeiro precisaria de três corações?

— Talvez os anteriores deram errado?

Asael ponderou, olhando para a fumaça subindo do filtro.

— Precisa ser compatí vel?— Se virou, sua boca se abrindo para mais perguntas quando viu Raskhan pendurando o casaco,

dúzias de sacolas aos seus pés. — Você trouxe todo o mercado?

— Desde que seus armários só possuem poeira e produtos vencidos, senti necessidade de ter um pouco de tudo. — Debochou. — Pensei seriamente em jogar a prateleira por um portal para me poupar a dor nos braços de carregar sacolas.

A imagem de Raskhan andando pelo mercado com um carrinho ainda parecia irreal.

— Poderia ter feito isso com as sacolas — murmurou.

— Oh, eu fiz — Raskhan sorriu ao empurrar as mangas de sua camisa para cima e Asael salivou um pouco naqueles antebraços fortes. — Posso sair do seu apartamento por um portal, mas não consigo entrar sem ser pela porta. Assim, abri o portal em seu corredor. Agora me ajude aqui e não fique apenas olhando, *dætae*.

— É agora que você me diz o que significa essa palavra?

Raskhan o olhou de lado ao levantar as sacolas em ambas as mãos e desviou do corpo do gato passando em suas canelas.

— Se você aceitou minha condição, sim.

— Você sabe, posso apenas ir até outro í ncubo e perguntar o que significa.

— Sim, você pode.

Asael parou, suas mãos segurando as alças das sacolas, e arqueou as sobrancelhas em surpresa pelo tom casual.

— Posso?

— Claro — disse, vasculhando os itens das sacolas e os retirando para colocar no armário.

Sua grande mão acariciou a cabeça de Akuma sobre a bancada, deslizando pelo corpo peludo até o rabo.

— Ok. Qual a pegadinha aqui?

— Nenhuma. — Raskhan encolheu os ombros e sorriu. — Estou te dando o poder de escolha, *dætae.* Você pode fazer um acordo comigo e ter sua resposta agora, ou sair pela porta e perguntar ao primeiro í ncubo que encontrar

Bufando, Asael apoiou as últimas sacolas na mesa e cruzou os braços.

— Você realmente não vai me forçar a aceitar sua condição?

Aquilo fez Raskhan parar e olhá-lo com atenção. A força daqueles olhos tão claros o segurando no lugar e prendendo sua respiração.

— Nunca vou forçar você a me escolher, Asael. Pensei que já soubesse disso.

— Aquele dia no porão, você... Eu senti...

— Vi em seus olhos aquele dia, senti o cheiro de desejo. — Raskhan inspirou, seu maxilar rangendo. — Sou um íncubo, Asael. Quando sentimos o cheiro, nosso poder se solta para envolver a pessoa que o atiçou. O poder de sedução é apenas para deixar a outra pessoa mais solta, para ampliar seus desejos e seu prazer. Quanto mais envolvido, quanto mais tesão, mais fácil de chegar ao pico de satisfação. Nunca foi sobre usar a sedução para... Em benefício próprio.

Asael assentiu, entendendo onde Raskhan queria chegar. Seu ataque havia sido um caso isolado do poder de um íncubo. Uma perversão sombria usada de forma errada. Na magia costumam chamar essa parte escura e vil de feiticeiros.

— Desculpe. Não quis insultar você ou... comparar.

— Você precisa entender, *bas' zellaha*[11], que meu poder de sedução é como um afrodisíaco, mas isso não me representa em sua totalidade. Assim como ser um mestiço não significa que você é fraco ou inferior. Minha sedução faz parte de mim, mas não é ela que me comanda.

Asael mordiscou o lábio inferior, seus braços cruzando ao se balançar sobre seus pés e então abrir um sorriso pequeno.

— Hm, aí está outra palavra que me deixou curioso.

— De tudo o que disse, você só prestou atenção nisso? — Raskhan perguntou, um sorriso erguendo seus lábios e desmentindo suas palavras sérias.

— Percebo que me sinto muito curioso no dialeto demoníaco de repente — disse, seus braços se apoiando sobre a bancada. — O que essa palavra significa?

— Posso dizer se aceitar outra condição. — Sorriu.

Asael bufou ao se afastar da bancada e apoiou as mãos no quadril.

— Condições. Muitas almas foram para o inferno por causa de aceitar certas condições do diabo.

— Pode ter certeza que tortura para mim tem um significado completamente diferente do que Lúcifer faz.

E o sorriso sedutor prometia todo tipo de travessura que Asael poderia imaginar. Sacudindo-se para espantar toda a luxúria que correu por seu sangue naquele momento, apontou um dedo para o fogão.

— Cozinhe logo. Estou com fome.

— O que você me manda tão sério que eu não faço sorrindo?

— O ditado é ao contrário — resmungou, tirando leite das sacolas e alguns biscoitos.

— Isso não se aplica a nós.

Asael decidiu ignorar o íncubo e suas palavras espertinhas. Ocupou-se em guardar os mantimentos enquanto Raskhan fazia o café da manhã. Olhou para o homem em seu fogão, com a camisa azul gelo e o colete azul marinho, seus pés descalços no piso claro. Akuma o olhava de cima da geladeira, seus olhos amarelos não perdendo um único movimento.

Parecia tão comum...

Balançando a cabeça, Asael desviou desses pensamentos e da pequena ponta de esperança que surgiu com eles. O café da manhã ficou pronto, Asael devorando os ovos e suspirando com o sabor tão rico. Fazia muito tempo desde que havia comido algo tão bom pela manhã.

Inclinando-se na cadeira, percebeu que Raskhan olhava para a bagunça de papéis sobre a mesinha com sobrancelhas franzidas.

— Você estava olhando a pasta que Sinclair lhe deu?

— Sim. Sua incursão ao mercado me deu bastante tempo para dar uma olhada.

Raskhan piscou, suas sobrancelhas ainda franzidas.

— Você se importa se eu...

— Claro que não. — Balançou a cabeça suavemente e apontou. — Um segundo par de olhos é sempre bom.

Eles se levantaram, Asael levando a bagunça para a pia enquanto Raskhan se instalava no sofá e Akuma deitava sobre o

encosto. Realmente, seu gato havia caído de amores pelo íncubo. Isso porque o bichano geralmente odiava qualquer demônio vivo.

Sentou-se na única poltrona, esticando para pegar um papel com as bordas um pouco sujas pelo manuseio contínuo. Raskhan olhava alguns relatórios, analisando cada linha com cuidado.

— Algumas coisas parecem tão vagas...

— Os magos do Sinclair fizeram um serviço terrivelmente porco — Asael disse, descartando a folha na pilha novamente.

O íncubo soltou um grunhido, seus olhos cerrando.

— Isso quase me parece com alguém querendo acobertar algo.

— Acha que Sinclair pode estar fazendo isso? — Asael perguntou.

— É uma possibilidade — Raskhan disse ao encolher os ombros e pegar outra folha com as fotos do primeiro mago morto. — Um Arcano é tão poderoso quanto um feiticeiro, se não mais.

— Isso realmente é. — Asael coçou o queixo, seus dedos batucando sobre o joelho. — Apesar que, se Sinclair quisesse acobertar seus crimes, ele não me contrataria para ajudar.

— Talvez. — Raskhan apoiou o queixo sobre o punho fechado, seus olhos frios analisando outra foto. — Ou isso foi apenas para não criar suspeitas. Sinclair deixou você olhar os corpos?

Asael franziu as sobrancelhas, sentando-se um pouco mais na borda da poltrona.

— Não. Na verdade, não pedi para olhá-los. Sinclair me contratou apenas para rastrear os assassinos. Eu não sou um investigador, sabe?

Isso pareceu atrair a atenção de Raskhan que perguntou:

— Não? Mas para encontrar o demônio parasita você *fez* uma investigação. Foi a bares, olhou na casa, seguiu o rastro da hiena, não foi?

Asael suspirou, sua cabeça balançando suavemente enquanto observava seus dedos nus. Suas unhas eram curtas, os dedos finos e longos. Ágeis para manusear uma adaga. Cerrou o punho e abriu a palma em seguida, olhando todas as cicatrizes nas juntas e nos calos.

— Sou apenas um mestiço, Raskhan. Um pária. Um assassino de aluguel com tantas mortes e sangue nas mãos que não se pode contar em todos os dedos. Não sou um investigador.

Era um garoto perdido e órfão, renegado pela sociedade e pela própria famí lia.Um fardo carregado e então jogado na beira da estrada a própria sorte com apenas quatorze anos. Asael conhecia muito bem as ruas. E esse conhecimento muitas vezes o fazia esquecer como era viver com uma famí lia e ter o amor dela. Não sentia que merecia tal coisa. Sua famí liafoi tirada dele cedo demais e então tudo o que veio depois foi apenas dor e solidão.

Incertezas e desconfianças.

— *Não sou* um investigador — disse com mais convicção. — Procuro pessoas e as mato, ponto final. Nunca fui pago para rastreá-las e colocar atrás das grades ou entender suas motivações para tal ato. Encontro e mato. Fim.

Fechou os olhos ao sentir que arderam, sua garganta se apertando. De onde estava vindo tudo aquilo? Há anos que não se sentia tão frágil assim. Talvez fosse pelos dias longos e noites insones, a preocupação com o caso, o Ministério e então o í ncubo arrombando sua porta e insistindo em ficar.

Sentiu a mão quente envolver seu pulso e ergueu os olhos para encontrar Raskhan ajoelhado entre suas pernas. Estava tão perdido que não havia percebido o í ncubovindo até ele. Sua guarda estava tão baixa...

— Não diminua sua inteligência, *dætae*. Apenas alguém como você poderia encontrar um demônio parasita em tão pouco tempo. Eles são furtivos e instáveis, e achou em menos de um dia. Você pode não ter orgulho de si mesmo, mas eu tenho.

Asael resmungou, lutando contra um sorriso. Não sabia que ter a aprovação de Raskhan era tão importante.

— Obrigado — murmurou.

— Sempre que precisar. — Raskhan sorriu, beijando o dorso da mão de Asael antes de voltar a sentar no sofá. — Então, o que sabemos até agora?

— São nove mortos, contando com Hellion agora. Todos morreram nas mãos de um parasita e tiveram um órgão retirado. Em

ordem: rins, fígado, estômago, pulmão, intestinos, cérebro e os três últimos sendo o coração. Imagino que o coração seja a peça chave.

— E, como ele levou três, imagino que tenha que ter compatibilidade. É um Culto Sombrio de Ressurreição.

— O que você realmente sabe sobre isso? — Asael questionou.

Raskhan se recostou no sofá e Akuma entendeu que aquilo era uma ótima brecha para subir no peito do íncubo. Se acomodou logo abaixo do queixo e Raskhan coçou entre as orelhas do animal enquanto parecia pensar.

— Foi há muito tempo. Pessoas começaram a desaparecer e então seus corpos foram descobertos em uma pilha. Os órgãos haviam sido retirados e toda a população começou a ter medo. A história aumentava a cada ouvido que caía e boca que falava, aumentando e acrescentando coisas que não existiam. Foi difícil entender realmente o que estava acontecendo. — O rosto de Raskhan se tornou sombrio. — Então, corpos que haviam sido enterrados começaram a aparecer. Isso assustou ainda mais as pessoas. *"Enterrei meu tio semana passada e o encontrei carregando feno nesta manhã"*. Os magos da época pensaram que um feiticeiro estava fazendo testes com sua magia negra. Ajudei a procurá-lo e demoramos quase um mês para encontrá-lo.

— Um mês?

— Não tínhamos internet e você não havia nascido ainda para nos ajudar. Nossos recursos eram limitados. — Raskhan sorriu. — O encontramos em uma cabana muito acima na montanha, isolada e quase desaparecida. Haviam muitos mais corpos e o cheiro era insuportável. O cômodo cheio de runas de sangue, círculos de invocação e tão carregado de magia negra que oprimia a respiração. O feiticeiro era forte, mas não tão forte quanto nove magos juntos e dois íncubos. Ele pereceu. Não tivemos tempo de verificar como ele realmente fazia o culto. Recuperamos os corpos e devolvemos para suas famílias.

— Maldito inferno. Isso deve ter sido horrível.

— Foi. Mesmo passando por diversas guerras, a imagem daquele cômodo pútrido ainda é o pior na minha memória.

Claro, Asael às vezes esquecia como Raskhan era velho. Assentindo, olhou para as fotos dispostas sobre a mesinha e então algo que Raskhan disse voltou a sua mente.

— Você disse “runas de sangue”?

Aquilo deve ter feito sentido, já que as sobrancelhas do í ncubo arquearam ao assentir

— Sim, por toda parte.

— O porão onde encontrei você estava assim. Seu corpo também tinha runas, assim como as algemas. — Asael se levantou e passou a andar de um lado ao outro. Tudo aquilo estava coincidindo demais. — Talvez parte da resposta esteja naquele porão.

— Possivelmente.

— Devemos voltar lá e dar uma olhada. Você disse que as algemas o prendiam lá, talvez tenha algum rastro de energia nelas que pode nos levar ao mestre. — Asael estalou o dedo e se virou para Raskhan ainda sentado com Akuma sobre o peito. — Você ainda está com o livro que Sinclair pediu?

— Claro. — Raskhan colocou Akuma de lado, que não gostou nem um pouco disso, e pegou o casaco pendurado na porta. Revirou os bolsos e puxou o livro de um deles. — Aqui.

Asael ainda custava a acreditar em como algo daquele tamanho cabia em um bolso. *Magia*. Era algo tão extenso que nunca se podia saber exatamente o que poderia fazer. Raskhan entregou o livro nas mãos de um perturbado Asael e voltou para o sofá.

Desdobrando o pano ao redor do livro, franziu os lábios ao ver a capa de couro vermelho escuro com as letras em dourado. *Os mistérios de Maahmut’*. Rompendo o fecho de bronze e abrindo o livro, sentiu o leve suspiro das páginas e seus pelos se arrepiaram. Era como se o livro se sentisse abafado, respirando novamente após tanto tempo fechado. Asael sentia aquilo como uma coisa viva.

Como um velho amigo dizendo “olá!”.

Estremecendo, olhou o sumário com atenção, seu dedo deslizando pelas letras quase cursivas e os números desenhados.

— O que acha de dar uma olhada nos corpos? Acha que consegue ter uma leitura de algum rastro residual?

— Não sei. As fotos tiradas são terrí veise acho que apenas Hellion pode estar disponí vel. — Asael murmurou, seus olhos pegando um tópico interessante. — Veja, aqui fala sobre como os mortos voltavam à vida usando um feitiço de alimentação. De onde veio esse livro?

— Kazin, um velho amigo estudioso, estava desenterrando artefatos mágicos em um sí tio arqueológico no Oriente Médio. Encontrou este livro e outras coisas enterrados em um baú muito bem conservado. Paguei quase meio milhão por ele e um cajado de prata com rubis incrustados.

Asael desviou os olhos das páginas amarelas e fitou o í ncubo sentado relaxado sobre seu sofá de liquidação. Seus pés descalços descansavam sobre seu tapete de brechó com uma mancha duvidosa e um rasgo na ponta enquanto Raskhan falava sobre pagar meio milhão em um livro.

Quão pobre Asael parecia aos olhos de Raskhan?

Fazendo uma careta, tentou não pensar muito sobre isso. Sentando-se novamente, descansou o livro sobre as coxas. Precisava voltar a pensar em como resolver esse caso e não em como Raskhan nada em dinheiro. Coçando a têmpora, soltou um suspiro baixo.

— Você tem todo tipo de artefato no seu antiquário?

— Os mais importantes. — Raskhan franziu a sobrancelha. — Por quê?

— Lembro, naquele dia no Ministério, que você deu à Sinclair a Caixa das Visões e...

— Não, eu não dei nada a ele. — Raskhan balançou o dedo em negativa. — Meus artefatos são bens preciosos e nenhum deles é *dado*. Apenas *emprestado*.

— O que seja. — Asael rolou os olhos. — Você emprestou a ele. Como conseguiu aquela caixa?

— Tenho pessoas trabalhando para mim em todas as partes do mundo, *dætae*. E se não trabalham para mim, são fornecedores. A maior parte das relí quiase artefatos que possuo são para bruxos usarem como meios de sua magia. Os outros são para pesquisa. E alguns são apenas para coleção. — Raskhan encolheu os ombros.

— Gosto de colecionar coisas diferentes. O diferente sempre me encantou.

Os olhos azuis brilharam na direção de Asael e não sabia se deveria se sentir insultado ou honrado. Enrugou as sobrancelhas ao pensar que poderia ser apenas mais um item de interesse na longa lista de coleções do í ncubo, já que Asael era bastante diferente de qualquer mestiço existente.

— Pare aí mesmo, Asael. Não siga essa linha de pensamento que ela vai acabar em nada. — Raskhan o olhou sério. — Você não é um objeto colecionável. Nunca será.

— Não estava pensando nisso — resmungou.

— Sim, e eu sou completamente virgem.

À s vezes, odiava quando conseguiam lê-lo tão fácil assim. Balançou a mão com descaso no ar.

— Tudo bem. O que você sabe, exatamente, sobre a caixa? Apenas sei que ela pode te mostrar algo especí fico, mas é apenas isso. Meu conhecimento é limitado.

— A Caixa das Visões não prevê o futuro, se é isso que você quer saber. Mesmo que seu nome dê alusão a isso. Ela apenas vê o que aconteceu no passado e somente aquilo que você pediu, nada mais, nada menos. E cada pedido é realmente excruciante, levando muitos à loucura.

Asael bateu o dedo sobre a página aberta do livro, pensando.

— Como sabemos que Sinclair a usou e pode ter em mãos agora alguma informação muito importante?

— Sinclair parecia cansado quando o vimos, mas não como se tivesse tido seus poderes sugados. Ele é um Arcano, então não posso dizer com exatidão. E ele sempre me pareceu um pouco insano, então...

— Certo. — Asael assentiu e puxou outra linha de perguntas. — E os parasitas? Sobre comandá-los. Você disse que eles são livres, certo?

— Até certo ponto, sim. Cada parasita nascido no Mundo Inferior deve satisfação ao seu senhor. Se ele nasceu no meu distrito, ele deve suas respostas a mim, mas não necessariamente é

obrigado. Somos demônios com hierarquia, mas não uma monarquia.

— Seu sistema democrático é uma merda — Asael disse secamente.

Raskhan riu despreocupado.

— Sim, é. Costumo dizer que o Mundo Inferior é um caos infernal por conta da falta de verdadeiras leis. Tentei uma vez e não deu certo. Demônios são completamente incontroláveis e costumam fazer o que querem.

— Jura? Nunca poderia ter percebido isso — Asael disse irônico.

O sorriso do í ncubo cresceu.

— Veja, o sistema de leis dos magos também é uma grande porcaria. Talvez o problema não esteja nas leis, mas nas pessoas que não a seguem e depois culpam o sistema de ser falho.

— Isso é ser humano.

— Isso é ser hipócrita. — Raskhan apontou.

Asael encolheu os ombros. O í ncubo estava certo e não havia contra-argumentos.

— Sobre o parasita. Você ficou quatro dias com ele. Sabe de qual distrito ele veio?

— Aquele parasita pertencia ao Terceiro Imperador Nmrah. Ainda não consegui encontrá-lo. Sua irmã disse que não visita o Mundo Inferior há quase um mês — Raskhan disse sombriamente.

— Seria possí vel que estivesse morto?

— Quando um Imperador morre, é sentido em sua famí lia que compartilha seu sangue. Almay disse que ainda o sente vivo. Nmrah deve estar andando pela terra e, como o conheço, deve estar causando um pouco de caos onde está.

— Seria possí vel que ele fosse próximo do mestre?

Raskhan pareceu pensar por um momento e seus olhos cerraram.

— Não descarto a possibilidade. — Levantou-se subitamente, fazendo Akuma miar de seu lugar no sofá. — Preciso voltar para o Mundo Inferior e rastreá-lo.

— Precisa de ajuda?

O íncubo parou, seus olhos indo para Asael na poltrona e desviando para os papéis na mesa. Parecia incerto, sua garganta trabalhando ao engolir com dificuldade.

— Acho melhor ir sozinho. O Mundo Inferior... — Balançou a cabeça e foi para a porta, pegando seu casaco e calçando os sapatos. — Vou ser mais rápido se for sozinho.

— Você tem certeza de que é apenas isso? — Asael perguntou com uma sobrancelha arqueada.

Raskhan sorriu, mas parecia mais uma careta.

— Absolutamente. Agora, não saia sozinho enquanto estou fora. — Se aproximou, ajeitando as mangas do casaco nos punhos.

— Sou um assassino, Khan. Sei me cuidar. — Sorriu quando o íncubose inclinou e roubou um beijo antes de dar um passo para trás.

Seu rosto bonito parecia sombrio.

— Claro que você sabe, mas há algo espreitando lá fora, *dætae*. Não quero que lute sozinho caso seja ameaçado.

— Não se preocupe comigo. — Levantou o livro grosso nas mãos. — Tenho muita leitura para colocar em dia.

Raskhan sorriu e então desapareceu. Akuma se espreguiçou, saltando sobre o lugar que o íncubo estava e se acomodou. Seus olhos amarelos piscaram para Asael, preguiçosos.

— Bem, se você não é uma ótima companhia?

Akuma lhe deu as costas, um claro sinal de que estava sozinho. Dando de ombros, Asael se afundou na poltrona até ficar confortável e iniciou a leitura.

13
FIO VIOLETA

Sua cabeça estava doendo e seus olhos ardiam. A tarde caía, o sol ficando laranja em sua janela e mal havia passado do meio daquele livro. Parece que, quanto mais ele lia, mais páginas surgiam. Histórias incríveis sobre deuses e monstros, algumas que ele já conhecia, pois Annasias havia lhe contado no tempo que ficou em sua casa para aprender um pouco de quem ele era. E uma delas martelava em sua cabeça, fazendo-o se perguntar se o feiticeiro não era apenas uma fachada para algo pior.

Algo que tornava o futuro de Asael em um fim muito próximo.

Olhou para o relógio, os ponteiros marcando quase seis da tarde, e perguntou por onde Raskhan andava. Então se lembrou que o Mundo Inferior funcionava de forma diferente e o tempo era mais lento. Talvez ainda estivesse preso com algo. Se pegou pensando em como seria aquele mundo, o reino de Raskhan. Por que ele havia ficado tão incerto sobre Asael visitar? Soltou um suspiro, sabendo que só saberia se perguntasse. Cutucar a ferida, como muitos dizem.

Fechou o livro com um baque, a magia das folhas amareladas sussurrando em descontentamento. Os símbolos desenhados nos cantos das folhas antigas eram os mesmo que Asael sempre se via escrevendo quando estava entediado. Haviam tantas coisas extraordinárias naquele livro e ao mesmo tempo terríveis. Coisas que sussurravam em sua mente e o fazia estremecer ao saber que realmente eram verdade. O passado certamente era um lugar horrível.

— Devemos agradecer o presente, não é mesmo, Akuma? Por isso chamamos de dádiva.

O gato sequer se mexeu de onde estava, sua barriga exposta e a boca levemente aberta. De longe poderiam pensar que estava morto. E Asael conhecia muito bem seu gato para saber que se tentasse encostar naquela barriga peluda e gorda, teria garras enfiadas em seu punho e dentes afiados cortando a carne.

Uma armadilha preta e fofa.

Temperamental também.

Batucando os dedos na coxa, tornou a olhar o tempo. As nuvens que surgiram de manhã se espalharam, criando um bonito desenho branco acinzentado contra o fundo azul do céu. Entretanto, o vento continuava, balançando a copa das poucas árvores da sua rua. Sua barriga roncou, lembrando-o que não havia comido nada desde o café da manhã. Se Raskhan soubesse, iria enfiar comida por sua garganta abaixo.

Sorrindo, levantou-se e foi até a cozinha e abriu os armários, resmungando ao encontrar apenas coisas saudáveis. Sua geladeira estava quase cheia, mas também era tudo verde e ridiculamente salubre.

— Quem aquele í ncubopensa que está alimentando? Algum tipo de coelho? Onde estão as malditas comidas cheias de calorias e açúcar? — Asael gritou para seu apartamento silencioso.

Cerrando os olhos, fuçou na geladeira e quase gritou ao encontrar um pote de pasta de amendoim. Apenas para gemer ao ver que era livre de todos os tipos de açúcares. Bem, aquilo ainda era melhor do que nada. Abriu a tampa e puxou uma faca da gaveta, passando uma quantia generosa sobre a fatia de pão. Deu a primeira mordida e mascou, a pasta grudando no céu da sua boca e deixando com gosto de terra processada.

Malditos sejam todos os santos caí dos.

Engolindo com dificuldade, despejou um pouco de suco que encontrou na geladeira em um copo e tomou três goles de uma vez para fazer a pasta descer sem enroscar na garganta. Akuma miou de cima do balcão, fazendo Asael bufar.

— Claro. Você ouve o som de armários se abrindo e se materializa como um fantasma sobre o balcão. Gato interesseiro.

Akuma sentou sua bunda peluda e o olhou com julgamento. Asael não deu a mí nima, mostrando a lí ngua. Porém, sendo o bom escravo que era, tirou um pedaço do seu pão e entregou ao gato que pegou com avidez.

Algo em seu interior se remexeu, como um puxão suave. Franzindo as sobrancelhas, se remexeu inquieto e deu mais uma mordida fazendo pasta de amendoim escorrer nos dedos. Outro puxão suave arrepiou os pelos dos braços e deslizou por suas veias como um pulso elétrico. Curioso, apoiou o pão sobre o balcão e fechou os olhos. Mergulhando em seu interior, encontrou seu poder prateado brilhando e se torcendo ao redor daquele fino fio violeta.

Seus olhos apertaram ao ver que parecia mais largo que a última vez. Mais vivo. O fio se retorcia e pequenas gavinhas se esticavam para tocar o prata como uma carí cia suave para então puxar novamente e causar aquele pulso de estremecimento em Asael.

Inferno, o que era isso?

Abrindo os olhos novamente, viu Akuma devorando o resto do seu pão. Entretanto, estava muito preocupado para se importar com isso. Precisava entender o que estava acontecendo e sabia exatamente quem deveria encontrar. Correu para o quarto para se trocar e encontrou um par de botas pretas novas ao lado do armário.

Oh, Raskhan não faria...

Revirou o quarto em busca das botas velhas e rosnou ao perceber que não estavam em qualquer lugar. Aquele í ncubo intrometido! Puxou uma de suas calças pretas limpas e enfiou as pernas com fúria, resmungando sobre o quão boas eram aquelas botas e como eram confortáveis. Como Raskhan se atrevia a jogar algo seu fora sem perguntar? E lhe dar botas novas!

Enfiou a camiseta pela cabeça e passou os braços, tudo com movimentos bruscos. Abrindo o armário, sua boca caiu ao ver dois casacos novos. Puxou o cabide para fora e arfou ao perceber que um era mais grosso que o outro, próprio para dias mais frios e com neve. A capa longa poderia bater em suas canelas, mas com aberturas nas laterais para não deixar seu movimento apertado.

Haviam tantos bolsos do lado de dentro que poderiam abrigar um enorme arsenal de lâminas. Apalpando as mangas do

casaco mais fino sentiu algo longo e puxou para encontrar uma nova adaga, toda preta fosca e afiada. Um elegante “A” estava marcado no punho.

— Raskhan, aquele grande í ncubo ladino — murmurou.

Balançando a cabeça, enfiou os braços pelo casaco e soltou um suspiro ao ver quão confortável era. Quando ele havia comprado e os colocado ali? Pegou as botas novas e entortou o rosto em uma careta ao imaginar quantas bolhas seus dedos teriam após o primeiro uso. Nada poderia descrever o quão surpreso ficou quando se encaixou perfeitamente e como era macia. Parecia estar pisando em nuvens.

Engolindo os xingamentos, amarrou os cadarços e se levantou, testando os movimentos e assentindo. Era confortável o suficiente para levantar um chute direto na cara daquele í ncubo metido por estar esfregando dinheiro em sua cara ao lhe comprar roupas. Prendendo a máscara no pescoço e empurrando a touca preta sobre os cabelos para esconder suas orelhas, saiu do apartamento e o trancou com a chave reserva.

A voz de Raskhan penetrou sua mente. *“Não saia sozinho”*.

Sozinho minha bunda. Asael tinha seu poder com ele e anos sendo um assassino furtivo. Girando a adaga preta entre os dedos e a guardando na manga, sorriu. Sua pequena nova amiga afiada e sua magia nunca o deixariam sozinho.

Calçou as luvas ao descer as escadas e caminhou apressado pelas ruas, desviando de carros, cavalos e pessoas como uma sombra. O céu havia escurecido rapidamente, as estrelas pontuando o manto escuro e a lua surgindo como um sorriso do gato Cheshire atrás dos prédios altos. O bondinho gritou, suas rodas rangendo nos trilhos e chiando com a eletricidade acima querendo falhar. Parou na esquina, olhando a larga avenida lotada e então para a pequena viela iluminada.

Ha’mal, o grande mercado.

Tendas coloridas cobriam acima, penduricalhos balançando e música se misturando. Fumaça saí a de uma das portas, uma mesa coberta de todo tipo de comida com uma senhora gritando seu preço. Uma criança correu atrás de sua mãe, gritando quando seu pai a pegou. Todo tipo de seres andava por ali, altos e baixos, peles

escamosas e lisas. Não havia distinção de classe naquele lugar. Todos eram iguais desde que pagassem pelo produto.

Asael puxou sua máscara para baixo e tirou o gorro, sorrindo para um bebê de orelhas pontudas e olhos violeta. Sua mãe acenou e Asael retribuiu. Se sentia acolhido ali, como se fizesse parte de algo.

Da mesma f ormaque se sentia quando Raskhan o abraçava.

Suspirando, empurrou aquele pensamento para longe. Ainda estava bravo com o í ncubo por jogar suas botas preferidas fora. Mesmo que as novas fossem mais confortáveis.

Passou pelas várias portas coloridas, acenando para aqueles que conhecia e jogou uma moeda para Francis ao passar por sua barraca de tacos. Nada fazia muito sentido naquele lugar, muito menos a comida e os nomes de seus vendedores. Desviando de um carrinho, entrou pela porta de madeira velha e o sino anunciou sua chegada, fechando-a atrás de si e abafando os gritos dos vendedores e transeuntes.

Quem olhasse de fora, pensaria que a pequena loja seria apertada e abafada. Entretanto, seu ar era tão rico e fresco, assim como seu teto era alto e suas paredes eram espaçadas. Assim era a magia bem-feita de um bruxo velho. Prateleiras e mais prateleiras enchiam o espaço com poções, livros e bugigangas. Plantas pendiam do teto, pássaros coloridos cantando ao redor. Uma senhora negra com as costas arcadas e de longos cabelos brancos trançados ao redor de sua cabeça o olhou atrás de seus óculos redondos e grossos, suas mãos muito finas sendo jogadas para cima.

— Pequeno rato de olhos ambarinos! Eu pensei que nunca mais fosse vê-lo em vida!

Asael sorriu, se aproximando e passando os braços com cuidado ao redor da mulher.

— A senhora nunca vai morrer. Vaso velho não parte.

— Meus ossos desmentem suas palavras, filho. — Riu, seus dedos beliscando as bochechas de Asael ao se afastar. — Tão magro. Se ficar sem comer, vai continuar sendo um pau de vira-tripa e partir com o vento!

Seu rosto torceu em uma careta.

— Estou sendo forçado a melhorar isso, Zara. Juro.

Aqueles enormes olhos castanhos perspicazes o fitaram e então um sorriso desdentado surgiu.

— Alguém está tentando cuidar de você e isso está te deixando irritado, não é?

Sentiu suas bochechas ficarem vermelhas e se virou para a prateleira mais próxima. Seus dedos agarraram um pequeno boneco para vodu e brincou com os cabelos espetados.

— Não tenho a menor ideia do que a senhora está falando.

A gargalhada se misturou aos cantos dos pássaros e dedos encurvados bateram em seu braço.

— Claro que não. Tenho pena do homem que está enrolado em seu dedo mindinho, jovem! — Gesticulou sobre a cabeça e indicou a porta dos fundos. — Vá falar com aquele velho bruxo. Tenho certeza de que é para isso que está aqui.

— Tem certeza de que a senhora não é uma vidente ao invés de apenas uma Maga Verde?

— Shh! Paredes possuem ouvidos! — Zara balançou os dedos ossudos no rosto de Asael. — Você nunca disse isso. Algumas mulheres precisam ter seus segredos.

Isso fez Asael rir, o que iluminou os olhos de Zara.

— Desculpe. Não imaginei que sua sagacidade fosse um segredo feminino.

A mulher pousou a mão sobre o peito de Asael e deu uma suave batida carinhosa.

— Nunca pensei que fosse ver isso. Fico muito feliz, meu filho.

Zara acenou sobre a cabeça, seus passos arrastados. Seus olhos pareciam um pouco chorosos quando virou as costas e desapareceu entre as prateleiras. Colocando o boneco de volta em seu lugar, Asael enfiou as mãos enluvadas no bolso e foi para a porta nos fundos. Entreaberta, apoiou o ombro no batente e enfiou a cabeça pelo vão para encontrar o velho bruxo curvado sobre sua mesa e olhando atentamente para um amuleto.

— A velhice pode deixar os olhos cansados, velhote.

A cabeça de fios cacheados e grisalhos se ergueu, os olhos escuros se arregalando. Seu corpo largo se levantou da cadeira e

suas mãos grossas balançaram ao gesticular para Asael se aproximar.

— Menino Cosmo! Pensei que nunca mais ia vê-lo. Como vai?

Asael sorriu e abraçou seu antigo amigo. Tapas fortes acertaram suas costas e ofegou com força. Annasias era tão velho quanto o tempo, um bruxo cheio de poder e esperteza. Seus rosto negro pouco enrugado não deixava saber exatamente sua idade além das linhas de expressão marcadas de tanto sorrir.

Annasias o empurrou pelos ombros, seus olhos o analisando de corpo inteiro e negando uma vez.

— Você não está comendo.

Isso o fez bufar e revirar os olhos.

— Estou comendo.

— Não o suficiente. — Annasias o soltou e puxou uma cadeira. — Sente-se. Faz muito tempo que não o vejo. Quais as novidades?

Asael desabou na cadeira, a madeira rangendo com seu peso. Inconsciente, seus dedos buscaram o amuleto em seu pescoço e se enroscaram no fio escuro enquanto seus olhos estavam presos em um ponto na janela redonda atrás do bruxo.

— Muitas coisas aconteceram nos últimos dias. O Ministério me recrutou para encontrar um demônio parasita.

— Os piores. Pequenos vermes.

Asael assentiu. Seu indicador se enroscou no fio do amuleto, seu poder correndo suavemente em suas veias.

— O encontrei. Estava possuindo uma hiena. Havia runas de sangue por todo o lugar e um í ncubo preso contra sua vontade. — Franziu as sobrancelhas. — Um cí rculo de invocação no chão.

— Um cí rculo? Demônios parasitas não podem invocar nada além de nojo na gente. — Annasias apertou as sobrancelhas enquanto pensava. — O que aconteceu?

— O pequeno verme invocou um demônio touro. — Asael suspirou. Quando olhou para Annasias, o bruxo estava perplexo. — Sim, também fiquei assim quando aconteceu. Cortei sua cabeça e domei o touro, por assim dizer. O í ncubo viu tudo.

Uma sombra desceu no rosto de Annasias.

— Você o fez esquecer, certo?

— Ah, claro. O problema foi que pensei que o í ncubo fosse apenas um demônio comum. Ninguém nunca me explicou que haviam *I mperadores*

Aquilo fez Annasias engasgar. Começou a tossir e Asael o observou com sobrancelhas arqueadas.

— Você ajudou um Imperador? — perguntou entre as tosses.

— Não um qualquer — Asael disse, seu dedo balançando no ar. — O Primeiro Imperador. Raskhan.

A mão grossa de Annasias se levantou e passou pelo rosto velho, parecendo muito cansado agora. Sua pele escura ficou levemente pálida.

— Maldito destino torcido! — Annasias se levantou e Asael o viu andar pelo escritório, mancando suavemente na perna direita. — O que aconteceu depois?

Com um resmungo, Asael contou tudo o que estava acontecendo nas últimas semanas. Seu encontro com o parasita, sendo seguido pelas ruas por um farejador, então o demônio invadindo o hotel, o roubo de corações pela cidade. Quanto mais Asael falava, mais o rosto do bruxo se tornava sombrio. Algum feiticeiro estava querendo ressuscitar um ser especí ficoe perigoso e provavelmente criar um caos na terra. No final, Annasias estava sentado e balançava suavemente a cabeça em negativa.

— Deusa, não esperava que esse momento chegasse.

— Você também acha que não é apenas coincidência?

Annasias bufou desacreditado.

— Seria muita sorte se fosse, não é? — Annasias soltou um suspiro e batucou os dedos sobre a coxa. — Então, seu í ncubo sabe?

— Não tudo, mas parte. Não há como segurar um segredo assim por muito tempo, Annasias. — Asael esfregou a têmpora que começava a latejar. — Raskhan desconfia de algo. E eu... eu penso seriamente em contar.

— Ficou louco? — Annasias perguntou gravemente. — Tem ideia do que você estaria contando para um í ncubo?

— Sei disso. Mas... — Apertou as palmas nos olhos e soltou um gemido fraco. — Apenas sinto que posso dizer a ele.

— Asael, precisa ter muita certeza de que quer fazer isso. Depois que contar, não há volta. — Annasias sentou-se e batucou os dedos na mesa com preocupação. — Alguém como ele poderia usá-lo, torná-lo uma arma particular.

— Não precisa me avisar sobre algo que tenho plena ciência — resmungou. Gesticulou com a mão no ar, cansado. — E há também esse pequeno fio violeta que não consigo entender de onde veio.

— “Fio violeta”?

— Sim. Percebi um dia quando toquei meu poder e ele estava lá. Fino, pálido. Pensei em vir até aqui e perguntar, mas acabei me esquecendo. Então, hoje pela manhã, o senti mais forte. Quando olhei, o fio estava mais largo, mais brilhante. Com gavinhas estranhas se mexendo e puxando.

— Pelas bolas cabeludas de Lúcifer, Asael! — Annasias exclamou ao se levantar mais uma vez, seus olhos tão arregalados que poderiam saltar fora. — Há quanto tempo esse fio está aí ?

— Ah... Não sei. Menos de duas semanas?

— Desde quando conhece o í ncubo?

Asael piscou, fazendo as contas. Elas batiam com o surgimento do fio. Praguejando, se levantou e passou a andar pelo escritório. Maldição, o que Raskhan havia feito? Ou seria apenas coincidência? As mãos de Annasias o seguraram no lugar e seus olhos sérios o fitaram com preocupação.

— Acalme-se e sente-se. Me deixe dar uma olhada e então podemos chegar a alguma conclusão.

Assentindo, Asael se sentou mais uma vez e soltou o ar devagar. As mãos do bruxo o tocaram, uma em sua testa e a outra em seu coração. Asael deixou as paredes descobertas, sabendo que Annasias era confiável para tocar tão fundo dentro dele. Com um leve suspiro, sentiu como cócegas quando o poder de Annasias se infiltrou por baixo de sua pele. Seu corpo se remexeu no toque, inquieto. E, então, lá estava. Aquele fio brilhante pulsando, se retorcendo e o chamando. Suas gavinhas tocavam o prata e enviavam doces tremores por seu corpo.

Quando abriu os olhos, viu a boca de Annasias franzida e seus olhos levemente entreabertos. A mão em sua testa subiu e

afagou seus cabelos, exatamente como fizera na primeira vez que o encontrou com apenas dezessete anos. Exatamente como seu pai fazia.

— Ah, destino torcido, ah!

— O que houve, Annasias? O que é?

Coçando entre as sobrancelhas, Asael se remexeu sabendo que aquele gesto significava que o bruxo sabia as respostas, mas não sabia como entregá-las.

— Diga de uma vez.

Annasias se sentou e cruzou as mãos sobre a barriga protuberante. Seus olhos, antes preocupados e tensos, estavam pensativos e calmos.

— Como posso dizer... Asael, já ouviu falar como um familiar é criado?

— Através de um pacto — disse, engolindo em seco.

Um pacto que envolvia sangue, um cí rculo de concentração de poder e palavras muito difí ceis que Asael não se lembrava direito.

— Você fez algo parecido com o í ncubo?

Estava balançando a cabeça antes mesmo de responder.

— Não.

— Então me resta apenas a última alternativa.

Asael esperou, seu corpo o impulsionando para a ponta da cadeira e seus nervos ficando em frangalhos.

— Inferno, apenas diga, Annasias! O que é?

— O í ncubo é... Raskhan é seu *dí ade*, seu parceiro de vida.

— O... o que? — Asael riu, sua barriga apertando. — Não pode ser.

— Há poucos nessa vida, Asael, mas reconheço quando vejo. Se parece muito com um familiar, suas vidas entrelaçadas enquanto o pacto dura. Mas um *dí ade*.. Isso não é criado por nossas mãos ou por palavras em um cí rculo com sangue. Quando duas almas se encontram e os fios entrelaçam, não há o que se pode fazer para separá-los. A morte de um é o fim do outro. Sua longa vida é refletida no parceiro. Unidos pelo destino. — Annasias encolheu os ombros. — A magia realmente é surpreendente às vezes. Assim como a Deusa.

Porra se não era.

Levantou-se, seu corpo inquieto para se manter parado.

— Não há como Raskhan ter implantado isso? Se infiltrado no meu sistema e se colocado lá?

— Ah, ele fez isso, Asael. Porém, não conscientemente. — Annasias riu. — Provavelmente nem mesmo o íncubo sabe o que está acontecendo. Ao contrário de nós, os demônios não possuem acesso aos seus poderes, vê-los tão nitidamente como nós. Talvez o íncubo esteja se sentindo muito protetor sobre você desde o momento que suas vidas se uniram. Como você se sente sobre ele?

— Louco! — Asael puxou seus cabelos, andando como um leão enjaulado. — Inferno, me sinto malditamente louco.

— Isso seria um louco prestes a enforcá-lo ou um louco prestes a transar?

— Ambos — Asael resmungou, seus olhos apertando.

Annasias riu para então ficar sério mais uma vez.

— Ele sabe sobre... sobre o abuso?

— Sabe — Asael falou soturnamente. Parou na janela, seus olhos observando a noite se aprofundando, sombras correndo pelo beco, olhos brilhantes na escuridão. — Contei a ele depois... depois que tive um pequeno surto.

Annasias assentiu lentamente.

— Sabe que o passado só se cura com o tempo, não é?

— Sei. — O cenho franzido de Asael se aprofundou ao olhar para o bruxo. — Mas tenho medo. E se estiver quebrado demais? E se... se Raskhan desistir?

A mão de Annasias se estendeu e segurou o pulso de Asael com carinho.

— Filho, só posso dizer que o que está acontecendo com vocês dois é algo muito raro e não é tão fácil desistir. Espero, do fundo do meu coração, que o destino e a Deusa não estejam traçando para você um futuro ruim. — Bateu suavemente nas costas da mão de Asael.

— Talvez — Asael disse.

Se Annasias soubesse o que estava pensando, não diria nada sobre um futuro. Se suas suspeitas fossem concretizadas, o futuro de Asael estava decidido com um final muito próximo. O

bruxo sorriu ao apertar a mão de Asael e puxar sua atenção de volta.

— E imagino que não seja. Nunca o vi tão relaxado como quando bateu em minha porta mais cedo. Quem diria que um íncubo, conhecido por trazer caos e ser tão imoral, poderia fazer o pequeno Asael mais calmo?

— Não estou calmo — resmungou, puxando a mão e cruzando os braços. — Aquele íncubo intrometido me deve respostas.

— Imagino que sim. — Annasias sorriu e olhou para a porta. — Veja só. Zara, a fofoqueira, espreitando na porta.

— Fofoqueira é a senhora sua avó, aquela cobra peçonhenta. — Cuspiu e levantou a bandeja trêmula em suas mãos. — Trouxe chá para o meu pequeno rato de olhos ambarinos.

— E meu café?

— Está na garrafa, lá na cozinha — Zara disse, abaixando a bandeja sobre a mesa. — As xícaras estão no armário já que não sou sua empregada.

Asael sorriu ao ver os dois e como nada mudou após tantos anos. Sua mente o levou até seu apartamento, na mesma troca de farpas entre ele e Raskhan, o fazendo sorrir sem perceber.

— O amor não é mesmo bonito, velho bruxo? — Zara perguntou com um sorriso pícaro.

— Realmente é.

Ignorando os comentários, Asael se sentou novamente e pegou sua xícara, se deixando levar pela conversa. Sentia falta daquele lugar, tanto que não havia percebido até estar ali novamente. Inspirando profundamente e sentindo-se aquecido depois da terceira xícara de chá, levantou e deixou um beijo na têmpora de Zara.

— Obrigado por tudo, mas preciso ir agora. Ainda há coisas para resolver.

— Essa é sua casa, Asael. Volte sempre que quiser.

— E não demore. Traga o bonito homem que está amarrado em você na próxima visita — Zara disse, piscando.

— Vou pensar sobre isso.

Asael deu as costas e saiu, mas ainda conseguiu ouvir a voz de Zara falando com Annasias, alto de propósito.

— O fio do destino nunca erra.

Saindo para a viela novamente, o cheiro opressor de comida empurrou o ar puro da loja para longe. Fumaça subiu para o céu e Asael puxou seu gorro para baixo ao sair de Ha'mal. Saber que o fio violeta misturado em seu poder era de Raskhan deixava suas emoções uma bagunça. Tocou seu amuleto sobre a camiseta e sentiu lá no fundo o fio se mexer.

Sentiu como um afago quente e reconfortante. Sua respiração saiu trêmula, seus dentes se afundando em seu lábio para conter o tremor. Depois de tanto tempo, Asael nunca imaginou que alguém estaria ligado a ele assim, possivelmente o amando.

Um *dí adé*?

Ouviu sua mãe contar histórias sobre as almas errantes que se procuravam eternamente até se encontrarem. Passarem por vidas ansiando seu par até o destino ter piedade e os unir, seus poderes entrelaçados. Um completaria o outro, seu poder o tornando mais forte. Nada poderia separá-los além da morte.

Seus pais eram *dí ades* Asael nunca sonhou que a maçã poderia cair perto da árvore novamente. Porém, lá estava. O fio violeta brilhava forte dentro de si, enrolando-se em seu poder com possessividade. Aquecendo-o de dentro para fora. Inundando sua alma com sentimentos, esperanças. Asael riu sem entender o motivo, uma lágrima escapando e rolando por sua bochecha.

Um silvo cortou a noite, arrancando Asael de seu sonho acordado. De repente, tudo pareceu silencioso. Não havia percebido que andou pelas ruas até chegar perto da área industrial morta. Prédios fantasmas se erguiam, como esqueletos esfarelando. O vento cantava, ecos sombrios se erguendo e arrepiando os pelos de Asael. Outro silvo foi ouvido e Asael puxou a adaga quando as sombras correram pelas paredes.

Som de pedras rolando chegou aos seus ouvidos. Um rosnado baixo deixou sua espinha fria. Três pares de olhos vermelhos brilharam dentro do prédio e uma risada baixa congelou o corpo de Asael no lugar. A sombra de um corpo esguio surgiu assim como três formas familiares.

Um demônio parasita e três *Viashephisvas*.

— Olá, mestiço. Me sinto honrado por sua presença. — A lí nguabifurcada saiu entre os lábios, lambendo-os. — Imagino como deve ser o seu gosto.

— Você vai sentir o gosto da sola da minha bota, verme — Asael rosnou, a adaga firme entre seus dedos.

— Espero que o mestre não se importe de algumas partes do seu corpo serem devoradas. — Seus olhos brilharam e suas mão se ergueram. — Tragam ele para mim.

Maldita sorte do caralho. Nada como quatro demônios para matar seu humor. Asael esperava que apenas essa parte dele estivesse morta essa noite.

14

NÃO ME FAÇA IMPLORAR

Era incrível a falta de sorte de Asael nas últimas semanas. Se ainda estivesse com raiva, poderia jogar toda a culpa nas costas de Raskhan, mas ele se encontrava muito calmo sobre o íncubo. Ainda mais quando percebia que ele tinha razão sobre Asael sair sozinho por aí.

Tirando as luvas e as guardando dentro do casaco, observou os três demônios se aproximando, o medindo, circulando-o como uma presa. No fundo, o parasita sorria, usando um pobre desavisado. Asael sabia o final daquela batalha antes mesmo de começar. Seus dedos flexionaram e seus joelhos dobraram levemente ao alcançar no fundo de sua alma aquele fio brilhante e prateado que pulsava, ansiando para sair.

Seus cabelos se arrepiaram, o gorro deslizando para fora e caindo em silêncio sobre o chão batido. Os olhos do parasita brilharam com perversidade e algo ainda mais obscuro no fundo. Uma sombra pareceu pairar logo atrás do parasita, um vulto indistinto que fez o suor frio deslizar pela espinha de Asael.

— Ataquem!

O som de garras ecoou e Asael esquivou das bestas. Sua adaga cortou o ar, levando rosnados irritados e chiados junto com sangue verde. Seu corpo era ágil e sua mente esperta, mas eles eram três contra um. E enormes. A mandíbula de um bateu muito perto de sua cabeça, saliva pegajosa grudando em seus cabelos. Sua adaga furou um olho quando uma cauda o tirou do chão e o jogou com força contra uma parede.

Ouch, isso doeu.

Asael gemeu, usando a parede com que atingiu com força para se levantar e desviou de garras pontiagudas. Inferno maldito do caralho, não havia como fugir daquilo sem usar sua magia. E, com aquela sombra pairando sobre o parasita, sabia muito bem que tudo o que fizesse o feiticeiro saberia. Talvez aquilo fosse apenas uma retaliação por matar seu outro demônio e estar interferindo em sua caça louca por magos e seus órgãos.

Com um grunhido, sua mão se fechou e energia se manifestou quando o punho se conectou com a cabeça de um *Viashephisva*. Azul brilhou quando o corpo do demônio voou para trás e bateu contra o prédio, formando um buraco no lugar. Cravando a adaga no peito do outro, Asael se virou e apertou a palma contra o chão. Raí zes cresceram e envolveram o último *Viashephisva*, puxando o corpo enorme para o chão e o soterrando.

O grito da criatura rugiu pelo solo ao tentar escapar. Asael puxou a adaga do peito do outro, mas não escapou a tempo das garras afiadas que talharam feridas do seu peito até perto do quadril. Sentiu as pontas irem fundo, a força o lançando longe e girando no ar. Asael gritou ao cair alguns metros longe, a dor reverberando por todo seu corpo e se misturando com a risada maní aca do parasita.

— Sangre! Sangre, mestiço!

“Não saia sozinho”.

“Há algo lá f ora, d e tae”.

Seu grunhido saiu afiado. Péssima hora para se lembrar das palavras de Raskhan. Sentiu o lí quido quente banhar sua camiseta e descer pelo quadril até sua calça quando se sentou, seu casaco novo tinha rasgos largos e as tiras voavam com o vento. O casaco que Raskhan havia dado a ele. Apertou a mão contra a ferida e atirou a adaga, acertando o parasita no peito. A risada cortou no meio quando o corpo tombou com *“uf f ”* baixo. A percepção de que poderia morrer ali e nunca ver Raskhan novamente fez seus dentes cerrarem.

Danem-se as consequências.

Ficar vivo era mais importante que manter um maldito segredo.

O *Viashephisva* atacou novamente, mas desta vez Asael tinha sua fúria para ajudá-lo. Sua vontade se enrolou no fio prateado com mais força, puxando tudo o que conseguia para fora, tudo o que lhe era permitido. O tempo pareceu diminuir, se arrastar. A terra se partiu e ergueu, ondulando sobre a vontade de Asael, e se enrolou ao redor do demônio como um casulo de tramas. Os dedos do mestiço se fecharam e o casulo endureceu, diminuindo até apertar a carne e fatiá-la.

O guincho de dor se misturou ao som do vento junto com o grito do outro demônio ainda vivo. Com um meneio da mão, cristais de gelo se formaram no ar e se lançaram contra a besta, prendendo-o na parede com as estacas e o deixando parecido com um porco espinho. Asael tirou a besta que estava enterrada com as raí zes para fora e se concentrou no interior, o ar expandindo e explodindo a criatura de dentro para fora.

Caminhando devagar, caiu sobre um joelho ao lado do parasita sentado olhando atônito a carnificina que Asael fizera em segundos.

— É como olhar para a galáxia — sussurrou.

— Diga ao seu mestre que meu corpo pertence apenas a mim. Ele nunca o terá, nem em pedaços.

A voz de Asael parecia desumana, desprovida de qualquer emoção. Seus olhos brilhavam como estrelas, o cabelo branco voando sobre sua bochecha com sangue verde. O parasita piscou, assentindo rapidamente. Sem aviso, um rasgo no ar apareceu ao lado de Asael, brilhando como o sol com toques de prata. Segurando-o pelo pescoço, Asael o jogou pelo portal e o fechou assim que o corpo desapareceu do outro lado.

A sombra pairou por mais alguns segundos, desaparecendo como um sopro sombrio com promessas malignas sussurradas no ar. O tempo tornou a girar, a terra inclinando quando tudo bateu sobre Asael com força. Seu corpo tombou de lado, o ar saindo de seus pulmões junto com sangue. A dor de suas feridas latejava, seu corpo tremendo pelo uso de poder, a perda de sangue e seu grito fraco arranhou sua garganta.

Não poderia morrer ali, não sem falar com Raskhan antes. Ver seu rosto de novo. Provocá-lo. Quão idiota havia sido por ter

arrastado sua atração pelo íncubo por tanto tempo? Por ter sido teimoso? Poderia ser tarde demais agora. Tossiu, sangue escorrendo por sua bochecha. Seus olhos fecharam e visualizou sua chama prateada se extinguindo pouco a pouco, um brilho pálido suave. Esticou a mão, seu dedo alcançando o pequeno fio violeta e o segurando firme como se fosse sua corda de salvação. Seu corpo tremeu, lágrimas escorrendo por sua bochecha e pingando no chão de cimento claro.

— Por favor... Khan... Socorro...

Não podia ir antes de dizer ao íncubo o que eles eram. Em silêncio, prometeu a si mesmo que se acordasse, teria Raskhan em sua vida. Sua visão embaçou, sua mão se esticando em busca de alguma ajuda. Sapatos de couro surgiram não muito longe e Asael expirou com alívio, seu corpo perdendo a batalha e mergulhando na escuridão do esquecimento.

Raskhan se sentia dilacerado. Seu pé batia sobre o chão de madeira escura enquanto continuava esperando. O sol havia surgido no céu e então se posto pela quarta vez e os olhos de Asael insistiam em se manterem fechados. Raskhan evitava fechar os olhos, temendo que a imagem gravada em sua mente surgisse novamente.

Infelizmente, percebeu que não precisava ter seus olhos fechados para a lembrança o assombrar. Nunca poderia esquecer a forma como seu peito doeu, a voz de Asael parecendo vir de dentro de sua alma e o forçando a ir ao seu encontro como um farol o guiando. E quando viu Asael caído, sangue por toda a parte e seu coração parecendo não bater. Suas mãos envolveram o corpo frágil, a dor subiu por seus membros e o grito que rasgou sua garganta ainda ecoavam em sua alma.

Akuma observava de seu posto no final da cama, suas orelhas atentas a qualquer barulho. Desde que chegou com Asael em seus braços, o gato havia se colocado ali e saiu apenas para comer e fazer suas necessidades, mas voltando rapidamente. Eram como dois guarda-costas incansáveis. Raskhan mantinha sua

vigí lia, seu sono não mais que duas horas por dia. Seus ombros estavam tensos, o rosnado preso em sua garganta, suas garras flexionando.

Esta era a terceira vez que trazia Asael para o apartamento, a segunda em que estava inconsciente. Mas desta vez... Sangue amaldiçoado, desta vez era terrí vel. Como o encontrou, seu corpo caí do em uma poça, sangue escarlate manchando o chão e sua roupa. Os cabelos prateados balançando com o vento, as pontas manchadas. Sua pele parecia tão pálida no meio daquela área morta.

Não o ouvia respirar, não sentia sua pulsação. Sua forma demoní aca eclodiu, suas asas se abrindo em toda sua extensão e os levantando para o céu. Em segundos estavam na janela do apartamento de Asael, mas nunca parecia ser rápido o suficiente. Raskhan não gostava de voar no mundo mortal, mas se usasse o portal, não sabia como Asael ficaria ao sair dele.

Assim que seus pés tocaram do lado de dentro, o poder prateado envolveu Asael em seu casulo brilhante e se manteve assim. As gavinhas violetas se esticavam e só pareciam se acalmar quando sentiam a mão de Raskhan sobre elas, se enroscando em seus dedos por longos minutos para então voltar para dentro do casulo.

A noite se aprofundava. Os olhos de Raskhan ardiam, implorando por um pouco de sono, mas se recusando a fechar por poucos segundos. Suas pernas se esticam, seu queixo descansando em seu punho. Seus olhos pesaram, seu peito soltando um suspiro exausto. Ouviu um miado insistente, seu peito sendo pisoteado por patas fofas e espetado por garras finas. Abriu um olho e viu o focinho escuro de Akuma batendo em seu nariz, olhos amarelos parecendo irritados. No fundo, a janela brilhava com o sol da manhã surgindo.

Seu coração galopou no peito ao perceber que havia dormido. Sentando-se bruscamente, Akuma miou alto ao saltar para o chão e correr para fora do quarto. Raskhan olhou para a cama, encontrando-a vazia. Levantou da poltrona improvisada e olhou ao redor, desesperado.

Alguém entrou enquanto dormia?

Levaram Asael sem que eu percebesse?

No meio do pânico, tropeçou nas botas sujas e praguejou, só então vendo as roupas que Asael usava amontoadas no pé da cama. Seus olhos seguiram para a porta entreaberta do banheiro, fumaça saindo de dentro. Esfregando o peito e engolindo em seco, deu um passo naquela direção e congelou quando Asael surgiu pela porta do quarto, uma toalha no pescoço e a calça de moletom pendendo em seu quadril. Um sanduíche pela metade estava em sua mão, as bochechas cheias como as de um esquilo.

As três longas feridas do peito até perto do quadril estavam rosadas e pareciam sensíveis. Os olhos de Asael estavam fundos, os lábios um pouco rachados e os ombros encurvados, mas vivo. O alívio fraquejou seus joelhos, quase o levando ao chão. Raskhan queria rir e chorar ao mesmo tempo quando os olhos ambarinos pegaram os seus e um sorriso fraco curvou os lábios de Asael depois de engolir.

— Ei. Não queria acordar você.

Aquela voz... Pelos anjos caídos, como amava o som daquela voz. Raskhan se aproximou de Asael, o cheiro de sândalo e jasmim enchendo seus pulmões. Seus braços rodearam o corpo magro e o puxou para si, o rosto afundando nos cabelos úmidos e inspirando profundamente. Asael estremeceu no abraço e isso fez Raskhan se afastar.

— Como você está? A ferida está cicatrizando? Você perdeu muito sangue. Não devemos...

Os dedos pálidos de Asael pressionaram contra a boca de Raskhan para conter o fluxo de palavras.

— Estou bem agora. A ferida é um pouco sensível, mas se curando. Minha magia... ela pode resolver muitos problemas, inclusive a perda de sangue. — Asael sorriu, um pouco mais firme agora.

— *Bas' zellaha,* tem certeza?

— Absoluta. — Asael assentiu, enfiando o resto do sanduíche na boca e falando ao redor da comida. — Como foi no Mundo Inferior? Encontrou Nmrah?

— Ah, sim, encontrei. Tivemos uma breve discussão terminando com uma lança enfiada em seu estômago por ter me

tirado do sério. — Raskhan sorriu sombriamente e seus olhos faiscaram. — Mas não estamos falando sobre isso agora. Quero saber por que você saiu sozinho mesmo quando pedi que não o fizesse.

— Havia coisas para resolver. Não precisa se preocupar sobre isso, Khan, não foi nada — disse, engolindo.

A preocupação escoou pelo ralo com aquelas palavras, a raiva inflou novamente. Os olhos de Raskhan cerraram, suas narinas alargando iguais às de um touro furioso prestes a atacar.

— Nada? — Seu rosnado saiu por entre dentes cerrados. — Você chama a forma como o encontrei quase morto de “nada”?

As sobrancelhas claras franziram, os dedos de Asael se retorcendo na toalha em seu pescoço.

— Não foi exatamente assim...

— Só havia sangue! Sangue e mais sangue! Seu corpo estava inerte, seu coração não batia! — Raskhan estremeceu com a lembrança, suas mãos fechadas em punhos. — O carreguei para cá implorando para os deuses pela sua vida. Não diga para mim que algum filho da puta o machucou até quase a morte e que isso não é nada!

Estava vendo vermelho. Seu peito subia e descia com respirações pesadas, sentia o demônio rugindo para sair e reivindicar o que pertencia a ele. Marcar Asael e mostrar a todos que havia um dono, alguém para cuidar e zelar pela sua alma. Suas garras arranharam sua palma, sua roupa o sufocando.

— Não quis dizer isso! Aquele parasita e os demônios, *Vias-alguma-coisa*, me pegaram desprevenido. Usei magia demais e isso me esgotou. — Asael apertou os lábios e balançou a cabeça. — Foi uma emboscada.

A risada depreciativa saiu do peito de Raskhan.

— O que disse a você, hein? O que eu falei, Asael? — Raskhan grunhiu entredentes, sua mão agarrando as bochechas do mestiço para olhá-lo nos olhos. As garras negras fincando na pele. — Disse para não sair sozinho. Para não lutar sem mim.

— Não preciso de proteção. Sei me cuidar — disse, a voz falhando.

— Essas malditas marcas no seu corpo desmentem você — rosnou. — Os quatro dias que passou preso dentro do seu casulo prateado para se recuperar, desmentem você.

Asael puxou o rosto do agarre e desviou de seu corpo. Seus olhos pareciam assombrados ao parar de frente à janela, os braços cruzados.

— Bem, coisas ruins acontecem. Se você estivesse lá, quem garante que não poderia acabar da mesma forma?

— Seria o meu corpo retalhado ao invés do seu! — A agonia envolveu as palavras de Raskhan. — Prefiro morrer do que deixar algo acontecer com você, da forma como o encontrei quatro noites atrás.

Asael balançou a cabeça e se virou, seus braços se abrindo e então caindo em derrota.

— E por que você faria isso? Sou um mestiço qualquer, Raskhan. Qual minha importância para você?

Seus olhos estreitaram e Asael viu perigo nas í ris azuis.

— Asael, você é muitas coisas, mas não um qualquer. — Raskhan deu um passo para mais perto, seus olhos devorando cada pedaço de pele exposta. — A primeira coisa que pensei quando o vi naquele porão foi em te beijar. Pensei em todas as maneiras que poderia usar sua boca, uma mais suja que a outra. Desde aquele dia tenho um pau dolorido entre as pernas e bolas azuis.

Asael soltou um suspiro.

— Você nem mesmo me conhecia. Isso é puramente instinto de í ncubo...

— Nada do meu comportamento perto de você é instinto! Não queira nomear meus sentimentos sendo que só eu os conheço! — Raskhan gritou, seu peito ardendo. — Minha necessidade vai além disso. Não quero seu prazer para acumular poder, tenho muito disso. Quero cada gemido, cada grito, todo seu corpo extasiado porque *necessito* dar isso a você. Porque eu *quero*. Quero saber do que você gosta, quero entender seus medos, quero deitar em sua cama e ouvir seu coração bater.

Houve um lampejo de vermelho dentro do azul cristalino ao mesmo tempo em que suas narinas alargaram, fazendo Asael ofegar baixinho.

— Sua segurança é minha prioridade. Defenderia você até de mim mesmo se fosse necessário. Mesmo que esteja nu na minha frente, não vou encostar em um único fio de cabelo sem que tenha seu consentimento. Mesmo que queira dobrá-lo sobre o balcão e lamber cada parte de pele exposta, não vou tocar sem que me diga sim. Porque me *importo* com você!

— Nós não somos nada, Raskhan! — Asael gritou de volta ao atirar a toalha no chão, suas bochechas vermelhas.

— Você é *meu*! — seu grito sacudiu o apartamento. — *Bas' zellaha*. Minha alma. *Bas' yalin*. Meu amado. *Dætae*. Querido. É meu desde o momento em que coloquei meus olhos sobre você! Iria até o inferno para salvar sua vida desistindo da minha se fosse preciso. Então não me diga que não somos nada quando você é tudo!

Os olhos de Asael se arregalaram, sua boca se abrindo levemente. A raiva fervia abaixo da pele de Raskhan, correndo por suas veias em busca de uma saí da. Seu corpo tremia e o suave cheiro de medo preencheu o quarto, tarde demais percebendo que perdera o controle. A fadiga, o sofrimento, a ansiedade, levaram tudo de Raskhan e o deixaram com os nervos em frangalhos.

Fechou os olhos, sabendo o que Asael estava vendo. Sua meia forma ainda não era tão terrí vel quanto a verdadeira, mas ainda era aterrorizante. A pele cinzenta, dentes pontiagudos, as asas de couro negro com pontas afiadas, os chifres retorcidos sobre sua cabeça e o rabo. Temia esse dia e não esperava se revelar assim, gritando a plenos pulmões quando Asael deveria estar descansando.

Sua boca se abriu, prestes a se desculpar, quando sentiu palmas calejadas segurando suas bochechas. Seus olhos se abriram, encontrando Asael o olhando com olhos marejados e um sorriso amável. O polegar escovou sua bochecha em uma carí cia.

— Desculpe. Não precisava ter pressionado você demais. Isso tudo é minha culpa e realmente estava em perigo por não o ouvir. — Asael se levantou na ponta dos pés o máximo que conseguiu, seus dedos deslizando pela têmpora de Raskhan e tocando a base de seus chifres. A ação o fez estremecer. — Você é bonito, primeiro Imperador Raskhan.

Raskhan o segurou nos pulsos, seu corpo trêmulo com o toque suave.

— Você me assustou — sussurrou, sua voz quebrada. — Nunca imaginei... Nunca pensei que... Não entendo o que realmente está acontecendo, mas não posso perdê-lo, Asael. Não suportaria. Vê-lo tão machucado...

Os dedos de Asael tocaram os lábios de Raskhan. Com sua meia forma, o í ncuboera ainda mais alto, o que tornava o acesso de Asael ainda mais difí cil.Dobrando os joelhos, Raskhan igualou seus rostos e isso fez um sorriso bonito surgir no mestiço.

— Era isso que você tinha medo de me mostrar? Sua verdadeira forma?

— É apenas uma meia forma — murmurou. Seus olhos baixos fitavam o peito nu de Asael. — Toda a situação me fez perder um pouco o controle. Me dê um minuto.

Seus olhos fecharam, a concentração torcendo seu rosto até se sentir mais relaxado. Um suspiro pesado saiu de seu peito e flexionou as mãos ainda nos pulsos de Asael para encontrá-las mais humanas. As garras desaparecidas. Quando abriu os olhos novamente, Asael o olhava concentrado, seus dedos deslizando pelo maxilar de Raskhan e então seu pescoço.

— O quê? — perguntou suavemente.

— Ainda estou me decidindo se o Raskhan humano é mais irresistí vel que o Raskhan em meia forma. — Seus olhos entrecerraram. — Uma dúvida cruel.

O prazer quente se espalhou pela barriga e virilha de Raskhan. Suas narinas dilataram ao perceber que era o cheiro de Asael ondulando sobre ele, batendo como uma onda suave e pedindo passagem. Seus dedos apertaram os pulsos de Asael, um rosnado subindo por sua garganta.

— *Dætae*...

O interior de Raskhan vibrou ao sentir o corpo de Asael recostar no dele, a pele pálida de seu peito roçando a do í ncubo.

— Sim?

O maxilar de Raskhan flexionou com a mordida firme.

— Você deveria estar descansando. Foram longos quatro dias e...

As palavras de Raskhan morreram em sua garganta ao sentir o membro rijo de Asael se esfregar no seu. O hálito quente bateu em seu queixo logo após a lambida lenta. O som da voz de Asael era apenas um ronrono rouco dedilhando sobre seu controle já por um fio.

— Prolongamos isso demais, Khan. Estava ali todo esse tempo e não fui capaz de ver. — Os dentes de Asael mordiscaram a pele caramelo de seu pescoço. — Já ouviu falar em *dí ades*?

Companheiros destinados pela magia.

Assentiu, engolindo em seco. Seus dedos flexionaram no pulso magro, seu corpo tremendo com cada mordida e beliscão em seu pescoço.

— Descobri que o fio violeta, a pequena corda que envolve meu poder, vem de você. Um fio que nos liga. — Os olhos de Asael brilharam ao se afastar o suficiente para fitar o rosto de Raskhan. — Seu poder me faz mais forte, assim como o meu alimenta você. Você é tão meu quanto eu sou seu.

Raskhan lambeu os lábios secos, suas mãos soltando os pulsos de Asael para deslizarem pelos braços e então as costas. Sentiu os arrepios em sua palma, a carne ondulando com seu toque.

— *Yalin*.

— Hm... Gosto como isso soa. — Asael sorriu. Seus dedos tocaram o rosto de Raskhan, puxando-o até suas bocas estarem separadas por um sopro. — Me beije, Khan. Não me faça implorar por isso.

Não foi preciso um segundo pedido. Raskhan grunhiu, suas mãos se fechando na cintura de Asael e o puxando para si, suas bocas se unindo com um gemido mútuo. A magia os envolveu faiscando, causando eletricidade. Segurando as nádegas de Asael, puxou o mestiço para cima e o empurrou contra a parede mais próxima. As pernas de Asael se enrolaram na cintura de Raskhan e todo seu corpo se arrepiou com seus paus friccionando.

Os dedos de Asael apertavam os cabelos pretos em um punho, sua pele se arrepiando quando os polegares encontraram seus mamilos e rodaram sobre os picos duros.

— Khan... — Os olhos ambarinos abriram e suspirou quando a língua plana do íncubo encontrou o mamilo turgido. — Maldição, sim.

Os olhos de Raskhan brilharam ao olhar Asael, a luxúria visível nas íris com rajados vermelhos. Estava tentando se conter para não assustar Asael como da outra vez. Seu peito se expandia com dificuldade, sua respiração pesada com cada gemido escapando de Asael.

— Khan... fico muito agradecido pela atenção e cuidado, mas não quero contenções agora. Quero ficar suado e sentir seu corpo grande sobre o meu. Agora.

Raskhan sentiu suas pupilas se contraírem, ficando tão finas que quase desapareceram. A parte branca escureceu levemente, o vermelho tomando o azul um pouco mais.

— Você tem certeza?

Sua voz estava grossa, seus dedos apertando as nádegas de Asael e impulsionando contra seu quadril de forma lenta e torturante. Suas bolas pesando com necessidade urgente. Asael assentiu de forma descoordenada.

— Palavras. Preciso de palavras — Raskhan rugiu.

— Sim! Maldito inferno, sim!

Mal acabou de dizer quando a boca de Raskhan colidiu na sua novamente, o beijo febril e bruto. Ele se afastou, suas narinas dilatadas e os olhos fechados.

— *Bas' zellaha*. — Seus olhos se abriram, sondando entre os cílios. — Posso manter a ilusão do meu corpo humano se quiser. A meia forma pode ser...

Asael passou a mão pela bochecha de Raskhan e então seu queixo, erguendo sua cabeça para olhá-lo diretamente nos olhos. Raskhan lutou contra a vontade de desviar.

— Aprecio isso, mas não vai funcionar comigo. — Puxou-o mais uma vez, beijando lentamente e o provocando com pequenas mordidas nos lábios cheios. — O quero como é. Sem ilusões. Apenas meu Raskhan.

Raskhan rosnou, um *flash* rápido dos brilhos dos dentes pontiagudos quando seus lábios enrolaram. Carregou Asael como se não tivesse peso algum e então o mestiço estava de costas

sobre a cama. Suas mãos puxaram as calças fora, revelando todo o corpo pálido e tentador esparramado sobre o colchão de lençóis claros. Lençóis que ainda tinham um pouco de sangue. Suas sobrancelhas franziram com preocupação e Asael segurou seu queixo, fixando aqueles olhos ambarinos nos seus.

— Olhe para mim. Toque-me. — Asael se sentou, sua mão segurando o cinto da calça do í ncubo. — Khan, estou bem.

— Você quase morreu. — Apenas a percepção daquilo doeu no peito de Raskhan. — Deveria estar descansando. Comendo. Não...

Asael se ajoelhou com velocidade e sua boca pegou a de Raskhan, sua lí ngua varrendo sobre a dele. Seu corpo tremeu. Deveria ser um sonho, não poderia ser real. Sua camisa foi desabotoada pelos dedos de Asael, a carí cia suave em sua pele sendo como pequenos choques prazerosos ao empurrar o tecido longe pelos braços. A lí nguaquente de Asael passou por seu peito, sua boca se fechando em um mamilo escuro e sugando.

— Sangue amaldiçoado, *yalin*, você vai me matar.

Empurrando Asael em suas costas novamente, Raskhan deslizou sobre o corpo menor e se apoiou sobre os cotovelos. As mãos finas passaram por seus ombros e claví culas, descendo devagar sobre o peito e torcendo os mamilos. Raskhan estremeceu, seu pau apertado em sua calça. As mãos de Asael desceram mais, passando pelo abdômen até a borda da calça e puxando o cinto. Precisava apenas de um pensamento para tudo aquilo desaparecer e ficar nu, mas a percepção de ter Asael o desembrulhando devagar o atraí a muito.

Quando o botão estalou fora da casa e o zí perfoi abaixado, sentia seus braços tremendo. Sua cabeça pendia em seus ombros e Asael sorria com malí cia quando sua mão se enrolou no comprimento rí gido.Seu corpo sacudiu, sua pele se tornando cinza escura. Sentiu as asas se desenrolarem e arquearem, as pontas batendo de cada lado da cama e os abrigando do mundo. Seu rabo se torceu ao redor da coxa de Asael, a ponta pontiaguda sondando a curva da bunda do mestiço.

— Maldição, isso é quente — Asael jurou sob a respiração.

A luz do sol lançava sombras pelo couro escuro das asas, o brilho levemente dourado banhava a pele de Asael e o deixava ainda mais bonito. Seus cabelos prateados estavam caídos sobre o travesseiro e seu sorriso era lindo.

Raskhan, definitivamente, estava sonhando.

Seu corpo retesou quando a mão de Asael o apertou e deslizou para cima e para baixo. A outra mão se ergueu, a ponta do indicador deslizando pela curva de um chifre e enviando ondas de prazer pela espinha do íncubo.

— Parece que encontrei algo sensível. — Asael riu.

— Estou desejando você há dias. Qualquer lugar que me tocar, vai ser sensível — disse entredentes.

A mão de Raskhan abaixou e cobriu a de Asael, empurrando para longe ao puxar os dois paus juntos e dar uma lenta e dura batida. A espinha do mestiço arqueou, prazer cobrindo a pele do íncubo e deixando um gosto em sua língua. Parecia chocolate, rico e forte. Raskhan queria mais.

Deixando um rastro de fogo pela coluna do pescoço de Asael, beijou e lambeu seu caminho até o peito com cuidado, beijando suavemente as linhas largas e rosadas dos machucados. Seu rosnado saiu baixo e grosso ao imaginar arrancando a cabeça do homem que comandou os demônios. Asael deslizou os dedos pelo cabelo preto, puxando levemente para chamar sua atenção.

— Nós vamos resolver isso, tudo bem? Eu prometo.

Assentindo, Raskhan deu um último beijo na linha rosa e desviou para o mamilo, sugando o broto inchado. Os sons saídos da garganta de Asael pareciam como feitiços, arrepiando a pele de Raskhan e enviando raios de prazer por sua espinha até as bolas. Sua língua passou sobre a runa na costela e rosnou quando as mãos de Asael apertaram seus chifres.

Sua boca traçou o caminho até a virilha, seus olhos apreciando o pau grosso com veias salientes, a cabeça esponjosa rosada e salivando. Gotas de pré-sêmen escorriam até a base e o comprimento estremeceu quando Raskhan inspirou seu cheiro. Estava muito perto de ter sua forma completa e não queria isso. Seu tamanho poderia assustar Asael e o íncubo queria seu precioso mestiço calmo.

— Khan...

Seu nome se tornou um gemido quando a boca envolveu a cabeça sensí vel. O corpo magro de Asael tremeu, seus dedos apertando mais forte ao empurrar o quadril para cima em busca de algum alí vio. As listras largas pareciam brilhar suavemente. Abrindo mais sua boca, engoliu todo o comprimento até seu nariz estar aninhado na base e arrancando um grito de Asael.

Suas mãos seguraram o quadril do mestiço contra a cama, suas garras apertando a pele frágil. Seu pau estremeceu com a onda de prazer fluindo de Asael, suas calças apertando suas bolas pesadas. Seu quadril afundou na cama em busca de algum atrito, a picada do zí per o fazendo gemer e sugando Asael com mais força.

Os gritos e gemidos encheram o quarto. A necessidade crescente de Raskhan se acumulando em sua espinha, espiralando em busca de alguma saí da. As mãos de Asael se aferraram nos chifres do í ncubo, usando-o como uma alavanca para bater mais rápido e mais fundo contra a boca quente. Uma garra se retraiu quando o dedo de Raskhan sondou seu buraco enrugado e o penetrou, as paredes quentes o apertando.

Era demais.

Não estava conseguindo respirar.

— Sim! Mais, Khan, mais!

Sua pele formigava. Seus olhos se apertaram e seu rugido vibrou contra o pau em sua boca e isso pareceu desencadear o orgasmo de Asael. Jatos quentes inundaram sua boca ao mesmo tempo em que seu pau vazava contra os lençóis. Uma fina camada prateada e violeta os envolveu, finos raios elétricos se erguendo e arrepiando os pelos de ambos.

Soltando o membro mole de Asael, Raskhan afundou sua testa sobre a coxa do outro e soltou uma respiração trêmula. Seu pau ainda estava rí gido, o prazer sendo tanto que parecia enchê-lo até transbordar. O corpo de Asael tremeu e Raskhan ergueu os olhos para encontrar os olhos ambarinos entrecerrados e um sorriso satisfeito.

— Bem, se isso não foi espetacular?

— Diria que foi um orgasmo de explodir mentes — murmurou.

Seu quadril esfregou, seu pau pegajoso em sua própria porra. A risada de Asael flutuou pelo quarto quando Raskhan rastejou para cima e pegou aqueles lábios sorridentes em um beijo. A pele de Asael brilhava com um tom pálido de prata e violeta, assim como a de Raskhan. Os braços de Asael se fecharam ao seu redor, um dedo errante deslizando da base da asa em suas costas até certa altura em sua curvatura. O toque enviou faí scaspelo corpo do í ncubo.

— Você realmente está sensí vel.

— Acredite em mim, isso tudo é culpa sua. — Seu nariz correu pelo maxilar liso de Asael. — Tão irresistí vel.

Os dedos de Asael pararam e Raskhan se ergueu para olhá-lo melhor.

— O que foi?

— Acha que essa atração é apenas por causa do fio? — Asael perguntou com sobrancelhas franzidas.

— Pode ter certeza de que o fio foi apenas um pequeno empurrão, *dætae*. — Raskhan beijou-o, mordiscando os lábios inchados. — O resto foi tudo por conta da sua personalidade brilhante e rabugenta.

— Como se você fosse um doce — Asael disse secamente.

O sorriso do í ncubo ficou malicioso e convencido.

— Eu sou muito doce. Um metro e noventa e cinco centí metros de pura sensualidade apetitosa e irresistí vel.

Asael bufou.

— Que grande arrogante.

Os joelhos do í ncubocutucaram as pernas de Asael abertas, seu membro pesado descansando na abertura quente da bunda redonda do mestiço. Asael gemeu e Raskhan sorriu.

— Tenho no que me basear.

A cabeça do pau de Raskhan pressionou contra o buraco de Asael quando seu antebraço ardeu. Suas sobrancelhas franziram, ignorando o chamado. As pernas magras se enrolaram em sua cintura, dando uma visão clara da abertura enrugada. Sua respiração estremeceu. A marca queimou novamente, mais insistente. Raskhan soltou um rosnado, suas garras arranhando os lençóis ao lado da cabeça de Asael.

— O que está acontecendo?

— Nada — disse entredentes.

A marca queimou de novo, mais forte, fazendo Raskhan praguejar em demoní aco.

— Apenas... Maldição!

Ele se afasta, abrindo e fechando a mão em um punho, seus dentes rangendo.

— O que está havendo, Khan?

O desenho em seu pulso brilhou dourado, chamando a atenção de Asael. Seus dedos envolveram o pulso e olhou seriamente para Raskhan.

— O que é isso?

— Meu meio de comunicação com o Mundo Inferior. — A marca brilhou novamente, fazendo Raskhan grunhir e amaldiçoar. — Uma marca onde apenas meu fiel servo e Bel e Gra possuem acesso. Me chamando em uma péssima hora.

— “Meio de comunicação”?

— Sim, me chamando apenas quando é realmente necessário. — A marca brilhou mais uma vez e Raskhan grunhiu.

Suas asas se recolheram, desaparecendo como se nunca estivessem lá. Entretanto, a raiva ainda brilhava no rosto do í ncubo.

— Vou matar Drasbian pela interferência — rosnou.

Levantou-se da cama e caminhou com passos pesados até o banheiro, a calça aberta caindo em sua bunda e seu pau ainda duro esperando atenção. Asael o seguiu, seus olhos curiosos. Passando a palma sobre o espelho, o rosto de Drasbian surgiu e não parecia calmo como sempre. Suas sobrancelhas brancas estavam franzidas, seus olhos pretos com as í ris prateadas brilhavam com urgência.

— Meu Senhor.

— Espero que o castelo esteja se partindo ao meio, Drasbian — Raskhan grunhiu, suas mãos segurando a beirada da pia com força.

— Senhor, houve um pedido de conciliábulo.

A palavra foi como um banho de água fria sobre Raskhan. Seus dentes apertaram, seu maxilar trabalhando sob a raiva crescente.

— Jura? Sequer imagino quem pediu — falou cinicamente.

— Nmrah. E... há também outro problema, Senhor.

— Vá direto ao ponto, Drasbian.

— A senhora Marym convocou o conclave.

Aquilo fez Raskhan ranger os dentes.

— Ela fez o quê?

— O conclave. Todos os Imperadores estarão aqui dentro dos próximos minutos.

O rugido de Raskhan estremeceu o apartamento.

— Maldita seja essa ví bora peçonhenta! O que ela *pensa* que está fazendo?

— Quem é Marym? — Asael perguntou da porta, seus braços cruzados e sobrancelhas franzidas.

— Minha progenitora — Raskhan grunhiu, mas parecia predatório com os dentes à mostra. — Quão conveniente. Se não fossem como vermes diria que estão planejando me matar.

— Eu iria munido de proteção, meu Senhor — Drasbian disse soturno.

Raskhan sorriu ao se endireitar e fechar sua calça.

— Sem dúvidas. Estou indo. Vamos ver o que Nmrah tem a dizer e o que Marym planejou para mim.

— Sim, senhor.

Com outra passada de mão, a imagem de Drasbian desapareceu. Asael olhava para o espelho com sobrancelhas arqueadas.

— Uau. Você conversa pelo espelho.

— É um portal visual. — Raskhan deslizou os olhos pelo corpo nu de Asael e amaldiçoou Nmrah e todo o inferno. — Porra, realmente não quero ir.

— Parece importante e perigoso. O que é conciliábulo? Conclave?

— Uma palavra enfeitada para “conversa”. Nmrah convocou uma reunião e Marym aproveitou a situação para chamar os Imperadores. Não posso faltar. Seria desrespeitoso e uma abertura para um duelo. — Raskhan suspirou, as costas de sua mão deslizando pelo peito de Asael. — Um *timing* péssimo do caralho.

— Realmente. — Asael sorriu, pegando a mão de Raskhan e deixando um beijo na palma. Seus olhos ficando sérios em seguida. — É seguro ir sozinho? Precisa que vá com você?

— Não se preocupe. Sei como lidar com Marym e suas artimanhas. — Raskhan suspirou.

— Quanto mais rápido você for, mais rápido irá voltar, certo?

— Teoricamente — disse com uma careta irritada.

— Vá resolver com Nmrah, depois volte e me conte tudo. Prometo não sair de casa.

Raskhan o olhou com olhos cerrados.

— Promete que não vai arranjar uma desculpa e sair por aí sozinho?

— Aprendi minha lição — Asael disse com uma careta. — Não quero ter essa experiência novamente.

Raskhan soltou um grunhido satisfeito. Segurando as bochechas de Asael, deixou um lento e provocante beijo, arrancando um gemido baixo do mestiço. Ao se afastar, puxou o lábio inferior de Asael com o polegar e sorriu.

— Não esqueça de comer alguma coisa.

Asael bufou.

— Não prometo nada — Asael respondeu.

Com um suspiro de pesar, Raskhan desapareceu do banheiro e apareceu no salão de reuniões em seu palácio. As cabeças se curvaram ao vê-lo e Raskhan rosnou para Nmrah sentado em sua cadeira. Precisava acabar logo com aquele problema no Mundo Inferior para conseguir voltar para os braços de Asael. Sua verdadeira casa.

15
AMEAÇAS

O sol estava se pondo e Asael continuava olhando para o teto do seu pequeno apartamento com um sorriso largo. Fazia anos que não sorria assim, de quase rasgar o rosto. Sentia cada músculo do seu corpo relaxado, sua pele arrepiada com a lembrança do toque de Raskhan. Sua barriga aperta com antecipação ao pensar no í ncuboentrando por aquela porta, seu sorriso malicioso enviando prazer por suas veias.

Com um gemido, cobriu o rosto com uma almofada ao sentir as bochechas vermelhas. Era tão patético... Entretanto, era caloroso ao mesmo tempo. Tantos anos da sua vida se passaram com ele sozinho, perambulando pelos cômodos do apartamento como um fantasma. Akuma surgiu, sendo uma companhia tão rabugenta e silenciosa como seu dono. Preenchia o pequeno espaço vazio de atenção, mas ainda faltava algo. Mais humano.

O í ncubo não era humano, mas ainda assim era articulado. Quente, alto, malicioso. Raskhan era construí do como uma montanha. Forte, cheio de cumes elevados, duro. Como Asael gostava. A boca esperta era um pequeno problema constante de provocação, deixando seus nervos bagunçados e seu pau sempre em atenção. A lembrança do olhar do í ncubo se arrastando por seu corpo, o desejo brilhando naquelas í ris vermelhas.

Por um momento, Asael pensou que poderia se assustar e ter um de seus muito surtos. Principalmente quando a meia forma de Raskhan cresceu, a pele ficando cinzenta, os chifres despontando e suas asas batendo contra as paredes e derrubando suas coisas. Era uma visão e tanto. Então o fio puxou, se enrolou

em sua virilha e brilhou junto com aquela coroa dourada na testa do íncubo. Por que deveria sentir medo? A criatura parada na sua frente era Raskhan. *Seu* Raskhan. O íncubo pertencia a ele, assim como Asael pertencia ao íncubo. Não era um monstro vil que o encurralou, que o seduziu contra sua própria vontade.

A ligação, o fio envolvendo seu poder era um ponto claro sobre seus medos. Seu passado não havia mudado, seus medos ainda presentes, mas não o conduzindo mais. A paz se acomodou em seu peito e se deixou olhar com mais calma o demônio na sua frente. Raskhan era belo de uma forma demoníaca, aterrorizante e divino. Seu rosto era selvagem, suas bochechas mais magras e maçãs pronunciadas, seu queixo mais fino. Os lábios ainda estavam cheios, enrolando-se ao redor dos dentes pontiagudos em um rosnado.

Asael teve uma súbita e estranha vontade de deslizar o polegar pelo canino afiado. Deslizar os dedos pelos chifres e então segurá-los enquanto tinha o pau de Raskhan profundo em sua bunda, cavalgando lentamente. Apenas imaginar isso enviou um raio de prazer e desejo por sua espinha.

Então houve aquela declaração que rasgou Asael ao meio. Malditos sejam os santos! Seu coração bateu em sua garganta, seus joelhos tremeram e suas mãos suaram. Nunca alguém havia dito aquilo para ele, muito menos de uma forma tão intensa. Engoliu em seco, as palavras se assentando dentro dele, abalando seu âmago, suas próprias emoções duelando e o tornando uma bagunça confusa e sentimental.

Estava apaixonado, era um fato. Com ou sem fio, Asael aceitou que aquilo era o destino incontrolável. Gostava do íncubo muito antes de saber sobre a ligação, só não queria declarar em voz alta. O barulho de algo caindo na cozinha soou ao mesmo tempo que seu estômago, o lembrando que não havia comido nada além de um *yakissoba* e algumas verduras. Levantou-se do sofá, vendo Akuma passeando pelo balcão e sua vasilha caída no chão virada de cabeça para baixo.

— Sua forma de pedir comida é bastante intratável, Akuma.

Seus olhos amarelos fitam Asael de forma curiosa, seu focinho balançando ao sentir seu cheiro. Sua bunda peluda senta,

esperando pacientemente pela comida. Asael rolou os olhos, sabendo que conversar com seu gato era bastante inútil.

— Você é doce apenas com aquele í ncubo intrometido. Tenho que ter chifres e um rabo para ser tratado assim também?

Akuma fungou, seus olhos piscando devagar. Aquilo poderia significar um *sim* ou algo como *"sua mente está insana, mestiço"*. Muito provavelmente era a última opção.

— Acho que deveria me tornar mais sociável. Fazer mais amigos e ter com quem conversar além de um gato preto rabugento e que só mia.

Akuma espirrou e se deitou, as garras aparecendo rapidamente no meio das patas fofas.

— É, eu concordo. Essa ideia parece terrí vel para mim também — resmungou, tirando o saco de ração do armário e despejando na tigela de Akuma. — Somos uma dupla e tanto, hein?

As orelhas de Akuma se abaixaram, seus pelos das costas se arrepiando ao mesmo tempo em que um toque na porta soava. A barreira ondulou, enviando pequenas picadas pela pele de Asael e o alertando que alguém tentava derrubá-la. Outro toque, mais urgente, fez Asael puxar uma longa faca da gaveta antes de caminhar em silêncio até a porta. A barreira ondulou novamente e Akuma chiou de cima do balcão quando um punho martelou contra a madeira.

Segurando firmemente o cabo da faca, Asael olhou pelo olho mágico e soltou um suspiro irritado. Puxando a maçaneta, abriu a porta e cerrou os olhos na direção do homem parado em sua soleira, o punho erguido e pronto para bater mais uma vez. Mesmo em roupas casuais, o homem parecia superior. Asael cruzou os braços, com a faca bem visí vel em sua mão.

— A que devo a ilustre visita do Arcano em minha humilde residência?

— Como há uma barreira ao redor da sua porta? Os bruxos não conseguem criar uma barreira mágica.

Asael suspirou.

— Isso não é da sua conta, Sinclair. O que. Você. Quer. Aqui? — pontuou cada palavra através dos dentes apertados.

O Arcano bufou, sua mão empurrando a barreira e sua boca se torcendo ao perceber que não conseguia dobrar a magia.

— Eu poderia entrar?

— Não.

Os dois se olharam, ambos inflexí veis. O cenho franzido de Sinclair se aprofundou, seu rosto bonito preocupado.

— Precisamos conversar, Chevalier, e não podemos fazer isso no corredor.

— Por que não me chamou para seu escritório?

Asael não se sentia confortável com a ideia de ter o Arcano dentro de seu apartamento, bisbilhotando suas coisas. Saber onde morava já era perturbador o suficiente.

— Talvez porque eu tenha tentado há quatro dias ter algum contato e todas as minhas cartas retornaram com um "não perturbe"? Fiquei ainda mais surpreso ao ver o nome de Raskhan assinado no final. Aquele í ncubo responde por você?

— Aquele í ncubo me salvou de uma morte sangrenta — resmungou. — O que é tão importante para insistir, Sinclair?

— Quando foi que abandonou o "mestre" ao se referir a mim? — perguntou com olhos curiosos e um pouco de julgamento antes de gesticular para a porta. — E, se me deixar entrar, posso dizer o motivo da insistência.

Asael gemeu, o punho segurando a faca se apoiando em sua cintura enquanto esfregava os olhos com a outra mão. Quando disse a Akuma que deveria ser mais sociável, Sinclair não era a primeira pessoa em seu pensamento. Na verdade, o Arcano era o último da lista de todos os nomes existentes na Terra.

— Se eu deixá-lo entrar, e grave que eu disse apenas "se". — Asael apontou um dedo para Sinclair com uma carranca. — Dentro do meu apartamento não é você quem manda, sou eu. Pise fora dos limites e terá sua bunda jogada na calçada.

— Como se você conseguisse — Sinclair murmurou e soltou um suspiro para os olhos cerrados de Asael. — Tudo bem. Você é o Senhor da sua casa. Agora, me deixe entrar. Não gosto dos vizinhos ouvindo discussões.

— Não há vizinhos nesse andar.

Asael balançou a mão, a barreira caindo apenas para Sinclair passar. Não sentindo a pressão mágica, o Arcano deu um passo para dentro e a barreira se ergueu novamente. A magia

ondula sobre a pele de Asael em um claro aviso de que não gostava do Arcano dentro do apartamento. Asael gesticulou para o sofá.

— Sente se quiser.

Sinclair jogou um olhar de lado para o estofado, seu nariz se enrugando levemente. Porco arrogante.

— Não, obrigado. — Virando-se para Asael novamente, cruzou as mãos atrás das costas. — Onde você estava nos últimos dias?

— Não é da sua conta.

— É quando fechamos um acordo. Você está me devendo informações, Chevalier. Desapareceu por vários dias e agora se recusou a me deixar entrar. O que você está tramando?

Asael cruzou os braços, a faca ainda presa entre seus dedos.

— Não estou tramando nada desde que passei todos esses dias me recuperando de um ataque. — Asael cerrou os olhos. — Estou pensando que isso é tudo culpa sua, já que me enfiou no meio dessa bagunça.

Sinclair se inclinou suavemente.

— Ataque? Que ataque?

— Por que você não me parece surpreso?

O Arcano suspirou, seus ombros subindo levemente.

— Você é um assassino *e* um mestiço. Tudo pode acontecer, ainda mais quando está trabalhando para mim. A única coisa que me interessa é onde e por quem. Descobriu quem está por trás disso?

— Claro. Sentamos e tivemos uma boa conversa onde o cretino me contou todo seu plano e então fui arrastado como um saco de batatas até sangrar. — Asael sorriu, atirando a faca com força. Sinclair desviou por pouco, o metal cravando na porta e seu cabo balançando. — Você está maluco, porra? Eu quase morri!

— Seria uma perda significativa para nossa investigação, mas arcarí amos com as despesas do enterro.

Malditos santos, Asael queria agarrar aquele pescoço fino e estrangulá-lo.

— Se não fosse por Raskhan, eu teria morrido sobre minha poça de sangue naquela maldita área industrial deserta. Três

demônios com aquele nome impronunciável me atacaram e um parasita ficou rindo enquanto eu era perseguido.

Sinclair coçou o queixo, seus olhos sérios.

— Então os corpos encontrados naquela área foram você. — Sinclair assentiu uma vez, seus olhos analisando Asael com minúcia. — Estava pensando quem havia usado tanta magia e dizimado três *Viashephisvas.* A única questão aqui é: como? Você é metade bruxo, Chevalier. Não deveria conseguir canalizar tanta magia assim.

Cruzando os braços, Asael deslizou todo tipo de emoção do rosto, deixando uma máscara lisa e fria.

— Foi sorte.

Os olhos esverdeados brilharam, o Arcano dando um passo para frente e Asael usou toda sua força para não recuar e demonstrar fraqueza. Firmando os pés no lugar, ergueu o queixo em afronta.

— Onde o parasita está?

— Perdido.

Não era uma mentira. Asael arremessou o filho da puta pelo portal e não conseguia se lembrar onde exatamente foi parar. Má sorte para o portador se tivesse caí dodentro de um vulcão ativo. Os olhos do Arcano estreitaram e foi quando Asael sentiu o toque. Sinclair não estava apenas olhando para Asael, ele estava *analisando* seu interior. Tentando tocar dentro e verificar se o poder era de um bruxo comum e um elfo.

A raiva se levantou como uma onda, batendo contra o Arcano com toda sua força. Sinclair deu um passo para trás, seus olhos arregalaram.

— Você... me bloqueou?

— Como se atreve a tentar ler meu poder sem minha autorização? — Asael questionou com a voz baixa, suas mãos fechadas em punhos apertados. — Como se atreve a se infiltrar debaixo da minha pele como um verme? Me violar dentro da minha própria casa?

— Não se esqueça que sou o Arcano, Chevalier — Sinclair disse gravemente. Como se Asael desse a mí nima. — Meu poder se estende a tudo e a todos.

— Não dentro da minha casa — rosnou. Apontou para a porta. — Saia. Imediatamente.

Sinclair bufou, aquele semblante calmo desaparecendo e dando lugar ao rosto soberano do Arcano. O nariz arrebitado, olhos frios, lábios esticados em depreciação, uma fina luz dourada o circulando e denunciando seu poder. Sua fúria.

— Você trabalha para mim, Asael Chevalier. Tive que me deslocar do Ministério até sua casa por falta de respostas. O mundo está desabando lá fora e o que encontro aqui? — Seus olhos apertaram com asco e suspeita. — Uma barreira de magia impenetrável e a essência do íncuboenrolada em você. O que está escondendo, Chevalier? Ao invés de estar procurando o feiticeiro, está rolando nos lençóis com um íncubo sujo? Tomou aquele demônio asqueroso como um familiar?

Asael viu vermelho. Em um momento Sinclair estava de pé e no outro seu corpo estava sendo jogado contra a parede com a força de mil homens. Sinclair ofegou, seu corpo completamente imóvel. Tudo isso sem Asael mover um músculo. Com passos lentos, o mestiço se aproximou do Arcano e, quando falou, sua voz soou desumana. Um rosnado feroz e baixo, tão antigo quanto o mundo.

— Não ouse diminuir Raskhan. Nunca mais se refira a ele como algo baixo e repugnante. Raskhan é mais digno do que qualquer ser vivo nessa maldita terra manchada de sangue.

— O que... Você... — Sinclair ofegou ao sentir a força invisível apertando sua garganta.

Os olhos de Asael brilharam como estrelas cadentes, o poder girando ao seu redor e fazendo as pontas de seu cabelo prateado levitarem. Uma mão se levantou, seus dedos dobrando. Sinclair engasgou ao sentir seu corpo ser comprimido, o ar saindo e não retornando para os pulmões. Seu sangue corria em suas veias, seu coração batendo desenfreado. Era como se tivesse caído no espaço, o vácuo espremendo seu corpo até não sobrar nada. A sala de Asael escureceu e Sinclair não sabia se isso era o mestiço ou sua visão falhando.

— Esta é minha casa. Raskhan é meu parceiro. Você é apenas poeira sujando meus sapatos. Exijo respeito, Dastan

Sinclair, e vou cobrá-lo. — Asael se aproximou, seu rosto tão pálido e translúcido. — Você pode ser o Senhor do Ministério e das ruas, mas da minha vida e na minha casa o único Senhor sou eu. Entendidos?

Sinclair assentiu de forma apertada, seus pulmões ardendo em busca de ar. Asael o soltou, seu poder recuando e se acalmando enquanto Sinclair desabava no chão e ofegava. Se agachando ao lado do Arcano, Asael tocou suavemente na testa de Sinclair e sussurrou.

— Você nunca viu isso. Apague de sua mente e se lembre apenas de que nunca mais vai me desrespeitar. Nem a mim, nem a Raskhan.

Os olhos de Sinclair arregalaram e então pesaram, um suspiro saindo por entre seus lábios abertos. Tudo o que o pobre homem se lembraria era de entrar no apartamento e então se sentir mal. Sempre que sua cabeça tentasse voltar ao acontecido, estrelas brilhariam atrás de seus olhos e apenas um vazio oco seria sentido.

Asael bateu suavemente na bochecha pálida do Arcano e apertou as sobrancelhas.

— Sinclair? Você está bem?

O Arcano piscou, seus olhos um pouco lentos.

— O que...

— Você caiu duro como uma tábua. Lembrou de comer antes de vir até aqui?

— Eu... Não, eu não sei. — Sinclair franziu as sobrancelhas e se levantou, os joelhos trêmulos. — Minha cabeça dói.

— Sente-se um pouco. Quer um copo de água?

Sinclair assentiu vagamente, seus olhos tentando focar em algo e não se cruzar no ato. Asael o ajudou a sentar sobre o sofá e correu para a cozinha para encher um copo com água. Akuma o olhou da bancada e parecia sorrir quando Asael ergueu um dedo sobre os lábios.

— Mais um segredo para a conta, Akuma — sussurrou.

Voltando para Sinclair, deixou sobre a mão trêmula do Arcano o copo com água gelada e sentou na ponta da poltrona, os braços apoiados na coxa. Seus pés descalços se enrolaram sobre o

tapete, sua pele sensí vel e irritada. Sinclair balançou a cabeça e apoiou o copo vazio sobre a mesinha.

— É como... Como se estivesse submerso. — Apertou o polegar entre os olhos e suspirou. — Desculpe. Acho que estou muito preocupado com tudo o que vem acontecendo.

— Não gostaria de estar em seu lugar. — Os lábios de Asael se curvaram suavemente em um sorriso rápido. — Agora, por qual motivo veio até minha casa?

Sinclair piscou, seus olhos indo para Asael com dúvidas.

— O rastreador. O sinal estava misturado e fraco, mas Reid conseguiu achar um lugar. — Suas sobrancelhas claras franziram e os lábios apertaram. O Arcano olhou para Asael com raiva. — Reid Archeron. Não foi uma indicação sua, mas uma armadilha.

— O que está querendo dizer?

Sinclair bufou e se inclinou contra o encosto do sofá.

— Por onde devo começar? Problemático, para dizer o mí nimo. Bruto como uma mula e incapaz de receber ordens sem questioná-las. — Sinclair cruzou os braços, irritação por todo seu rosto bonito. — Aquele idiota caçador de recompensas com lí ngua esperta demais para o próprio bem.

Asael apertou as sobrancelhas. Estavam falando do mesmo Reid? Aquele com sorriso fácil e calmo, sempre atencioso Reid?

— *Humano* ainda por cima! Ele me irrita. Isso é uma vingança, Chevalier? Colocar esse estúpido arrogante no meu caminho? — Sinclair balançou a cabeça e meneou a mão. — O que seja. O mal está feito agora. O importante é que Reid encontrou outros rastreadores. Três estavam na área industrial e se apagaram quatro noites atrás. Outros cinco estão na região da Rua Gates.

Asael franziu as sobrancelhas. Então era assim que Sinclair sabia do ataque. Ou talvez presumiu. Agora, a Rua Gates. O porão ficava naquela rua. Seria possí vel aquele lugar ainda estar sendo usado?

— O que você achou até agora? — Sinclair questionou.

Asael balançou a cabeça.

— Não muito. Raskhan e eu estamos pesquisando. Ele está investigando sobre os parasitas no Mundo Inferior. Consigo olhar os corpos, Sinclair? O Ministério ainda está em posse deles?

Sinclair assentiu.

— Claro. Nenhum foi liberado por conta de ser parte de uma investigação. Estão congelados nas gavetas da PML[12] no prédio central do Ministério. Por que quer olhá-los? Acha que deixamos passar algo?

— Nunca se sabe. Não sabemos exatamente o que procurar, mas nunca é demais verificar. — Asael deu de ombros. — O que me perturba é que apenas Hellion pareceu ser uma luta. A casa de Cherrie estava bagunçada, mas tudo parecia montado. Apenas o quarto parecia revirado, como se o parasita estivesse em busca de algo.

— Visitei as memórias daquele verme, mas estava bloqueado. O feiticeiro fez com que tudo o que fosse importante se apagasse do pequeno cérebro do demônio caso sua vida fosse tirada. — Sinclair balançou a cabeça. — Uma perda de tempo.

— Um feiticeiro precavido. — Asael passou os dedos pela boca, pensando. — Vou voltar com Raskhan para o porão. Talvez haja alguma coisa que deixei passar aquele dia.

Afinal, escapar vivo daquele demônio touro enlouquecido era mais importante do que buscar pistas.

Sinclair assentiu e seus olhos se fixaram sobre o livro na mesinha. Seu dedo bateu sobre a capa e Asael estremeceu.

— O que meu livro está fazendo aqui?

— O livro pertence a Raskhan e ele me emprestou. — Asael praguejou mentalmente por parecer na defensiva. — Estava folheando em busca de alguma prova.

— Esse livro é muito importante e pode conter respostas que apenas um Arcano pode obter. Um mestiço sequer poderia abri-lo.

Como Asael odiava essa palavra e todo o asco que a acompanhava. Rangendo os dentes, Asael puxou o livro para seu colo e cerrou os dedos ao redor da capa de couro. O livro sussurrou em contentamento, suas páginas suspirando com o toque e se acomodando como um gato satisfeito.

— Talvez o livro goste de mim. — Fungou, seu nariz arrebitado com arrogância. — E você já tem a maldita Caixa das Visões. Se contente com ela antes que eu diga a Raskhan para obtê-la de volta.

O Arcano engasgou.

— Como se aquela quinquilharia prestasse para algo realmente útil! — Sinclair se levantou e caminhou pela sala. — Aquela coisa só dá memórias e nada concreto. Pedaços perdidos de nada! Estou sentindo os ecos da loucura na minha mente e sinto que foi tudo uma besteira!

— Você foi avisado por Raskhan.

— À merda com aquele í ncubocretino — resmungou. Então seu rosto se torceu em uma careta involuntária ao se virar para Asael. — Desculpe.

— Não se preocupe — disse com um abanar de mãos. — Na verdade, ficaria mais preocupado com seus magos, Sinclair.

— O que você quer dizer? — perguntou, seus braços cruzando sobre o peito.

Um ato reflexo de proteção.

— Os arquivos dos assassinatos são vagos. Uma vergonha. Não há informações e tudo está picado. As fotos são uma porcaria. Se o Ministério quer que seus magos sejam uma polí cia mágica decente, deveriam investir em mais treinamento de cena de crimes. — Asael batucou os dedos sobre a capa do livro em seu colo. — Ou eles fazem o serviço porco para acobertar alguém. Possivelmente você.

— Está me acusando?

O poder do Arcano brilhou dourado ao redor do corpo tenso. Asael encolheu os ombros com descaso.

— É uma possibilidade. Você é poderoso, poderia muito bem converter seu poder Arcano para a magia negra e ninguém suspeitaria. Seus magos acobertaram seu caminho de destruição e então a conquista do mundo com algo vil seria fácil.

A boca de Sinclair se abriu com espanto. Então sua risada saiu alta e incrédula.

— Pelos deuses sagrados, Chevalier. Não há como realmente estar pensando nisso.

— Não descarto nada até ter algo concreto. E você, Sinclair, me parece muito suspeito.

— Isso é calúnia!

— Me prove o contrário então — Asael disse calmo, o que pareceu deixar o Arcano ainda mais agitado.

— Acusar um Arcano sem provas é passí vel de morte, Chevalier — disse gravemente.

— Quem não deve, não teme, mestre Sinclair.

Isso apenas fez o homem soltar um grunhido irritado.

— Conversar com você é como dar murros em pontas de faca. — Balançou as mãos e as apoiou na cintura. Seu cabelo loiro se desprendia do laço em sua nuca, parecendo uma bagunça dourada. — Quer ver minhas memórias? Posso mostrá-las a você.

— E apenas me dar o que quiser? — Asael balançou um dedo em negação e sorriu. — Não, senhor. Um bruxo vidente teria que fazer isso. Coletar suas memórias e colocá-lo fora da lista de suspeitos. Caso você não saiba, mestre Sinclair, um Arcano suspeito de corrupção e assassinato pode ser destituído de seu poder e levado para a guilhotina.

Como ato reflexo, a mão do Arcano subiu para sua garganta ao engolir em seco. Balançou a cabeça e fechou os olhos.

— Deuses, que situação mais idiota. — Seus olhos se abriram, o verde brilhando com raiva. — Tudo bem! Vou chamar o maldito bruxo.

— Annasias Lefrebvré. É um ótimo bruxo vidente.

Sinclair grunhiu.

— Suas indicações costumam me dar dor de cabeça.

— Meus amigos costumam ser uma pedra no sapato, mas são eficientes. — Asael sorriu.

A magia ondulou sobre a pele de Asael e a porta se abriu, revelando Raskhan em seu terno escuro de três peças impecáveis. Seu cabelo penteado para trás mostrava sua face irritada e um pouco perturbada.

— *Dætae*, olha quem eu... — Sua boca se fechou, seus olhos cerrando. — O que o Arcano está fazendo na sua sala?

— Ele já estava de saí da. — Asael ofereceu se levantando.

Raskhan cruzou os braços, ainda parado na porta e seu corpo enorme ocupando todo o espaço. Apenas aquela visão mexeu com Asael, seu corpo querendo se aproximar e se enterrar nos

braços do í ncubo. As narinas de Raskhan alargaram, seus olhos pegando Asael rapidamente.

— Não me desconcentre — resmungou e se virou para o Arcano. — Eu disse várias vezes que Asael não podia atendê-lo. Então você vem e bate em sua porta?

— Era urgente. — Sinclair enruga seu nariz, suas mãos empurrando em seus bolsos. — Uma palavra que você parece não entender.

— Oh, eu entendo muito bem. Tanto, que encontrei algo com mais urgência do que seus problemas no Ministério. — Raskhan deu um passo para o lado e passou as mãos pelos ombros finos de uma mulher. — Olha quem achei chorando no corredor, Asael.

— Shirlei! — Asael correu até a mulher com os olhos inchados pelo choro e a abraçou. — O que houve? Qual o problema?

— Travis! Não o encontro em lugar algum, Asael! Travis desapareceu!

As lágrimas deslizaram pelas bochechas de Shirlei antes de afundar o rosto no pescoço de Asael que olhou para Raskhan com medo. Seu melhor amigo estava desaparecido. Em tempos como esse, aquilo era uma terrí vel má notí cia para se preocupar

16
O VERDADEIRO ALVO

Algo estava tão, tão errado. Asael conseguia sentir em seus ossos. Segurando uma trêmula e chorosa Shirlei, deu suaves tapinhas em suas costas. Uma mulher bonita com sua pele negra e os cabelos encaracolados caindo pesados sobre suas costas. A barriga um pouco redonda denunciava o iní cioda gravidez e toda a felicidade de Travis ao contar sobre ser pai em breve. A raiva se agarrou aos nervos de Asael, seus olhos fechando e tentando se controlar.

— As, eu não sabia mais o que fazer. Esperei o dia inteiro, a matilha toda está nervosa e inquieta. Você foi a única pessoa em que pensei para ajudar — Shirlei disse fungando.

— Pensou certo, querida. Agora, por que não sentamos e então pode me dizer tudo o que sabe?

Segurando firmemente os ombros magros da mulher, Asael a guiou para o sofá e a sentou com cuidado. Raskhan puxou um lenço do bolso e entregou a Shirlei, que agradeceu com um sorriso triste. Sinclair os olhava com os braços cruzados.

— Vou buscar um pouco d'água — Raskhan murmurou.

Asael esfregava as costas de Shirlei como forma de acalmá-la. Não entendia muito das coisas, mas imaginava que toda aquela agitação faria mal ao bebê. Raskhan voltou com o copo e o entregou antes de sentar na ponta da poltrona. Asael esperou Shirlei tomar três longos goles antes de começar as perguntas.

— Se sente melhor?

— Sim, obrigada. — Assentiu, pousando o copo sobre a mesinha.

— O que aconteceu? Quando foi que Travis desapareceu?

Tomando fôlego, Shirlei se virou de frente para Asael com olhos molhados. Odiava vê-la daquele jeito. Era como uma irmã doce e vê-la sofrer só fazia Asael querer esfaquear alguém.

— René estava desaparecido. Sua mãe, Marcela, estava preocupada porque não era seu costume ficar com o celular desligado. Travis sentiu que algo estava errado e juntou grupos de busca. — Shirlei mordiscou o lábio e suspirou. — Travis, sendo o alfa, disse que iria procurá-lo sozinho. Três dias e sem resultados. Marcela estava aos prantos, destruí da pelo desaparecimento de René e Travis estava se sentindo um péssimo alfa por não encontrar o membro da matilha.

— Não era de todo culpa dele — Asael murmurou.

Shirlei assentiu, seus dedos torcendo o lenço de Raskhan.

— Claro que não, mas você conhece Travis, As. Ser alfa é proteger a matilha, e com René desaparecido era como se ele não fosse bom para o cargo. No final da tarde de ontem, Travis fechou o bar e declarou alerta total. Haviam encontrado o cheiro de René, mesmo que fraco, e Marcela se animou que poderiam achá-lo. Travis seguiu sozinho, já que os grupos estavam cansados, e me prometeu que voltaria com René. — Shirlei soluçou, lágrimas descendo suas bochechas. — O sol desapareceu e a lua subiu. René voltou para casa atordoado, machucado e sem lembrar de nada além de correr pela floresta. Travis não voltou para casa até agora.

O mau agouro desceu sobre os ombros de Asael. Os olhos de Raskhan se ergueram e fitaram os do mestiço, frios e sombrios. Pareciam pensar a mesma coisa.

— O que René disse quando voltou? Ele viu Travis?

— Não, ele não o viu. — Shirlei balançou a cabeça com pesar. — A última coisa que ele lembrava era de estar correndo como lobo e então tudo ficou confuso e escuro. Seus olhos se abriram de novo e estava deitado sozinho ao pé da montanha nevada, o cheiro do Jardim Fae parecendo grudado em sua pele.

O Jardim Fae. Ficava do outro lado da montanha e de difí cil acesso. Apenas elfos antigos moravam naquele lugar, vagando e

meditando nos templos abandonados de seus deuses. Uma terra seca e esquecida. O que René estaria fazendo perdido ali?

— Isso é perturbador — Sinclair disse.

— Talvez precisemos falar com René para saber se sabe de algo mais? Alguma pista, talvez. — Raskhan pontuou.

— Como ele voltou para a matilha? — Asael questionou.

— René mencionou ter sentido o cheiro de Travis. Fiquei esperançosa de que pudesse ter um rastro, mas um dos betas seguiu até a montanha pela manhã e voltou dizendo que não havia nada. — Shirlei esfregou os olhos, cansaço pesando sobre seus ombros.

Malditos santos infernais! Asael se levantou, sua inquietação correndo por suas veias não o deixando permanecer sentado.

— Como um shifter lobo daquele tamanho poderia desaparecer sem deixar cheiro algum para trás? — Sinclair perguntou.

— Há diversas formas — Asael disse soturno e se virou para sua irmã de coração sentada no sofá. — Shirlei, preciso que volte para casa, está bem? Prometo que vou encontrar Travis e rebocar seu rabo peludo para casa.

Shirlei expirou, assentindo rapidamente.

— Eu sei que vai. Por favor, As, me mantenha informada, ok?

Raskhan se levantou e apontou para o Arcano.

— Você vai levar Shirlei de volta para sua matilha em segurança, Dastan. Nós vamos nos certificar de encontrar o alfa com vida.

— Você não me dá ordens, í ncubo — Sinclair disse, seu queixo erguido com arrogância.

Asael não estava com humor para suportar o Arcano e suas porcarias. Encaminhando-se para a porta, puxou-a com força e indicou o corredor.

— Agora, mestre Sinclair. Se você quer ser útil.

— Não precisa. Eu irei sozinha — Shirlei se levantou, estendendo o lenço de volta para Raskhan.

Recusando suavemente, o í ncubo cobriu sua mão e abriu um sorriso calmo.

— Você não anda sozinha por aí até Travis ser encontrado. Entre em casa e feche a porta, diga isso a todos da matilha. Mantenham-se em segurança.

— O que está acontecendo? — Shirlei virou os olhos para Asael na porta. — As, Travis está em perigo? Você acha que... que...

— Não — Asael disse firmemente. — Apenas precaução. Tempos difí ceis estão chegando, Shirlei. Não quero pessoas importantes para mim em perigo. Vá com o mestre Arcano para casa e logo darei notí cias. Não se preocupe.

— "Não se preocupe" — Shirlei resmungou. — Como se fosse tão fácil assim. — Ergueu os olhos para Raskhan e apertou a palma contra o coração do í ncubo. — Cuide do nosso Asael.

— Darei minha vida pela dele se precisar.

Shirlei assentiu, parecendo satisfeita e se despediu de Asael com um abraço apertado e um beijo em sua bochecha. Sinclair deu um breve aceno e fuzilou Raskhan com os olhos. O í ncubo sorriu perverso, acenando os dedos antes da porta bater.

A faca balançou na madeira, atraindo os olhos de Raskhan para ela.

— O que é isso?

— Digamos que posso ter saí do um pouco do controle com Sinclair — Asael murmurou antes de caminhar para o quarto.

— Um pouco?

— Ele mereceu. — Asael deu de ombros.

— Sinclair sempre merece um chute em sua bunda magra — Raskhan comentou, seu corpo inclinando contra o batente e cruzando os braços enquanto Akuma se esfregava em suas pernas. — O que ele fez agora?

— O que ele *não* fez? Sinclair me insulta apenas por respirar. — Asael bufou, enfiando suas pernas pelas calças escuras e abotoando na cintura. — E ele tentou respirar no *meu* apartamento. E também tentou ler o meu poder.

— Ele fez o quê? — Raskhan perguntou, seus olhos faiscando.

— Sim, ele tentou. Então eu o golpeei. A faca errou por pouco, mas meu poder não. Entramos em um acordo e Sinclair

prometeu ser mais respeitoso.

Raskhan engasgou com uma risada.

— Dastan? Ele prometeu? O Arcano Sinclair?

— Por mais inacreditável que pareça. — Asael suspirou ao puxar três cabides de dentro do armário e balançar para Raskhan. — Jura? Três, Khan?

— O último estava em retalhos. Decidi que ter três seria mais precavido caso houvesse algum problema.

— Vou devolver o dinheiro, apenas para que saiba — Asael resmungou.

— Não quero seu dinheiro, mas posso aceitar em favores sexuais. Um pagamento para cada casaco. — Raskhan sorriu e Asael conteve um suspiro.

Balançando a cabeça, passou os braços pelo casaco novo e puxou suas luvas novas da gaveta. A máscara e o gorro teriam de ficar. Asael não se importava com as pessoas vendo seu rosto e suas orelhas. Encontrar Travis era mais importante.

— É uma boa forma de pagar, mesmo que me faça parecer uma prostituta.

A risada baixa de Raskhan o seguiu pelo corredor.

— Está mais para ganhar presentes do seu *Sugar Daddy* e pagar com carinhos especiais.

Asael parou em seu caminho, virando de uma vez e atirando um dedo no nariz do outro.

— Você... — Seus olhos apertaram e então bufou. — Não posso brigar com você quando sua analogia parece certa.

— Sou um gênio — Raskhan envolveu o braço ao redor da cintura de Asael e deixou um beijo em sua têmpora.

Sabia que toda aquela conversa fiada e provocações tinham um único propósito: deixar Asael mais calmo. Raskhan conseguia ver a raiva brilhando, batendo com força para sair e estraçalhar todos pelo caminho e isso deixava sua mente bagunçada.

Agora, com a mente mais limpa, Asael conseguia ver o que precisava fazer e por onde começar.

— Obrigado por isso — murmurou, seu interior mais calmo e centrado.

— Não há de quê. Agora, para onde vamos?

— René acordou no pé da montanha. Começaremos por lá.

Raskhan assentiu.

— Pronto para o portal?

Asael fez uma careta.

— Nunca vou estar. — Apertou a mão enluvada contra o estômago. — Acho que já estou ficando doente.

— Não vomite nos meus sapatos.

— Então não fique na minha frente — resmungou.

Não houve tempo para dizer mais nada. Asael sentiu aquela sensação estranha de estar sendo transportado com muita velocidade, o frio pinicando sua pele. Sua cabeça girou e seu estômago colou em suas costas. Foram segundos, mas Asael sentiu que passaram horas. Seus pés atingiram a neve fria e seu corpo oscilou, tudo parecendo estar trocado do lado de dentro e sentia seu cérebro escorrendo pelo nariz.

Com um gemido, Asael encurvou o corpo e ofegou, sua visão cruzando. A mão de Raskhan o acariciava nas costas para tentar acalmá-lo enquanto puxava respirações profundas.

— Porra de portal do caralho — murmurou.

— Você se acostuma.

— E você continua dizendo isso. — Asael meneou.

Se levantando ao sentir seu estômago mais calmo, piscou para tentar enxergar no escuro e inspirou o ar frio. Seu corpo estremeceu, tanto pelo vento gelado se infiltrando por debaixo do casaco quanto pelo movimento brusco. Ali no pé da montanha nevada, o frio era mais intenso que na cidade. Longe, mas não o suficiente e sempre deixando a cidade mais fresca mesmo no verão.

A linha da floresta *Whispering*, com suas árvores sussurrantes e que murmuravam alto durante o intenso inverno por suas lacunas de vento, cortava o pé da montanha. A faixa de luzes da cidade se via ao longe entre as copas altas como pequenos vagalumes coloridos. O escuro clareou um pouco quando seu poder escorregou e tornou sua visão cinzenta e os rastros de animais surgiram.

Raskhan enfiou as mãos nos bolsos e olhou para o alto da montanha, a neve acima dos seus tornozelos.

— Você não está com frio?

Os olhos claros se viraram para Asael e as sobrancelhas arquearam.

— *Dætae*, morei por eras no Mundo Inferior. Sabe como aquele lugar é um pequeno inferno quente? — Balançou a cabeça. — Isso aqui é como uma brisa refrescante.

— Bem, para mim é de congelar as bolas. — Asael cruzou os braços, seus cabelos chicoteando em sua bochecha com o vento.

Em um piscar, um casaco grosso surgiu na mão de Raskhan e balançou na frente de Asael.

— Vista isso. Não quero você congelando. Suas bolas são muito preciosas para mim.

Se não estivesse prestes a bater os dentes, poderia ter rido e recusado o casaco. Entretanto, decidiu engolir o orgulho e pegar a peça grossa. Estava, realmente, congelando. Raskhan se certificou de que Asael estava protegido, abotoando até seu pescoço e puxando o capuz sobre sua cabeça. Assentiu ao ver que apenas os olhos e nariz vermelho do mestiço estavam de fora e o resto da parte superior do corpo completamente coberto.

O casaco batia um pouco acima dos seus joelhos, protegendo sua virilha do frio. Do joelho para baixo era outro assunto. Por sorte suas botas não estavam molhadas. Sacudindo os ombros, girou para olhar ao redor.

— Certo. Parece que não estamos no lugar certo.

— Não há nada?

— Animais em sua maioria. Humanos, alguns elfos. — Torceu o nariz. — Magos?

— Isso é interessante. O que magos estariam fazendo tão alto aqui?

— Magos do Ar, principalmente. — Asael esticou o dedo pelo caminho até o topo. — Lá e mais ao alto. Talvez estivessem praticando. Eles costumam gostar de lugares altos.

— Não apenas metaforicamente, então.

Asael riu baixinho. Decidiu caminhar ao longo do pé da montanha, seus olhos atentos pegando cada ponto escondido. Chutou a neve e quase caiu sobre sua bunda em um ponto

escorregadio. O vento parecia pior depois de um tempo, a calça de Asael molhada até suas coxas e parecendo penetrar em seus ossos. Raskhan o seguia em silêncio, parecendo imperturbável no meio de toda aquela neve.

Estava quase desistindo quando viu não muito longe aquela cor escura misturada a uma mancha fraca de tom amarelado.

— Ali!

Acelerou os passos, Raskhan o segurando duas vezes para não cair antes de chegar perto de uma moita. O cheiro podre embrulhou o estômago de Asael e fez Raskhan xingar baixinho e cobrir o nariz.

— O feiticeiro está apodrecendo os parasitas — falou abafado contra a mão.

— Muita magia negra. — Asael apontou para a neve, a poça enegrecida e fétida manchando o branco. — O parasita está cheio dela. Ele saiu de René e entrou em Travis, vomitando um pouco de gosma no processo. Inferno, deve estar apodrecendo por dentro.

— Isso é mal, *yalin*. Se o parasita colapsar dentro de Travis...

Os olhos de Asael ficaram sombrios. O medo se agarrou em seu coração com garras afiadas, espremendo. Rangendo os dentes, olhou para a terra arrastada e então para as marcas quase desaparecidas de patas. O parasita transformou Travis e correu pela floresta.

— Não vou permitir que tirem Travis de mim. Vamos pegar esse maldito parasita e picá-lo em pedaços miúdos.

Raskhan sorriu, aquela ponta de humor maníaco surgindo. Às vezes, Asael se esquecia que o íncubo tinha uma veia insana com tendências assassinas. Balançando a cabeça, desceram a montanha e entraram na floresta, os animais se escondendo dos estranhos em suas tocas. O vento cortava ao redor de ambos e Asael não sentia mais a ponta do seu nariz. A caminhada o aqueceu por dentro, a inquietação o movendo mais e mais rápido.

O rastro escuro com amarelo saía da floresta, passando por debaixo da ponte Esmeralda e cruzava para o lado Norte da cidade. Asael empurrou o capuz para longe e esfregou o nariz para ter a circulação na ponta novamente quando seus olhos voltaram ao tom ambarino novamente.

— Ele cruzou a ponte. Está descendo pela principal.

— Se ele pegar a esquerda e continuar descendo, iremos cair na Rua Gates.

Asael assentiu sombriamente.

— Está pensando o mesmo que eu?

— Naquele maldito porão? — Uma sobrancelha negra se arqueou. — Tudo sempre parece voltar para aquele lugar.

— Vamos. Estamos sem tempo.

Correram pela calçada, o grande relógio da praça batendo meia-noite enviando um calafrio pela espinha de Asael. Coisas ruins aconteciam nessa hora, quando a noite se dividia entre o ontem e o amanhã. O vento cortou pelas ruas subitamente silenciosas, um trovão ribombando não muito longe quando um relâmpago cortou o céu acima de suas cabeças.

— Não estava sol o dia todo? — Asael perguntou ao virarem a esquina e entrando na Rua Gates.

— Nas últimas semanas, o tempo tem ficado louco — Raskhan resmungou. Seus olhos analisaram a rua e os becos, sua mão agarrando o braço de Asael. — *Dætae*, não parece tudo muito quieto? Onde estão os viciados? Os vampiros? Demônios rastejando e barganhando?

Aquilo era uma boa observação. Não havia ninguém na rua mais famosa da cidade por sempre ter movimento e criaturas nas sombras. Agora restava apenas a sujeira, o vento e os dois homens. Asael fechou os olhos e os abriu quando seu poder deslizou, mostrando os diversos rastros desaparecendo para fora da rua e dentro dos apartamentos imundos.

Foi então que viu, nas janelas altas e nos topos dos prédios, olhos brilhantes e vigiando. Como ratos se escondendo. Estavam fugindo do quê? Ou seria *quem*?

— Isso me cheira mal, Khan. Você sente o ar pesado? — Asael perguntou, esfregando os braços por cima do casaco grosso.

Raskhan assentiu quando outro trovão soou mais perto. Segurando os ombros do mestiço com força, olhou profundamente dentro daqueles olhos ambarinos. Asael viu medo nas í ris azuis.

— Quando entrarmos naquele porão e algo estiver lá, você precisa me prometer que vai se manter a salvo.

— Se a sua ideia de “me manter a salvo” for me fazer correr enquanto você lida com o problema, Khan, então não me conhece.

Um sorriso involuntário ergueu o canto da boca de Raskhan e então suspirou, segurando o rosto de Asael com ternura.

— *Kas’da miccã*[13] — Beijou-o suavemente e encostou suas testas juntas. — Não ia machucar tentar persuadi-lo, não é?

— Foi em vão, no entanto. — Asael riu, ficando sério em seguida. — Se algo estiver lá, Khan, vamos nos livrar disso juntos, entendeu? Sem ninguém ficar para trás.

— Entendido.

Assentindo, Raskhan se afastou e olhou a rua deserta. Asael tirou o casaco e o jogou sobre um banco destruído, sabendo que logo alguém o recolheria para usar. Sem mais palavras, correram pela calçada até a entrada do porão. A parede mágica estava destruída e se parecia com uma enorme boca aberta, os tijolos se parecendo com dentes prestes a morder. Silenciosos, entraram no buraco fétido, o ar pesado parecendo grudar em suas roupas. Asael engoliu com dificuldade ao tirar suas luvas e guardá-las no bolso, puxando sua adaga da manga quando chegaram no último degrau e várias velas se acenderam nas paredes.

Um rosnado baixo fez o coração de Asael martelar em sua garganta. Seus dedos se apertaram ao redor da adaga preta quando olhos vermelhos brilhantes surgiram no fundo do porão. O lobo era enorme, seus pelos escuros parecendo oleosos e sujos de barro nas pontas. As runas de sangue brilhavam, sombras dançando nas paredes.

— Você demorou.

O lobo deu um passo para a frente, amarelo brilhando por um momento nos olhos vermelhos viciosos. Travis estava lutando pelo controle, um alfa não desistindo.

— Estava ocupado. Nosso último encontro foi um pouco turbulento.

— Você me jogou do outro lado do Estado. — As palavras do demônio saíram arranhadas e grossas por causa da língua inarticulada do lobo. — Então o mestre decidiu que estava na hora de capturá-lo. Nada melhor do que ter seu amigo em mãos.

Asael girou a adaga na mão, Raskhan entrando nas sombras e deslizando pela parede do outro lado.

— Seu mestre é um covarde. Por que ele não está aqui me enfrentando? Muito fraco para um mestiço?

— Muito cedo para me revelar — o sussurro sombrio veio pelas costas de Asael.

Virando rapidamente com a adaga em punho levantada, apenas o escuro o recebeu. Seus pelos se arrepiaram, como se pequenos insetos rastejassem por baixo de seu casaco, subindo por seus braços e indo para o pescoço. Mãos fantasmas correram por suas costelas e envolveram o amuleto de sua mãe.

— Ah... um pequeno objeto de contenção. Muito esperto, mestiço.

Seu corpo estremeceu, sua mão puxando o amuleto longe das garras sombrias e dando um passo para trás. O lobo rosnou atrás dele enquanto as sombras cresciam ao seu redor.

— Como sabia onde encontrar Travis?

— Há olhos por todos os lugares. Infelizmente, não consigo ouvir seu apartamento. Sua magia oculta os sons, não é?

Raskhan rosnou de onde estava, seus olhos brilhando vermelhos. O estômago de Asael se apertou com a percepção de que estava sendo vigiado. Que o feiticeiro sabia onde morava. Asael sentiu necessidade de tomar banho e esfregar todo seu corpo até tirar aquela sensação estranha da pele.

— O que você quer comigo?

— Seu coração. — A voz gotejou ganância, um dedo fino de sombras espetando o centro do peito de Asael. — O Devorador de Almas ficará satisfeito por ter o seu coração, mestiço.

— Desculpe estourar a sua bolha, mas isso não vai acontecer — Asael disse com um sorriso tenso.

— Traga-o para mim, Philanos.

O rosnado do lobo soou ao mesmo tempo que o rugido de Raskhan. Asael se virou a tempo de ver ambas criaturas se chocando, o porão muito pequeno para comportá-las. O mestiço se abaixou quando o í ncubo atirou o lobo sobre os degraus.

— Precisamos sair daqui! — Asael gritou, seus olhos indo para o teto baixo.

Sombras estouraram ao seu redor e a escada desapareceu, assim como o teto. Era como se tivessem caí do dentro de um buraco onde não se via o fim, nem mesmo uma luz indicando a saí damais próxima. Raskhan e o lobo rolavam, garras brilhando na luz fraca das poucas velas ainda acesas.

Asael precisava *pensar*.

Guardando a adaga na manga novamente, pressionou as palmas juntas, cruzou os dedos e desencostou as mãos. Luz azul cresceu como uma esfera e se expandiu. Os dedos de Asael se separaram quando a luz aumentou e banhou o porão com energia. Por um momento, pareceu ver um rosto sorrindo nas sombras antes da luz tomar as paredes e explodir. O teto do porão estufou, criando um buraco na rua acima e fazendo chover pedriscos. Raskhan grunhiu ao ser jogado de lado e o lobo choramingou.

— Desculpe — Asael murmurou.

Não ouve tempo para ouvir uma resposta. Asael foi jogado de costas contra os degraus, uma costela parecendo partir com o impacto. Suas mãos se ergueram para segurar a boca do lobo, os dentes afiados brilhando no rosto de Asael. Saliva preta escorreu por entre seus dedos e pingou em sua bochecha com o cheiro fétido.

Olhos amarelos brilharam culpados e Travis se afastou, dando tempo para Asael socar o focinho. Os braços fortes de Raskhan envolveram o pescoço e peito do lobo, puxando-o para trás quando os olhos vermelhos voltaram. As patas com suas garras arranharam os braços de Asael ao ser afastado.

— Segure-o. Vou puxar essa coisa para fora.

A pele de Raskhan estava cinza, seus chifres enrolados sobre sua cabeça.

— Faça antes que quebre seu pescoço — rosnou.

O lobo se debatia. Empurrando a mão aberta logo abaixo da enorme boca, Asael empurrou seu poder e então puxou, seus dedos envolvendo um pescoço mais fino e mole. Sua mão puxou, o parasita saindo como um verme podre e deixando o corpo de Travis mole no aperto de Raskhan.

— Mestiço idiota! Vou devorar seus órgãos!

O parasita se debatia, suas unhas arranhando as mangas do casaco de Asael e deixando rasgos no tecido. Mais um na conta de farrapos.

— Não, você não vai.

Com um *pop* baixo, a cabeça do parasita se separou do pescoço. O corpo já estava podre segundos depois da vida deixar o demônio, sua carne derretendo sobre ossos finos enegrecidos. Enrugando o nariz, olhou para Raskhan colocando Travis com cuidado sobre o chão, seu enorme corpo nu e sujo. As costas dos dedos longos do í ncubo tocaram a testa do outro e franziu as sobrancelhas.

— Parece estar com febre.

— Vamos levá-lo para casa. O doutor da matilha vai saber cuidar dele. — Asael limpou a mão no casaco e suspirou.

— Hmm... Espetacular.

Asael retesou. A sombra cobriu a parede oposta, o formato de um corpo se sobressaindo e parecendo empurrar contra plástico preto. A diferença era que se podiam ver os olhos. Brilhantes. Um poço escuro de desespero insano. Braços cruzaram atrás do corpo, um grande sorriso com dentes finos surgindo. Raskhan se ergueu, seu corpo se colocando parcialmente na frente de Asael.

— Ah, í ncubo, você foi tão esperto. — A sombra ondulou, seus brilhantes olhos faiscando. — Se unir ao mestiço e ter acesso a todo esse poder. Uma pena que seja um demônio tão medí ocree asqueroso.

— Disse o feiticeiro, a classe mais baixa — Asael rosnou.

A risada sombria enviou arrepios gélidos pela espinha de Asael e Raskhan.

— As classes foram inventadas pelos magos, tão medrosos de serem rebaixados por sua magia tão fraca. — A sombra ondulou, a voz engrossando com raiva. — A magia negra é tão poderosa quanto a magia arcana. Instável, necessita de um corpo tão forte quanto para manejá-la. Os Magos possuem medo porque não conseguem usá-la, então a menosprezam. A intitulam como perigosa. Tudo o que não entendem e não conseguem domar colocam como proibido, demonizando seus usuários.

— A magia negra devora o corpo. Enlouquece. Apenas idiotas navegam por águas tão perigosas e traiçoeiras — Raskhan disse.

— Apenas aqueles que não sabem o que estão fazendo.

O corpo sombrio caminhou até Asael. Raskhan avançou sobre o feiticeiro e desapareceu dentro das sombras. Asael gritou e estremeceu quando Raskhan surgiu novamente sendo jogado do outro lado. A sombra riu, seu dedo fino esticando e puxando o cordão do amuleto para fora da camiseta de Asael. A unha longa de seu polegar bateu no centro do amuleto.

— Esperto. Uma coisa tão pequena contendo algo tão grande. Tão... cósmico.

Asael puxou o amuleto das garras e deu um passo para trás, sua mão segurando a pedra com força.

— É apenas uma bugiganga.

— *Mentira* — o feiticeiro ronronou. — Os traços não mentem. Apenas um como você existiu. Falhamos em matá-lo e devorá-lo porque era treinado e tão antigo quanto meu mestre, mas você... oh, você deve ser *tão saboroso* e tão ingênuo. Tanto poder dentro de um corpo tão pequeno. Me diga, Cosmos, quanto o í ncubo sabe sobre você?

— Vá se ferrar, pedaço de merda — Asael rosnou.

A risada baixa ecoou no porão silencioso. A respiração de Asael acelerou ao pegar os olhos de Raskhan do outro lado.

— O tempo do caos está chegando. — A sombra se agitou, seus olhos brilhando mais. — E você, Cosmos, vai ser a chave dessa destruição.

Então, era o deus caí do que estava por trás de tudo aquilo.

As sombras cresceram, engolindo o corpo de Asael, o enrolando e puxando. Mãos seguraram seu pescoço, impedindo-o de gritar. Algo afiado afundou em seu peito, sangue vertendo da ferida e escorrendo para sua barriga. O grito furioso de Raskhan parecia longe e abafado.

Não poderia acabar assim.

O tempo de se esconder acabou.

A dor em seu peito ficou mais profunda, a ponta de algo fino tocando seu coração. Enrolou seus dedos trêmulos no cordão e

puxou fora de seu pescoço. O amuleto bateu contra o chão ao mesmo tempo que o som de um suspiro preencheu seus ouvidos e silêncio retumbou ao redor.

Seu interior se incendiou. A pequena chama prateada enrolou e expandiu como uma supernova, empurrando como uma onda de tsunami. Grande demais para um espaço pequeno. Asael sorriu, finalmente se sentindo inteiro. Seus olhos dançaram, brilharam intensos com o poder de mil estrelas cadentes. Como uma nebulosa, seu poder girou desenfreado sobre a sombra do feiticeiro.

— Pobre alma enegrecida pela magia ruim — Asael murmurou. Seu dedo tocou a testa do feiticeiro, afundando nas sombras. — Você realmente sabe com quem está mexendo?

A luz pulsou e Asael sorriu. Raskhan fechou os olhos com a luz intensa que explodiu, o sabor doce de alcaçuz derretendo em sua lí nguae algo quase celestial. Os olhos brilhantes da sombra se arregalaram, seu grito saindo alto e aterrorizado pouco antes de desaparecer. Asael caiu, seu corpo pesado e membros moles. Seus olhos fitaram o teto baixo e o rosto de Raskhan surgiu acima dele.

Um sorriso cruzou o rosto de Asael para então se transformar em uma careta. Algum dia tinha que terminar diferente, sem ter seu corpo surrado e jogado como um trapo. Apesar que, agora que havia sido finalmente encontrado e o quebra-cabeças encaixado, era fácil saber o que o futuro aguardava. Sua decisão havia sido tomada muitos anos atrás para quando esse momento chegasse e sabia como seria o fim.

Afinal, Asael sempre foi o verdadeiro alvo desse caso.

17
O COMEÇO DO MUNDO

Em um tempo distante, tão antigo quanto o mundo, havia dois deuses sagrados. Irmãos gêmeos, nascidos da Deusa Divina e eterna. Um era a benção da luz, banhado em dourado e louvado ao sol. O outro era a própria escuridão, coberto pelo manto da noite e beijado pelas estrelas.

A eles foi dado o dever de cuidar dos seres humanos, criaturas criadas pela Deusa e abençoadas por elas pelo livre arbí trio.A única regra imposta era a de que os irmãos não poderiam abençoar os homens com poderes e muito menos se relacionar apaixonadamente. Humanos eram iguais entre si, sem predileções, sem conveniências. Os irmãos acataram, decidindo que guiariam o povo longe da crueldade e ganância, sendo imparciais e benevolentes. A Deusa Divina sorriu em felicidade.

Os anos se passaram com prosperidade. Plantações cresceram, civilizações progrediram. Os homens se sentindo gratos pela ajuda dos deuses, criaram templos de oração com seus nomes. Dourado e branco para Nu'aan; prata e preto para Orkahn. Um era o Deus do Sol e o outro o Deus da Lua. Iguais em suas diferenças.

Então, em uma noite de lua cheia, Orkahn encontrou a bela humana Kiara, com seus longos cabelos pálidos e brilhantes olhos como estrelas. Ele se apaixonou. Era inevitável. E essa paixão gerou um pequeno fruto crescendo no ventre da mulher e eles se sentiam felizes demais para se importar com ao redor.

Nu'aan passeava pelos jardins quando viu o casal aos beijos, as mãos do irmão pousando sobre o ventre redondo, as juras de amor ditas aos sussurros. Nu'aan se sentiu traí do.Guiado pelo ódio

e ciúme, ajoelhou aos pés da Deus Divina e contou tudo o que sabia, como Orkahn havia quebrado sua promessa. Entristecida, a Deusa Divina sabia o que deveria fazer para corrigir os erros de seu filho herege.

Enormes nuvens carregadas surgiram sobre o sol, relâmpagos cortando os céus e trovões tremendo a terra. Orkahn sabia que aquilo era a fúria de sua mãe e que havia sido descoberto. Enterrando parte de seu poder, ajoelhou aos pés de Kiara e enterrou o rosto no ventre da mulher que tanto amava. A Deusa Divina surgiu sobre eles, seu rosto torcido pela dor e mágoa. Com um menear da mão, ceifou a vida da criança no ventre da mulher e levou todo o poder de Orkahn.

Nu'aan, que olhava por entre as vestes de sua mãe, sentiu a dor do irmão ao ouvir o grito de desespero ao ver Kiara em seus braços e sangrando.

"Você foi egoísta, Orkahn, meu filho. Uma vida profana foi gerada por sua indulgência. Por isso eu a levo de volta comigo e puno você ao tirar seus poderes. Viverá como um humano e sem o órgão vital que o levou a amar."

A Deusa Divina desapareceu levando o coração do seu filho, o entardecer banhando a terra com vermelho fogo, se misturando ao sangue da mulher morta. Os templos para o Deus da Noite desabaram, seu nome esquecido. Mutilado, Orkahn olhou para seu gêmeo, a raiva brilhando em seus olhos enegrecidos.

"Maldito seja o dia que lhe chamei de irmão."

"Orkahn, sabia que isso era proibido."

"Ouça minhas palavras, Nu'aan: esse é apenas o começo da devastação. Meu nome irá ser cantado em línguas malditas. Serei o rei da discórdia e levarei para o caos esse mundo que a Deusa Divina criou com tanto amor. Você, Nu'aan, será devorado vivo junto com sua mãe."

Nu'aan tropeçou com aquelas palavras e o poder contido nelas. Estremeceu ao ver quem um dia fora seu irmão gêmeo, desaparecer na noite. Noites se passaram e então semanas que se transformaram em meses e então anos. Em silêncio, Orkahn transformava o pouco poder que guardou em magia negra e criava pequenos demônios com sua marca.

Um exército se erguia nas sombras. Todo tipo de criatura atacando seres humanos para sobreviver, sugando seu sangue, estuprando em busca de prazer e poder. As sombras se agarravam às casas, a risada de Orkahn como um eco perverso se misturando aos gritos desesperados de mulheres e crianças. Sua dor sendo alimentada pelas almas desesperadas e errantes. Sedento por vingança, Orkahn destruiu tudo em seu caminho, se levantando contra seu irmão gêmeo em um grito de combate.

Houve uma sangrenta guerra, manchando todo o chão de sangue inocente e demoní aco. Nu'aan, não vendo saí da, criou homens abençoados com seu poder, capazes de manipularem a magia e matarem os demônios de Orkahn. A luz de Nu'aan era fraca se comparada as sombras alimentadas de ódio. Derrotado, acuado e ferido, Orkahn cercou o irmão e sorriu ao vê-lo desesperado.

"Eu disse que você seria devorado vivo, se recorda?"

"Por f avor.. I rmão... Tenha piedade..."

Incapaz de sentir misericórdia, Orkahn devorou a alma de seu irmão. Seus poderes fundiram, criando uma rachadura no mundo. Portais se abriram e todo tipo de criatura surgiu. O grito de vitória de Orkahn duelou com os dos demônios e animais. A Era das Trevas apenas começando.

A Deusa Divina sentiu a interferência no véu, a magia celestial se tornando escura e vil, manchada por dedos cruéis. Estava sendo violada. Balançando a cabeça com pesar, tocou os cabelos pálidos da criança aos seus pés e sorriu para os olhos curiosos.

"Chegou a hora, prodí gio."

"Devo dar ao meu pai uma morte justa?"

A Deusa Divina sorriu com pesar.

"Dê ao seu pai aquilo que ele merece."

A criança assentiu e se levantou. Empunhando nada mais que uma fina adaga, sorriu para a mulher de manto estrelado a qual sempre chamou de mãe.

"O f im, então. Em mil partes terá sua destruição."

Com um salto, a criança desceu do palácio e caiu sobre a terra com a adaga enfiada até o cabo no chão. Seu poder ilimitado ressoou pelo chão, tremendo como uma explosão. Em um piscar,

seu pequeno corpo estava parado na frente de Orkahn, sua cabeça levemente inclinada ao observar o homem deformado pela tristeza, dor e solidão. Olhos escuros o fitaram, um sorriso malicioso.

“Quem é esse pequeno corajoso?”

“Gerado por Kiara, f ilho abençoado pela Deusa Divina.” Ergueu a adaga e apontou abaixo do queixo de Orkahn*. “Seu f ilho. Sua destruição.”*

“Meu f ilho? Ele morreu no ventre da mãe, pequeno pirralho.”

“A mim f oidado uma segunda chance. A você, resta apenas a morte.”

Entendimento caiu sobre o deus caí do. Orkahn jogou a cabeça para trás ao rir, seu dedo apontando para os céus.

“Ah, sua ví bora peçonhenta! Você me tirou a mulher que amava e agora voltou meu próprio f ilho contra mim?” Orkahn grunhiu, as sombras dançando em seus olhos. *“Você não é meu f ilho. Você morreu onze anos atrás. O coração que bate dentro de você, me pertence.”*

A magia negra dançou ao redor da criança. Ensinado em todas as práticas, o menino apenas meneou a mão e sua magia cósmica congelou o mundo. Não houve mais do que apenas um som de engasgo quando a criança se adiantou e a adaga perfurou a garganta de Orkahn. Com gestos rápidos e limpos, o corpo foi dividido em mil partes e jogado no fosso do esquecimento.

A terra foi liberta do Devorador de Almas, mas o caos e destruição já haviam sido plantados. Criaturas mágicas caminhavam na terra e a criança perambulou pelo mundo fechando os portais. A partir daquele dia, a lenda passou a ser contada entre as famí lias, sua história mudando a cada lí nguacontada, cada ouvido escutado. De criança, passou a ser um bravo homem. Orkahn passou a ser apenas um homem louco pela magia negra. A Deusa Divina foi esquecida, assim como seus filhos gêmeos.

O mundo continuou. E Orkahn continuava esperando o momento em que poderia ressurgir e retomar o que era seu de direito.

18

MAMÃE MANDOU LEMBRANÇAS

Algo zumbia no ouvido de Raskhan, um barulho longo e irritante. Pontos de luz ainda piscavam em sua visão, impossibilitando de olhar nitidamente para o rosto de Asael. Parecia um pouco maltratado, mas vivo. Raskhan soltou um suspiro ao ver o sorriso fraco e então a careta de dor torceu a feição bonita.

— Você está bem? — perguntou com preocupação.

— Aparentemente vivo. — Asael tocou o peito, o rasgo de sua camiseta mostrando a pele pálida por baixo. — E inteiro.

— Sangue amaldiçoado, *dætae*. Você tem muito a me explicar.

Ajudando Asael a sentar, segurou-o pelos ombros quando ofegou e levou as mãos para a lateral. Raskhan franziu o cenho, seus dedos tocando o lugar suavemente quando Asael gemeu com dor.

— Você deve ter algumas costelas quebradas.

— Não seria a primeira vez — resmungou.

Raskhan balançou a cabeça. Seu demônio interior lutava e arranhava, querendo sair para gritar com o mundo e perseguir a pessoa que fez aquilo com seu companheiro. Entretanto, o lado racional empurrava o demônio para baixo. Agora não é momento de vingança. Deveria cuidar de Asael primeiro e então resolveria seu problema com o feiticeiro.

— Você consegue andar?

— Não sei. — Asael riu e balançou a cabeça. Apertou o braço de Raskhan com carinho. — Obrigado por me ajudar.

Ele bufou.

— Tive minha bunda chutada enquanto você fazia todo o trabalho. Não me agradeça por só olhar.

Um gemido retumbou pelo porão e Raskhan olhou por sobre o ombro para encontrar o corpo de Travis onde ele havia deixado. O homem estava curvado de lado, vômito escuro pingando de sua boca. Aquilo era ruim. Passando o braço com cuidado pela cintura estreita, ajudou Asael a ficar de pé e se certificou de que conseguia permanecer na vertical.

— Precisamos levar Travis para um médico com urgência. O parasita pode ter feito um grande estrago dentro do seu amigo.

Asael assentiu, seus olhos ficaram tristes ao olhar para Travis deitado e parecendo doente.

— O lugar mais seguro para ele é com a matilha. O Dr. August vai cuidar dele melhor que qualquer médico da cidade.

Raskhan assentiu.

— Vou precisar carregá-lo.

— Claro. — Asael balançou a mão na direção de Travis. — Poderia ajudar, mas sou um peso morto agora. Não se preocupe comigo. Consigo me equilibrar sozinho apesar de tudo. Algumas costelas fraturadas não vão me impedir de andar.

Suas palavras cortaram quando deu um passo para frente e sua respiração oscilou, fazendo Raskhan se preocupar imediatamente. Seu grunhido cresceu em seu peito quando Asael bateu a mão para afastá-lo.

— Estou bem. Pegue Travis, por favor. Vamos deixá-lo seguro e então você pode cuidar de mim.

— Você é minha prioridade, *yalin*.

— Aprecio isso, de verdade. — Asael tocou a bochecha de Raskhan e soltou um suspiro. — Mas, agora, salvar Travis é mais urgente. Ele está morrendo, Khan. Por favor.

Soltando um suspiro, lançou um olhar que dizia claramente o quanto não gostava daquela situação, mas iria fazer porque Asael estava praticamente implorando. Tirou seu terno arruinado e passou ao redor da cintura de Travis para tentar manter um pouco de dignidade no pobre alfa e o içou sem muito esforço, colocando-o sobre seu ombro. O gemido doloroso do homem veio pouco antes

de outro jorro de vômito lavar a calça de Raskhan na altura das panturrilhas. Um pouco acabou caindo dentro dos sapatos.

— Eca, nojento — Asael disse.

— Se você não fosse tão importante e amado, juro que terminaria de quebrar suas outras costelas.

A risada de Asael saiu baixa e ofegante. Com o braço livre, Raskhan envolveu a cintura do mestiço com cuidado, o corpo magro se apoiando no í ncubo e exalando ruidosamente.

— Merda.

— Aguente firme, pois precisamos passar por um portal. Para qual lado fica a matilha de Travis?

Asael soltou um suspiro.

— Se alguém perguntar, foi você.

Raskhan não teve tempo para perguntar o quê. A mão livre de Asael cortou o ar e um rasgo surgiu à frente deles e os engoliu, transportando-os para o outro lado. A sensação de que correra por dez quilômetros em dois segundos fez o coração de Raskhan acelerar e sua respiração ficou presa na garganta. Seus olhos piscaram quando uma sala decorada e bonita apareceu, os olhos de Shirlei ficando arregalados no sofá.

Não era nada parecido ao passar por seu portal.

Dessa vez, quem quase se dobrou ao meio e quis vomitar, foi Raskhan. Asael sorriu, batendo suavemente no ombro do í ncubo.

— Você se acostuma.

O rosto de Raskhan torceu.

— Oh, meus deuses! Travis!

O shifter gemeu no ombro de Raskhan, parecendo reconhecer a voz de sua companheira se levantando do sofá apressada. Um pouco zonzo, Raskhan olhou para Shirlei se aproximando com as mãos sobre a boca.

— Preciso colocá-lo na cama. O doutor está por perto?

— Ah, meu... O doutor? Claro. Ah... — Shirlei parecia terrivelmente perdida, seus olhos em busca do rosto de Travis. — Bebê, o que fizeram com você?

— Suba as escadas, última porta. — Asael gesticulou para as escadas ao lado da porta da sala com a cozinha e desabou sobre

o sofá mais próximo. — Shirlei, querida, chame o Dr. August. Rápido.

A voz de Asael pareceu centrar a mulher. Com um aceno rápido, correu até o telefone mais próximo e discou os números com dedos trêmulos. Então a matilha de Travis tinha acesso à energia e à rede telefônica. Prático. Ajeitando o homem sobre os ombros, caminhou até as escadas e subiu, encontrando rapidamente o último quarto.

Fácil quando os outros dois eram empilhados com livros e coisas de bebê. O quarto do casal tinha uma cama enorme com grossas madeiras escuras e tapetes felpudos. Equipado com uma lareira para dias frios e uma enorme janela com vista para a floresta. Parecia aconchegante. Como Asael se sentiria sobre passar longos dias em uma cabana com um quarto parecido, usando nada mais que apenas pele nua sobre cobertores macios e o pau de Raskhan enterrado em sua bunda?

O gemido de dor lembrou ao í ncubo o shifter machucado precisando de cuidados. Isso o tirou de seu pequeno sonho. Colocando Travis com cuidado sobre os lençóis, cobriu o corpo febril até a cintura com a coberta pesada ao mesmo tempo em que Shirlei entrou no quarto. Um homem não tão alto quanto Asael entrou logo atrás dela e seus olhos escuros pegaram Travis sobre a cama de imediato.

Shirlei caiu sobre os joelhos na frente de Raskhan, metade do corpo sobre a cama e suas mãos segurando as de Travis com força. Lágrimas caí ram de seus olhos em um choro silencioso enquanto beijava o dorso da mão de seu companheiro.

— Você deve ser o doutor — Raskhan disse ao enfiar as mãos nos bolsos.

— O que houve com ele? — perguntou, depositando sua maleta ao lado e se tornando prático.

— Parasita. Havia muita magia negra e talvez muita energia viciosa acumulada. Travis recebeu uma bomba.

O rosto do doutor ficou sombrio ao colocar o estetoscópio.

— Que droga, Travis. Pode ser que seu próprio sistema tire fora toda a sujeira, mas acredito que vou ter que ajudar no processo. — Balançou a cabeça ao colocar a palma sobre a testa

suada de Travis. — Pobre homem. Vai passar por um inferno até se curar.

— Ele vai ficar bem? — Shirlei perguntou.

— Talvez. Preciso fazer um estudo mais aprofundado dos sintomas.

Raskhan apertou suavemente o ombro de Shirlei e abriu um sorriso simpático.

— Vai ficar tudo bem. Você nos mantém informados sobre seu estado?

— Claro. — Shirlei assentiu, apertando a mão de Raskhan rapidamente. — Obrigada por trazê-lo de volta para mim.

— Travis é importante para Asael, então é importante para mim também.

Shirlei sorriu apesar das lágrimas deslizando pelas bochechas.

— Finalmente Asael encontrou alguém por quem vale a pena lutar. — Virando-se novamente para Travis, apertou a testa sobre a palma de seu companheiro.

Aquilo finalizava a conversa.

— Pode voltar para casa tranquilo. Talvez você queira trocar suas calças com urgência.

O doutor apontou para a barra manchada e Raskhan fez uma careta. Quando abriu a boca para retrucar que o culpado estava deitado naquela cama, o grito de dor de Asael ecoou pelo corredor. Os pelos da nuca de Raskhan arrepiaram e seus pés não podiam ser mais rápidos quando correu fora do quarto. Pousou no final da escada com uma graça felina e seus olhos pegaram um homem alto com as mãos sobre Asael na sala.

Raskhan silvou e estava sobre eles em um piscar. Sua mão com garras estendidas agarrou o outro pelo pescoço, levantando-o para longe e rugindo sobre o rosto apavorado. Não precisava olhar no espelho para saber que sua meia forma estava fora, seus chifres torcidos sobre a cabeça, olhos vermelhos, pele cinza e as asas abertas.

— Malditos deuses, Khan! É o ajudante do médico! Solte-o!

Cerrando os olhos, analisou o rosto apavorado do homem que só agora percebeu ser um rapaz mal saído das fraldas. E que

estava muito, muito assustado. Colocando-o no chão, Raskhan bateu as mãos nas roupas amassadas do garoto enquanto puxava seu controle de volta e retomava sua forma humana. Pigarreando, deu um passo para trás e olhou para um Asael de sobrancelhas arqueadas.

— Você gritou.

— Claro que gritei! Ele estava colocando minha costela no lugar!

— Queria que eu pensasse o que? — Raskhan cruzou os braços. — Gritando e então o encontro com um homem sobre você. Depois dessa noite, não confio em ninguém sozinho na sua presença.

Asael rolou os olhos e desabou no sofá. Seu rosto torceu com uma careta e gesticulou para o peito.

— Termine, por favor.

O rapaz lançou um olhar para Raskhan, que segurou a vontade de bufar. Enfiando as mãos nos bolsos, deu outro passo para trás.

— Por favor, termine. Não vou interferir novamente. Tem a minha palavra.

— Confie nisso. Raskhan é ótimo em manter promessas. — Asael sorriu.

O rapaz assentiu, suas mãos um pouco trêmulas ao se aproximar de Asael e apertar os dedos onde a costela estava fora. Raskhan cerrou os dentes quando Asael gemeu e então gritou, os dedos finos se retorcendo no braço do sofá. Sua respiração estava rápida quando assentiu e então Raskhan estava sobre ele assim que o rapaz se afastou.

Pegou-o no colo com cuidado, seus olhos procurando por todo seu rosto pálido com preocupação.

— Tudo bem? Há algo que eu possa fazer por você?

Asael sorriu.

— Vou ficar bem. Vamos para casa e então posso explicar tudo. E eu posso andar, sabe?

— Não comigo por perto — grunhiu.

O ajudante do médico já havia recolhido suas coisas e desaparecido da sala quando Raskhan desviou os olhos de Asael.

Franzindo as sobrancelhas, tornou a olhar para o rosto calmo do mestiço.

— Como vamos sair daqui? Outro portal?

Asael gemeu, sua cabeça caindo no ombro de Raskhan.

— Inferno, como gostaria de dizer não, mas... — Sua cabeça ergueu, seus olhos demonstrando dor. — Parece ser o meio de transporte mais rápido.

— Certo. — Raskhan assentiu. — O meu ou o seu?

— Ah... Seu. Estou esgotado. Não consigo nem manter meus pensamentos juntos.

— Não se preocupe com isso então. Apenas se segure em mim e mantenha os olhos fechados.

— Isso faz a ânsia menos pior?

— Não. — Raskhan sorriu.

— Então, por que...

O portal surgiu e os levou antes que Asael terminasse de falar. O sapato de Raskhan tocou o chão do corredor segundos depois, sua pele arrepiando com a passagem enquanto Asael se contorcia nos braços do í ncubo.

— Porra, só piora.

Desta vez, Raskhan manteve a boca fechada. Empurrando a porta da entrada, Akuma saltou de cima do sofá com um miado alto ao recebê-los. Caminhando com passos decididos, foi direto para o quarto e colocou Asael sobre a cama com extremo cuidado, Akuma subindo sobre o colchão e assumindo seu posto de vigia. O mestiço deveria estar esgotado já que não resmungou sobre Raskhan o ajudando a retirar as roupas. Pontos roxos se formavam em sua pele na altura das costelas fraturadas, contrastando com as runas pretas.

Sentando de frente a Asael, Raskhan passou os dedos pela têmpora do mestiço, descendo para a bochecha e maxilar. Seu polegar puxou o lábio fino antes de se inclinar e beijar suavemente aquela boca rabugenta. Sua lí nguasaiu para tocar a de Asael, lento e calmo, aproveitando cada pequena lambida. Seus dentes mordiscam, suas bocas se moldando em um beijo que enviou arrepios quentes por todo o corpo. Quando Raskhan se afastou,

Asael respirava ofegante e não tinha nada a ver com suas costelas recém colocadas no lugar.

— Poderia beijar você todo dia, o dia todo — Raskhan sussurrou antes de mergulhar novamente.

O beijo calmo começou a ficar mais agitado. O cheiro de Asael entrando nas narinas de Raskhan e o seduzindo, seu pau ansioso por atenção. Porém, isso teria de esperar. Refreando seus desejos, se empurrou para longe de Asael e fechou os olhos.

— Onde você está indo?

— Comida — grunhiu entre dentes. — Vou fazer seu jantar e então vamos conversar.

— Não quero conversar. Quero você.

Os olhos de Raskhan seguiram para a mão de Asael massageando seu pau dentro da cueca e o í ncubosalivou. O cheiro de desejo, prazer e luxúria o envolve, fazendo seu membro ainda mais duro.

— Você está machucado.

— Vou curar em questão de minutos. Sua magia recarrega a minha. — Asael sorriu parecendo muito satisfeito em colocar o brilho de desejo nos olhos de Raskhan. — Me deixe ter o seu gosto.

— Pare com isso. Você não pode me confundir com sexo. — Raskhan balançou a cabeça, seus braços cruzando e se recusando a deixar suas mãos segurarem o próprio pau e se masturbar.

Vontade de f erro

Asael bufou, sua mão caindo ao lado do quadril.

— Foi você quem começou.

— Então vou terminar. — Os olhos de Raskhan estreitaram ao ver o pau de Asael saltar, uma mancha umedecendo o tecido de sua cueca vermelha. — Descanse um pouco enquanto cozinho.

— Não sou uma criança — Asael resmungou, cruzando os braços. — Você não manda em mim. *Dí ade*ou não.

— Continue fazendo birra e vou amarrá-lo à cama, *dætae*.

Aqueles olhos ambarinos brilharam ao mesmo tempo em que a lí ngua saiu e lambeu todo o lábio inferior, fazendo um rosnado profundo subir pelo peito de Raskhan. Era melhor sair do quarto ou teria aquela bunda empinada no ar enquanto o empalava com força.

A marca vermelha de sua mão nas nádegas pálidas por ser um pequeno mestiço teimoso. Seu pau estremeceu com a ideia.

E porque não deveria?

Saiu do quarto o mais rápido que pôde com a risada baixa e provocante de Asael e seu cheiro delicioso o perseguindo. Poderiam dizer que Raskhan era um demônio, mas Asael era algo ainda pior. Diabolicamente irresistí vel. Decidindo se ocupar com a comida, bloqueou de sua mente todas as imagens de Asael deitado nu naquela cama e parecendo terrivelmente delicioso.

Seu pé escorregou e lembrou-se que ainda tinha vômito pegajoso nas calças e sapatos. Estalando os dedos, sua roupa desapareceu e seus pés descalços tocaram o chão de madeira, seus dedos pressionando e sentindo o apartamento. As roupas sociais e apertadas se foram, deixando um *jeans* desbotado e rasgado no lugar junto com uma camiseta Henley preta de mangas compridas. Puxando as mangas para cima e com dentes apertados, picou a cebola e amaldiçoou em voz baixa seu eu cordial e respeitoso. Se fosse como qualquer outro í ncubo,estaria nu agora e gozando sobre aquela pele pálida.

— Você fica ainda mais bonito quando resmunga.

Raskhan pulou com a voz tão próxima e olhou carrancudo para Asael.

— Nunca se aproxime silencioso assim. Poderia ter furado você — falou ao gesticular com a faca.

Asael havia tomado um banho rápido e tirado a sujeira da luta. Agora, vestido com uma calça folgada cinza e peito nu, debruçou sobre a bancada com um sorriso maroto. Raskhan não poderia se manter sério por muito tempo assim. Quando Asael sorria, seu rosto todo se transformava e parecia mais novo.

Seu amado sempre tão carrancudo.

Roubando um pedaço picado de tomate, Asael sentou sobre o banco alto e enfiou o dedo no cós da calça do í ncubo,o puxando para mais perto. O polegar pressionou contra o osso do quadril e Raskhan puxou o ar por entre os dentes com dificuldade. Sequer sabia que era sensí vel naquela parte. Ou talvez fosse porque se tratava de Asael. Qualquer lugar que tocasse em Raskhan parecia ser apreciável.

— Quanto tempo você vai ficar fugindo de mim?

— Não estou fugindo. — As sobrancelhas de Raskhan franziram. — Nunca fugiria de você. *Yalin*, suas costelas foram tiradas do lugar, quase quebradas. Teve um momento nessa noite, quando toda aquela escuridão o envolveu... Tive tanto medo...

Foi opressor. Raskhan sentiu o medo se agarrar em seu coração com unhas e dentes, deixando-o apavorado. A dor de Asael reverberou por Raskhan, como se seu peito estivesse sendo aberto com ferro quente. Ele gritou e então houve a explosão de luz como se uma estrela tivesse caí do sobre a terra.

E Asael estava vivo. Raskhan poderia respirar novamente.

Deixando a faca de lado, segurou o rosto de Asael em ambas as mãos e beijou seus lábios, bochechas, olhos. Encostou suas testas juntas e suspirou, perdido na sensação de amar alguém, de ter algo tão precioso e quase perdê-lo.

— Khan...

— Não. Prometo que vou deixá-lo fazer o que quiser comigo, mas só depois que me contar tudo. Sem segredos, *yalin*.

— O que eu quiser? — Asael perguntou, um sorriso curvando sua boca.

— O que quiser. Minha palavra.

Asael gemeu, sua testa caindo no ombro de Raskhan. Uma mão do í ncubo subiu até a nuca e massageou aquele ponto tenso quando Asael soltou o ar com uma lufada e se endireitou.

— Tudo bem. Vou preparar a salada enquanto conto. Preciso manter minhas mãos ocupadas porque a história não é bonita.

— Isso deveria me deixar calmo?

— Preparado, talvez. — Asael encolheu um ombro e pegou a faca que Raskhan usava. — O quanto você realmente sabe sobre o iní cio da magia?

Raskhan pensou, jogando a carne dentro da panela para cozinhar.

— Não muito. Apenas aquilo que conversamos no outro dia. Não há como saber exatamente quando tudo começou. Sou velho, mas não tanto assim.

Aquilo fez Asael sorrir. Suas mãos ágeis com uma faca picaram o tomate em pedaços miúdos e então passou para as

verduras.

— Acontece que eu sei realmente como tudo começou. — O rosto de Asael escureceu. — E a história é terrí vel.

— Então me conte.

— Havia uma Deusa Divina que nunca ninguém soube seu verdadeiro nome. Ela teve dois filhos, Nu'aan e Orkahn.

Raskhan assentiu conforme acompanhava a história. Asael apresentou os fatos e então tudo ficou claro de repente. O surgimento dos primeiros demônios e seres noturnos, a magia dos magos e os bruxos como sendo magia residual. Os shifters vieram depois com o cruzamento das espécies, experimentos com magia.

Tudo se encaixava. Exceto...

— Espere um pouco. Como você sabe sobre toda essa história?

Já havia ouvido algo parecido, mas eram apenas contos. Tão antigos que poderiam ser apenas canções de um bardo errante tentando conseguir moradia de graça.

Asael ficou em silêncio, seu rosto obscurecendo. Havia comido toda a salada após picá-la e se perder em contar a história para Raskhan. Cobrindo a panela fervendo, desligou o fogo e se virou de frente para um perturbado Asael.

— *Dætae*?

— Sei disso tudo porque... — Coçou a têmpora, seus olhos indo para o teto. — Droga, Khan...

— Apenas diga, Asael.

Os olhos ambarinos se fixaram no rosto de Raskhan.

— Não gosto quando me chama pelo nome.

— Me responda, Asael. Como sabe de tudo isso com exatidão?

— O Cosmos da história... A criança prodí gio da Deusa... Sou eu.

Raskhan pensou ter engolido a própria lí ngua. Em algum momento, durante a narração, Raskhan sabia onde Asael queria chegar. Entretanto, não sabia que seria isso.

— O que... — Suas sobrancelhas franziram e Raskhan sentou no banco alto. — Você era aquela criança? *Você*?

— Não *eu*. — Asael esfregou a testa e entrou entre as pernas de Raskhan. Suas mãos pousaram suavemente no peito do í ncubocoberto pela camiseta. — O espí ritodo Cosmos renasce de época em época e ninguém sabe exatamente quando vai surgir. Quando nasci, algo estranho aconteceu. A aurora boreal tocou o chão e espí ritos antigos apareceram para um bruxo para avisá-lo que a criança da Deusa Divina estava entre os humanos mais uma vez.

— Sangue amaldiçoado, *yalin*. Isso é... — Raskhan passou a mão pelos cabelos, atordoado. — Quem era o bruxo?

— Annasias. A Deusa o avisou de que eu havia chegado e ele seria o encarregado de me ajudar.

— O bruxo que você foi visitar e então acabou cercado. — Raskhan apertou os dentes quando Asael assentiu uma vez. — Você disse “de época em época”. Quer dizer que já houve outras vezes?

— Sim. — Asael assentiu. — Não se sabe exatamente quando Cosmos virá. O surgimento do mundo como ele é hoje não foi a última vez que Cosmos precisou lidar com Orkahn. Quando minha alma está em terra é quando a do feiticeiro está agitada em busca de pessoas, incitando homens a revivê-lo e buscar por Cosmos.

— Como ele sabe quando você está aqui?

Os lábios de Asael franziram, seus dedos subindo em busca de algo em seu pescoço. Raskhan deslizou os dedos pelas claví culas magras e suspirou.

— Seu amuleto.

— Quando nasci, minha mãe já havia sido renegada pela famí liae meu pai não era muito diferente. Então, Orkahn começou a sentir minha presença. Os ataques em minha casa começaram a ficar mais e mais frequentes até que Annasias bateu em nossa porta e ofereceu o amuleto como um presente de proteção. Um bruxo amigo, caso precisassem. — Asael suspirou. — Annasias foi muito especí fico sobre nunca tirar o amuleto. Ele iria conter meu poder, me camuflar dos olhos malignos. Depois disso não houve mais problemas. Annasias contou aos meus pais o que eu realmente era

quando completei dez anos. Não muito depois eu acabei ficando muito curioso.

— Você o tirou, não é?

Asael assentiu, seus olhos sombrios.

— Foi por apenas um dia. Então, as sombras começaram a aparecer. Meus pais ficaram tão frenéticos sobre isso, perguntando se eu havia tirado a porcaria do amuleto. Quando disse que sim, meu pai embrulhou minhas coisas e me enviou para meu avô. Dias depois eles morreram. Os seguidores de Orkahn invadiram a casa, torturaram meus pais em busca de respostas e então os mataram. Colocaram fogo e saí ramcomo se não tivessem acabado de matar duas pessoas inocentes.

Raskhan fechou os olhos, a dor nas palavras de Asael o acertando no peito. Passou os braços ao redor de Asael, o puxando para um abraço apertado. Beijou a lateral do pescoço, o rosto do mestiço afundado na curva do ombro de Raskhan, as lágrimas silenciosas molhando a camiseta. Os dedos finos seguravam o tecido nas costas de Raskhan em um punho apertado.

— Morreram por minha culpa. Meus pais morreram porque tirei o maldito amuleto quando me avisaram para não fazer. Criança estúpida, estúpida!

Os braços de Raskhan o apertaram um pouco mais, sua boca murmurando contra seu ouvido.

— Não, *yalin*, não é sua culpa. Não pode se culpar por algo que não estava sob seu controle.

— Mas estava! — Asael se desenroscou do abraço e afundou os dedos nos cabelos ao andar pela cozinha de um lado ao outro. — Era muito especí fico:*não tire o amuleto*.

— Você não sabia, Asael. Está me ouvindo? — Raskhan o segurou pelos ombros e o chacoalhou levemente. — Você. Não. Sabia! Era só um amuleto. A culpa não é sua, Asael.

Asael limpou as bochechas com os punhos, seus olhos vermelhos e deixando o âmbar ainda mais claro, parecido com uma estrela caí da.

— Então você é o espí ritodo filho de um deus caí do?Isso te faz um semideus?

Raskhan provocou, fazendo Asael sorrir mesmo que apenas um pouco. Passou a mão pelo braço do mestiço, atraindo-o de volta para entre suas pernas.

— Mais ou menos. — Seu rosto se torceu em uma careta. — O espí rito do Cosmos é filho de Orkahn, abençoado pela deusa. Maior que um Arcano, menor que um deus. Magia cósmica, controladora do tempo e espaço, como diz Annasias.

Raskhan assobiou.

— Seu poder é ilimitado?

— Em teoria. Nunca testei tudo o que posso fazer. — Asael balançou a cabeça mordiscando seu lábio inferior. — Mas como todo poder, possuo um limite, sim. Me esgoto fácil. Porém, me recomponho rápido também, assim como me curo.

Apontou para suas costelas, o roxo sendo apenas um verde muito claro agora. Raskhan passou o polegar pela marca perto do estômago.

— Com o amuleto isso não era possí vel?

— Não. O amuleto me encobria de Orkahn e isso limitava todo o meu poder. Como um vaso fechado, eu diria. Sem ele, sou como um rio transbordando.

— Seu coração então batia no peito de seu pai antes dele ser descoberto pela Deusa? — perguntou ao apoiar a mão no peito de Asael e sentir as batidas suaves.

— Sim.

— Isso é muito estranho. — Raskhan riu. — Sabia que você era diferente, mas isso...

— Ainda sou eu mesmo, Khan. Asael Chevalier, seu *dætae*.

— *Bas' yalin*.

Ambos sorriram, Asael suspirando ao ser cercado pelos braços de Raskhan novamente. Beijando o topo da cabeça de cabelos prateados, acariciou as costas nuas.

— Você soube todo esse tempo que era Orkahn por trás do feiticeiro?

Asael balançou suavemente a cabeça.

— Não. Tinha minhas dúvidas e não queria acreditar que Orkahn realmente estava aqui, mas... acontece que está. Tentando reviver e é minha tarefa acabar com ele de uma vez por todas.

— Então, como nós fazemos isso?

O corpo de Asael retesou no abraço de Raskhan. Afastando-se para olhar melhor o mestiço, Asael desviou os olhos para algo que parecia muito interessante no chão. Isso era um mau sinal.

— *Dætae*?

Isso o fez se afastar, seus braços se enrolando ao redor da própria cintura e seu quadril apoiando no balcão do outro lado. A distância, os olhos se desviando e a rigidez nos ombros dizia a Raskhan que algo estava muito errado na resposta para sua pergunta anterior.

— Como acabamos com Orkahn, Asael? Ou isso não é possí vel?

— Possí vel, é.

— Como?

Os lábios de Asael se apertaram, como se lutasse contra ele. Como, se o fizesse, machucaria a ambos. Raskhan cruzou a cozinha e se curvou para seus olhos ficarem no mesmo ní veldos de Asael, prendendo o corpo magro entre seus braços e não deixando uma saí da.

— Asael.

— Inferno, Raskhan. Sem mentiras, não é? — Asael fechou os olhos, seu corpo diminuindo um pouco mais. — A única forma de matar Orkahn ao invés de mantê-lo no fosso... Para conseguir matá-lo...

Asael ergueu a mão, seus dedos pressionando contra o próprio peito, direto em seu coração. Raskhan deu um passo para trás, sua cabeça balançando.

— Não.

— É a única forma de Orkahn nunca mais voltar.

— Então vamos mandá-lo para o fosso novamente. Vamos trancá-lo lá. Vamos...

As mãos de Asael cobriram a boca de Raskhan para evitar o fluxo de palavras. Seu coração doí amais e mais ao ver que Asael havia tomado uma decisão sobre isso. Uma muito antes deles se conhecerem. Segurando os pulsos de Asael com força, balançou a cabeça em negativa.

— Khan...

— Não — falou abafado contra as palmas.

— É o certo.

— Nunca — rosnou, puxando as mãos longe de sua boca e seu rosto furioso quase colado ao de Asael. — Nem sobre o meu cadáver. Nunca, Asael. Nós vamos encontrar outro jeito. Você não vai me deixar.

Aqueles lindos olhos ambarinos tristes fitaram Raskhan quando assentiu, mas o í ncuboviu no fundo que nada poderia fazer Asael mudar de ideia. Raskhan o abraçou com força, seu rosto enterrado no pescoço do mestiço enquanto os dedos finos e pálidos se enterravam nos cabelos do í ncubo.

Não era justo. Como a Deusa podia mandar Asael para a vida de Raskhan, uni-los em um fio mágico para então ceifá-lo? A Deusa Divina era cruel.

Akuma soltou um miado alto antes de correr como um louco para o quarto, derrubando coisas no caminho e interrompendo a ambos. O som de garras fez Raskhan erguer a cabeça para encontrar o causador do susto do pobre gato. Seu rosnado saiu baixo ao encontrar não um, mas dúzias de diabretes voando na janela da cozinha e da sala. Suas asas vermelhas com penas brilhantes batiam com fúria, dois pares de olhos negros observavam com atenção enquanto suas garras tentavam se agarrar ao vidro. Dentes pontiagudos batiam como piranhas ensandecidas em busca de sangue e carne.

— Malditos ratos diabólicos. — Raskhan abriu a janela e puxou um dos diabretes para dentro, fechando os outros do lado de fora. — Cale-se!

O diabrete amoleceu na mão de Raskhan, seus olhos enormes brilhando na direção do Imperador.

— Senhor. Uma prova, senhor. Apenas um pouco.

— Disse para se calar, maldito — rosnou, sacudindo o diabrete um pouco.

Pequenos vermes sedentos por um pouco da magia de sedução de um í ncubo. Raskhan estava com tanta raiva... Antes que pudesse pensar direito, suas garras estavam de fora e cravando profundamente dentro do crânio do diabrete. Sangue negro explodiu pela cozinha quando a cabeça oval rachou, respingando pelo rosto

de Raskhan e em sua roupa. Seu sorriso era largo e um pouco maní aco quando puxou o corpo do diabrete e o dividiu em dois.

— Pelos deuses, Raskhan! Você está sujando toda minha maldita cozinha!

Raskhan piscou, seu rosto com uma máscara de pedra ao olhar para Asael.

— Desculpe. Não medi minha força.

O mestiço o olhou com uma carranca.

— Foda-se. Olhe para essa sujeira! E eles continuam batendo como moscas varejeiras — falou, balançando a mão para a janela.

Com um suspiro, Raskhan puxou outro para dentro, esse ficando quieto sem precisar de uma ordem. Estava bem ciente do que havia acontecido com o outro. Abrindo um sorriso frio, Raskhan pressionou a garra logo abaixo do olho de cima do diabrete.

— O que estão fazendo aqui?

— Marym! Marym nos mandou! — o diabrete exclamou, suas mãos finas e deformadas segurando o pulso de Raskhan.

— E porque aquela súcubo traiçoeira faria isso?

— Informações! Ela quer saber quem é o companheiro do Imperador. Ela quer relatórios! Ela disse: fale ao Imperador que mamãe mandou lembranças!

A raiva cresceu em Raskhan, o fazendo partir aquele diabrete ao meio também. Asael suspirou, sua mão esfregando a têmpora e parecendo implorar por paciência.

— Eu vou matá-la.

— Espere. Aonde você vai?

Raskhan limpou a mão em sua calça, seus olhos tempestuosos.

— Mundo Inferior. Vou estrangular aquela ví borapeçonhenta por bisbilhotar a minha vida.

— Você não vai sozinho. — Asael ergueu um dedo, indo para o quarto. — Não se atreva a ir sem mim.

— Não vou levá-lo comigo ao Mundo Inferior — Raskhan rosnou e então virou para a janela da sala enfiando a cabeça para fora e silvando em ameaça para os diabretes. — É perigoso. Cheio de demônios traiçoeiros. Ir sozinho é mais seguro.

— Você não vai sozinho! Não com toda essa raiva transbordando como um vulcão em erupção. Se sua progenitora quer me conhecer, então vou me apresentar a ela.

Raskhan olhou para a porta do quarto, vendo Asael passar por ela calçando suas botas e calças pretas apertadas. Sua camiseta preta abraçava seu torso e seus cabelos pareciam uma bagunça sexy. Realmente parecia com um semideus.

— Já disse que não vou levá-lo comigo. Fique no apartamento e coma a comida. Espere por mim.

— A comida pode esperar. — Asael meneou a mão e Raskhan viu com olhos estreitos as panelas flutuarem até a geladeira e desaparecerem dentro. — Não sou uma donzela esperando o príncipe lutar com o dragão. Sei usar uma espada também.

— Asael...

— Se você se atrever a desaparecer daqui sem mim, juro que vou achá-lo por mim mesmo. Posso usar um portal também, se lembra? Você me quer perdido no Mundo Inferior?

Sangue amaldiçoado, como odeio a teimosia desse mestiço.

Grunhindo, passou o braço pela cintura de Asael.

— Fique perto de mim, não ouse sair da linha dos meus olhos, Asael. Se estiver se sentindo em perigo, me avise. Entendeu?

— Sim. Não se preocupe.

— Sempre vou me preocupar — resmungou. — E, por favor, não me ache horrível.

Raskhan abriu o portal e os passou antes que Asael pudesse fazer qualquer outra pergunta.

19
O PASSADO DIZ OLÁ

Contar tudo a Raskhan tinha sido muito difícil. Guardar aquele segredo por todos aqueles anos, deveria ter sido como tirar o peso dos ombros, porém, não se parecia assim. A dor nos olhos de Raskhan cortaram Asael por dentro, sangrando sobre uma ferida há muito aberta e não cicatrizada. Estar só naquele pesadelo terrível não era tão ruim, mas ao carregar seu companheiro com ele, tornou tudo muito pior.

Morrer agora não parecia a melhor solução. Não quando o fio que os ligava poderia levar Raskhan junto. Asael não queria aquilo. Entretanto, também não queria Orkahn com mais um dia vivo naquela terra. E se morrer junto com seu pai era a única solução... Ser a reencarnação do Cosmos era seguir a vida em uma estrada com fim certo. Por que a Deusa Divina colocaria Raskhan em seu caminho, sendo que nas outras vidas Cosmos partiu sem deixar ninguém triste para trás. Nem mesmo haviam percebido sua falta.

Seu estômago se revoltou com o portal e sua cabeça girou, mas não tão forte como da última vez. Segurando um gemido na garganta, evitou se curvar ou mesmo abrir os olhos de forma abrupta. A primeira coisa que Asael percebeu foi que estava quente. Muito quente. Suor brotou em sua nuca, escorrendo por suas costas e mal havia pisado no Mundo Inferior.

Inspirou, não sentindo cheiro algum além de mofo e coisa úmida. Nada de enxofre. Deveria saber que não seria assim quando Raskhan não cheirava nem a cinzas. Puxando a gola da camisa, olhou ao redor e cerrou os olhos para todo o vermelho e preto do

lugar. Asael não sabia exatamente o que esperar do mundo Inferior, mas nada como aquilo.

Quando se pensava em palácio, a cor prata e azul sempre vinha à mente. Não aquele vermelho com toques de bronzes e então mais vermelho por todo lado. Parecia que sua visão estava manchada. Esfregando um olho, virou para perguntar a Raskhan porque tudo ali era tão escarlate, quando viu a imensa criatura cinza o olhando de cima. Seus olhos arregalaram e gritou, dando dois passos para trás até cair sobre sua bunda.

A criatura batia três metros fácil, seus longos chifres negros retorcidos sobre sua cabeça com as pontas curvas nas costas e apontando para cima. Suas orelhas eram pontiagudas e com argolas douradas. Seu cabelo preto, empurrado para longe do rosto afiado, tinha três tranças que terminavam amarradas em apenas uma, a ponta quase tocando a cintura fina. Ombros largos com runas douradas marcando de um lado ao outro e descendo pelo peito, espiralando até perto do umbigo.

Apenas um pano fino preto cobria a virilha, coxas firmes e grossas, joelhos dobrados para trás e pés terminando com três garras largas e afiadas como as de um gárgula. Um rabo chicoteou de um lado ao outro, parecendo o de um gato impaciente. As asas de couro se abriram e fecharam quando Asael olhou para o rosto novamente, a coroa de três pontas brilhando sobre a testa, aquelas órbitas negras e de í risvermelhas com uma fina pupila cortando de cima para baixo que pareciam terrivelmente apreensivas.

— Deuses amaldiçoados, Khan — Asael estremeceu e soltou o ar com brusquidão. — Você me assustou.

Raskhan cruzou os braços, seu rosto virando para o lado e os olhos baixos com o que parecia vergonha.

— Perdoe-me.

Levantando-se, bateu a poeira da calça e se aproximou de Raskhan.

— Por que está nessa forma? — Asael perguntou em um resmungo.

— Não consigo permanecer humano no Mundo Inferior. Este sou eu em tempo integral quando venho para cá. Minha forma completa de í ncubo.

Na forma humana de Raskhan, Asael mal batia na altura dos ombros largos. Agora, em sua forma completa demoní aca, mal chegava ao umbigo!

— Por que você não me disse que era tão alto quanto uma árvore?

— Faria diferença? — resmungou.

— Claro que faria! Eu teria trazido uma escada comigo para conseguir alcançar seu rosto. Agora vou ter que escalar — Asael falou, seus olhos pegando cada cume elevado de músculo firme coberto por pele cinza macia.

O canto da boca de Raskhan se curvou em um sorriso.

— Poderia carregá-lo em meus ombros.

— Como uma maldita criança? — Asael bufou. — Não, obrigado. Seria humilhante.

Raskhan assentiu, seus olhos ainda indo para todos os lados menos para Asael. Sua grande pata com garras arranhou o chão, seu rabo balançando e suas asas comprimidas em suas costas. Então Asael percebeu que seu grande, forte e sempre tão arrogante í ncubo estava *envergonhado*. Receoso, apreensivo. Seus sempre imponentes ombros estavam caí dos, suas orelhas baixas. Só naquele momento o que Raskhan pediu em seu apartamento minutos atrás pareceu fazer sentido.

“Por f avor, não me ache horrí vel.”

O í ncubo já estava incerto sobre sua forma original e então Asael gritava e caí a sobre sua bunda assim que o via. Estúpido palerma. Balançando a cabeça, Asael enganchou as mãos nos antebraços cruzados e forçou para baixo. Raskhan se agachou, seu rosto no ní vel do Asael e mais visí vel como estava se sentindo péssimo.

Demônio tolo.

— Olhe para mim, Khan. — Segurou o rosto de feições duras e afiadas, os olhos vermelhos ainda desviando dos ambarinos de Asael. — Primeiro Imperador Raskhan, exijo que olhe para mim.

Seus olhos imediatamente pegaram os de Asael. Passando o polegar pela sobrancelha escura e arqueada, sorriu para as semelhanças. Humano ou íncubo, aqueles olhos e sobrancelhas

expressivas sempre seriam as mesmas. Sempre seria seu Raskhan, não importa qual forma tomasse.

— Você é belí ssimo, Khan.

— Seu grito de pavor disse o contrário.

A voz mais grossa retumbou no peito de Asael, aquecendo-o.

— Você me assustou por ser enorme, Khan, não pela aparência.

— Sou como pesadelos terrí veisque assombram crianças — murmurou. Seus lábios se separaram, dentes enormes e afiados batendo como os de um tubarão. — Não há nada belo em mim nesta forma.

— Você me pertence, é meu companheiro, meu amado. — Asael beijou a ponta do nariz e sorriu. — Acho você belí ssimo, mesmo que pense o pior de si mesmo.

As enormes asas se abriram e curvaram, prendendo ambos dentro de um casulo de couro. A luz vermelha passou fracamente, iluminando o rosto de Asael com tons escarlates. Um garra escura passou pela bochecha pálida e o mestiço estremeceu levemente, seus lábios entreabrindo. Observou as narinas de Raskhan alargarem, suas pupilas crescendo quando rosnou, o som vibrando pela espinha de Asael.

— Mesmo nessa forma... mesmo parecendo um demônio perigoso... — Raskhan inspirou novamente, desta vez perto do pescoço de Asael, e viu a pele arrepiada. — Sangue amaldiçoado, *yalin*. Você será a minha morte mais prazerosa.

Asael gemeu, suas mãos agarrando os ombros de Raskhan e deslizando pelas runas douradas em uma carí cia.Quem diria que um dia Asael se sentiria tão atraí do por um í ncubo em sua verdadeira forma? Um que pertencia a ele de corpo, alma e coração. Sorrindo, deixou seu poder fluir ao redor do corpo de Raskhan, passeando pela pele com toques fantasmas. Dedos invisí veis correram pelos chifres e asas, tocaram as bolas pesadas e puxaram o pau uma e outra vez.

O desejo de Asael cresceu, seu coração martelando em seu peito e todo seu sangue descendo para o sul. O cheiro forte de luxúria unido aos toques incessantes fez com que Raskhan

gemesse, suas asas tremendo. Se afastou para olhar nos olhos de Asael, as pupilas completamente dilatadas agora, tomando quase todo o vermelho. Apenas a fina argola não permitia o preto engolir a órbita por inteiro.

— Isso... O que você está fazendo?

— Deve ter percebido mais cedo que posso mover objetos. — Asael beijou a garganta do íncubo, sua língua lambendo uma veia saliente. — Isso se chama telecinese. Alguns Arcanos conseguem desenvolver essa magia, mas não mantêm o poder por muito tempo.

— Tele... telecinese? — Raskhan engoliu com dificuldade.

— Pequenos dedos invisíveis criados pela força da minha mente. — Asael sorriu ao dedilhar seu poder pela coluna forte, as coxas grossas, entre as nádegas e a virilha. Apalpando, apertando, friccionando. Raskhan gemeu mais alto, seus olhos fechando apertado e sua testa caindo sobre o ombro de Asael. — Se sente bem assim?

— Inferno... Porra... — rosnou entre dentes, suor cobrindo sua pele. — É demais...

— Muito? — perguntou, seus olhos caindo para o pau muito rígido e muito grande saindo daquele tecido tão pequeno. — Acho que não.

Os dedos de Asael subiram para os chifres e deslizaram pela curva maior ao mesmo tempo em que seu poder ondulava sobre Raskhan e beijava a concha de sua orelha, puxando uma argola com os dentes. O grito rouco de Raskhan tremeu o chão quando seu enorme corpo espasmou, sua mão segurando seu pau para baixo quando jatos de porra saíram da cabeça esponjosa. Asael salivou, seu próprio pau empurrando em sua calça.

Entretanto, Asael não iria se tocar. Aquilo não era sobre ele. Era sobre Raskhan, sobre sua forma e como deveria entender que Asael o adorava assim também. Deixar aquele íncubo sedutor perceber como estava atraído queria escalar aquele corpo enorme e ter seu desejo saciado. Talvez fosse o Mundo Inferior, ou talvez fosse a falta do amuleto, mas Asael se sentia *esfomeado* Faminto pelo corpo do íncubo.

Corpo esse que brilhava com uma camada prateada e violeta. Ambos pareciam banhados pelas estrelas. Raskhan ergueu os olhos arregalados, sua respiração ofegante enquanto o sorriso de Asael era enorme. Puxou uma das tranças entre os dedos, tentado a desfazer uma por uma.

— Você é amado, Raskhan. Em todas as suas formas. — Puxou a trança mais uma vez para fazer seu ponto. — Me entende?

— *Bas' zellaha*. — O rosto incerto de Raskhan desapareceu, deixando aquele sorriso malicioso e predador que Asael gostava tanto. — Me prometa que fará isso novamente quando estivermos em uma cama comigo enterrado dentro da sua bunda apertada.

A respiração de Asael tremulou, seus dedos curvando nos cabelos pretos e puxando novamente.

— Hum... Temos um acordo. — Asael inspirou, deixando um beijo no canto da boca de Raskhan antes de gesticular ao redor. — Agora, vai me mostrar o lugar?

— Quando encontrar minhas malditas pernas — rosnou.

A risada de Asael se misturou ao som de guinchos. As asas de Raskhan se abriram, o Mundo Inferior surgiu novamente quando diversos diabretes subiram voando uma encosta e passaram muito perto de onde eles estavam.

Asael se inclinou sobre o peitoril de pedra lisa e viu o enorme barranco terminando em um rio de águas escuras passando a mais de trezentos metros abaixo. Olhou as enormes rochas ao redor, dando a aparência de ser uma enorme caverna de teto muito alto. O topo era escuro, mas Asael distinguiu duas esferas brilhando parcialmente.

— O que é aquilo?

Raskhan se levantou, arrumando o pano sobre sua virilha, e ergueu os olhos para onde Asael apontava.

— As luas gêmeas.

— Isso é um céu?

— Sim. Este planeta não possui a Estrela Sol como na sua galáxia. Não há nada para nos iluminar além das pedras de Garzi. Elas produzem esse efeito avermelhado onde quer que você olhe.

Os olhos de Asael arregalaram, extasiado. Seu dedo passou pela pedra mais próxima, a ponta ficando manchada de vermelho

brilhante.

— Oh! Isso é *muito* legal. Mas... se não há sol, por que é tão quente?

— O centro do planeta está cheio de lava. Temos mais de trinta e cinco vulcões em pleno funcionamento e ao invés de rios de água limpa, temos rios de fogo. É por isso que é tão quente quanto o inferno. — Raskhan sorriu.

Asael levantou a cabeça, indicando uma grande construção do outro lado da encosta.

— E lá? Aquilo é seu palácio?

— Não. São os muros do Distrito II. — Raskhan segurou os ombros de Asael e o virou ao contrário. — *Este* é meu palácio.

Asael olhou pela linha de rochas e viu o grande palácio se erguendo sobre as rochas. Sua boca caiu aberta ao ver que estavam em uma varanda e o que parecia ser um castelo de muros vermelhos e dourados se erguia imponente ao redor de uma enorme cidade. Casas cavadas nos muros como cavernas cheias de janelas lembravam a Asael aquele mosteiro em Vardzia. Ver todos aqueles buracos abertos na rocha fez uma pequena tripofobia rastejar sobre a pele de Asael. As constantes aparições de demônios saindo e voltando por aqueles buracos só piorou seu mal-estar.

Girando para olhar para o palácio novamente, observou cortinas escuras voando em algumas janelas, o som de conversa em outras, assim como gemidos e gritos. Um grande caos, assim como Raskhan havia dito uma vez.

— Não vou mentir, Khan, mas o Mundo Inferior é realmente caótico.

— Exatamente. — Raskhan concordou com um sorriso, suas mãos cruzando em suas costas. — Gostaria de conhecer o palácio? Meu quarto, por exemplo?

— É muito tentador, mas viemos até aqui com uma missão, lembra?

Isso pareceu reinflar a raiva de Raskhan. Seu rosto afiado se tornou duro, seus olhos estreitos e cenho franzido. Seu rabo chicoteou quando virou para olhar Asael de cima.

— *Dætae*, assim que pisarmos do lado de dentro, você não pode, de maneira alguma, interferir em nada. Minha palavra aqui é a

lei e todos devem obedecê-la. Nossa forma de punição não é como no seu mundo e como nos comportamos também é diferente. Se algo der errado lá dentro, prometa-me que vai abrir um portal de volta para seu apartamento no mesmo segundo.

— Khan, eu não vou...

— Estamos no mundo dos demônios, Asael. Aqui as leis não são levadas ao pé da letra e há mais brechas do que há pernas em uma centopeia. Sou o Imperador, seu único escudo protetor. Se eu cair, nada impede de você seja rasgado em mil pedaços. Cosmos ou não. — Raskhan se inclinou, seus dedos segurando o rosto de Asael erguido para ele. — Morrerei por você, mas não permito que o faça por mim.

— Isso não é uma troca justa.

— Amor nunca foi sobre trocas e justiça. — Raskhan sorriu pesaroso. — Me prometa, *yalin*.

— Se isso te deixa mais calmo, eu prometo.

Asael soltou um suspiro quando Raskhan assentiu. Ainda bem que o íncubo não poderia ver os dedos cruzados do mestiço nas costas. Se elevando em toda sua altura, Raskhan estalou o pescoço e abriu aquele sorriso de tubarão ansioso por uma matança.

— Se você vê algo que o assusta, me diga imediatamente. Se aquele íncubo que tentou abusar de você no passado estiver presente no meu distrito, você me diz. Entendidos?

Asael assentiu, implorando internamente para não ter o azar de encontrar com aquele íncubo. Raskhan empurrou as portas duplas e a luz de velas brilhou no meio de todo aquele vermelho, preto e dourado. O laranja serpenteia, lançando sombras nas paredes lisas. Asael deu um passo para dentro quando o rabo de Raskhan se enrolou em sua coxa e o puxou como que para ter certeza de que estava perto. Um corpo magro se materializou ao lado, fazendo Asael dar um pulo para mais perto de Raskhan.

— Meu Senhor.

— Drasbian, onde Marym está?

O íncubo de olhos pálidos e semblante calmo sequer olhou para Asael quando disse:

— Salão central, meu Senhor.

— Algum Imperador presente?

— Apenas Rymsal, meu Senhor. Usando a ala leste com seus convidados.

Raskhan soltou um grunhido e então Drasbian desapareceu como se nunca tivesse estado ali. O corredor largo e alto, provavelmente para comportar confortavelmente o Imperador e seus súditos, estava cheio de pinturas e flores estranhas. O gosto de demônios por decoração era bastante estranho. Portas fechadas soavam risadas abafadas, conversas animadas e gemidos. Asael prendeu a respiração ao sentir a sedução banhando sua pele, ascendendo sua marca.

Dando uma olhada de lado, parecia que Raskhan estava alheio a toda aquela tensão de prazer ecoando ao redor.

— Você não sente tudo isso? — perguntou em um sussurro quando uma voz feminina implorou por mais atrás de uma das portas.

— A sedução não funciona com íncubos. Nós exalamos o aroma no ápice do prazer, mas isso não nos motiva. Pensei ter dito isso para você.

— Só que não controla. Não que não os afete.

Raskhan grunhiu.

— O cheiro de um íncubo não faz diferença. Agora, o cheiro de um humano excitado... — Olhou para Asael de cima a baixo, fazendo o mestiço quase tropeçar com o desejo nos olhos vermelhos. — É como pólen para abelhas. O cheiro de um parceiro é triplicado.

Puxando a gola de sua camiseta, Asael inspirou com força. O ar parecia ainda mais abafado dentro do palácio ou era apenas impressão? A risada baixa do íncubo foi direto para suas bolas e enrijeceu seu pau, tornando um pouco difícil caminhar. Ajeitando sua calça um pouco disfarçado, o rabo de Raskhan apertou a coxa de Asael brevemente em sinal de que havia visto.

O caminho de corredores era enorme e numeroso, fazendo a cabeça de Asael dar um pequeno nó confuso. Grupos de íncubos e súcubos passeavam de um lado ao outro, todos sem vergonha alguma de sua nudez explícita. Sem contar que eram bem menores que Raskhan, quase na altura de Asael.

— Por que você é enorme e eles não?

— Porque eles são *ladrag*.

Asael esperou por algo mais elaborado, mas não recebeu nada além disso. Como se ser um *ladrag* fosse uma resposta para o tamanho de um demônio.

Alguns caminhavam com um pano em sua virilha como Raskhan, as súcubos com finos tecidos mal cobrindo os bicos dos seios. Em um determinado corredor, Raskhan praticamente cobriu Asael com sua asa quando três íncubos revezavam com uma súcubo contra a parede. Era uma cena digna de um Kama Sutra.

— Merda, o Mundo Inferior é como um clube de swing. Vocês andam sempre nus assim?

— Não temos vergonha do nosso corpo.

— Percebi isso — Asael falou quando outra súcubo passou.

Seu sorriso era largo em lábios exuberantes, seios redondos e empinados. Seu quadril balançava em um caminhar sedutor quando esticou a mão e passou desavergonhadamente pela barriga de Raskhan até sua virilha. Asael cerrou os punhos, seu corpo prestes a saltar como uma mola, pronto para dividir a súcubo em duas por tocar no que era dele.

Entretanto, não foi preciso. Com um rosnado baixo e agressivo, Raskhan segurou o pulso da súcubo e o torceu, fazendo com ela soltasse um grito de surpresa e lágrimas enchem seus olhos. A voz grossa de Raskhan saiu distorcida pelas palavras demoníacas, a súcubo o respondendo com um choramingo baixo antes de Raskhan ladrar novamente.

— *Vas't*[14]!

A súcubo estremeceu, seus olhos baixos ao curvar seu corpo em uma mesura profunda e então desaparecer. Raskhan soltou a respiração de forma brusca, seus olhos buscando os de Asael imediatamente.

— Desculpe por isso — sussurrou.

— Acontece com frequência? — Asael questionou com dentes cerrados, seus olhos na direção que a súcubo desapareceu.

— Acontecia. Desde que encontrei você se tornou menos frequente. — Raskhan passou a mão pelos cabelos, seu rabo apertando a coxa de Asael. — Fui claro sobre me tocarem.

— Ótimo. — Asael deu um aceno firme.

O ciúme o corroí apor dentro. Porém, o que esperava ao ter um íncubo Imperador como *dí adê*? Fechou os olhos apertados, tentando se acalmar quando sentiu a mão de Raskhan se fechando em sua nuca e o puxando para perto. Sua boca o arrebatou de forma rápida e selvagem, tomando cuidado para aqueles dentes afiados não machucarem Asael.

— Desculpe, *yalin* — falou ao se separar.

— Não foi culpa sua. — Inspirando profundamente, balançou a cabeça. — Vamos resolver logo o problema com sua mãe para sairmos daqui.

— Progenitora. Marym não é minha mãe. — Pontuou ao voltar a caminhar.

A camiseta de Asael colava em suas costas e barriga, seus cabelos úmidos na nuca. Empurrando-os longe do rosto, prendeu com uma tira de couro em um pequeno penteado samurai quando entraram no grande salão oval. Castiçais de ouro brilhavam ao redor, três enormes lustres com velas desciam do teto alto e curvo. Asael olhou a enorme mesa comprida cheia de comida sobre ela, assim como os vinhos.

Casais dançavam ao redor, cochichavam sobre sofás largos e pufes confortáveis. Na cadeira da cabeceira, a maior e de encosto mais alto, uma súcubo de pele chumbo estava sentada, balançando um copo de vinho na ponta dos dedos de garras escuras. Seus cabelos eram do tom suave de loiro, como trigos novos. Suas sobrancelhas e cílios eram da mesma cor. Um vestido negro com cristais estava amarrado em seu pescoço e cobria apenas seus seios. Seu sorriso parecia cruel mesmo do outro lado.

— *Krask age pudrih alar. Drunm Raskhan*[15]*!*

— Corte a bajulação, Marym. Por que enviou diabretes para a casa de Asael? — Raskhan perguntou quando se aproximaram.

Marym se levantou apenas para sentar na ponta da mesa. Suas longas pernas cruzaram, o vestido cobrindo apenas sua genitália. Súcubos, ao contrário de íncubos, não tinham asas. Aquele brilhantes e traiçoeiros olhos vermelhos se fixaram em Asael e, de uma forma perturbadora, lhe pareceu muito semelhante a algo de seu passado.

Olhos de um íncubo que quase o estuprou.

— Então este é o homem que tem mantido meu Primeiro Imperador longe de seu trono? Quão apertado deve ser o seu buraco para ter meu filho tão preso a você, humano?

A risada tilintou pelo salão. Asael não precisou retrucar o que estava na ponta de sua língua. O rugido raivoso de Raskhan silenciou toda a sala, os castiçais tremendo. Marym pareceu imperturbável.

— Não ouse desrespeitar Asael. Você está debaixo do meu teto, Marym. Não abuse da sua sorte.

— Sou sua mãe — disse com o queixo erguido.

— Súcubo vadia e traiçoeira, isso que você é. — Raskhan cruzou os braços, um sorriso frio no rosto. — Asael é meu, estamos ligados pela magia e você vai respeitá-lo. Ou eu mesmo vou ter o prazer de tirar sua pele com uma navalha cega.

Os sussurros começaram, os olhos de Marym arregalados na direção de Asael. O mestiço estufou o peito, não ousando abaixar a cabeça para aquela súcubo intrometida. As narinas de Marym abriram, puxando uma respiração afiada antes de sibilar como uma cobra.

— *Miccã*.

A espinha de Asael ficou ereta, seus ombros tensos. Quando Raskhan falava aquela palavra, não soava como um insulto. *Miccã* era como uma carícia, sua língua se enrolando com apreciação e provocação. Na boca de Marym? Era como algo venenoso pingando como ácido. Ruim.

As asas de Raskhan se abriram, seus punhos fechados ao lado do corpo.

— Não se atreva, Marym.

— Você está se mantendo afastado do trono, brigando com Nmrah por seus parasitas e criando novas regras por causa *disso*? — Marym atirou o copo com vinho contra Raskhan, que desviou sem dificuldade. O vinho respingou na bochecha e pescoço de Asael, escorrendo por sua pele ao mesmo tempo em que o copo estilhaçou no chão. — Você se uniu a um *inútil mestiço*?

— Morda sua língua**maldita**! O que eu disse sobre respeito? — Raskhan rosnou.

O punho de Asael limpou parte do vinho em seu rosto quando as portas duplas do lado oposto do salão se abriram com um estalo, um grupo de demônios caminhando para o lado de dentro sendo liderados por um íncubo quase do tamanho de Raskhan. Seus cabelos loiros estavam presos em um rabo de cavalo alto, alguns fios soltos sobre seu rosto cinzento. Seus dentes pontiagudos brilharam na luz das diversas velas do salão.

— Raskhan! Você mal chega e já está brigando com nossa mãe?

A voz entrou pelos ouvidos de Asael, o paralisando.

Não, não poderia ser...

— Percebo que tem andando muito à vontade na minha casa, Rymsal — Raskhan disse secamente. — Talvez você devesse se lembrar a qual distrito pertence.

Rymsal riu baixinho, o som parecendo como se mil aranhas andassem pelos braços de Asael. O íncubo se aproximou, seu corpo mais magro que o de Raskhan, mas tão construído quanto. Ambos os íncubos eram feitos para a guerra, combate corpo a corpo. A diferença estava no olhar. Enquanto os olhos de Raskhan eram analíticos, pacientes e muitas vezes com uma dose maníaca de violência, os de Rymsal eram cheios de apenas terror e destruição. Fome e sede de sangue.

Rymsal curvou a cabeça, os olhos pegando Asael com curiosidade. A cabeça se inclinou, as mãos indo para trás do corpo quando a língua passou pelo lábio inferior

— Que pequena coisinha apetitosa você tem aí, meu irmão?

— Mantenha seus olhos longe, Rymsal — Raskhan rosnou, seu corpo ficando tenso.

— Hum... Essa pele tão branca manchada de vinho... Você me lembra alguém que parecia ter o pecado pintado no corpo como uma tela.

O medo cavou fundo em Asael, deixando suas pernas trêmulas. Aquela voz... Aquela frase... Sua respiração gaguejou, sua barriga apertando com terror e sua cabeça gritando *"fuja!"* com desespero. Porque, naquele instante, seu passado estava acenando bem diante seus olhos.

20

VINGANÇA TARDIA

Toda aquela ida ao Mundo Inferior significava uma grande bagunça. Raskhan sentia isso nos ossos desde que Asael bateu o pé dizendo que iria junto. Então eles pousaram naquele pequeno projeto de inferno que Raskhan chamava de lar doce lar e teve que ver seu parceiro ter um quase ataque cardí aco ao ver a forma original do í ncubo.

Foi de apertar o coração e sufocar a garganta. A vergonha rastejou na pele de Raskhan. Porém, tudo poderia ter sido evitado com apenas um aviso, algo que ele não fez por estar com medo demais de Asael rejeitá-lo por parecer um monstro de três metros de altura. Ele deveria saber melhor, certo? Asael não o rejeitaria. E o orgasmo espetacular que recebeu para provar isso apenas o deixou querendo puxá-lo de volta para o apartamento e ter um bom sexo suado com seu pequeno mestiço provocador.

Seus planos foram colocados de lado quando o entusiasmo de Asael em conhecer seu mundo foi enorme. Não era de todo bonito, muito menos conservador, mas foi onde cresceu. Onde viveu a maior parte de sua vida como um í ncubo lutando pela sobrevivência e então subindo ao trono como Primeiro Imperador. Não foi um santo antes de conhecer Asael. Pelos deuses amaldiçoados, Raskhan era um í ncubo. Seu passatempo era foder sempre que possí vel.

As coisas haviam mudado. Seus olhos só poderiam ver Asael e seu rosto carrancudo se abrindo em um largo sorriso ao vê-lo. Nos gemidos que soltava ao ser tocado. No corpo flexí vel se retorcendo sobre os lençóis. No cheiro de sândalo e jasmim

misturado ao desejo. Nada era tão interessante quanto ouvir a voz de Asael.

Sangue amaldiçoado, estava terrivelmente apaixonado.

E possessivo.

Seu rosnado saiu baixo e grosso quando o cheiro de medo o envolveu, sua ligação puxando e estremecendo com terror. Aquilo colocou Raskhan em alerta, assim como todos naquela sala, saboreando o medo de uma presa.

Os olhos de Rymsal brilharam e seu sorriso se tornou predador. Uma garra se esticou, colhendo uma gota de vinho da bochecha de Asael para lambê-la em seguida. Com um grito sufocado, Asael enroscou as mãos na cintura de Raskhan, seu corpo colado na coxa do íncubo e parecendo tentar se enterrar debaixo da pele em busca de proteção.

As narinas de Raskhan alargaram com raiva.

— *Yalin*?

— É ele — Asael sussurrou contra a pele de Raskhan. — É ele, Khan. É ele.

Aquilo havia sido como um sinal vermelho sendo agitado na frente dos olhos de Raskhan. Em um piscar, tinha sua mão envolvendo o pescoço de Rymsal e batendo-o contra a mesa enquanto suas asas protegiam Asael dos olhos ao redor. Comida se espalhou pelo chão, os gritos dos outros demônios se misturando ao som de vidro quebrando. Marym cobriu a boca com horror enquanto Rymsal ria e isso deixou Raskhan ainda mais furioso.

— Ora, ora. Parece que seu pequeno humano delicioso tem medo de mim.

— Você tentou abusar dele anos atrás. — Raskhan socou o rosto presunçoso do irmão uma, duas, três vezes antes de bater a cabeça de Rymsal contra a madeira com força. — Maldito seja! Vou rasgar você em pedaços!

— Pare! Você não pode fazer isso contra outro Imperador! Pare, Raskhan! Isso é proibido!

Um rugido saiu de Raskhan antes de deixar um último aperto na garganta de Rymsal e se afastar. A coroa de três pontas brilhava na cabeça de Raskhan, os símbolos que antes estavam apenas nos

ombros, peito e barriga, agora brilhavam por suas bochechas, braços e coxas. Marym ofegou e Rymsal cuspiu sangue.

— Eu o desafio — Raskhan disse.

— Não! — Marym gritou.

Rymsal sorriu.

— Vai me desafiar por causa de uma bunda que eu quase fodi?

A pele de Raskhan ondulou, cristas afiadas surgindo de sua nuca até o rabo e sobre seus ombros. As marcas douradas brilharam com mais intensidade.

— *Bas' zellaha*. — A voz grossa ecoou como um trovão no salão silencioso. O rabo de Raskhan envolveu a cintura de Asael, sua mão enorme pousando sobre os cabelos prateados. — *Dí ade Meu*.

O fio violeta no centro de Raskan vibrou, se alargando e esticando. Os sentimentos de Raskhan ecoaram dentro do mestiço, aquela porta sendo aberta após a declaração do Imperador sobre seu povo. A ligação se estabeleceu mais forte, os unindo ainda mais. Asael soltou um suspiro quando Raskhan ergueu a mão com a palma voltada para fora.

— Eu, Primeiro Imperador Raskhan, responsável pelo Distrito I do Mundo Inferior, declaro meu desafio ao Quinto Imperador Rymsal, Ií der do Distrito V. Você aceita ou se declara exilado por desistência?

Os dentes de Rymsal rangeram, seus punhos se fechando ao lado do corpo enquanto Marym silvava e ficava de pé entre os filhos.

— Vocês não vão fazer essa besteira! Eu os proí bo!

— O fardo de uma progenitora é apenas esse: procriar. Você não possui poder algum, Marym, tente se lembrar do seu lugar. — Raskhan mostrou os dentes em um sorriso cruel. — Ou terei de fazer isso e ambos sabemos o que acontece quando sou eu punindo.

Marym engoliu em seco, dando um passo para trás e abaixando a cabeça. Virou-se para Rymsal e grunhiu ao vê-lo tentando roubar uma olhada em Asael novamente.

— Declare, Rymsal. Aceita o desafio ou desiste?

— Desafio aceito — rosnou entre dentes e cuspiu aos pés de Raskhan. — Finalmente me tornarei o Primeiro Imperador. E, assim que roubar sua coroa, saiba que esse pequeno mestiço vai ter meu pau empalado em sua bunda.

O rosnado de Raskhan retumbou no salão e para as costas de Rymsal que se virou sem dar uma segunda olhada para trás. As mãos de Asael envolveram seu braço e abaixou os olhos para encontrar seu mestiço com olhos aterrorizados e trêmulos.

— Khan... O que...

— Se acalme, *yalin*. — Raskhan passou a mão pelos cabelos prateados e suspirou. — Eu disse que quando encontrasse o í ncubo que o machucou, iria parti-lo em dois.

— Você o desafiou! — Asael balançou a cabeça. — Khan, se você perder a luta... eu... não vou me perdoar por isso.

— Sua falta de fé em mim é perturbadora. Devo ficar ofendido?

Um pequeno sorriso ergue o canto do lábio de Asael.

— É só... Apenas... — Asael suspirou, suas mãos esfregando o rosto antes de caí remao lado do corpo. — Não valho tanto assim para você perder o trono.

— Nunca mais na sua vida diga isso. — Raskhan segurou o rosto de Asael e olhou firmemente em seus olhos. — Me ouviu? Nunca mais diga que não é nada. Você vale a minha vida, Asael. E nunca mais alguém vai tocar em você como Rymsal ousou fazer.

Asael apertou os lábios e assentiu uma vez. Raskhan deixou um beijo suave em sua têmpora e se levantou, lançando um olhar para Drasbian parado nas portas, seu fiel servo sempre pronto.

— Diga para prepararem a arena. Quero tudo pronto em meia hora.

— Como desejar, meu Senhor. — Drasbian fez uma rápida reverência antes de desaparecer novamente.

— Agora, você quer conhecer meu quarto?

Raskhan perguntou com um sorriso e Asael bufou.

— Não vamos ter uma rapidinha, se é isso que você tem em mente.

O í ncubo abriu um sorriso malicioso, seu rabo balançando de um lado ao outro.

— Sequer passou pela minha cabeça.

Asael deveria imaginar, conhecendo Raskhan.

Seu corpo estava esparramado sobre a cama, desossado. O que um íncubo poderia fazer com a boca e as mãos... não havia como nomear. Não poderia imaginar como seria quando, de fato, tivesse Raskhan dentro dele. Raios de prazer ainda passavam por seu corpo, arrancando pequenos suspiros e gemidos da sua garganta arranhada.

O enorme corpo de Raskhan o cobriu, as asas abertas sobre ambos como uma cortina de couro. Asael esticou a mão, seu dedo deslizando pela curvatura e sorrindo ao ver o íncubo estremecer. Sentiu o líquido pegajoso escorrer por sua coxa e se juntar a bagunça sobre o lençol abaixo dele. O polegar de Raskhan circulou sobre o esperma, espalhando por toda a pele pálida e cobrindo com seu cheiro.

— Você está me marcando?

— Pode ter certeza que sim. — Raskhan sorriu, sua grande mão cobrindo a cintura de Asael. — Quero meu cheiro por você todo e não ouse limpar.

— Vou ter que andar pegajoso?

— Vai. E não quero reclamações sobre isso.

Ah, aquele lado mandão de um Imperador. Asael odiava que mandassem nele, que todo seu controle fosse tirado de suas mãos principalmente durante o sexo. Porém, quando Raskhan mandava, Asael não conseguia dizer não. Seu suspiro saiu satisfeito e um pouco sonhador quando uma batida na porta soou antes de ser aberta.

— Meu Senhor, a arena está pronta.

Asael encolheu abaixo do íncubo, amaldiçoando.

— Obrigado, Drasbian. Tenho quanto tempo?

— Cinco minutos, meu Senhor.

— Muito bem. Nos deixe a sós por um momento.

A porta se fechou e Asael levantou os olhos para o rosto sério de Raskhan quando sentiu as garras rasparem seu couro

cabeludo.

— Você fez tudo isso para me fazer esquecer por um momento, não é?

— Não poderia deixá-lo andando de um lado para o outro, preocupado. — Raskhan se inclinou, depositando um beijo suave no ombro nu de Asael. — Preciso que me prometa uma coisa, *yalin*.

— Não me peça isso. — Asael balançou a cabeça, seus dedos se curvando nos fios negros do cabelo de Raskhan. — Sempre que me pede isso, significa que algo pode dar errado. Nada pode dar errado, Khan.

O sorriso do í ncubo era triste.

— É uma luta, *yalin*. Sempre pode dar algo errado.

Asael balançou a cabeça em negativa.

— Não.

— Se eu morrer na arena...

— *Não*.

— ...me prometa que vai abrir um portal para seu apartamento e voltar para lá sem olhar para trás.

Sua cabeça balançava, seus olhos fechados e lábios comprimidos. Não ia prometer aquilo*. Não podia*.

— Asael Chevalier, prometa.

— Você vai voltar para mim. Não preciso prometer nada além de esperar por você vivo.

— *Kas'da miccã* — Raskhan murmurou. — O que não faço por você?

— Não morra. — Cutucou o peito maciço e apoiou a palma sobre o coração batendo forte. — Por favor, não morra.

Raskhan não o respondeu. Ao invés disso, puxou-o para um beijo cheio de medo, frustração e paixão. Outra batida soou, anunciando que o tempo deles havia acabado. Por agora.

Asael se levantou e vestiu suas roupas enquanto Raskhan apenas colocava sua ombreira gladiadora esquerda com camadas de couro e amarrava as tiras sobre o peito e costelas. Pulseiras de couro iam do pulso até perto dos cotovelos e um cinturão com um pano vermelho cobria sua frente. Asael cruzou os braços parado ao lado da porta quando Raskhan pegou o escudo dourado que estava pendurado na parede oposta.

Marcas de garras e sangue seco decoravam a peça, demonstrando as batalhas vencidas por Raskhan. Uma pontada de orgulho guerreou com o medo no peito de Asael. Drasbian esperava na porta e Raskhan estalou o pescoço ao apontar o corredor oposto.

— Leve Asael com segurança para minha varanda.

— Sua varanda? — Asael franziu as sobrancelhas. — Não vou assistir? Você não pode...

— Minha varanda é onde fica meu trono. — Raskhan o cortou com um sorriso. — É privado. Nenhum outro ínculo vai se atrever a entrar lá para importuná-lo enquanto estou na arena. Mesmo que quisesse proibi-lo de me ver lutando, sei que daria um jeito de estar lá.

— É bom que você sabe disso — resmungou ao cruzar os braços.

Não fugiu de Asael o sorriso pequeno no rosto de Drasbian.

— Sim, eu sei. Agora, vá para lá e fique seguro. E, em hipótese alguma, *yalin*, se atreva a entrar naquela arena, me ouviu? — O semblante de Raskhan escureceu. — Seria um insulto para mim, me tornando fraco. Então, mesmo que eu esteja caído, não se atreva. Drasbian pode segurá-lo amarrado se perceber que está prestes a saltar lá. Me entendeu?

— Sim. Isso posso prometer a você.

— Ótimo. Me deseje sorte agora.

— Você não precisa. — Asael sorriu com arrogância e piscou. — Primeiro Imperador com uma ligação cósmica comigo, se lembra?

Acenou para a risada baixa de Raskhan e seguiu Drasbian pelo corredor. Agora que estavam longe, seu coração martelava em sua garganta, a apreensão levando o melhor sobre seus nervos. Subiram alguns lances de escadas e seguiram por um corredor mais escuro, a pedra lisa das paredes de cor preta com raios suaves de vermelho. Portas de madeira ao longo da parede direita revelavam sacadas iluminadas por castiçais dourados ao lado de sofás ocupados.

Em uma das portas entreabertas, Asael parou ao ouvir duas pessoas conversando sobre o som de gritos e uivos da plateia

abaixo, seu nome rolando com desprezo por uma lí ngua que lhe parecia familiar. Suave, cheia de rancor e desprezo.

— Pelo menos seu ataque funcionou? Eu recebi uma maldita lança no peito enquanto distraí a Raskhan para que você pudesse testar o maldito.

— Foi bastante revelador. Tentei pegá-lo novamente após sequestrar um de seus amigos, mas não obtive sucesso já que você foi um inútil em manter seu Imperador por aqui.

A voz grossa zombou.

— Quem poderia imaginar que o Imperador está tão conectado àquele mestiço? Corações roubados não são do interesse dos í ncubos. — A voz grossa parecia irritada.

— Culpa sua que não controla seus parasitas. Se aquele verme não tivesse usado a força de Orkahn, teria sido um í ncubo qualquer que teria sido invocado.

— Não tenho culpa se todos os demônios sonham em foder o Imperador. Seja na cama ou em uma arena.

— Depois de todo o trabalho que tivemos criando todas aquelas iscas, roubando corações inúteis, tudo para o maldito sair de sua toca. E ele é liso como sabão.

— Hm. Essa luta veio em boa hora, então. — A voz grossa parecia ansiosa.

— Rymsal teve a coragem que você não possui, Nmrah. — A risada suave soou provocativa e zombeteira antes de voltar a ficar séria. — Acha que Raskhan vai perder?

— Não tem como saber. Rymsal é poderoso sendo da mesma linhagem de Raskhan, mas em uma luta na arena tudo pode acontecer. Não existem leis lá dentro.

Essa sentença rastejou na pele de Asael como um mau agouro. Nem mesmo a sobrancelha arqueada de Drasbian o fez parar de ouvir descaradamente a conversa e sair de trás da porta. Um í ncubo de pele cinza escura tinha os braços cruzados e olhava para alguém mais baixo com um grande capuz marrom sobre a cabeça. O cheiro de pasta de amendoim se misturava ao cheiro de bebida forte.

— Se Raskhan cair, certifique-se de ter o mestiço em mãos. Não se esqueça do nosso acordo, Nmrah. Se você cumprir sua

parte, Orkhan fará a dele.

— Seu Orkahn terá o mestiço e o trono do Distrito I será meu. Não se preocupe com isso — Nmrah resmungou.

— Veremos.

A pessoa desapareceu como fumaça e o íncubo caiu sentado sobre seu trono. Asael deu um passo para trás, seus dentes moendo com raiva. Poderia entrar naquela sala e ter aquele íncubo traiçoeiro lambendo a poeira do chão em questão de segundos. Porém, esse era o mundo de Raskhan. Teria de falar com seu companheiro primeiro antes de lidar com o problema com suas próprias mãos.

Virando para Drasbian, falou com dentes cerrados.

— A varanda de Raskhan?

Drasbian lançou um olhar para a sala e então para Asael antes de caminhar para a última porta fechada. Apontou com a mão, a palma voltada para cima, e fechou a porta em suas costas assim que Asael havia passado. A primeira coisa que viu foi a multidão rugindo em expectativa. Então, a visão central da sala ocupou toda sua atenção.

O trono de Raskhan era enorme. De mármore preto polido e almofadas macias também pretas, erguia-se sobre um nível acima do chão vermelho. Asael apoiou as mãos no guarda corpo e olhou para baixo, tendo vertigens ao ver o quão alto era. A visão da arena era central, mesmo sendo a última sala do corredor. As esferas brilhavam naquele céu escuro e sem estrelas, tochas acesas ao redor de todo o lugar iluminando pouco o chão de areia clara.

— Foi sábio o que fez minutos atrás.

Asael se virou e viu Drasbian parado ao lado da cortina vermelha com franja dourada. Seus olhos estavam na arena, mas Asael sabia que sua atenção estava toda sobre o mestiço.

— E o que foi que fiz?

— Se afastar. — Drasbian o olhou e Asael viu quão velho aqueles olhos eram. — Meu Senhor já está em uma luta por você na arena. Não seria sábio começar outra quando o Imperador nem mesmo venceu a primeira.

— Aquilo lá atrás não é uma batalha. É uma guerra. — Asael apertou a mão em punho. — Uma que em breve irá acabar. Para

sempre.

Drasbian o olhou, avaliando-o. Algo passou voando perto do rosto de Asael, que deu um passo para o lado no último segundo e escutou quando quebrou na parede atrás.

— Mas quem no inferno...?

— Sua culpa, rato mestiço! Juro que se meu Rymsal morrer, sua cabeça estará pendurada em um mastro! — Marym exclamou.

Uma corneta retumbou pela arena, silenciando cada grito e uivo dos demônios. Uma porta de cada lado se abriu e Raskhan apareceu por uma delas, assim como Rymsal. Asael cerrou os olhos para a súcubo abaixo. Marym silvava em ameaça quando a corneta tocou novamente. Ambos os í ncubos na arena se prepararam. Asael segurou a respiração. Uma bandeira caiu no centro e os demônios gritaram quando os Imperadores avançaram.

A luta era brutal.

Asael não conseguia olhar, mas ao mesmo tempo não permitia seus olhos desviarem. Como Nmrah havia dito, não havia leis naquela arena. Garras arranhavam, dentes mordiam, golpes baixos eram dados. Porém, aquele era o território de Raskhan. Seu companheiro desviava como se estivesse dançando, acertando Rymsal em pontos estratégicos para deixá-lo machucado.

O escudo se perdeu em algum momento, cravado na parede lateral da arena. Suas bocas se moviam, como se jogassem insultos de um para o outro. Rymsal rosnou, palavras rolando de sua boca quando a raiva encheu Asael de súbito, afogando-o. Na arena, Raskhan soltou um rugido furioso e suas marcas brilharam mais uma vez quando avançou sobre Rymsal como um tsunami. Era perceptí vel que no começo estava apenas se segurando, dando uma chance de Rymsal se arrepender e retroceder.

Agora não havia mais volta.

Raskhan agarrou Rymsal antes que conseguisse escapar voando e sangue espirrou pela arena, as asas de Rymsal sendo transformadas em tiras de couro inúteis.

Não havia misericórdia.

O grito de Rymsal se misturava aos uivos dos demônios e ao som dos pés batendo contra o chão. O peito de Rymsal subia e descia com dificuldade, sangue manchando seu corpo quase por

inteiro. Raskhan pairou acima dele, pisando sobre o estômago do outro. Uma porta bateu contra a parede ao ser aberta com brusquidão e Marym surgiu correndo pela arena com olhos aterrorizados. Seu corpo se jogou sobre o de Rymsal, protegendo-o.

— Você não vai matar meu filho! — sua voz ecoou pela arena.

Os demônios murmuravam, agitados. Raskhan abriu um sorriso predatório com seus dentes afiados, o sangue de Rymsal respingado em suas bochechas.

— Saia da frente, Marym.

— Não vou deixar você matar seu irmão por causa de um *mestiço*.

O rugido que saiu de Raskhan pareceu tremer as paredes ao redor da arena. As asas se abriram em sua total envergadura, o peito se expandindo e as garras alongando. Asael observou, extasiado, como Raskhan parecia ainda maior. Seu corpo emanava puro poder. Os demônios ao redor começaram a cair sobre seus joelhos, as cabeças pendendo de seus pescoços em total submissão.

O silêncio reinou.

O rosto de Raskhan estava desfigurado em sua forma de íncubo. Linhas duras nas bochechas, maxilar alongado e olhos completamente vermelhos com apenas uma linha fina de pupila cortando o meio. Desumano. Lindo de uma forma perigosa. Os símbolos brilhavam dourados em sua pele cinza, os cabelos longos trançados parecendo flutuar em um vento que não existia. O poder rachou o chão e Asael viu os olhos de Marym arregalarem.

— Você *ousa* interromper minha luta. Insulta a força de seu filho na frente de todos, um Imperador do distrito cinco, e insulta meu companheiro. Você *menospreza* a ligação. — O sorriso no rosto de Raskhan gelou os ossos de Asael. Parecia mais animal que humano. Um verdadeiro demônio. — Estou muito propenso a pendurar sua cabeça sobre a entrada do palácio como exemplo.

— Eu...

Raskhan se moveu rápido demais. Em um borrão, Asael piscou e então o íncubo estava segurando Marym pelo pescoço,

suas garras cavando a pele da súcubo e a levantando no ar sem esforço.

— Raskhan... — ofegou, suas unhas arranhando a pulseira do braço do seu captor.

— Sua luta é comigo. — Rymsal cuspiu sangue no chão da arena, seus olhos furiosos. — Esqueça Marym. Termine nossa batalha.

— Suas palavras não vão fazer com que as atitudes de Marym desapareçam — disse sem tirar os olhos da súcubo ainda em suas garras. — Você cavou sua cova rasa. Agora deite nela.

Com um movimento fluí do,a cabeça de Marym caiu sobre o chão da arena e quicou, seu corpo batendo como um saco sobre o chão. O ruí dode suspiro de assombro ecoou e Asael não conseguia piscar. Raskhan havia matado sua mãe sem nem mesmo aparentar remorso.

O grito de dor de Rymsal parecia cortá-lo ao meio enquanto Raskhan apenas o olhava de cima, sangue escorrendo de seus dedos e pingando na areia fina.

— Dei duas opções para você, Rymsal. Morra aqui e agora, ou se torne um exilado.

Rymsal virou o rosto, seus olhos ardendo de ódio.

— Nunca serei um exilado! Minha honra morrerá comigo!

— Como desejar.

Com um movimento da mão, as garras cortaram a garganta de Rymsal e sangue jorrou da ferida. Com a outra mão, Raskhan perfurou o peito e tirou o coração, o órgão ainda batendo entre as garras antes de ser atirado ao lado do corpo inerte de seu irmão.

— Você nunca teve honra, Rym.

Os bochichos começaram como um zumbido de colmeia, aumentando para gritos ensurdecedores. Demônios batiam os punhos contra as laterais e Asael teve de cobrir os ouvidos para tentar encobrir o barulho infernal. Com um impulso, Raskhan saiu da arena e voou suavemente até a beirada onde Asael estava, suas mãos viradas para baixo em um claro sinal de silêncio. Os demônios se acalmaram e a voz de Raskhan vibrou nas paredes.

— A partir de agora o quinto distrito será governado pelo irmão mais novo de Rymsal. Tan’lac será o novo governante até o

próximo í ncubo o desafiar. Tenham essa luta como um aviso: nenhum í ncuboou súcubo irá usar sedução contra alguém que não quer ser seduzido. Se eu souber de algo assim, a sentença será a morte. — Sua voz era como um trovão furioso sobre as cabeças dos demônios. — Voltem para suas casas, seus contratos e seus afazeres. O combate de hoje acabou.

O zumbido retornou, um coro de vozes ecoando o nome de Raskhan pela arena como uma prece. Asael olhou para o í ncubo, sua pele cinzenta coberta de suor, areia e sangue, tanto de suas feridas quanto daqueles que matou. Aqueles olhos vermelhos viraram para ele e Asael viu dor, medo e tristeza. Sentimentos encobertos com maestria quando estava no centro de todo aquele furacão.

— *Yalin*, eu...

— Vamos para casa.

Raskhan assentiu, seus ombros caindo suavemente. Asael precisava de um tempo daquele mundo e seu apartamento era o lugar ideal para a conversa que precisava ter com seu companheiro.

21

BAS' YALIN

Quando Asael entrou no apartamento, sentiu seu corpo pesado e um pouco torpe de imediato. Sua cabeça girou e seu peito se comprimiu como se estivesse dentro de uma caixa por tempo demais. Asael inspirou profundamente, goles e mais goles de ar até seus pulmões reclamarem, para só então soltar em uma longa e única expiração.

Raskhan caiu sentado sobre o sofá, suas mãos segurando sua cabeça enquanto gemia baixinho. Seu corpo era humano novamente, toda aquela pele caramelo exposta e brilhando com suor, sangue seco espirrado em seu peito liso.

— Sangue amaldiçoado. Por que seu portal é tão violento, *dætae*?

Apoiando as mãos na cintura, Asael observou Akuma pulando da estante e indo direto para Raskhan, passando pelas canelas e miando as boas-vindas. O í ncubo havia retirado sua pouca armadura depois da luta, pouco antes de Asael o arrastar pelo portal direto para seu mundo e muito longe de todos aqueles demônios rugindo como loucos.

Balançando a cabeça, ergueu os olhos para o teto.

— É um corte no tempo-espaço.

— O quê?

Esfregando a nuca, Asael tirou suas botas com a ponta do pé e as empurrou abaixo de sua mesinha. Akuma havia subido no encosto do sofá, seus olhos amarelos fitando a nuca de Raskhan com atenção.

— Um corte na linha do tempo. — Puxou suas meias fora e enterrou os dedos dos pés em seu tapete felpudo. — Seu portal é uma abertura, uma porta destrancada. Sua passagem é um salto de um lado para o outro, como entrar em um cômodo. Já o meu é como rasgar o tempo. Eu posso abrir em qualquer linha temporal que quiser. Quando meu portal se abre, o tempo se torna suspenso até que o atravesse, o que faz com que pareça estar sendo comprimido.

— Por isso seu terror com espaços pequenos? — Raskhan perguntou e Asael assentiu brevemente. — Espere. Está me dizendo que controla o tempo?

Asael suspirou, sua cabeça doendo.

— Sou o Cosmos, Khan. Posso acelerar ou parar os minutos, tenho acesso a ele quando quero. Posso visitar o passado, o futuro. Posso mudar acontecimentos, interferir em nascimentos ou em mortes. — Asael ergueu um dedo quando Raskhan abriu a boca para falar e balançou a cabeça. — Annasias foi muito especí ficoque não se deve mexer com a linha temporal ou tentar ver o futuro. Muito menos se envolver com o passado. Pois é isso o que é: passado. Se foi. Não deve ser tocado.

Raskhan assentiu devagar. Asael se afundou em sua poltrona, seus dedos pressionando os olhos doloridos. O sol estava se pondo na janela e não sabia dizer se era o mesmo dia ou se já haviam se passado alguns. Sair do Mundo Inferior era como se estivesse nadando por muito tempo na lama antes de conseguir sair na borda.

Rolou os ombros ao se levantar e caminhou para o quarto com passos pesados. Precisava de um tempo, precisava conseguir pensar. Agora que a luta já havia passado, sentia suas emoções uma enorme bagunça. O medo de perder Raskhan no duelo, a raiva por Nmrah estar conspirando com o feiticeiro, a volta de Orkahn estar tirando a esperança de um futuro com o í ncubo.

Poderia ser egoí sta mais uma vez? Balançou a cabeça ao tirar suas roupas e abrir o registro do chuveiro. A água fluiu, caindo como uma cascata quente sobre sua cabeça. Milênios se passaram e, mesmo que não se lembre de suas vidas passadas, o sentimento de culpa ainda o permeava. O espí rito de Cosmos carregava uma

carga pesada sobre os ombros e a cada dia que passava Asael se sentia mais e mais doente com isso.

Deveria colocar um fim nisso.

Porém, como conseguiria deixar Raskhan para trás? O conhecia há menos de um mês, mas sentia como se tivessem passado toda sua vida juntos. A cena da arena ecoava em sua cabeça como um filme de terror. O medo se agarrando a Asael e o alí vioo inundando quando finalmente Raskhan havia saí doileso de tudo aquilo.

Mãos grandes apertaram seus ombros e Asael mordeu o lábio inferior trêmulo. Estava chorando e sequer havia percebido. Passando a mão pelo cabelo, Asael segurou um soluço na garganta quando os lábios de Raskhan se apertaram contra sua nuca.

Virando-se, enterrou o rosto no peito do í ncubo e braços fortes o cercaram apertado. Virando Asael, Raskhan deixou suas costas sobre o jato, protegendo o mestiço da água.

— Está tudo bem, *yalin* — murmurou contra os cabelos de Asael.

— Você poderia ter morrido. — Asael apertou os olhos fechados e espalmou as mãos nas costas largas de Raskhan. — Morrido por mim.

— Faria qualquer coisa por você, Asael. — A mão de Raskhan apertou a nuca do mestiço, sua boca deixando um beijo na ponta da sua orelha. — Essa luta não foi nada se comparada à todas as outras. Passei pela vida no mundo inferior como um garoto que sobreviveu por sorte, *dætae*. Degolar outros demônios foi a única forma de sobrevivência naquele inferno. Usei os corpos como escadas. Abri meu caminho no meio de sangue, intrigas e com as mãos nuas. Lutaria mil vezes se fosse preciso se isso significasse você estar vivo.

Asael balançou a cabeça, seus lábios comprimidos. O mártir daquela história não era Raskhan. Era ele. Cosmos que deveria se sacrificar para acabar de vez com Orkahn. Limpar a terra de sua persuasão e ví cios diabólicos.

— Não poderia ter iniciado aquela luta com Rymsal por minha causa. Você matou sua mãe por causa disso.

— Marym era minha *progenitora*, quantas vezes preciso dizer isso para que entenda? E ela me insultou ao parar a luta para salvar Rymsal. Não havia outro final para ela depois daquilo.

Asael se afastou e esfregou o rosto com cansaço.

— Você não pode sair matando as pessoas como se a batalha fosse sua! Rymsal era *meu* abusador. Era *eu* quem deveria matá-lo! Raskhan, você não pode lutar minhas batalhas por mim!

— Então esse é o problema? — Os olhos frios de Raskhan pareciam como duas esferas de gelo. A água caí asobre os ombros do íncubo, escorrendo pelo peito e mais abaixo. — Asael, a partir do momento que coloquei meus olhos sobre você, todos os seus problemas se tornaram meus. Acostume-se com isso.

Asael abriu a boca para reclamar quando a mão de Raskhan envolveu sua cintura e o puxou novamente, seus corpos se chocando abaixo da água. A outra mão do íncubo segurou a garganta de Asael, mantendo a cabeça erguida para olhar em seus olhos.

— Rymsal estava ultrapassando os limites há muito tempo. Sua arrogância e insolência estavam me dando nos nervos. Saber que era ele a pessoa que o machucou, que quase o levou contra sua vontade, apenas foi a gota d'água que transbordou o pote. — Raskhan cerrou os olhos quando a respiração de Asael se tornou ofegante, sua mão deslizando pelas costas até a curva da bunda do mestiço e apertando. — Você é tudo o que me importa nessa vida e ninguém vai insultar ou machucar você, *bas' zellaha*. Ninguém, ouviu bem? E se eu tiver que morrer por isso, não me importo.

— Mas eu me importo, seu íncuboburro! — Asael exclamou, suas mãos agarrando o rosto de Raskhan. — Eu me importo! Não posso viver sem você. Não posso!

— O mesmo aqui — Raskhan rosnou, puxando Asael para cima até ter as pernas do mestiço enroladas em sua cintura. — Então procure outra solução para o problema com Orkahn, porque não vou perder você por causa dele.

O peito de Asael se apertou com aquelas palavras, novas lágrimas rolando por suas bochechas quando puxou Raskhan para um beijo. Suas línguas se enroscaram, seus dedos se enterrando nos cabelos do íncubo e ofegando ao sentir aquelas mãos grandes

segurando sua bunda. Suas costas bateram contra o azulejo frio e estremeceu com o choque de temperatura.

O beijo beirava a violência, os dedos de Asael apertando e puxando os cabelos e ombros de Raskhan, seu quadril subindo e descendo para se esfregar na parte baixa do abdômen do íncubo. Sentiu a sedução escapando do controle de Raskhan e o tocando, a marca repelindo suavemente. Com apenas um leve pensamento, seu poder ondulou ao redor da runa em sua costela, modificando o feitiço inicial e o dobrando para que a sedução de Raskhan funcionasse sobre ele.

Os olhos de Asael se abriram, sua respiração ficando presa na garganta. Suas pernas apertaram com mais força a cintura de Raskhan, arrancando um grunhido do fundo de sua garganta. Olhos azuis observaram Asael com curiosidade enquanto o mestiço ofegava conforme a sedução o envolvia.

— Isso... Filho da puta... — Asael lambeu os lábios, seus olhos ficando encapuzados. — Khan, isso é...

A pele de Asael brilhou suavemente, sua cabeça caindo contra a parede ao inspirar profundamente. Aquilo era surreal. Podia sentir Raskhan em cada ponto da sua pele e o prazer se construindo em sua espinha.

— *Dætae*? — A runa na costela de Asael brilhou de uma forma diferente e Raskhan baixou os olhos para ela. — A sedução está machucando você? Seu feitiço...

— Não. Eu... eu a modifiquei. Apenas você pode me afetar. Sua sedução... — Asael gemeu, sua mão deslizando pelo peito de Raskhan e passando o polegar sobre o mamilo escuro. — Porra, Khan, isso é bom.

Entendimento caiu sobre Raskhan, fazendo-o rosnar baixinho. Sua língua passou pelo lábio inferior de Asael, provando seu gosto antes de beijá-lo completamente novamente. A cabeça de Asael girou, sua pele se arrepiando, seu corpo pressionando contra o de Raskhan em busca de mais. Precisava de mais contato, mais beijos, mais toques, *mais*.

— Cama — falou contra a boca de Raskhan.

Tateando, o íncubofechou o chuveiro e tropeçaram para fora do banheiro. Pele escorregadia e molhada, Asael segurou aqueles

ombros largos quando a boca de Raskhan deixou beijos quentes ao longo do seu pescoço.

— Você disse... — Asael engasgou. — Disse que poderia fazer o que eu quisesse. Você prometeu.

— Qualquer coisa que quiser — Raskhan murmurou contra a pele pálida, concentrada em morder e beliscar. — Sou completamente seu, *bas' yalin*.

— Então, eu preciso de cordas.

Raskhan se afastou apenas o suficiente para olhar nos olhos de Asael com um sorriso malicioso.

— Cordas, hein?

— Vou amarrar você naquela cama. — Asael sorriu lentamente e predatório ao ver o vermelho lutando com o azul nos olhos de Raskhan. — E vou deixá-lo louco de prazer.

Asael gritou com surpresa ao ser jogado sobre o colchão e então Raskhan desapareceu por breves segundos antes de ouvir o som da porta da frente bater e o í ncubo entrar no quarto marchando.

— Merda de proteção que não me deixa entrar sem ser pela porta da frente — disse segurando uma corda grossa em uma mão.

Jogando sobre o colo do mestiço, Raskhan se arrastou pela cama e deitou de costas, pulsos erguidos contra a cabeceira de ferro. Apenas aquela visão teve Asael salivando. Todo aquele corpo construí do de pele caramelo e estendido sobre seus lençóis brancos, ainda molhado pelo banho. Queria lamber cada parte, ouvir os gemidos do homem e deslizar as mãos pelos músculos duros. Lentamente, montou sobre o peito de Raskhan e estremeceu com a respiração batendo sobre a ponta de seu pau.

— Um pouco mais perto, *yalin*.

— Hm, acho que não.

Asael sorriu quando Raskhan grunhiu e se apressou em amarrar as mãos juntas antes que o demônio resolvesse usá-las. Assim que conseguiu tê-las unidas e bem presas, Asael olhou para baixo, os olhos claros de Raskhan entrecerrados, o vermelho indo e voltando.

— Está machucando?

— Não.

Seus dedos escorregaram pelas cordas prendendo os pulsos do íncubo na cabeceira da cama e então pelos antebraços tensionados. Sentiu os contornos dos músculos e pousou sobre o peito liso, sentindo o coração bater contra sua palma. Montado sobre a barriga de Raskhan, Asael sorriu quando aqueles lábios bonitos torceram e revelaram dentes pontiagudos.

Passou a mão pelo maxilar forte, o polegar deslizando entre os lábios de Raskhan e erguendo o superior para visualizar melhor. Os olhos azuis faiscaram em vermelho quando a almofada do dedo de Asael tocou o canino e deslizou até a ponta. Um grunhido retumbou pelo peito do íncubo quando a pele caramelo tomou o tom levemente cinza e a marca dourada brilhou abaixo dos olhos e bochechas, assim como nos ombros e clavículas.

Runas intrincadas o marcando como Primeiro Imperador.

— *Yalin*...

— Sim?

Raskhan rosnou, o que fez Asael sorrir um pouco mais. Gostava de ver o íncubo perder o controle. A aparência elegante e humana dando lugar ao íncubo sedutor. Não que Raskhan não conseguisse se parecer com um demônio tentador em sua forma humana, mas quando as máscaras caíam, Asael adorava. Saber que apenas com um toque poderia fazer toda aquela pele tremer.

— Não abuse, *dætae* — disse, seus pulsos puxando a corda com força.

Asael dedilhou uma veia saltando perto do cotovelo e então apoiou ambas as mãos sobre o estômago plano.

— Você disse que eu poderia fazer o que quisesse.

— Não me faça arrepender...

As palavras cortaram ao meio quando Asael se inclinou para trás e esfregou a mão sobre o pau duro de Raskhan. Viu o íncubo jogar a cabeça para trás e seu corpo subiu em busca de mais atrito. Inclinando, inalou profundamente o cheiro de Raskhan, sua língua saindo para lamber a lateral do pescoço forte.

Deslizando o corpo para baixo, Asael montou as coxas grossas de Raskhan e passou os dedos pelo osso do quadril fazendo um gemido profundo soar no quarto como um trovão. O

polegar de Asael deslizou levemente pela lateral do pau de Raskhan até a ponta, arrancando maldições na lí ngua demoní aca.

— *I altak dsanah micca*[16]...

— Gosto quando fala frases demoní acas.— Asael se curvou e esticou a lí ngua, lambendo a gota perolada e seus olhos nublaram ao ver toda a pele de Raskhan vibrar. — Soa rouco, gutural e tão profano...

— Asael...

A sedução o envolveu e arrepiou sua espinha. Seus olhos pegaram o momento em que a pele esticada umedeceu e pareceu pegajosa. A ponta esponjosa e escura parecia coberta com algum lí quido transparente.

— O que é isso? — Asael perguntou, dois dedos deslizando pela pele molhada do pau do í ncubo.

Raskhan grunhiu, sua cabeça levantando para ver o que Asael estava fazendo.

— Isso... lubrificante natural. Os í ncubos... — Raskhan gemeu quando a mão de Asael o envolveu e deslizou para baixo e então de volta para cima. — Os í ncubos lubrificam naturalmente para tornar mais fácil a penetração.

— Apenas o pênis?

— Anal também.

Asael soltou um gemido ao imaginar se afundando naquele corpo poderoso com estocadas lentas e firmes. Entretanto, precisava do í ncubodentro dele agora. Duro e intenso. Precisava de um pouco de dor, nada suave e lento. Raskhan inspirou o cheiro de desejo vindo do mestiço, tão forte que o deixou zonzo. Seu pau pulsou naqueles dedos longos e finos, chamando a atenção de Asael novamente.

Sem tirar os olhos do rosto de Raskhan, Asael levou a ponta em sua boca e sugou apenas o suficiente para fazer o í ncubo grunhir e forçar os braços contra suas restrições. Massageou as coxas largas e riu baixinho quando viu o rabo de Raskhan espreitando e então se enrolando em sua perna e o puxando aberto.

— Impaciente?

— Pare de provocar — Raskhan disse entre os dentes.

— Como meu senhor desejar — Asael ronronou.

Pegou o pau de Raskhan, deslizando os dedos ao redor em uma carí ciaque estava fazendo o í ncubomostrar os dentes e seus olhos brilhavam vermelhos. Os chifres surgiram, enrolando-se para trás de sua cabeça, seus cabelos cresceram até bater um pouco abaixo dos ombros.

Asael adorava ver aquela mudança.

Desenhando um cí rculo lento com a lí ngua ao redor da cabeça do pau, viu Raskhan separar os lábios e ofegar. O gosto do í ncubo contra sua lí ngua era salgado e lembrava algo cí trico, gostoso e viciante. Suas mãos envolveram a base em um aperto sutil enquanto sua boca o engolia, desesperado por mais. O quadril de Raskhan subia e descia, tentando acompanhar a cabeça de Asael se movendo.

O poder do mestiço se desenrolou junto com a sedução, dedos invisí veis tocando Raskhan em toda parte.

Acariciando seus mamilos, roçando sua barriga, tocando suas costas, deslizando pelas nádegas e entre elas, pressionando contra aquele buraco liso e sedento por atenção. Seus pulsos se retorcem ao redor da corda, seus olhos vermelhos com pupilas finas quando a voz retumbou com desespero naquele quarto.

— Maldito seja... *Yalin*... Não me faça gozar ainda...

Asael o soltou com um *pop* molhado e lambeu os lábios inchados. Subindo sobre o quadril estreito, apoiou uma das mãos sobre o peito construí doe se agachou devagar, usando a outra para posicionar o pau largo no lugar certo. A cabeça esponjosa rompeu os músculos apertados do perí neoe seus dentes se afundando no lábio inferior com a picada de dor. Centí metropor centí metro,Asael afundou, o rabo de Raskhan segurando firme ao redor de sua coxa.

Quando sua bunda bateu no final, seu corpo tremeu e uma exclamação escapou de sua boca. Os braços de Raskhan tensionaram, os músculos inchando. As longas garras negras se alongaram e partiram a corda, o libertando de sua restrição. As mãos grandes envolveram a cintura de Asael, as garras picando a pele e enviando um arrepio por sua espinha.

— Confortável, *dætae*?

Apenas um grunhido passou por seus lábios. As sensações eram muitas para conseguir se lembrar de como fazer funcionar sua

lí ngua.Suas mãos subiram para os ombros de Raskhan e então seu pescoço e rosto. Encostou sua testa à dele e respirou, se inundando do cheiro que era o í ncubo.

— Confortável demais. Me faça lembrar de você amanhã, Khan.

O vermelhou queimou nas í ris de Raskhan.

— Você vai me implorar para parar.

Asael esperava exatamente por aquilo.

Seu beijo foi profundo, punindo, e então Asael puxou a cabeça para trás quando Raskhan os virou na cama sem se desconectar e se viu deitado sobre suas costas. Ofegou quando viu as asas se desdobrando e esticando quando a mão de Raskhan cercou a garganta de Asael e deu a primeira estocada. Se era duro o que Asael queria, então era isso que estava ganhando. Cada punhalada era mais forte que a anterior, fazendo com que Asael segurasse os antebraços do í ncubo com dedos quase brancos.

Seu gritos aumentaram, a sedução do í ncubose enroscando em seus nervos e acariciando suas bolas. Asael foi levado até a borda, uma mão grande prendendo seu quadril e as garras picando sua pele quase arrancando sangue a cada estocada profunda. Luz piscou atrás de suas pálpebras fechadas, a dor e prazer se confundindo, arrancando gemidos de ambos em respirações trêmulas e suspensas.

— Deuses... deuses malditos... — Raskhan disse entre um gemido e outro, sua voz oscilando pelo êxtase pleno. — *Dætae*... *Bas' yalin*... *Sian bas' zellaha*[17]*!*

O corpo de Asael estremeceu, sua mão envolvendo seu próprio pau e dando rápidas e fortes batidas, acompanhando o movimento de Raskhan contra ele. O í ncubo se curvou, sua mão erguendo a perna de Asael sobre o ombro e deixando-o mais aberto e de fácil acesso. O novo ângulo deixou o pau de Raskhan batendo sobre a próstata de Asael, arrancando gritos curtos e altos.

— *T ha gràdh agam* — Raskhan respirou sobre os lábios de Asael, seus olhos prendendo os do outro quando sua mão soltou a garganta para segurar a lateral do rosto do mestiço. — Eu amo você.

— Eu... — Asael ofegou, sua mão deslizando pelo braço e então o peito do íncubo onde ficava o coração. — Eu também amo você.

O sorriso de Raskhan cresceu, sua mão ainda embalando a lateral do rosto de Asael enquanto a outra deslizava da coxa para cobrir a do mestiço em seu pau. A combinação das estocadas firmes em sua bunda, da mão de Raskhan apertando a sua e o masturbando duro, dos lábios deixando beijos em seu maxilar e pescoço, tudo conspirava para levá-lo a perder todo o controle que ainda restava.

A sedução de Raskhan ficou mais forte quando gemeu baixo e longo, seu quadril errando as batidas. Asael sentia como se eletricidade corresse por sua pele, arrepiando seus pelos e queimando seus nervos. Nunca havia ficado tão excitado, tão perdido no delírio do prazer como estava agora.

— Goze, Asael.

Sua boca se abriu, o grito preso em sua garganta. Seu corpo se esticou e apertou, sua espinha se arrepiou e tremores tomaram conta, arqueando suas costas. O orgasmo deixou pontos de luz em seus olhos e formigamentos em sua pele, fazendo Raskhan o seguir em seu êxtase.

Uma, duas, três estocadas e um longo gemido gutural, Raskhan inundou o interior de Asael ao gozar. O brilho prateado e violeta piscou, banhando o quarto escuro com a luz suave. Raskhan estremeceu ao sair de dentro de Asael e caiu de lado, ambos gastos e satisfeitos. Raskhan o cercou com os braços, puxando-o sobre seu peito e Asael fez uma careta ao sentir o sêmen pegajoso em sua barriga e escorrendo de sua bunda.

Envolvendo a nuca de Asael com a mão, o íncubo o trouxe para um beijo lento e apaixonado, ambos ainda sem fôlego e corados do orgasmo. As pontas dos dedos de Raskhan desciam e subiam pela coluna de Asael em uma carícia que o fez suspirar. Um miado baixo o fez erguer a cabeça e soltar uma risada ao perceber que Akuma os olhava de cima da cômoda como um *voyeur*.

— Acho que tivemos uma plateia — Asael disse.

Raskhan sorriu diabolicamente, sua mão descendo até o topo da bunda de Asael e apertando. A fome em seus olhos não

havia abrandado, o que fez o interior do mestiço vibrar com antecipação.

— Deixe-o olhar. O show não acabou já que ainda não terminei com você.

— Espero mesmo que não. — Asael sorriu, sua mão acariciando a bochecha de Raskhan.

Aquilo era apenas o começo, Asael pensou.

O começo do f im

22
ARMADILHA

Eles passaram a noite inteira e boa parte do dia deitados na cama. Levantaram apenas para usar o banheiro e ter algo no estômago para então voltarem para debaixo das cobertas. Raskhan estava feliz, mais do que já esteve em toda sua longa vida, e isso o assustava um pouco. Ok, assustava *pra* caralho. Uma vez ouviu que muita felicidade é apenas o prenúncio de dor e tristeza, o que deixava Raskhan inquieto.

Verdade ou não, não queria ter a prova. Seus braços apertaram Asael, colando as costas pálidas contra seu peito enquanto afundava o rosto na curva do pescoço e inspirando seu cheiro. Asael gemeu baixinho, sonolento.

— Em algum momento vamos precisar levantar.

— Não agora — Raskhan murmurou.

— Há um deus caí do me procurando e planejando acabar com toda a humanidade, sabe? — Asael riu, puxando a mão de Raskhan e beijando os dedos. — Não podemos ficar aqui para sempre.

— Se ele não te encontrar, não vai conseguir ter seu coração. Assim, ele nunca vai sair daquele maldito fosso.

Asael ficou quieto por um momento e Raskhan ergueu a cabeça, apoiando-a em sua mão. O sol estava baixo, o final da tarde chegando. O í ncubogostava de ver o sol se pôr. Ver os tons do céu mudando para o manto escuro da noite, pontuado de estrelas solitárias e brilhantes. À svezes, gostava de sair da cidade e de toda sua luz e ir para o campo onde conseguia ver as constelações.

Gostos estranhos de uma alma velha.

Tinha uma cabana escondida nas montanhas ao norte com uma grande janela que se podia ver o vale abaixo e as copas das árvores. Asael gostaria dali. Era silencioso e solitário. Poderiam tomar café em uma caneca e dividirem uma grande coberta enquanto observavam a neve cair. Poderiam fazer amor perto da lareira. Olhar as estrelas e ouvir os coiotes uivando.

Asael suspirou, virando no abraço e erguendo os olhos para o rosto de Raskhan. O que ele viu naqueles olhos ambarinos apertou seu peito.

— Orkahn sabe onde moro. Disse ter olhos no apartamento. Khan, ele vai continuar matando até que eu saia da toca. Não posso ter milhares de vidas nas minhas mãos.

Raskhan passou os dedos pelos cabelos prateados e suspirou.

— Eu sei. Apenas... não quero ir para a realidade tão cedo agora que tenho você.

— Concordo, mas existem coisas que precisamos fazer. E um assunto importante também que não pode ser adiado.

Soltando um suspiro dramático, Raskhan caiu em suas costas e cobriu os olhos com uma mão.

— Bem, assuntos sérios devem ser acompanhados de comida. Concorda?

O estômago de Asael rugiu assim que Raskhan terminou de falar, o que o fez sorrir largamente. Nada no mundo poderia explicar o prazer que o í ncubo sentia ao alimentar aquele mestiço rabugento.

— Você se importa se eu me levar?

— Me importo. — Raskhan desviou os olhos pelo corpo de Asael abaixo das cobertas, seu pau ganhando vida mais uma vez. — Realmente não podemos...

— Não. E eu não posso andar por aí cheio de porra pelo corpo, Khan. Arranje outra forma de me deixar com o seu cheiro.

Com um grunhido descontente, Raskhan observou Asael se levantar e caminhar para o banheiro. Andava um pouco engraçado e fazia caretas, provavelmente sentindo o que fizeram naquele tempo presos no quarto. A porta bateu ao mesmo tempo que Raskhan riu e jogou as cobertas de lado para se levantar.

Seu pequeno mestiço adorava ter sua bunda batida, mas também era um maní acopor controle sexy. O corpo de Raskhan foi muito bem usado e cada músculo parecia esticado. Uma calça de moletom cinza surgiu, cobrindo sua bunda antes mesmo que chegasse ao pequeno corredor. Akuma havia desaparecido do quarto em algum momento daquela noite e Raskhan o encontrou deitado sobre o balcão com olhos sérios.

A vasilha ao lado estava vazia e seu miado soou com todo o descontentamento que sentia.

— Esquecemos sua comida, majestade?

Akuma sentou, seu rabo balançando enquanto olhava para Raskhan sem medo nenhum. O í ncubosorriu ao despejar a ração e então foi para a geladeira em busca de comida. A que fez pela manhã havia sobrado o suficiente para os dois e resolveu esquentá-las. O gato preto miou de seu posto sobre o balcão, seus olhos curiosos na comida sendo esquentada no fogão.

— Não há nada para você aqui. Seu pote ainda está cheio.

Os bigodes do gato enrugaram ao olhar para o pote recém enchido. Seu rabo chicoteou, seu olhar voltado para Raskhan que arqueou as sobrancelhas ao lamber o molho da colher e fechou os olhos ao sentir o gosto suave. Maldição, como amava cozinhar.

O som do chuveiro findou e minutos depois Asael estava caminhando para a cozinha com um sorriso, seus cabelos úmidos puxados para longe do rosto e usando apenas uma calça escura. A comida mal havia esquentado quando Asael cavou com a colher e enfiou na boca, mastigando de forma voraz.

— Acho que não precisamos de pratos, não é?

— Não. Porra, isso realmente ficou muito bom, Khan.

Raskhan cantarolou uma afirmação, seus dedos passando suavemente pela coluna de Asael e apreciando vê-lo comer. Sorriu quando o mestiço ergueu a colher cheia para ele e abocanhou a porção. Haviam fechado as cortinas, exceto a da cozinha, que agora tinha um brilho pálido do pôr do sol e fez com que Asael acendesse a luz para que não ficassem na parcial escuridão.

Quando a panela estava raspada e Asael já tinha lambido seus dedos cheios de molho, Raskhan o cercou com os braços e

descansou o quadril na quina do balcão. Akuma ronronava ao lado, seus olhos fechados.

— Posso me acostumar com isso. Sendo alimentado na boca, ter seu cheiro no meu corpo. Tudo tão... caseiro.

Asael riu baixinho, apoiando a cabeça no ombro do í ncuboe olhou para a janela da cozinha agora escura.

— Eu também. O humor da Deusa é bastante sombrio. Um castigo muito bem pensado para o egoí smo do Cosmos.

O vento ululou na janela e Asael ouviu uma risada carinhosa soando como sinos tilintando. Seus braços arrepiaram e Akuma abriu os olhos antes de chiar naquela direção. Raskhan segurou o queixo do mestiço e ergueu o rosto para si, observando que as olheiras haviam desaparecido, um tom suave e rosado corava suas bochechas e um brilho satisfeito coloria seus olhos ambarinos.

O sorriso de Raskhan era largo e satisfeito, seus olhos de gelo amenos.

— Você me parece mais saudável.

— Costumamos engordar o porco antes do abate, certo?

Aquilo tirou o sorriso de Raskhan, deixando uma carranca no lugar.

— Não ouse falar isso, Asael.

Isso fez o sorriso do mestiço se tornar uma careta.

— Não gosto que me chame pelo nome.

— Então não me deixe irritado. — Raskhan deixou um beijo na têmpora de Asael. — Agora, qual seria o assunto que não pode ser adiado além de Orkahn?

— Escutei algo importante antes da luta no Mundo Inferior. Porém, acho melhor sentarmos.

— Quando dizem para sentar antes de um assunto sério, sempre acaba de forma ruim.

— Na maioria das vezes. — Asael gesticulou para a sala e caminhou até a poltrona. Quando Raskhan estava sentado, começou a falar. — Você saiu do apartamento um dia, falando sobre uma conversa séria com Nmrah. Sobre seus demônios parasitas andando por aqui e fazendo uma grande bagunça?

Raskhan assentiu, suas mãos cruzando e os braços apoiando nas coxas.

— Sim. Nós conversamos.

— Como foi?

O sorriso de Raskhan se tornou frio.

— Se colocar uma lança no peito daquele maldito significa que deu tudo certo, então posso dizer que tive êxito na conversa.

Nmrah sempre foi como um espinho no pé e Raskhan estava sem paciência naquele dia. Ter sido forçado a deixar Asael para uma reunião com os Imperadores deixou-o tenso e pronto para matar alguém.

Apoiando o queixo no punho fechado, Asael olhou para Raskhan atentamente.

— Ele negou sobre seus parasitas, estou certo?

O í ncubo olhou para o mestiço com olhos estreitos.

— Negou. Disse que seus demônios estão em correntes curtas e seus contratos são apenas para serviços pequenos. Que eu deveria me preocupar com meu próprio distrito ao invés de ir xeretar nas coisas dele. — Raskhan fez um som de asco. — Aquele filho da puta. Pediu um conciliábulo e passou meia hora falando coisas inúteis e desperdiçando meu tempo. Levantando dúvidas sobre a forma que governo e como passo pouco tempo naquele lugar.

— Rymsal apoiou Nmrah?

— Sim. — Raskhan se recostou no sofá e esfregou a bochecha. — Ambos achavam que poderiam ser melhores no meu lugar.

— E Marym apoiou Rymsal a tentar um duelo?

— Não. — Raskhan riu cinicamente. — Ela sabia que sua preciosa prole era muito fraca. Uma luta comigo resultaria em sua morte, assim como aconteceu.

— E Nmrah?

— Talvez me daria um pouco mais de trabalho, mas ainda ganharia.

Asael bufou, recostando na poltrona e cruzando os braços.

— Sua confiança é realmente enorme.

— Você sabe que é. — Raskhan balançou as sobrancelhas e então ficou sério. — Por que todas essas perguntas soam como se soubesse as respostas?

Uma sombra cruzou o rosto de Asael.

— Porque ouvi Nmrah conversando com um feiticeiro.

— Nmrah? E um feiticeiro?

Com um aceno curto, Asael contou tudo o que ouviu antes da luta e Raskhan se levantou para andar de um lado ao outro. Uma conspiração debaixo de seu nariz, acontecendo dentro de seu palácio. Duas cabeças haviam rolado e agora faltava apenas a de Nmrah para se juntar às outras.

— Vou colocar sua cabeça em uma bandeja sobre a mesa de reuniões — Raskhan rosnou. Apoiando as mãos no encosto do sofá, olhou para Asael na poltrona. — Você realmente não conseguiu ver quem estava por baixo do manto?

— Nenhuma pista. — Asael balançou a cabeça, sua bunda sentando na ponta da poltrona. — Acho que devemos falar com Sinclair. Ele precisa saber o que está acontecendo.

— E se Sinclair estiver por trás disso?

— Não há nenhum indí cio da magia de Orkahn nele. — Asael suspirou apertando a têmpora com a ponta dos dedos. — Disse que Annasias iria ver sua mente em busca de mentiras apenas para irritá-lo.

— Você o colocou na parede assim?

— E ele concordou sem hesitar. — Asael se levantou e deu a volta no sofá, apoiando o quadril no encosto e olhando de frente para Raskhan. — Sinclair não é quem buscamos, porém, ele está com posse de algo que é perigoso e importante ao mesmo tempo. Precisamos encontrá-lo com urgência.

Raskhan assentiu lentamente, seus dedos cavando no sofá demonstrando como estava irritado.

— E arrisco dizer que você quer dizer “com urgência” no sentido de “ir agora”?

— Imediatamente, sim. — Asael assentiu brevemente. — Chegou o momento que o Arcano deve saber o que está acontecendo.

— Sinclair não é burro. Se ele estudou um pouco, deve estar suspeitando de algo.

— A história do Cosmos não é exatamente algo ensinado. Eu acho. — Asael franziu as sobrancelhas. — Não existem muitos Arcanos. Eles possuem algum mentor para seus poderes?

— Isso é algo que deve perguntar ao próprio Dastan. — Raskhan fez um som de asco na garganta e olhou para a janela fechada. — Devemos ir rápido se queremos encontrá-lo.

— Podemos ir andando? Sinto falta do bondinho. — Asael passou os braços pela cintura, abraçando a própria barriga.

— Pensei que estava com pressa — Raskhan disse, um sorriso de canto surgindo ao passar a mão pela coluna do mestiço até segurar sua nuca.

Asael gemeu no toque, inclinando para o aperto e fechando os olhos.

— Estou, mas não tanto assim para enfrentar o seu ou o meu portal.

— Então se apronte. — Raskhan olhou para o pulso ao verificar um relógio imaginário. — Ou vamos perder a carruagem e nos tornaremos abóboras.

— Muito engraçado você. — Asael zombou ao se empurrar para longe.

— Sou comediante nas horas vagas.

Com um estalar, as roupas de Raskhan surgiram limpas contra sua pele. O terno de três peças impecável na cor cinza chumbo se agarrava a cada músculo como uma segunda pele confortável e fácil de se movimentar. Enfiou as mãos nos bolsos ao caminhar para o quarto e esperar que Asael ficasse pronto.

Quando saí ram do apartamento, a cidade estava movimentada com as pessoas saindo do trabalho do dia e aqueles que apenas estavam começando seu turno noturno. O bondinho chacoalhou pelo caminho e Raskhan observou como Asael se sentava no fundo, seus olhos perdidos em algum ponto do teto. Já havia percebido que havia alguns dias que Asael deixou a máscara e o gorro, suas orelhas pontudas surgindo entre os fios prateados com certo orgulho.

Gostava de passar o dedo naquela ponta e ver o mestiço estremecer suavemente. Também gostava de ver as cerdas curtas prateadas crescendo no queixo e maxilar de Asael que esquecera de se barbear naquela manhã. A sombra prata deixava o mestiço com um ar mais velho e seus olhos ambarinos pareciam sombrios

quando se viraram para Raskhan. Um leve brilho ao redor das pupilas parecia conter mil segredos de mil vidas diferentes.

Desceram quase em frente ao Ministério e Raskhan rangeu os dentes ao dar de cara com a porta. Sinclair não estava ali e seus magos estavam procurando pelo Arcano que havia saído dali mais cedo junto com um humano chamado Reid. Asael tinha suas sobrancelhas tão juntas que quase se pareciam uma ao correr para fora e passar a andar de um lado ao outro no final da escadaria.

— Onde ele estaria?

— Em um parque tomando sorvete, certamente que não — Raskhan disse secamente. — Dastan praticamente mora naquele escritório e quando precisamos dele, não o encontramos. Bastardo.

— Ele está com Reid. Onde poderiam estar? Reid havia encontrado alguns rastreadores. Seria possível que Sinclair fosse procurar por si mesmo o feiticeiro?

— Ele é bastante arrogante. Não duvido que saiu correndo com sua capa dourada flutuando atrás dele até o lugar onde o feiticeiro está. — Raskhan balançou a mão no ar. — Ou talvez ele apenas esteja em sua casa, se olhando no espelho e pensando em como ele acordou magnífico nessa manhã.

Asael parou de andar e olhou de forma vazia para Raskhan que arqueou as sobrancelhas ao perguntar:

— O que?

— Estou tentando decidir se você está apenas me provocando ou falando a verdade.

Raskhan abriu um sorriso.

— Muito possivelmente a segunda opção, *yalin*.

— Pare com isso e me ajude a *pensar*. Seus magos inúteis não disseram nada além de que Sinclair não está e que não sabem para onde ele foi. Ninguém nesse lugar sabe de nada! Para que serve essa porcaria de Ministério de qualquer forma?

— Para o que todo sistema governamental serve: lavagem de dinheiro e propagandas mentirosas sobre como a nação é feliz enquanto esconde os podres debaixo do tapete. — Raskhan suspirou e cerrou os olhos. — E, se você quer saber onde Sinclair pode estar, poderíamos visitar sua casa primeiro. Ou telefonar e perguntar.

Asael resmungou, seus braços cruzando.

— Não possuo um telefone. Muito caro.

Raskhan apalpou os bolsos e puxou um aparelho para fora, último modelo. Viu quando Asael rolou os olhos antes de olhar para a rua e fingir que havia encontrado algo interessante. Sem uma palavra, Raskhan guardou o aparelho de volta no bolso. Nunca que Asael iria falar sobre isso, mas Raskhan não era estúpido. Quando discutiram sobre os artefatos que possuí a, o valor que pagava por eles, em momento algum foi sobre jogar na cara o quanto de dinheiro Raskhan possuí a.

Milênios se depositavam nas costas do í ncubo, anos e mais anos arrecadando ouro para simplesmente não ter o que fazer com tudo isso. Então estava focado em ter artefatos. Colecionar coisas diferentes. Raskhan poderia gastar cada centavo e ainda teria muito dinheiro. Nada disso importava, afinal. Ele nunca pôde comprar o que sempre mais ansiava.

Amor.

Nenhum dinheiro que existia no mundo poderia comprar o que tinha com Asael. Assim, não importava o quanto havia em sua conta bancária ou como seu celular era o último modelo lançado. O que importava era o sorriso satisfeito de Asael quando Raskhan oferecia uma refeição quente. Ou quando beijava perto do ouvido e lhe arranca um suspiro. Quando fazia piada estúpidas e isso fazia o mestiço rir com gosto. Da confiança em se entregar.

Sem outra palavra, Raskhan envolveu a cintura de Asael e o beijou, aproveitando a abertura de seus lábios com o suspiro de surpresa e inserindo sua lí ngua.Mergulhando no doce sabor de sua boca e tirando uma prova. Quando se afastou, Asael respirava rápido e seus olhos brilhavam. Sequer havia percebido que não existia mais o barulho de cavalos, pessoas ou mesmo carros pela rua. Estava silencioso. Por que, usando do beijo, Raskhan os moveu pelo portal para a rua chique e deserta que era onde Sinclair morava.

— O que foi isso? — Asael perguntou, seus dedos segurando as lapelas do terno de Raskhan com força.

— Um beijo.

— Porquê?

— Preciso de um motivo para roubar um beijo seu? — Raskhan passou o polegar pelo lábio inferior de Asael e sorriu. — Aliás, estamos aqui. Você toca a campainha ou eu faço?

— O que... — Asael olhou ao redor e ofegou. Seu gemido saiu baixo, seu corpo se apoiando em Raskhan enquanto olhava a enorme casa de muros altos e bem cercada por uma barreira mágica. — Pensei que ia ligar.

— Ligar o deixaria alerta. Gosto de surpreender Dastan nas horas vagas e mais inoportunas. — Franziu as sobrancelhas. — Apenas esqueci que ele usa um bloqueio. Mais fraco que o seu, mas ainda um bloqueio.

Asael meneou a mão e se empurrou para ficar sobre os pés um pouco instáveis. Raskhan viu uma superfí cie dourada brilhar e ondular quando Asael a tocou e uma fenda se abriu como um tecido rasgado. Asael atravessou sem maiores problemas enquanto Raskhan continuava apenas olhando com o queixo caí do no chão.

Ele havia... apenas... cortou seu caminho para dentro. O bloqueio de um Arcano que repelia todo tipo de magia, demônios e criaturas, se dobrou com apenas um toque do mestiço. Bastante rabugento, principalmente quando viu que Raskhan não o seguia e puxou o í ncubo pelo colete para o lado de dentro. A magia arrepiou os pelos de sua nuca e estremeceu quando pisaram na grama verde bem cuidada.

— O jardineiro deve ganhar um bom dinheiro — Asael resmungou.

Apenas por isso, Raskhan evitou de deixar chamas queimarem as solas de seus sapatos e deixar lindas pegadas queimadas por todo o caminho até a porta. O homem que cuidava do jardim não tinha culpa do sentimento infantil do í ncubo de irritar Dastan.

O punho de Asael estava erguido em frente à porta, prestes a bater, quando esta se abriu com um solavanco e Sinclair os olhou com fúria. Seu cabelo parecia uma bagunça de mãos nervosas e suas bochechas estavam um pouco rosadas. Raskhan inspirou sutilmente e sorriu largo em seguida. Haviam chegado em uma hora bastante inapropriada.

— Como você conseguiu passar?!

— Precisamos conversar, Sinclair — Asael falou, sua voz séria.

Raskhan se inclinou contra a porta, seus olhos buscando o cômodo acima da cabeça loira.

— Não estamos atrapalhando, certo?

Sinclair engasgou, empurrando a porta completamente aberta. Sua camisa estava amarrotada e parcialmente aberta, suas calças devidamente no lugar, porém, estava descalço.

— Deuses, vocês dois... — Sinclair balançou a cabeça e gesticulou para dentro. — Entrem logo. E, Chevalier, vai me dizer como conseguiu passar pelo meu bloqueio?

— Foi... realmente fácil. Brincadeira de criança — Asael disse soturno. Enfiou as mãos nos bolsos e olhou ao redor com olhos curiosos e um pouco julgadores. — Bela casa. Pomposa como você.

— Sentem-se na sala. E comecem a me dizer o porquê estão na minha porta a essa hora.

Raskhan seguiu Asael para onde Sinclair indicou e olhava para o teto alto da sala de visitas quando seu peito bateu nas costas do mestiço. Seus olhos caí ram para o sofá mais largo de cor vinho e seu sorriso cresceu lentamente ao apoiar o queixo sobre os cabelos prateados.

— Ora, ora. Olá, senhor Archeron.

Reid os olhou, suas bochechas coradas como as de Sinclair e seu cabelo castanho parecendo ter sido escovado por dedos nervosos em questão de segundos. Seu casaco estava apoiado no encosto do sofá, seu colete de couro aberto revelando as facas gêmeas e outros conjuntos menores de lâminas afiadas. Sua camisa branca de mangas longas dobradas no cotovelo estava puxada fora da calça.

Sinclair e Reid eram uma pequena bagunça e Raskhan estava adorando que ambos fingiam que nada estava acontecendo. Asael cruzou os braços com uma carranca enquanto Raskhan continuava apoiado sobre sua cabeça e ria em silêncio.

— Reid. Não esperava você aqui. — Asael estreitou os olhos para um mapa solto na mesa, os rastreadores um ao lado do outro e

pilhas de papéis com anotações. — Bem, acho que isso evita duas viagens. Vocês estavam trabalhando?

— Tenho certeza que estavam. E muito duro — Raskhan resmungou.

Sinclair acertou o cotovelo nas costelas de Raskhan ao passar, seus olhos verdes estreitos com raiva enquanto o í ncubo soltava uma risada abafada. Asael o olhou com uma sobrancelha arqueada antes de se virar e analisar a sala mais uma vez.

— Oh. Acho que realmente atrapalhamos algo.

— Não! — Reid argumentou se levantando e balançando a cabeça. — Não mesmo!

— Estávamos apenas descansando depois... Hm, depois de...

— Pesquisar no mapa o local que os rastreadores apontaram como o envio de sinal primário. — Reid apontou, suas mãos enfiadas nos bolsos e então cruzando os braços.

Parecia não saber o que fazer com elas. Sinclair, parecendo recobrar o controle e sua carranca, olhou para Asael com punhais nos olhos.

— E então? O que vocês dois estão fazendo aqui?

Asael se afastou de Raskhan e jogou outro olhar para o teto alto e franziu os lábios. O í ncubo o seguiu com olhos estreitos, percebendo que Asael estava analisando tudo o que tinha dentro daquela sala.

— Sempre que recebe visitas, você as traz para cá?

— Sim. Por isso que se chama *sala de visitas* — Sinclair disse secamente.

Reid fez um som de asco e Raskhan teve certeza de que era direcionado ao Arcano e sua sutileza suave como coice de mula raivosa. Asael, entretanto, parecia não se importar. Seu rosto continuava carrancudo, lançando olhares para o teto e parecendo nervoso.

— Seus Magos sempre ficam aqui? Você os recebe com frequência?

— Por que estou sendo interrogado?

— Apenas responda a maldita pergunta — Raskhan resmungou.

— É claro que recebo meus Magos aqui. — Sinclair bufou com desagrado e cruzou os braços. — Se não estou no Ministério e o assunto é urgente, os recebo nesta sala para discutir o problema que os trouxe até aqui.

Raskhan lançou um rápido olhar para Reid e mordeu a piada. Não era um bom momento para cutucar Dastan.

— Você os deixa sozinhos? Eles passeiam livremente pela casa?

— Pelos deuses, Chevalier. — Sinclair esfregou os olhos e suspirou. — À svezes ficam sozinhos enquanto preciso me ausentar para algo no andar de cima, mas não. Eles não possuem permissão para perambular pela minha casa.

— Sinclair, preciso que me diga sinceramente. O que você vê quando olha para seu teto?

— O que é isso? Enigmas e piadinhas de um mestiço assassino? — Sinclair resmungou, mas acabou olhando para cima e estreitando os olhos. — Vejo meu teto. E algumas teias de aranha que minha governanta não tirou.

— Como pensei — Asael murmurou. Caminhou até a janela, seus olhos analisando a noite lá fora e isso estava deixando Raskhan inquieto. — Você está com a Caixa das Visões?

— Já disse que sim. E não, você *não* pode tocá-la.

— O artefato não é seu para proibi-lo de fazer algo. — Raskhan franziu o cenho. — E, segundo meus arquivos, você deveria ter devolvido na semana passada.

— Você demorou a me entregar. Então, demoro a devolver.

— Quantos anos você tem? Seis?

— Calem-se — Asael latiu, seus olhos indo direto para Sinclair. — Me diga que a caixa está aqui.

— Não. Eu a deixo dentro do cofre no Ministério.

— Só você tem acesso a ele?

— Não. Eu e os Magos do conselho possuem a chave.

— Claro que sim, porra — Asael mordeu ao redor das palavras e se virou para Raskhan. — Khan, vamos precisar usar os portais. Eu levo Sinclair comigo e você leva Reid.

— O que está acontecendo? — Raskhan perguntou prontamente.

— É uma armadilha.

— O que? — Sinclair perguntou confuso.

Reid se levantou, seus olhos passando pelos três e então pousando em Asael.

— O que está *acontecendo*, Asael?

— Eu não entendia antes, mas agora eu faço. E isso é *terrí vel* Há sombras viciosas no teto, o que significa que alguém implantou algum objeto enfeitiçado enquanto você não via, Sinclair.

O Arcano ofegou.

— Eu teria visto algo assim na minha própria casa!

Entretanto, Asael estava balançando a cabeça, suas palavras e gestos urgentes.

— Não, você não teria. As sombras são de Orkahn, só eu posso vê-las. Os demônios sombrios de persuasão. Por isso seu bloqueio está tão fraco. Eles estão persuadindo você a manter as defesas baixas sem que perceba.

— Eu... — Sinclair empalideceu. — Do que está falando? Isso é... isso é *um crime* contra o Arcano! Com punição de morte!

— Se não sairmos daqui *agora* e pegarmos a Caixa das Visões no Ministério, quem vai morrer será nós quatro! — Asael exclamou. — Quem foi o último Mago que esteve aqui?

Sinclair coçou a têmpora, pensando.

— Você está suspeitando de alguma coisa? — Reid perguntou, seu corpo se pendurando sentado na quina do sofá.

— Sinclair? — Uma nota de desespero se insinuava na voz de Asael.

— Não sei! Talvez... Vi George na terça passada e então... Diane. Sim, ela foi a última que veio aqui. Até reclamei sobre ela deixar marca de pasta de amendoim na minha mesa.

Asael xingou baixinho ao mesmo tempo em que a campainha soou alta pela casa. A espinha de Raskhan arrepiou como se fosse uma mau presságio, os pelos em sua nuca se erguendo. Reid puxou duas facas de seu cinto enquanto Sinclair caminhava para a porta e Asael puxava sua própria adaga.

— Não abra a porta, Sinclair. — Advertiu.

— Eu *não vou* ficar com medo na minha própria casa.

— Dastan... — Raskhan tentou em vão.

O Arcano ignorou e puxou a porta aberta. A noite parecia ainda mais escura lá fora, as luzes do bairro apagadas e muito quieto. Na soleira, uma mulher olhava para eles com um sorriso, mãos cruzadas na frente do corpo. Sua túnica verde ondulava com o vento, seus olhos escuros brilhando ao encontrar Asael por sobre o ombro de Sinclair.

— Olá, Cosmos! Vejo que está bastante recuperado do nosso último encontro. Espero que não tenha estragado seu amuleto.

Raskhan rosnou, sua meia forma surgindo enquanto Sinclair apenas piscava.

— Você! — o í ncubo rugiu.

— Sim, eu.

O sorriso de Diane se tornou ainda mais cruel, veias negras subindo por seu pescoço e rosto até a base dos olhos completamente pretos agora. Formas indistintas cresciam aos montes no jardim, rosnando e babando, ansiosos por um pouco de carne fresca.

O feiticeiro havia batido à porta e o Arcano apenas abriu para ele.

23
O FIM DO COSMOS

Aceite seu destino.

Asael pensava sobre isso há muito tempo. Olhando para a cena à sua frente, para os móveis destruí dos, para Reid sangrando sobre a mesa e Raskhan partindo o vigésimo leão demoní aco ao meio. Sinclair tentava com todas as suas forças manter Diane fora, mas era visí vel que estava no limite. A sombra de Orkahn em seu feiticeiro era uma constante, seus olhos presos em Asael no centro daquele furacão.

Se tivesse sido um pouco mais esperto... O rastro com cheiro de terra no quarto de Cherrie que só poderia ser de um Mago Verde, as assinaturas no final de todos os atestados de óbito das ví timas, o cheiro de pasta de amendoim que a seguia por onde fosse. Eram pistas tão sutis, mas que passaram por debaixo do nariz de Asael. Tudo sempre o levando ao Arcano. Diane havia usado Sinclair como um bode expiatório muito bem.

E a culpa não era de Sinclair, de qualquer forma. Se Asael apenas tivesse explicado tudo ao invés de fazer perguntas óbvias e então querer correr... Bem, agora tudo já estava em desastre completo. Mesmo que usasse seus poderes e acabasse com Diane bem ali, outros iriam surgir ao comando do deus caí do, marchando até a destruição sem se importar e dizendo ser por um bem maior. E, olhando a bagunça que estava, decidiu que não queria mais ninguém machucado por culpa dele. Mas, necessariamente, culpa de Orkahn e seu egoí smo nato.

Soltando um suspiro, suas mãos se ergueram à frente do corpo e se fecharam. O tempo congelou, tornando-se levemente

cinzento. Um *Viashephisva* estava no meio do salto, sua enorme boca aberta e pronta para mastigar a cabeça de Reid. Outro se preparava para pular sobre as costas de Raskhan e Sinclair gritava quando outro mordeu sua perna. Um circo dos horrores.

Diane suspirou, suor escorrendo por seu rosto e colando seus cabelos no couro cabeludo. Parecia terrivelmente cansada. A sombra em suas costas ondulava, os olhos brilhando no fundo.

— Criou coragem para lutar comigo sozinho?

Asael fez uma careta de repulsa.

— Nunca poderia chamar isso de luta. Massacre seria uma nomeação melhor. — Balançou a mão com descaso, encobrindo o medo correndo por suas veias. — Não, tenho um acordo para discutir.

— *Acordo?*

A voz sombria arrepiou os pelos na nuca de Asael.

— Sim. Está disposto a ouvir? Se não, acabo com sua feiticeira agora e terá trabalho novamente para colocar outra no lugar.

Diane o olhou com suspeita, suas mãos fechadas em punhos apertados. A sombra ondulou ao redor da maga e ergueu em um corpo imaterial. Olhos escuros como o abismo se conectaram com os de Asael, tentando ler sua alma e obter seus segredos.

— *Conte-me mais, Cosmos*.

Aquele nome correu sobre a pele de Asael como aranhas.

— Vou com você se me prometer que meus amigos vão ficar bem.

Orkahn soltou uma risada baixa.

— *Seria uma promessa que quebraria no final. Já que, caso minhas intenções não sejam claras, pretendo acabar com todos os seres imundos que sua Deusa ama tanto*. *De todos seus amigos, apenas o demônio íncubo sobreviveria. Afinal, ele é uma obra de arte minha*. — Orkahn zombou dando um passo para mais perto e se inclinando como que para contar um segredo. — *Quem diria que meu precioso filho seria tão atraído por um demônio?*

Asael rangeu os dentes, engolindo a vontade de retrucar.

— Não me importo com os outros humanos. — *Mentira*. — Não me importo com o que pretende fazer com esse mundo. —

Outra mentira. — Apenas peço que, em troca do coração, você deverá manter aqueles que me importam vivos. É apenas esse o acordo.

A sombra estremeceu, os olhos se virando para Reid, Sinclair e Raskhan. A risada grossa ecoou no espaço congelado.

— *Parece um acordo razoável.*

— Fechado?

A mão de Asael esticou e Orkahn a olhou com curiosidade. Então a sombra de sua mão ergueu e o toque frio quase fez Asael dar um passo para trás. Trincando os dentes, recebeu o aperto pelo tempo que Orkahn achou que deveria e ignorou o som de zombaria vindo do deus caído. Quando se afastou, Diane havia aberto um portal e esperava impaciente ao lado dele. Seus olhos escuros ainda eram julgadores na direção de Asael, seus braços cruzados.

— *Um acordo foi feito. Agora, um coração deve ser dado.*

Inspirando uniformemente, Asael deu um passo para a frente e olhou para Raskhan.

— Recolha seus demônios, Orkahn.

— *Você está fazendo muitos pedidos, Cosmos*. — Orkahn disse, porém, sua mão balançou e os leões desapareceram. — *Feito?*

Asael assentiu uma vez. Deixando um último olhar sobre Raskhan, pediu perdão por sair sem se despedir adequadamente. Seu pé o levou além do portal, a sala de Sinclair desaparecendo em suas costas. Tocando o fio violeta em seu centro, abafou igual quando se faz com uma vela para apagá-la.

Doeu.

Sangrou.

Porém, era o melhor para ambos.

A cabeça de Asael palpitava, sua mente cheia de pensamentos correndo como um trem descarrilhado com seus vagões indo para todos os lados. Estava preso em algum lugar escuro e úmido, seus membros doloridos por estarem na mesma posição desde que fora jogado ali. Fazia frio. Um vento gelado

teimava em assobiar pelos corredores vazios e silenciosos, se enrolando ao redor de Asael e o deixando batendo os dentes. As bochechas tinham suas lágrimas secas, seu interior doendo pela puxada brusca da ligação com o í ncubo.

Raskhan deveria estar pensando que Asael estava morto agora. Tanto pelo corte seco do fio quanto por estar em outra dimensão. Não sabia se Orkahn havia cumprido sua palavra e mantido todos os que importavam para Asael sãos e salvos. Seus olhos tremulavam quando ouviu o som baixo do clique da porta. Virou a cabeça devagar e mirou as grades da cela, os ratos correndo de alguém que se aproximava.

O cheiro dele chegou antes.

Fétido, podre. Uma mistura grotesca de lixo e corpo morto. Os capangas que Orkahn estavam usando eram seres que Asael nunca havia visto em sua vida. Muito menos *esta* dimensão. Talvez o deus caí dotenha criado, assim como fez com os demônios. Asael cerrou os olhos para a iluminação súbita e cobriu o rosto com a mão. A tranca rangeu ao abrir e os passos pesados adentraram o quarto imundo.

— Levante-se. A hora chegou.

Apoiando as mãos no chão, acenou devagar. Observou as roupas do guarda, grande e largo, algumas partes de sua carne faltando e revelando o osso como se estivesse apodrecendo. Um zumbi animado de olhos vazios que parecia pior do que qualquer série televisiva já criada.

— Que honra. Há um jantar chique me esperando?

Ele apenas grunhiu. Usando a parede como apoio, Asael fez seu corpo dolorido se levantar. Suas pernas pareciam rí gidas. Talvez tivesse perdido a habilidade de andar. Seus pulsos foram presos. O toque frio das algemas fez com que Asael estremecesse, as correntes tilintando.

— Rápido!

Sua mão enorme segurou a nuca de Asael e o empurrou, fazendo-o tropeçar nos pés e cair de quatro no chão. Suas mãos arderam e os pulsos doeram com a picada do metal, fazendo Asael ranger os dentes.

— Estou tentando — grunhiu.

Asael gemeu de dor quando dedos grossos se enroscaram nos seus cabelos e o puxou para cima, seus pés oscilando no ar. O rosto do monstro zumbi pairou perto, o cheiro podre revirando o estômago vazio de Asael.

— Está tentando pouco.

Cerrando os olhos, os dedos de Asael cravaram fundo no pulso que o segurava.

— Pensei que criaturas como você não pudessem falar frases completas.

— E também pensou que ganharia de Orkahn. Isso só prova como você é estúpido, e não eu.

Ele solta Asael, os joelhos batendo contra o chão duro. Seu pé cutuca no quadril do mestiço e balança a tocha na direção da porta aberta. Asael se levanta com dificuldade, praguejando mentalmente toda a geração imunda dele e caminhando um tanto trôpego para fora. O cheiro de mofo, terra e ar rançoso parecia mais forte no corredor, mas conforme iam subindo as escadas e o cheiro de ar puro o inundava, maior era o desespero de Asael.

O f im do Cosmos estava chegando

Fechou os olhos ao sair pelo longo corredor que dava para o lado de fora da enorme casa de pedras irregulares e ergueu o rosto na direção do céu encoberto de nuvens pesadas e de trovões baixos. Não se via o sol, mas a claridade era suficiente para tornar o lugar anterior onde estava preso em um breu profundo. O vento frio chicoteou pela pele de Asael, o cheiro de fumaça e grama queimada coçando seu nariz.

— Ande! Não há tempo para olhar ao redor.

— Como se houvesse muito o que ver — Asael resmungou.

Olhando para suas mãos imundas, pensou mais uma vez em tudo o que havia passado no último mês. Parecia que foram anos. Lembrou-se da risada de Raskhan e acabou sorrindo, imaginando como deveria estar furioso agora e falando como Asael era um mestiço teimoso. Egoí sta até.

Sua atenção foi puxada de seus pensamentos ao passarem por uma entrada larga e um grande pátio surgir. Longo, estava cheio de seres como o seu guarda, o pior cheiro por muitos estarem juntos no mesmo lugar. Demônios menores se arrulhavam, olhando,

alguns rindo e outros apenas observando de longe. Leões demoní acos pulavam sobre o telhado.

As novas criações de Orkahn para seu mundo melhorado.

Entraram por uma porta lateral decaí da e subiram uma pequena escadaria. Cortinas rasgadas e queimadas se penduravam precariamente nas janelas de vidros quebrados. Gárgulas mostravam os dentes de suas posições e estátuas caí das estavam estilhaçadas no corredor. Teias de aranha formavam um desenho tenebroso nas portas de madeira roí da.

Asael grunhiu ao ser empurrado para frente após parar em uma pintura rasgada de um cavalo cinzento. O zumbi empurrou duas grandes portas que rangeram no processo, revelando um grande salão principal. Estava tão pior quanto o resto. Com seu grande trono cheio de marcas, tapetes rasgados e cobertos de cinzas e grandes cortinas de veludo destruí das. Um cão de nariz pontudo estava deitado ao lado do trono e Asael reconheceu o farejador. Velas pingavam sobre uma lareira enegrecida pelo uso de cadeiras de mogno jogadas ao redor. Um grande lustre pendia no centro, parecendo muito perto de cair e estilhaçar no chão.

— *Desculpe não ter limpado antes de sua chegada, mas é que estava muito ocupado procurando meu coração.*

A cabeça de Asael virou na direção da voz sombria e sua silhueta ondulou no extremo do salão. Avançou um passo, fazendo Asael recuar e bater contra o seu carrasco. Tentou reprimir o arrepio frio em sua espinha quando Orkahn o olhou diretamente. Olhos tão negros quanto o abismo, cruéis e sedentos por sangue. Diane permanecia quieta, o manto negro cobrindo-lhe quase por completo.

Asael só reparou na mesa com um corpo coberto por um lençol quando Orkahn parou ao lado, sua mão de sombra se apoiando na lateral. Com um gesto fluido, o lençol se levantou e caiu aos seus pés, revelando um corpo aberto no peito e com runas brilhando suavemente por todo seu torso e rosto. Runas que Asael já havia visto em algum lugar. Mais especificamente em *alguém*. A imagem fez Asael engasgar. Sua mente, bloqueada pelo tempo, se abrindo como uma fechadura enferrujada e mostrando aquele rosto sereno sorrindo para ele.

Desafiando-o.

Chamando de criança corajosa.

Mostrando todo seu ódio antes de ser derrubado.

Asael ofegou enquanto Orkahn apenas o observava. Com movimentos fluí dose calculados, Orkahn se afastou e sentou sobre o trono quase destruí doe Asael ficou surpreso de que não desabou com o peso.

— *Então? O que achou da minha casa?*

— Precisa de uma reforma — comentou secamente. — O abismo que vejo da janela é mais organizado que isso aqui. Com pedras bastante pontiagudas com esqueletos enfeitando.

O silêncio de Orkahn era quase opressor. Talvez Asael não fosse tão bom com piadas quanto Raskhan, afinal. Engoliu em seco, suor escorrendo pela espinha.

— *Espero que suas acomodações sejam conf ortáveis*

— Os ratos são ótimos travesseiros.

— *Você ainda possui uma lí ngua muito af iada para quem está perto de morrer.*

Asael encolheu os ombros, fingindo descaso.

— Estou bem. Já me conformei com meu destino. Você é o único que me parece ainda estar lutando por uma causa perdida.

— *Gostaria de saber o que a Deusa Divina pensa sobre seu garoto prodí gio entregando de tão bom grado seu coração para mim*.

— Não preciso da aprovação dela para as coisas que faço. Você, ao que me parece, precisa. Não mudou muito em todos esses anos, Orkahn. Ainda se sente o filho rejeitado pela mãe porque se apaixonou por uma mortal?

O rugido de ódio do deus caí do vibrou as paredes. Diane apertou a caixa que segurava contra o peito, seus olhos arregalaram. As veias negras ainda cobriam seu rosto, a magia negra tomando sua vida aos poucos e ela sequer percebia. Orkahn se levantou do trono, sua sombra oscilando ao atravessar o salão até parar na frente de Asael.

— *Prepare o cí rculo.Um coração será retirado* — disse para Diane sem tirar os olhos de Asael.

O dito coração pulsou com mais força, martelando nos ouvidos do mestiço. Orkahn agarrou Asael pelos cabelos, seu grito

ecoando pelo salão ao ser arrastado para dentro de um cí rculofeito de giz. Diane rabiscava ao redor, terminando os detalhes quando Asael caiu de joelhos no centro. Seu peito arfava quando magos surgiram por uma porta lateral, seus mantos negros encobrindo suas cores reais de quando serviam ao Arcano.

Traidores mesquinhos.

Asael observou quando tiraram o corpo de Orkahn da mesa e o colocaram ao seu lado, a sombra pairando ansiosa ao redor. O teto escureceu, demônios rastejantes cobrindo cada parte ao mesmo tempo em que cada mago acendia uma vela vermelha e colocava ao redor do cí rculo.A sombra de Orkahn ergueu as mãos, seus olhos escuros brilhando com triunfo.

— *Uma nova era se inicia! Eu, Orkahn, voltarei à vida e reinarei sobre a terra!*

A Caixa das Visões foi depositada aos seus pés, a energia mal contida pelas bordas douradas sendo puxada pelo cí rculo de giz. Ao lado, uma faca longa e curva repousava acima de uma estrela pentagonal. Quando as sombras das mãos de Orkahn se abaixaram, o grito de Diane ecoou nos ouvidos de Asael assim como os sons afogados dos outros magos.

Os corpos tombaram sobre o cí rculo, o sangue jorrando do pescoço de Diane e escorrendo pelas linhas de giz, se misturando aos dos outros magos caídos. Os joelhos de Asael tremeram quando o sangue quente e pegajoso empapou sua calça abaixo dele, a energia vil se agarrando em sua pele como dedos.

A caixa emitiu um zumbido, sua tampa se abrindo e fumaça saindo de dentro. Gritos horripilantes seguiram, cabeças fantasmagóricas com bocas abertas se erguendo, parecidas com aquela tela famosa de “O Grito”[18]. A sombra de Orkahn se aproximou, a faca brilhando na luz das velas ao tocar o peito de Asael sobre sua camiseta.

— *Últimas palavras?*

Asael fechou os olhos, o rosto de Raskhan surgiu em sua mente como se estivesse presente. Como se pudesse apenas esticar o braço e tocá-lo. O sorriso surgiu, lágrimas escapando do canto dos olhos e escorrendo para se juntar às anteriores.

— A despedida é uma dor tão suave que te diria Boa Noite até o amanhecer[19].

Orkahn cantarolou, a ponta da faca pressionando contra o peito de Asael com mais força.

— *Bonito. Porém, seu amado não está aqui para ouvi-lo*.

Um brilho seguido de um estouro estremeceu o chão e fez Asael bater os dentes. Pela janela, três portais enormes se abriram e de lá todo tipo de criatura surgiu. Vampiros, shifters, magos. Avançaram sobre a terra de Orkahn com um único propósito: matar. Liderando aquele ataque estava o Imperador, rugindo sua fúria e em sua forma completa.

Suas asas abertas lançaram sombras sobre a terra seca, suas garras partindo cada um que se atrevesse entrar na frente. O fio violeta dentro de Asael cresceu com força, tomando cada parte de seu corpo e mente, inundando-o com a dor e tristeza que Raskhan sentia, e então sua raiva. Aquilo tudo o sufocou, seu corpo arqueado e brilhando como um farol.

— Aquelas runas douradas... Isso... Impossí vel! — Orkahn sibilou.

Então, era de Raskhan que Asael se lembrava de ter visto runas iguais às de Orkahn. As paredes da casa desabaram e Raskhan sacudiu a poeira de seus ombros, as runas brilhando igual a coroa em sua cabeça. Seus olhos vermelhos pegaram Asael no centro do cí rculo e o mestiço viu a intenção nas esferas brilhantes.

Resgatar seu companheiro.

Bas' yalin.

Asael abriu a boca quando algo afiado se afundou em seu peito, profundo. O brilho violeta se tornou prata quando a sombra de Orkahn enfiou a mão e puxou seu coração bombeando para fora. Raskhan rugiu e avançou, seu corpo batendo contra a proteção que o deus caí do havia erguido ao redor do cí rculo de ritual. A magia forte não permitia ninguém se aproximar e Raskhan batia contra a parede de forma inútil.

— Seu miserável! Solte-o! Solte Asael agora!

O coração foi depositado no peito de Orkahn e a sombra se dissipou imediatamente. Asael ofegou, as algemas em seus pulsos se desfazendo quando seu corpo começou a levitar junto com o de

Orkahn. O som da batalha do lado de fora foi diminuindo, assim como os gritos e avanços de Raskhan contra a proteção.

Um brilho dourado circulou, cobrindo toda sua pele quando suas roupas desapareceram. Asael olhou para Raskhan, sua mão se erguendo e pousando suavemente contra a parede de proteção. O í ncubo o imitou, seus olhos desesperados.

— *Dætae*...

— O fim... é apenas um novo começo — sussurrou.

Seus olhos fecharam e soltou um suspiro conforme sentiu sua existência se esvaindo por entre os dedos. Sua cabeça se inclinou, o rosto voltado para cima quando o grito de Orkahn soou desesperado, o corpo convulsionando no ar. No topo do cí rculo, as sombras de demônios se abriram e o rosto da Deusa Divina brilhou, um sorriso triste em suas feições etéreas.

— *Um coração amoroso dado de bom grado, é um veneno mortal para quem possui más intenções.* — A Deusa esticou a mão e sorriu. — *Você f ez o certo depois de tudo, meu f ilho.*

A mão de Asael se ergueu, segurando a da Deusa enquanto Orkahn gritava em agonia, seu corpo se tornando enegrecido pela magia oculta e se desfazendo de dentro para fora. As páginas de seu diário passaram por sua mente, a lembrança de suas palavras escritas em uma de suas primeiras vidas.

“O egoísmo não se limita apenas ao homem que o possui, mas se estende como gavinhas gulosas ao redor, levando todos que se aproximam junto com ele. Se você realmente ama algo mais do que sua própria vida, pelo bem de ambos você deve deixá-lo ir. Enquanto o egoí smof orseu principal sentimento, nunca sua missão acabará.”

Era uma mensagem do Cosmos, anotada em um caderno antigo feito de couro fino de animais. Uma mensagem que se perdeu da memória ao longo dos anos, mas alcançou Asael por meio de folhas surradas protegidas com sua magia. Asael entendeu o que nenhuma outra vida habitada pelo Cosmos conseguiu entender.

Ele *viu*.

Sentiu.

Seu suspiro soprou ao mesmo tempo que Orkahn se extinguia. De tudo ao seu redor, Asael nunca poderia esquecer a paz que o envolveu. E também a dor nos gritos de seu companheiro.

A dor de Raskhan era sua.

Entretanto, não se podia mudar o destino.

24

SANGUE MÁGICO

Tarde demais.

Essas duas palavras se repetiam na mente de Raskhan enquanto ele olhava, incapaz, Asael levitando dentro daquele cí rculo de proteção. Seu corpo brilhava como o sol, seus olhos como estrelas cadentes. Seus cabelos flutuavam ao redor de seu rosto bonito, seu sorriso triste.

Raskhan estava no meio de um ataque quando sentiu a dor vindo de sua alma, como se uma faca muito bem afiada estivesse dividindo sua alma em duas. Seus joelhos dobraram, sua visão obscurecendo parcialmente enquanto Sinclair corria para verificar Reid. Quando a dor diminuiu, notou que a sala estava vazia, seus olhos imediatamente procurando Asael e não encontrando. Diane e seus demônios haviam desaparecido e Raskhan sabia que tudo isso era obra do seu mestiço.

A partir daquele momento, Raskhan movimentou toda a comunidade demoní aca e seres sobrenaturais. Explicou os motivos de salvar Asael das mãos de Orkahn e Sinclair quase teve uma sí ncope ao descobrir que o grande Cosmos esteve debaixo de seu nariz o tempo todo. Travis estava recuperado e muito pronto para uma luta ao saber que Asael estava desaparecido, entretanto Reid ainda tinha seu braço amarrado a um tipóia e bastante atordoado de sua concussão. Sinclair não permitiu que se levantasse da cama nem mesmo para urinar.

Sinclair mexeu seus pauzinhos para reunir outros Arcanos e tudo estava pronto em poucas horas. Raskhan sentia que ainda conseguiria encontrar Asael vivo. Não sabia explicar exatamente

como, mas sabia que seu companheiro não estava na mesma dimensão que eles. Estava em um lugar longe, exilado. Sinclair o usou como uma bússola e então os portais se abriram, enviando toda a horda que haviam reunido para dentro daquela terra estranha. A enorme casa se erguia precariamente, seu telhado caindo e suas paredes frágeis. Ele sentia Asael lá.

Entrou na casa como uma avalanche, derrubando tudo o que via pela frente, inclusive suas paredes. Ele viu o momento em que Orkahn enfiou a faca no peito de Asael. Raskhan avançou com toda sua força, sendo bloqueado por uma parede invisí vel. Ele gritou, bateu e urrou, mas não estava deixando-o passar. Assistiu, impotente, Asael soltar seu último suspiro, seu braço esticado e a mão segurando em algo que Raskhan não podia ver.

Orkahn entrava em colapso ao lado, seu corpo se torcendo até se desfazer em um pó cinzento e feio, caindo como cinzas sobre o chão com riscas de giz. Trovões soaram no meio dos gritos do campo, se misturando às exclamações de dor de Raskhan, seu punho ainda batendo contra aquela parede. Seu peito se torceu e apertou ao ver o corpo nu e pálido de Asael se desfazendo aos poucos.

Foi doloroso e bonito ao mesmo tempo. Como olhar direto para uma estrela explodindo no universo e deixando para trás apenas seu pó dourado cintilando no ar. Uma supernova quase cegando Raskhan, o cheiro de sândalo e jasmim se sobrepondo ao rançoso ar de carne pútrida. A parede que Orkahn havia levantado caiu, e Raskhan se viu sobre seus joelhos dobrados no chão, o rosto erguido na direção do teto.

Suas mãos se esticaram, o pó caindo sobre as palmas e brilhando antes de desaparecer como se nunca houvesse existido. Suas lágrimas molhavam suas bochechas, seu espí ritoderrotado e oco. Os céus parecem se abrir sobre a cabeça de Raskhan e então uma suave voz tilintou como sinos em seus ouvidos.

— *Demônio criado pelo véu mágico, abençoado pela magia de Nu' aan*.

Ele fechou os olhos, sentando sobre suas pernas e suas asas se encolheram.

— Por favor... Asael, volte... Eu imploro! Por favor...

O choro saiu rasgado por sua garganta, sangrando direto de seu peito como se seu próprio coração houvesse sido arrancado. Doendo a cada batida em que Asael não estava.

— *O que uma mãe não faz por seu filho implorando com dor?* — A mão da Deusa tocou os cabelos de Raskhan em uma carícia enquanto o íncubo se dobrou até sua testa tocar o chão. — *Volte para casa. Não há mais nada aqui para você*.

— Casa? — Raskhan soltou um riso trêmulo. — Asael era minha casa. Sem ele, não existe mais nada.

A Deusa o olhou com ternura, vendo as runas brilhando suavemente em seus ombros da mesma forma que brilhavam quando seu filho Nu'aan estava vivo. Para um demônio, aquilo poderia ser considerado uma maldição. Para a Deusa, era a maior benção que o íncubo poderia ter recebido ao nascer

Crianças tolas. Nunca entendiam os mistérios da vida.

— *Asael sempre será sua casa. Agora volte para seu mundo, Imperador Raskhan. Há pessoas que precisam de você lá*

A Deusa desapareceu assim que os outros invadiam a grande casa, Sinclair limpando o caminho com sua magia e nariz enrugado. Raskhan se levantou sentindo que mil pedras o puxavam para o chão, arrastando seu corpo. Quando encontrou os olhos verdes do Arcano, balançou suavemente a cabeça para a pergunta silenciosa.

Não, Asael não sobreviveu.

Dizer aquelas palavras não era possível. Sua garganta não se permitia mover, sua língua se negava a falar. Porém, o que Sinclair deve ter visto em seu rosto foi resposta o suficiente e Raskhan viu aquele brilho asqueroso nos olhos do outro. *Pena*.

Grunhindo, suas asas se abriram em sua total envergadura e se lançou para o céu, seu grito de dor se misturando ao som do vento.

Raskhan passou os dias seguintes vagando pela terra como um fantasma errante. Quieto, soturno, contemplativo. Sempre pensando em Asael, seus últimos momentos juntos, sua risada.

Como o mestiço olhara para Raskhan como se soubesse que aquela era a última vez.

A dor era como uma ferida viva e recente. Latejava. Raskhan pensava em voltar para o apartamento, uma pequena sensação em sua alma como se o puxasse para lá, o atraindo como um farol no meio da tempestade. Porém, não se sentia pronto. Ver as coisas de Asael, sentir seu cheiro... Era demais para Raskhan. Então ele continuou vagando.

Duas semanas se passaram e já havia alguns dias que Raskhan estava dormindo no fundo de uma caverna quando acordou de um pesadelo. Seu coração batia furioso em seu peito e suor colava seus cabelos em sua nuca e testa. Empurrando os fios para trás, apoiou a cabeça contra a pedra fria. Ele era um covarde?

Você precisa ter coragem de se despedir.

Seria isso que Asael diria a ele? Honre suas malditas bolas de íncubo e se despeça de uma vez. Aceite que parte da sua alma se foi pelo bem da humanidade e pare de chorar sobre o leite derramado.

Raskhan bufou. Asael era rabugento, mas não um ser sem coração. Raskhan estava na fase do luto. Ainda se sentia partido ao meio. Sua cabeça então o lembrou que possivelmente Akuma deveria estar se sentindo sozinho. Perdera seu dono e fora abandonado pelo demônio que deveria cuidar do animal na ausência de Asael.

Levantou-se, seu corpo doendo por ficar parado tanto tempo na mesma posição, e saiu da caverna para o sol. O brilho banhou sua pele que o lembrou de Asael deixando beijos quentes. Sim, talvez fosse a hora de se despedir. Asael poderia não estar mais ali, mas Raskhan iria amar eternamente aquele mestiço rabugento e resmungão.

Lavou o corpo na cachoeira, estremecendo com o vento frio e a água congelante, mas isso ajudou a espantar os remanescentes do pesadelo. Raskhan esticou suas asas e suspirou, sentindo falta de voar. Com um impulso, se lançou para o céu e voou todo o caminho de volta para a cidade, levando boa parte da manhã no percurso.

Quando as ruas movimentadas surgiram, a ansiedade correu pelas veias de Raskhan. Queria chegar logo ao apartamento. Queria entrar pela porta e apenas sentir o cheiro, seus pés tocando o chão e ouvir os cômodos. Talvez... talvez ver a sombra de Asael pairando. Seria esperança o nome desse estranho sentimento?

Pousando na frente do prédio, Raskhan lançou um olhar para o andar que ficava o apartamento de Asael. Quieto. Fechado. Engoliu em seco e subiu as escadas, suas asas recolhidas e roupas que há muito não usava cobrindo sua pele. Puxando as mangas de seu terno, olhou para a porta fechada do apartamento.

Seus olhos umedeceram imediatamente. Sua palma tocou a madeira, a energia da magia de Asael vibrando contra sua palma. Mais fraca que antes, mas ainda ali. Não deveria ter desaparecido com Asael quando ele se foi? Tocou a maçaneta, a porta destrancando, e empurrou devagar. Rangeu ao mesmo tempo que Akuma miava, parecendo alegre por Raskhan estar ali.

Com um suspiro, se abaixou em um joelho e deixou o gato preto cheirar seus dedos antes de deslizar desde a cabeça até sua cauda.

— Estou aqui, desculpe pela demora. Você sentiu saudades, majestade?

— Nós sentimos.

Raskhan congelou. Seus ouvidos deveriam estar pregando peças em sua mente torturada. Akuma correu de volta para dentro, mas Raskhan ainda permanecia no mesmo lugar, seus olhos fitando o chão. Não tinha coragem de olhar o apartamento e ver que estava vazio e que aquela voz era apenas criação da sua mente esperançosa.

Entretanto, pés descalços entraram na sua linha de visão. Subiu da barra da calça de moletom preta para as pernas curtas e flexí veis. O quadril estreito coberto pela camiseta também preta. Braços pálidos caí dos ao lado do corpo e um pescoço fino. Mais acima... Raskhan ofegou. Asael o olhava com um sorriso paciente.

— Você demorou, Khan — disse, seu polegar coletando uma lágrima que rolara pela bochecha de Raskhan.

— Asael...

— Prefiro quando me chama de *yalin*.

— Sangue amaldiçoado — a voz de Raskhan quebrou.

Raskhan se levantou e seus braços envolveram Asael em um abraço apertado, levantando os pés do mestiço do chão. Seu grito de felicidade se misturou ao som do riso de Asael, o nariz se enfiando na curva do pescoço e aspirando seu cheiro.

O doce cheiro de sândalo e jasmim.

Era Asael. Ele estava mesmo aqui.

Raskhan procurou pela boca de Asael, beijando-o duro, suas lí nguas se encontrando e fazendo Raskhan gemer. Seus joelhos ficaram trêmulos ao sentir o gosto de Asael, aqueles dedos finos se enroscando em seu cabelo e puxando. O í ncubochoramingou, seus pés tropeçando até caí remsobre o sofá, membros enroscados e as bocas nunca se separando. Nem mesmo quando seu pulmão ardeu por ar.

Asael o empurrou suavemente pelo peito e Raskhan o viu ofegante, bochechas coradas e pupilas dilatadas. Adorável.

Vivo.

— *Bas' zellaha bahtal*[20].

Raskhan passou as mãos por todo o rosto, braços, peito e pelas pernas enroscadas em sua cintura. Tudo para saber se Asael realmente estava aqui e não uma ilusão da cabeça de Raskhan.

— Você está aqui. *Vivo*.

— A Deusa e eu tí nhamos um acordo, um que não me lembrava propositalmente para não afetar minhas escolhas. — Asael sorriu carinhosamente. — Deveria entender a humanidade sem os sentimentos do coração de Orkahn me influenciar. A história contada não diz a parte em que o pequeno garoto prodí gio abençoado reluta em matar Orkahn porque acha a humanidade medí ocre.

Aquilo tirou uma risada afogada de Raskhan. Então seus olhos ficaram sérios, sua mão embalando a bochecha de Asael e apertando suas testas juntas.

— Vi você morrer. Vi seu corpo desaparecer como pó soprado ao vento.

— Sinto muito por isso. — Asael segurou a mão de Raskhan e a apertou, beijando suavemente a palma. — Era necessário. Se

não fizesse aquilo de bom grado, Orkahn não morreria. Seu corpo era vil e obscuro demais para suportar um coração amável.

Raskhan bufou, um sorriso pequeno erguendo o canto da sua boca.

— Seu coração é amável? Nunca vi nada mais espinhoso.

Asael o socou no peito de brincadeira.

— Meu mau humor não tem nada a ver com o quanto de amor meu coração pode suportar.

— Nunca ouvi uma verdade tão sincera. — Raskhan suspirou, sua mão descendo até o peito de Asael e tocando sobre o batimento suave. — Me conte como voltou. Há quanto tempo você está aqui?

Asael cobriu a mão de Raskhan e entrelaçou seus dedos. Recostou nas almofadas para ficar mais confortável e Raskhan adorou sentir abaixo de seu corpo cada curva do mestiço se encaixando na dele. Seu rosto se apoiou em uma palma enquanto observava a outra enrolada nos dedos de Asael. Suas pernas se enrolaram e Raskhan suspirou com o quanto sentia falta disso.

— Digamos que voltei no mesmo dia, mas você estava desaparecido. Sinclair quase desmaiou quando me viu, aquela sua atuação de diva de sempre. — Asael riu, balançando a cabeça. — Quando finalmente recuperou os sentidos, me disse que você parecia destruí do antes de desaparecer

— Eu estava. — Raskhan assentiu, seus olhos fechando e um suspiro trêmulo o deixando. — Havia perdido você. Não conseguia... Não podia voltar.

— Entendo você. De verdade. — Asael beijou a ponta do nariz de Raskhan e então sua boca brevemente. — Porém, continuei puxando nossa ligação, o instigando a voltar. Você sentiu?

— Constantemente, mas pensava que era apenas minha esperança me enganando. Então hoje acordei de um pesadelo e senti o mesmo calor em meu peito que sempre senti ao estar perto de você. — Raskhan deslizou os olhos pelo rosto de Asael e sorriu. — Pensei que estava na hora de voltar e me despedir.

— Ainda quer se despedir? — Asael perguntou arqueando as sobrancelhas.

— Não mesmo. — Raskhan balançou a cabeça, seus braços envolvendo Asael e o puxando contra o peito. — Como conseguiu seu coração de volta?

— A Deusa Divina disse que nunca perdi meu coração humano. O coração que Orkahn levou era o que ela deu a Cosmos e eles foram os únicos a morrerem. Seu espí ritode qualquer forma, não o meu. Alma, seja o que for. — Asael balançou a mão com confusão. — Quando percebeu que não estava entendendo muito bem, me disse que mentes mortais não entendem os planos dos deuses.

Raskhan bufou.

— Não me diga.

Asael rolou os olhos e então franziu o cenho.

— Estava com tanto medo no começo que não me permiti aceitar que Orkahn poderia estar por trás dos corações roubados. Minha mente me forçava a pensar que era uma grande coincidência estranha e um feiticeiro maluco. Um coração? Há vendas no mercado negro mágico de órgãos de magos poderosos. Cherrie era da alta classe. — Asael encolheu os ombros e seu dedo passou a fazer cí rculos no peito de Raskhan. — Era uma possibilidade? Bastante remota, mas me agarrei a ela com unhas e dentes por um tempo.

— O que o fez perceber que não era?

— *Os mistérios de Maahmut'*. Quando a magia me tocou, parecia familiar. Como voltar para casa depois de um dia cansativo e deitar em sua poltrona favorita e esticar os pés. — Asael desviou os olhos para sua estante na parte de trás, a lombada de couro com suas letras douradas brilhando suavemente. — Maahmut' foi um dos nomes humanos de Cosmos. O terceiro vivo na terra. Ele escreveu ali tudo o que se lembrava da história mágica e dos propósitos do filho da Deusa. Não tudo, já que conforme renascia, Cosmos esquecia partes da história.

— Quão conveniente — Raskhan resmungou.

— Sim. — Asael sorriu. — Apesar que Maamuht' escreveu muitas coisas confusas, mencionava muito em seu diário sobre pureza e dar sem esperar por algo em troca. Busquei por Annasias com dúvidas, mas não tive coragem de mencionar nada sobre isso

já que sua preocupação era a mesma da minha. Annasias suspeitava que Orkahn estava de volta assim como eu.

— Não foi nesse dia que descobriu sobre sermos *dí ades*?

— Oh, sim. Fiquei bastante confuso quando Annasias mencionou sobre isso. Não conseguia acreditar que estava ligado a um í ncubo, de todas as pessoas.

— Que bom saber que ficou muito feliz com a notí cia, *dæetae* — falou secamente.

A risada de Asael fez Raskhan sorrir.

— Oh, mas eu fiquei. Tanto que nem percebi por onde andava e caí no meio de uma emboscada.

— Aquele maldito parasita. — Raskhan rosnou.

— A questão chave de toda essa bagunça, senhor Imperador, é exatamente essa. — Asael pontuou suas palavras batendo a ponta de seu dedo no nariz de Raskhan. — Depois dessa descoberta, entendi as palavras de Maahmut'. Um coração dado sem querer algo em troca. Se eu desse o coração à Orkahn de bom grado, ele não suportaria. Porque eu amo demais um í ncubo intrometido. E Orkahn nunca poderia ter um coração cheio de amor dentro de seu peito oco e escuro, cheio de egoí smo vil. Muita claridade ofende a escuridão.

Os dedos de Raskhan passaram pelos cabelos de Asael em uma carí cia e deixou um beijo suave no canto da boca do mestiço.

— Não deixa de ser estúpido da sua parte fazer tudo isso sem me dizer.

— Eu não sabia se daria certo. Muito menos se poderia voltar depois que tudo acabasse. Não queria que tivesse esperanças. — Asael suspirou, seus dentes mordiscando o lábio inferior. — Depois que tive um tempo para pensar, consegui entender o que a Deusa estava falando antes de me enviar de volta para cá. Me manter vivo só foi possí velpor causa da nossa ligação. Sem isso, não tinha como estar ancorado à terra. Orkahn estaria morto, mas eu também, além do Cosmos.

— O que você quer dizer?

— A ligação é uma via de mão dupla. Meu poder se alimenta do seu, assim como o meu se alimenta do seu. E que, ao contrário do que Marym dizia e todos os outros í ncubos sobre você ser

amaldiçoado, as runas em seu corpo são a benção mágica de Nu'aan, o filho da Deusa Divina. Assim, nossa ligação mágica me permitiu voltar, continuar vivo.

Raskhan piscou, seu rosto completamente vazio de expressão. Sua mente puxou, lá do meio da dor e tristeza de duas semanas atrás, a voz da Deusa se referindo a ele como abençoado por esse tal Nu'aan. Raskhan franziu as sobrancelhas.

— Hm, isso faz o que de mim, exatamente?

— Talvez um pouco mais arrogante e egocêntrico quando finalmente entender o que significa? — Asael disse secamente e sorriu para os olhos céticos de Raskhan. — Você pode se considerar um demônio semideus, digamos assim.

Raskhan engasgou. Seus olhos arregalados cerraram levemente quando um sorriso malicioso curvou sua boca.

— Semideus, hein? Você pode querer me chamar de Senhor Todo-Poderoso.

Asael bufou.

— Veja? Aí está o comportamento arrogante que esperava.

— Seja bonzinho comigo, ou vou ter que te castigar por insolência. — Raskhan provocou, sua mão entrando por baixo da camiseta de Asael e arrastando os dedos pela pele de seu peito. As pupilas de Asael dilataram devagar, até sobrar apenas um cí rculo ambarino ao redor delas. — Você parece gostar da ideia de ser castigado.

— Passei duas semanas sem você, pensando onde estava enfiado, preocupado e carente. — Asael respirou com dificuldade quando os dedos de Raskhan provocaram seu mamilo. — Nem sua arrogância e egocentrismo podem amenizar o fato de que amo você e sinto sua falta.

O grito surpreso de Asael se misturou ao grunhido de Raskhan ao se erguer e puxar Asael junto com ele. Depois de toda aquela luta, de pensar que havia perdido a única pessoa que o amou em toda essa maldita vida, Raskhan se sentia cru. Seus sentimentos eram uma bagunça e precisava apenas sentir Asael abaixo dele, tomá-lo.

Em poucos passos, ambos estavam dentro do quarto e então Asael estava sendo jogado sobre o colchão. Com um rápido estalar,

as roupas de Raskhan se foram e seu corpo estava completamente nu. Suas garras saí ram e praticamente rasgou as calças de Asael fora.

Atrapalhado, Asael puxou a camiseta sobre a cabeça quando Raskhan deitou sobre ele, seu corpo grande cobrindo o menor e se encaixando perfeitamente. Suas bocas se uniram e Raskhan deixou escapar um choramingo quando o quadril de Asael se levantou e balançou contra o dele. Separando as pernas de Asael com os joelhos, Raskhan puxou os pulsos magros acima da cabeça de cabelos prateados enquanto deslizava a outra para baixo.

Raskhan se afastou e observou a boca de Asael se entreabrir, seus lábios molhados. Raskhan fechou os dedos ao redor do pau, bombeando suavemente. O cheiro de Asael estava deixando Raskhan zonzo, sedento. Sua boca se enchendo de água ao ver o pequeno botão piscando por um pouco de atenção.

— Khan — Asael murmurou, seus olhos encapuzados. — Preciso de você. Por favor.

Porra, Raskhan também precisava.

Seu pau revestido de lubrificante natural se esfregou ao longo do perí neo, escorregando para baixo e provocando. Não havia tempo para preliminares agora.

— *Yalin...* — Raskhan exalou um suspiro trêmulo quando a cabeça do seu pau pressionou contra o buraco apertado. — *Bas' dæ**e**tae*...

O corpo de Raskhan arrepiou quando Asael balançou o quadril e a cabeça do pau rompeu o anel de músculos. Ambos ofegaram, a meia forma de Raskhan surgindo junto com seu rosnado. Afundando devagar, Raskhan se ocupou em esfregar, acariciar e recolher a gota de pré-sêmen no pau sensí vel de Asael.

Em seguida, com o dedo molhado, levou até os lábios de Asael e o fez lamber, provando o próprio gosto quando o pau de Raskhan atingiu o fundo. Os dentes de Asael prenderam o polegar de Raskhan em uma mordida, seu grito afogado ecoando no quarto.

Com um movimento brusco, Raskhan se retirou de Asael que resultou em um choramingo insatisfeito. Agarrando o quadril estreito, virou o mestiço de bruços e puxou sua bunda para o alto, apenas para empalar novamente e seguir com duras e rasas

estocadas. Asael tentou segurar na cama, mas seus dedos continuavam escapando, seu rosto se afundando no colchão e o lençol acolhendo seus gritos.

Agarrando o pescoço de Asael, Raskhan o puxou sobre os joelhos e apertou suas costas contra o peito, o braço muito bem preso à frente de Asael e o mantendo no lugar. Seu quadril ondulou, tocando uma e outra vez aquela glândula doce que fazia com que Asael estrangulasse o pau de Raskhan em um aperto sedoso.

— Senti falta disso. Senti saudade de cada pequeno suspiro seu. — Raskhan lambeu a lateral do pescoço de Asael e mordeu perto do maxilar. — Senti falta desse buraco guloso.

— Khan... Por favor...

— O que você quer, *dætae*?

— Ah!... Me faça gozar... Por favor...

— Hm, Asael Chevalier implorando. Poderia gravar isso e colocar como som de toque do meu celular se não gostasse de manter apenas para mim o quão vulnerável soa.

Asael engasgou quando a mão de Raskhan apertou sua garganta e seu quadril mais rápido e mais fundo. Raskhan grunhiu ao ver que as duas mãos de Asael estavam sendo usadas para se acariciar mais e mais rápido, seu corpo arqueando e ficando tenso.

A cabeça de Asael caiu sobre o ombro de Raskhan, sua boca aberta em um grito baixo e respirações rasas quando seu orgasmo o fez tremer. Raskhan o seguiu após duas estocadas e o puxou para um beijo lento e desleixado enquanto o inundava por dentro. O í ncubo gemeu, seu corpo vibrando.

Perf eito

Finalmente Raskhan se sentia completa novamente. Afundou o rosto na curva do pescoço de Asael, inspirando seu cheiro e deixando leves mordidas na pele pálida enquanto o outro parecia tentar recuperar o fôlego.

— Pensei que tinha perdido você — Raskhan murmurou.

— Você não vai me perder. Sou um mestiço de bruxo com elfo, se lembra? Posso viver o que? Mais trezentos anos? — Asael sorriu sonhador, sua cabeça ainda apoiada no ombro do í ncubo.

Sentia seus membros moles.

— Ouvi um boato por aí que o último elfo mais velho existente tem quase seiscentos anos — Raskhan disse ao levantar a cabeça e olhar nos olhos de Asael.

— Então você tem uma vaga ideia de quanto tempo ainda tem para enjoar de mim. — Asael sorriu. — Mais meio século pela frente.

— E ainda pode não ser o suficiente — Raskhan disse ao puxar o queixo de Asael para ele e beijá-lo, sorrindo contra os lábios. — Cada momento ao seu lado é sempre precioso. Não tome decisões importantes sozinho novamente. Por favor.

— Não vou. Tem minha palavra. — Asael jurou.

— Bom.

Um miado insatisfeito soou ao lado e Raskhan virou para encontrar Akuma sobre a cômoda, seus olhos céticos na direção de Asael como se não acreditasse em uma única promessa de seu dono.

— Nossa plateia está insatisfeita com a performance — Asael disse secamente.

— Talvez devemos tentar mais algumas vezes até vossa majestade achar que está melhor para seu entretenimento? — Raskhan mordiscou a orelha de Asael e sorriu ao vê-lo estremecer. — Parece que concorda comigo.

— Continue falando palavras doces no meu ouvido e me verá concordar com qualquer coisa.

— *Bas' miccã yalin*[21]. — Raskhan suspirou, seus braços passando ao redor do corpo de Asael e o puxando apertado. — Nada como um pouco de sangue e magia para tornar a vida mais interessante.

— Eu agito seu pequeno mundo, í ncubo arrogante — Asael disse, balançando a bunda contra o quadril de Raskhan.

Akuma miou do alto da cômoda, como se concordasse, e ambos riram ao cair sobre o colchão e na bagunça que Asael havia feito. Depois de tantos anos se sentindo perdido, Raskhan parecia finalmente ter encontrado alguém que poderia chamar de lar.

Mesmo que um pouco de sangue mágico de uma Deusa tenha ajudado. E, em silêncio, Raskhan agradeceu pelo pedido atendido.

11 meses depois.

As folhas de outono estavam caindo e deixando o chão coberto de um manto alaranjado e bonito. Raskhan olhava pela janela da sala o vento rodopiando as folhas no ar e as crianças fantasiadas caminhando pela rua. Era Halloween. Nem mesmo se lembrou do feriado festivo no ano anterior. Nessa mesma época, ele estava conhecendo Asael, recebendo seus espinhos e insultos para ficar longe.

Raskhan sorriu. Não havia como se manter longe do mestiço. Asael era um í mã de problemas e Raskhan era o pior de todos. No ano passado, eles haviam se enfiado em um grande problema com Asael possuindo o coração de alguém muito perigoso. Então, derrotaram o deus caí do,Orkahn, e Raskhan havia pensado ter perdido Asael para sempre. Quão surpreso ele ficou ao descobrir que era um í ncuboabençoado por uma magia divina? Isso fez algo para o ego de Raskhan? Claro que não. Ele sempre soube que era um deus.

A Deusa Divina destruiu o mundo que Orkahn havia criado com seus morto vivos e novos demônios, sua grande magia deixando os outros mundos tremendo. O Mundo Inferior teve pequenos abalos ao longo dos meses, uma pedra ou outra caindo sobre algum parasita e diabrete desavisado, mas sem muitas perdas significativas. Claro que Raskhan não havia se esquecido do traidor Nmrah. Ele o caçou por alguns meses e quando o encontrou, o covarde já havia tirado a própria vida.

Os Magos do Ministério foram revistados mentalmente por Annasias, mas a maior parte que estava ao lado de Orkahn já havia corrido para muito longe e desaparecido no mundo. O Arcano

estava furioso e implantando novas regras no Ministério de Magia, as pessoas andando ao seu redor na ponta dos pés. Exceto por Reid. Aquele humano não tinha medo do perigo e constantemente mostrava os dentes para Sinclair em forma de provocação.

Dastan tinha dado a Raskhan a Caixa das Visões para que guardasse em algum lugar secreto, confiando no íncubo de que acharia um ótimo lugar. E ele achou. Akuma derrubava a maldita caixa quase todos os dias de cima da estante e espalhava o baralho que Raskhan guardava lá dentro para as noites de pôquer. Ninguém poderia pensar que aquele treco velho poderia ser algo perigoso. O melhor esconderijo é o óbvio.

Um miado irritado soou vindo do quarto e Raskhan se virou a tempo de ver o dito gato correndo para fora e parecendo três vezes mais irritado que o normal. A culpa de seus nervos poderia ser a capa preta e laranja amarrada em seu pescoço e as asas de morcego em suas costas. Raskhan mordeu a bochecha por dentro para não rir alto quando Asael surgiu com um largo sorriso.

O riso de Raskhan morreu ao vê-lo. Asael sempre foi bonito com suas feições de elfo, a pele pálida limpa, mas agora... Raskhan inspirou fortemente, impactado. Asael havia deixado os cabelos prateados crescerem e agora eles batiam suavemente sobre os ombros magros. Estavam parcialmente presos por três tranças pequenas e uma coroa de folhas verdes e flores brancas repousava em sua cabeça.

As orelhas levemente pontudas estavam em plena exposição com três argolas douradas em cada uma. Um brilho prateado manchava o alto das bochechas de Asael e subiam para sua têmpora, destacando ainda mais os olhos ambarinos. Sua camiseta era de um tecido branco quase transparente que deixava Raskhan ter apenas um vislumbre dos mamilos claros. O terno prata que parecia manchado de estrelas, calças justas no mesmo tom e pés descalços.

Asael parecia incólume.

E Raskhan se viu sedento por manchar toda aquela pureza.

— Doces ou travessuras! — exclamou jogando as mãos para cima.

— Travessuras, com certeza — Raskhan resmungou.

— Akuma! É Halloween! Todos precisam estar fantasiados! — Asael bufou ao ver o gato tentando tirar a capa com todo o ódio que seu corpo pequeno e peludo possuí a. Asael olhou para Raskhan com sobrancelhas arqueadas. — Chifres de plástico? Jura?

— Qual o problema deles? — perguntou tocando as pontas vermelhas do arquinho.

— Oh, nenhum. É que você possui *dois chif resverdadeiros.* Qual o problema em usá-los? Até seu rabo está de fora! — Asael pontuou gesticulando para trás de Raskhan.

O í rcubo sorriu de modo malicioso e se aproximou, tocando a ponta de uma das tranças de Asael.

— Você falando assim, soa como se minha bunda estivesse de fora. Ela é bonita, mas não quero ter toda a atenção voltada para mim.

Uma sobrancelha branca se arqueou.

— E eu aqui pensando que sua confiança era baixa. Ledo engano. — Balançou a cabeça e sorriu. — O que você é? Um diabrete?

— Não me diminua a um reles capacho, *yalin*. — Raskhan puxou a trança de Asael como reprimenda e apontou para o garfo vermelho de pé perto da porta. — Sou um diabo.

— Hm, claro que você é. — Asael lançou um olhar para o corpo de Raskhan, pupilas dilatando. — Quão perverso pode ser?

A campainha soou fazendo Raskhan rosnar. Seus punhos se fecharam, suas narinas dilatadas ao olhar para o teto enquanto Asael ria baixinho de sua miséria. A porta se abriu e Raskhan abaixou os olhos para encontrar Sinclair e Reid parados na soleira. A barreira de Asael ainda funcionava, um pouco mais fraca que antes, já que os poderes do Cosmos haviam desaparecido junto com o coração.

Asael era um mestiço comum agora. Na maior parte dos dias.

— Do que você está vestido? — Sinclair perguntou com uma sobrancelha arqueada e nariz enrugado.

Asael fez um som de asco e empinou o nariz que pareceu a Raskhan ser orgulho.

— Sou a fada do dente. E se você continuar sendo um idiota, vou ser obrigado a socar sua boca e levar comigo todos os dentes que caí rem, sem deixar um maldito troco debaixo do seu travesseiro.

Raskhan riu enquanto Reid parecia tentar conter um Arcano irritado e apaziguar seu mau humor.

— Dá para ser mais cordial apenas uma noite? Asael salvou nossas bundas enquanto você era apenas arrogante. Seja grato.

— Já faz um ano! Não posso ser grato a um mestiço o resto da minha vida! — Sinclair balançou as mãos na direção de Asael que o olhava sem expressão.

— Realmente. Os anos passam, as estações mudam e Sinclair continua sendo como um espinho no pé. — Asael escancarou a porta e gesticulou para dentro. — Desculpe não ter um tapete vermelho para vossa majestade. O brechó estava fechado.

Sinclair enrugou ainda mais o nariz e entrou, seu corpo arrepiando suavemente ao passar pela porta. Reid o imitou e então suspirou, entregando um fardo de bebidas para Raskhan.

Não demorou muito para o pequeno apartamento de Asael estar cheio. Vários lobos da matilha de Travis vagavam pela sala com suas bebidas, os gêmeos do Alfa sendo a principal atração no colo de seus pais orgulhosos por exibirem seus filhotes. Annasias ria de algo que Zara, sua companheira enrugada e perspicaz, havia falado. Asael corou quando Zara apertou suas bochechas.

Seu grupo de amigos não era grande, mas era o suficiente. Confiáveis, leais. Era a melhor fase da vida de Raskhan até agora. Soltando um suspiro, bebeu o resto do vinho de seu copo e quase engasgou ao ver Zara de pé ao lado dele. Nem mesmo havia visto que a senhora enrugada havia saí do de perto de Annasias e Asael.

Seus olhos pareciam pequenos atrás de seus óculos grossos. Seus cabelos brancos contrastavam com sua pele escura, parecendo uma vovó gentil e sábia. Sua mão fina se ergueu e bateu suavemente no braço de Raskhan enquanto sorria.

— Você tem cuidado muito bem do nosso menino Cosmos.

— Faço o que posso. A felicidade de Asael é a minha, então... — Raskhan encolheu os ombros e deu um olhar minucioso

em Zara. — E ele não é mais o Cosmos. Não depois de... tudo.

Zara deu uma risada que soou como sinos nos ouvidos de Raskhan, o paralisando.

— Crianças tolas. Quando vão entender?

Raskhan piscou, atordoado, enquanto Zara se afastava sorrindo e lançando um rápido piscar antes de desaparecer.

— O que está fazendo aqui sozinho?

Raskhan sentiu que sua alma pulou fora do corpo antes de voltar, sua mão pousando no peito e olhando para Asael com olhos arregalados.

— Sangue amaldiçoado, *dætae*!

— Mas o que foi isso? — Asael perguntou em meio ao riso.

Balançando a cabeça, Raskhan procurou Zara em seu campo de visão e não a encontrando. Decidindo que era melhor esquecer o que havia acabado de acontecer, se virou para Asael e o abraçou.

— Nada. Você me assustou. — Raskhan suspirou, deixando um beijo no centro da testa de Asael e murmurando contra a pele. — Quando vamos expulsar todo mundo para que eu possa ter minhas travessuras com você?

Asael gemeu, beliscando a barriga de Raskhan.

— Pare. Nós precisamos ser bons anfitriões.

— Sou um demônio, ninguém espera que eu seja bom.

Um resmungo vindo de Asael fez Raskhan sorrir. Os gêmeos na sala balbuciaram algo e todos ao redor exclamaram palavras doces. Asael suspirou, sua cabeça apoiando no peito de Raskhan.

— Eles são uma gracinha, não são?

Raskhan franziu o cenho por um momento.

— Você gostaria de ter filhos?

Sentiu Asael estremecer e os olhos ambarinos olharam para Raskhan com horror.

— Por favor, não me diga que você os quer.

Aquilo tirou uma risada de Raskhan.

— Não. A não ser que você os queira.

— Inferno, não, Khan. As crianças são bonitinhas, adoráveis até, mas no colo de seus pais. Se eles choram, nós podemos devolver, simples assim. — Asael estalou os dedos para enfatizar.

— Suas palavras são tão doces. Tão carinhoso quanto um espinho. — Raskhan segurou as bochechas de Asael e o beijou de forma lenta, sentindo o corpo magro se derretendo contra o dele. — Amo você, Asael.

— Eu também te amo. E acho a ideia de espantar todo mundo daqui muito boa agora.

Raskhan beijou Asael mais uma vez ao mesmo tempo em que a porta da frente se abria e crianças gritavam entusiasmadas “doces ou travessuras!”. Talvez o destino ainda guardava surpresas para eles, mas Raskhan não estava preocupado com isso. Se sentia muito ocupado aproveitando o presente que era Asael para se importar com qualquer outra coisa.

O que foi essa aventura, hein?

Quero agradecer de coração a Valéria por ter me ajudado com esse livro. Suas observações, suas dicas, suas revisões, seu tempo pra me ouvir surtar. Desculpe se em algum momento passei dos limites. Você é especial e a melhor pessoa desse mundo e não só por me ajudar. Sério, eu te amo, mana!

Quero agradecer a todos os leitores que deram uma chance para esse livro e chegaram até aqui.

Foram meses difí ceis e longos, mas finalmente ficou tudo pronto. Muito obrigada!

---

[1] A Porta do Inferno.

[2] Invoco o demônio pelo sangue do mestre .

[3] Sangue, órgãos e magia.

[4] Levante, ouça meu pedido.

[5] Mestiço na língua demoníaca .

[6] Faço-o meu.

[7] Abra.

[8] Queime.

[9] Querido .

[10] Precioso.

[11] Minha alma.

[12] Polícia Mágica Legal.

[13] Mestiço teimoso.

[14] Saia.

[15] Olha quem resolveu aparecer. Imperador Raskhan.

[16] Pequeno mestiço provocador .

[17] Dono da minha alma.
[18] É uma série de quatro pinturas do norueguês Edvard Munch, 1893.
[19] Trecho do livro “Romeu e Julieta”.
[20] Minha doce alma.
[21] Meu amado mestiço.